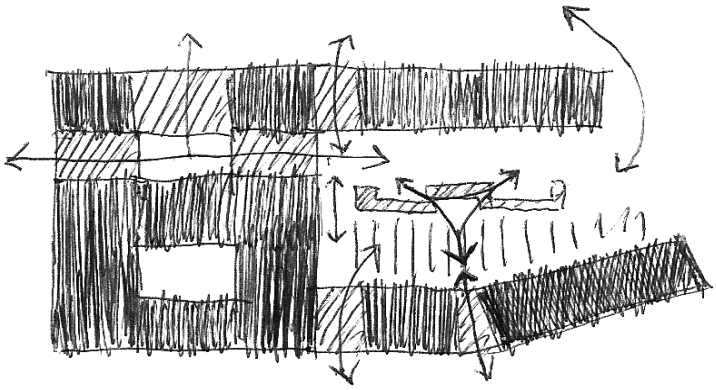
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

ENTRE-ESPAÇOS

Cerzir, gerar e capacitar lugares significantes na cidade.

Integração de um Edifício Multifuncional no Bairro Padre Cruz



David Eduardo da Silva Castanheira

(Licenciado)

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura

Composição do Júri:

Presidente do Júri: Professora Doutora Filipa Maria Salema Roseta Vaz Monteiro

Vogal e Orientador Científico: Professora Doutora Cristina Soares Ribeiro Gomes Cavaco

Vogal e Co-orientador: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Vogal e Arguente: Especialista Arquitecto Francisco David Carvalho da Silva Dias

Lisboa | FA-UTL | Maio 2012

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Título da Dissertação | **ENTRE-ESPAÇOS**
Cerzir, gerar e capacitar lugares significantes na cidade. Integração de um Edifício Multifuncional no Bairro Padre Cruz

Nome | David Eduardo da Silva Castanheira
Orientador | Professora Doutora Cristina Soares Ribeiro Gomes Cavaco
Co-orientador | Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura | Lisboa, Maio 2012

RESUMO

Na cidade moderna o vazio deixa de ser um espaço delimitado e configurado pela continuidade do construído que o envolve, transformando-se num espaço de mais difícil reconhecimento. Com essa inversão da relação entre cheios e vazios da cidade tradicional, nasce a ideia associada a uma cidade invertida – *reverse city* – onde os vazios urbanos gerados fracturam cada vez mais a noção de cidade contínua.

O presente trabalho tem por objectivo uma estratégia conceptual capaz de propor um modelo de construção integrada e coesa do território, da malha urbana e dos espaços de habitar. Procura-se, assim, tornar os vazios urbanos em algo mais que lugares expectantes, sobrantes na actual cidade. Com este intuito, é enunciado o conceito de entre-espaços. Vazio por excelência, enquanto espaço de experiências arquitectónicas, ponto de fixação e permanência, deve funcionar como elemento agregador e simultaneamente como espaço de transição, ao propiciar diálogos entre o espaço público e privado. Deve cerzir, gerar e capacitar lugares significantes na cidade.

A aplicação do conceito no desenho de um projecto desenvolver-se-á sobre o Bairro Padre Cruz, na cidade de Lisboa. Essa ideia fundada de arquitectura surge como uma possível abordagem para o século XXI na restituição da ideia de vazio urbano como elemento estruturante plenamente integrado e cerzido no cenário urbano – seja reabilitado ou *ex-novo*.

Palavras-chave: Entre-espaços, vazios urbanos, *reverse city,* cidade contemporânea, híbrido

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Dissertation Title | **SPACES-BETWEEN**
Darn, generate and enable significant places in the city.
Integration of a Multifuncional Building in Bairro Padre Cruz

Name | David Eduardo da Silva Castanheira
Orientator | Professora Doutora Cristina Soares Ribeiro Gomes Cavaco
Co-orientator | Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Master Degree in Architecture with specialization in Architecture | Lisboa, May 2012

ABSTRACT

In the modern city the void is no longer a space defined and configured by the continuity of built environment which surrounds it, becoming a space of more difficult recognition. With this reversal of the relationship between void and full of the traditional city, born the idea associated to an inverted city – *reverse city* – where the urban voids generated fracture increasingly the notion of continuous city.

The present work aims at a conceptual strategy able to propose model for building the territory in an integrated and cohesive form, as the urban mesh and the spaces to inhabit. Thus, seeks to make the urban voids in something more than expectant places, surplus in the current city. For this purpose, it is stated the concept of spaces-between. Void by excellence, as a space of architectural experiences, point of attachment and permanence, must function as an aggregator element and simultaneously as a space of transition, to facilitate dialogue between the public and private space. Should darning, generate and enable significant places in the city.

The application of the concept in the design of an architectural project will be development on the Bairro Padre Cruz, in Lisboa. This architectural idea emerges as a possible approach for the XXI century based on the ideia of restitutite the urban void as a structural element fully integrated and darned in the urban setting – either rehabilitated or *ex-novo*.

Key-words: Spaces-between, urban voids, *reverse city*, contemporary city, bybrid

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Eduardo da Costa Castanheira, e minha mãe, Luísa do Carmo Mendes da Silva Castanheira, pelo apoio, paciência, confiança, compreensão e encorajamento sempre demonstrado.

Aos meus avós, presentes e ausentes, pelas memórias que me preenchem.

Aos meus primos, tias e tios por todos os bons momentos.

Aos meus amigos, em especial à Ana Rita Araújo Garcia, pela paz interior que me transmitem.

À minha orientadora, Professora Cristina Soares Ribeiro Gomes Cavaco, e ao meu co-orientador, Professor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues, pela disponibilidade, acompanhamento, confiança, empenho, incentivo e atenção ao detalhe sempre demonstrados no orientar da minha dissertação.

Ao Arquitecto António Louro pela disponibilidade demonstrada.

À ArquitecTuna por me dar música.

ÍNDICE GERAL

página

RESUMO **i**

ABSTRACT **ii**

AGRADECIMENTOS **iii**

ÍNDICE GERAL **iv**

ÍNDICE DE FIGURAS **vii**

LISTA DE ABREVIATURAS **xvii**

1. INTRODUÇÃO **1**

2. O BAIRRO PADRE CRUZ, UMA FRACTURA DA CIDADE NA PERIFERIA **3**

2.1. A FISIONOMIA DA CIDADE NA PERIFERIA **5**

2.2. A IDEIA DE *REVERSE CITY* E A FRACTURAÇÃO DA CIDADE **9**

2.2.1. A FORMA DA AUSÊNCIA:
O VAZIO DA CIDADE MODERNA E O *TERRAIN VAGUE* **12**

2.3. O VAZIO: ELEMENTO DE DESCONTINUIEDADE
NA ESCALA, NO ESPAÇO E NO TEMPO **15**

2.4. AS POTENCIALIDADES DO VAZIO: PROJECTAR ENTRE OS ESPAÇOS **16**

3. ENTRE-ESPAÇOS **18**

3.1. CONCEITO DE ENTRE-ESPAÇOS **20**

3.1.1. A HÍBRIDEZ NA RELAÇÃO DE PÚBLICO E PRIVADO **21**

3.1.2. CAMINHAR OU PERMANECER **27**

3.1.3. PERCURSOS **30**

3.1.4. MEMÓRIA **32**

3.1.5. HABITAR O LUGAR **33**

3.1.6. PAPEL DO CHEIO NOS ENTRE-ESPAÇOS **39**

3.2. OS ENTRE-ESPAÇOS COMO AMBIENTE CONSTRUÍDO **40**

3.2.1. *FORWARDING DALLAS*,
UMA ESTRATÉGIA PARA A EXPERIÊNCIA ARQUITECTÓNICA **41**

4. CERZIR O BAIRRO PADRE CRUZ COM A CIDADE **54**

4.1. BAIRRO PADRE CRUZ **55**

4.1.1. DESCRIÇÃO E ENQUADRAMENTO **55**

4.1.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E EVOLUÇÃO **59**

4.1.3. PROBLEMÁTICAS E POTENCIALIDADES **66**

4.2. A PROPOSTA DE UM SISTEMA URBANA **68**

4.2.1. UM SISTEMA URBANO NO TEMPO **70**

4.2.2. A FORÇA DE UMA IMAGEM – A *FORMA URBIS* **72**

4.2.3. A MOBILIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO **73**

4.2.4. OS ENTRE-ESPAÇOS COMO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DA CIDADE **75**

5. MEMÓRIA CRÍTICA:
OS ENTRE-ESPAÇOS COMO AMBIENTE CONSTRUÍDO
CAPAZ DE GERAR E CERZIR LUGARES SIGNIFICANTES NA CIDADE **80**

5.1. O LOCAL **81**

5.2. O PROGRAMA **82**

5.3. A HÍBRIDEZ NA RELAÇÃO DE PÚBLICO E PRIVADO **92**

5.4. CAMINHAR OU PERMANECER, ESTABELECER PERCURSOS **93**

5.5. MEMÓRIA **94**

5.6. HABITAR O LUGAR **95**

5.7. O PAPEL DO CHEIO NOS ENTRE-ESPAÇOS **96**

6. CONCLUSÃO **97**

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **100**

ANEXOS **105**

ANEXO 1 – **ENTREVISTA AO ARQUITECTO ANTÓNIO LOURO (MOOV)** **106**

ANEXO 2 – **ANÁLISE SWOT AO BAIRRO PADRE CRUZ** **117**

ANEXO 3 – **PROPOSTA DE SISTEMA URBANO** **120**

ANEXO 4 – **PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO DE UM EDIFÍCIO MULTIFUNCIONAL NO BAIRRO PADRE CRUZ** **122**

ANEXO 5 – **PROCESSO DE TRABALHO** **133**

AENXO 6 – **MAQUETES** **154**

ÍNDICE DE FIGURAS

Ilustração Capa.

Esquema conceptual – Entre-espaços do projecto/ objecto arquitectónico. Autoria Própria.

Figura 1. Página 4.

Vista aérea com destaque da localização Bairro Padre Cruz na cidade de Lisboa. Autoria Própria.

Figura 2. Página 7.

(A) Vista aérea parcial da Baixa Lisboeta; (B) Vista aérea do Bairro Padre Cruz e áreas adjacentes.
In http://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&gs_nf=1&cp=3&gs_id=a&xhr=t&q=baixaki&gs
_upl=&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.,cf.osb&biw=1280&bih=685&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wl

Figura 3. Página 10.

Relação de cheio/ vazio : (A) cidade tradicional; (B) cidade moderna. In MARSHALL, S. (2005) *Streets and patterns*. Nova Iorque: Spon Press, 2005. p5.

Figura 4. Página 11.

Inversão da relação de cheio/ vazio: (A) *layout* tradicional; (B) *layout* moderno. In MARSHALL, S. (2005) *Streets and patterns*. Nova Iorque: Spon Press, 2005. p6.

Figura 5. Página 13.

Ville Radieuse, Le Corbusier, CIAM, 1930. In http://2.bp.blogspot.com/-ahyX8_wfV7U
/TdS6Wzqg7xI/AAAAAAAAAMs/mXmiTrWVEik/s1600/Scan-Dokument-0167.JPG

Figura 6. Página 14.

Supersurface, Superstudio, 1972. In http://clasta.com.br/wp-content/uploads/2010/05/superstudio5.jpg

Figura 7. Página 14.

No-Stop City, Archizoom, 1970. In http://arqueologiadelfuturo.blogspot.com/2008/11/no-stop-city-1970-archizoom.html

Figura 8. Página 24.

Passage 56, atelier d'architecture autogérée, 2006-2009.
In http://www.urbantactics.org/projects/passage%2056/passage56html.html

Figura 9. Página 24.

Passage 56, Vista panorâmica*,* atelier d'architecture autogérée,2006.

In http://www.urbantactics.org/projects/passage%2056/passage56html.html

Figura 10. Página 25.

Esquema evolução Usos e Funções, *Passage 56,* atelier d'architecture autogérée, 2006.

In http://www.urbantactics.org/projects/passage%2056/passage56html.html

Figura 11. Página 26.

Usos e Mecanismos, *Passage 56,* atelier d'architecture autogérée, 2006.

In http://www.urbantactics.org/projects/passage%2056/passage56html.html

Figura 12. Página 26.

Uso e Participação, *Passage 56,* atelier d'architecture autogérée, 2006.

In http://www.urbantactics.org/projects/passage%2056/passage56html.html

Figura 13. Página 28.

Vista aérea, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009–2010.

In http://o.aolcdn.com/hss/storage/adam/978fbf265008c0d64bc32c41dd17df34/high-line-new-york-592js071910.jpg

Figura 14. Página 29.

Corte Perspéctico, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009-2010. In http://www.concierge.com/images/ideas/starchitecture_2007/ideas_starchitecture_005p.jpg

Figura 15. Página 29.

Vista Geral, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009-2010. In http://www.wayfaring.info/wp-content/uploads/2009/06/new-york-high-park7.jpg

Figura 16. Página 30.

Vista Geral, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009-2010. In http://nyc-architecture.com/wp-content/uploads/2011/01/standard-hotel-nyc15.jpg

Figura 17. Página 31.

Maquete do projecto Milstein Hall e arranjos urbanos envolventes, Cornell University, Ithaca, Nova Iorque, Rem Koolhaas, 2006. In http://oma.eu/projects/2006/milstein-hall-cornell-university

Figura 18. Página 33.

Esquema de Entre-espaços na articulação do Rossio e Praça da Figueira. Autoria própria.

Figura 19. Página 34.

Esquema conceptual de articulação de um exemplo de Entre-espaços. Autoria própria.

Figura 20. Página 35

Unidades Modulares, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009. In http://www.moov.pt/

Figura 21. Página36.

Planta, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009. In http://www.moov.pt/

Figura 22. Página 36.

Possíveis organizações em planta, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.
In http://www.moov.pt/

Figura 23. Página 37.

Axonometria, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009. In http://www.moov.pt/

Figura 24. Página 37.

Vista exterior, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009. In http://www.moov.pt/

Figura 25. Página 38.

Vista interior, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009. In http://www.moov.pt/

Figura 26. Página 38.

Vista geral exterior, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009. In http://www.moov.pt/

Figura 27. Página 41.

(A) Planta localização; (B) Vista aérea, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 28. Página 42.

Vista panorâmica a partir da rua, *Forwarding Dallas*, MOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 29. Página 43.

Esquema Holístico, *Forwarding Dallas*, MOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 30. Página 44.

Modelação, Estratégia Urbana e Energética, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 31. Página 45.

Alçado Sul, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 32. Página 45.

Alçado Norte, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 33. Página 46.

Corte Transversal, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 34. Página 46.

Planta nível 0, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 35. Página 47.

Planta nível 1, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 36. Página 47.

Planta nível 4, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 37. Página 48.

Programa geral, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 38. Página 49.

Tipologias habitacionais, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 39. Página 50.

Programa Complementar, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 40. Página 51.

Materiais fachada Norte, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 41. Página 51.

Isometria explicative do plano de materiais e estrutura verde do pavimento. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 42. Página 52.

Vista de entre-espaços/ fachada Sul, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 43. Página 52.

Vista de entre-espaços/ fachada Norte, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 44. Página 53.

Vista da cobertura verde, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009. In MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF]

Figura 45. Página 55.

Localização do bairro no contexto da cidade de Lisboa. Autoria própria.

Figura 46. Página56.

Estrutura Ecológica da Cidade de Lisboa e a sua relação com o Bairro. In PDM (2010) *Revisão do Plano Director Municipal de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa, 2010. [PDF]

Figura 47. Página 56.

Bairro Actualmente (2012) - Tipologias dos Edifícios. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 48. Página 57.

Barreiras do Bairro Padre Cruz. Autoria própria.

Figura 49. Página 58.

PDM proposto em Outubro de 2010; Enquadramento do Bairro Padre Cruz. In PDM (2010) *Revisão do Plano Director Municipal de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa, 2010. [PDF]

Figura 50. Página 59.

Evolução do crescimento da cidade de Lisboa desde 1147 a 1980. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 50. Página 59.

Evolução do crescimento da cidade de Lisboa desde 1147 a 1980. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 51. Página 60.

Evolução da Cartografia de lisboa desde 1147 a 1987. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 52. Página 61.

Evolução do Edificado e das Vias entre 1930 e 2011. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 52. Página 61.

Evolução do Edificado e das Vias entre 1930 e 2011. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 53. Página 62.

Evolução do Bairro desde 1959 a 2011. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 54. Página 63.

Quinta da Penteeira, 195-. In BENOLIEL, J. (195-) *Quinta da Penteeira,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 55. Página 63.

Bairro de alvenaria, primeiras construções dos anos 60, 1962. In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 56. Página 63.

Bairro de alvenaria, rua do rio Tejo, 1962. In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 57. Página 64.

Bairro "lusalite", rua do rio Sever, 1962. In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 58. Página 64.

Construção do bairro de alvenaria de 2 pisos, rua do rio Tejo, 1962. In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 59. Página 64.

Vista do edifício de 2 pisos do bairro de alvenaria, rua do rio Vez, 1962. In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 60. Página 65.

Mercado, 1962. In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 61. Página 65.

Construção da Igreja, 1962. In GOULART, A. (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

Figura 62. Página 65.

Bairro da EPUL, 1999. In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 63. Página 66.

Vistas das Ruas, Regueiras, Muros e Materialidades do Bairro actualmente (2012). In *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. [PDF]

Figura 64. Página 68.

Conceito urbano. Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011.* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 65. Página 69.

Maquete Plano Urbano. Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011.* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 66. Página 69.

Planta Proposta Urbana e Corte Alçado FF'. Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011.* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 67. Página 71.

Evolução Possível da proposta Urbana (Esquema de Cheio e Vazios). Autoria própria.

Figura 68. Página 71.

Esquema de Cheio e Vazios (Proposta Urbana completa). Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011.* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 69. Página 74.

Esquema de Mobilidades da Proposta Urbana. Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011.* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 70. Página 74.

Esquema de Mobilidades entre-espaços da Proposta Urbana. Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011*. (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 71. Página 76.

Esquema de um entre-espaço localizado num interior de um quarteirão encerrado em si mesmo. Autoria própria.

Figura 72. Página 76.

Esquema de entre-espaços integrado na cidade como elementos estruturantes. Autoria própria.

Figura 73. Página 78.

Esquema de Mancha Urbana. Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011*. (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 74. Página 79.

Imagens da Proposta Urbana: Hortas Urbanas como Entre-espaço (esquerda); *Tram* (direita). Produzido pelo Grupo 1 da Turma MIArq5C de *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011*. (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011.

Figura 75. Página 84.

Esquema programático da planta do nível térreo. Autoria própria.

Figura 76. Página 85.

Esquema programático da planta do nível 1. Autoria própria.

Figura 77. Página 86.

Esquema programático da planta do nível 2. Autoria própria.

Figura 78. Página 87.

Esquema programático da planta do nível 3. Autoria própria.

Figura 79. Página 88.

Esquema programático da planta do nível 4. Autoria própria.

Figura 80. Página 89.

Esquema programático da planta do nível 5. Autoria própria.

Figura 81. Página 90.

Esquema programático da planta do nível 6. Autoria própria.

Figura 82. Página 91.

Esquema programático da planta do nível 7. Autoria própria.

Figura 83. Página 93.

Esquema conceptual – Relação de Hibridez na relação de Público e Privado. Autoria própria.

Figura 84. Página 95.

Ambiência do claustro do Jardim Infantil/ Creche (fotografia maquete). Autoria própria.

Ilustração Contracapa.

Esquema conceptual – Sistema Urbano. Autoria própria.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAA - atelier d'architecture autogérée

BIP/ZIP – Bairro de Intervenção Prioritária/ Zona de Intervenção Prioritária

BPC – Bairro Padre Cruz

CML – Câmara Municipal de Lisboa

EPUL – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa

GEBALIS – Gestão dos Bairros Municipais de Lisboa

PDM – Plano Director Municipal

PPP – Parceria Público-Privada

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa explorar o tema dos vazios como elementos de continuidade urbana, como lugares significantes que estruturam a cidade. Através de uma proposta projectual no Bairro Padre Cruz, pertencente à cidade de Lisboa, as suas premissas pretendem contrariar a ideia de fractura e descontinuidade associada a vazios urbanos, e recriar o conceito e o papel do vazio na construção de cidade e do seu espaço urbano. Assim, numa concepção e prática de projecto baseada na continuidade da rede de estrutura edificada e da rede de espaços públicos, pretende-se criar um equilíbrio "entre-espaços".

Os vazios são um dos temas mais relevantes de intervenção na cidade contemporânea. Vistos, ora como entraves ora como oportunidades, o que realmente é difícil num vazio é não fazer nada,[1] e saber como nada fazer. Assim, o modo como são desenhados ou redesenhados estimula constantemente o pensamento arquitectónico pelo potencial que diversas estratégias de vazio podem apresentar. O desafio está em fazer do vazio parte integrante da cidade.

A sua reinterpretação e reconceptualização à luz da contemporaneidade permitirão a restruturação e a criação de redes de continuidade em espaços urbanos anteriormente fracturados.

Este trabalho tem como objectivo geral contribuir para uma melhor compreensão dos vazios urbanos enquanto fracturas na fisionomia da cidade, e simultaneamente propor ferramentas capazes de colmatar as mesmas. Pretende-se restituir ao vazio a capacidade de funcionar como elemento estruturante plenamente integrado e cerzido no cenário urbano.

Para isso pretende-se desenvolver uma estratégia conceptual capaz de propor um desenho que consiga cerzir, gerar e capacitar lugares significantes entre os cheios e os vazios da cidade. Entre-espaços, vazios que estruturam, agregam e asseguram uma continuidade urbana.

Assim, é importante que o projecto corrobore estas premissas através do desenho de uma estrutura arquitectónica que proporcione um lugar para viver, trabalhar, trocar, negociar, para o ócio e para a cultura, que potencie as relações de proximidade e vizinhança, que reveja a problemática dos vazios, e a sua participação no estruturar de novas redes de encadeamento de espaços públicos, de espaços híbridos de transição entre público e privado.

Procura-se então responder às seguintes questões: como criar ou reformular vazios e assim torná-los em lugares significantes; como cerzir, gerar e capacitá-los na cidade, numa lógica de continuidade de cheio e vazio; como habitá-los na articulação do espaço público com o privado?

[1] SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporânea*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 11.

Na concretização deste trabalho a metodologia utilizada dita, também, a forma como este se estrutura. Assim, numa primeira fase, de investigação e estudo teórico, o primeiro capítulo trata a problemática sobre como a fisionomia da cidade pode ser afectada por vazios que a fracturam, e assim provocam a descontinuidade do seu tecido urbano. Na procura de premissas, confronta-se também a noção de cidade tradicional e cidade moderna. A última associada à ideia de cidade invertida – *reverse city*.[2]

Na passagem para o segundo capítulo, os problemas levantados são identificados como potencialidades na aplicação do conceito de Entre-espaços. Este conceito é formulado através da possibilidade do desenhar os vazios da malha urbana com o objectivo de gerar e capacitar lugares significantes na articulação do espaço público com o privado, pelo restituir da ideia de vazio como elemento estruturante plenamente integrado no contexto urbano. Recorre-se a exemplos práticos no intuito de validar as premissas apresentadas, onde o *Forwarding Dallas* dos MOOV+Atelier Data acaba por ser um referencial importante na desmontagem conceptual do projecto desenvolvido.

No terceiro capítulo desenvolve-se o caso de estudo do Bairro Padre Cruz reconhecido e designado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) com um bairro de intervenção prioritária (BIP/ZIP), de acordo com a revisão do Plano Director Municipal (PDM) de Lisboa[3]. Dá-se continuidade aos princípios urbanos propostos e estruturados no âmbito da disciplina de Laboratório de Projecto VI, que tinham como objectivo cerzir o Bairro Padre Cruz à cidade de Lisboa, podem ser fundamentados por entre-espaços.

Por último, o quarto capítulo descreve a proposta projectual e a sua inserção no Bairro Padre Cruz, e consequentemente na cidade de Lisboa. Revela como o projecto responde à problemática do bairro ao aproveitar as suas potencialidades. Enquadra e concretiza os princípios explorados e sistematizados nos capítulos anteriores.

O documento organiza-se assim por quatro capítulos. Em anexo são apresentados os elementos desenhados do projecto e outros documentos que atestem a validade das teorizações expressas e da proposta desenhada.

[2] VIGANÒ, P. (1999). *La città Elementare.* Milano: Skira Editores, 1999.
[3] PDM (2010) *Revisão do Plano Director Municipal de Lisboa.* Câmara Municipal de Lisboa, 2010. [PDF]

2. O BAIRRO PADRE CRUZ, UMA FRACTURA DA CIDADE NA PERIFERIA

2. O BAIRRO PADRE CRUZ, UMA FRACTURA DA CIDADE NA PERIFERIA

O lugar designado por Bairro Padre Cruz e a sua envolvente imediata, apresentam face à cidade de Lisboa uma condição periférica. Apesar da proximidade com as redes de transportes públicos do metropolitano de Lisboa e dos autocarros da Carris, localiza-se num sítio com fraca acessibilidade e os próprios terrenos adjacentes ao bairro tornam também difícil a comunicação com o resto da cidade.

Esta fractura perante a cidade é provocado por acessibilidades débeis ou insuficientes, quer por outras barreiras impostas como caminhos-de-ferro, *terrains vagues*[4], vias rodoviárias difíceis de transpor a pé, ou mesmo hortas urbanas que em vez de unir o território, fragmentam. Como tal, o sítio sente na articulação com tudo o que é exterior ao bairro uma comunicação dificultada, e assim progressivamente com Lisboa (ver figura 1).

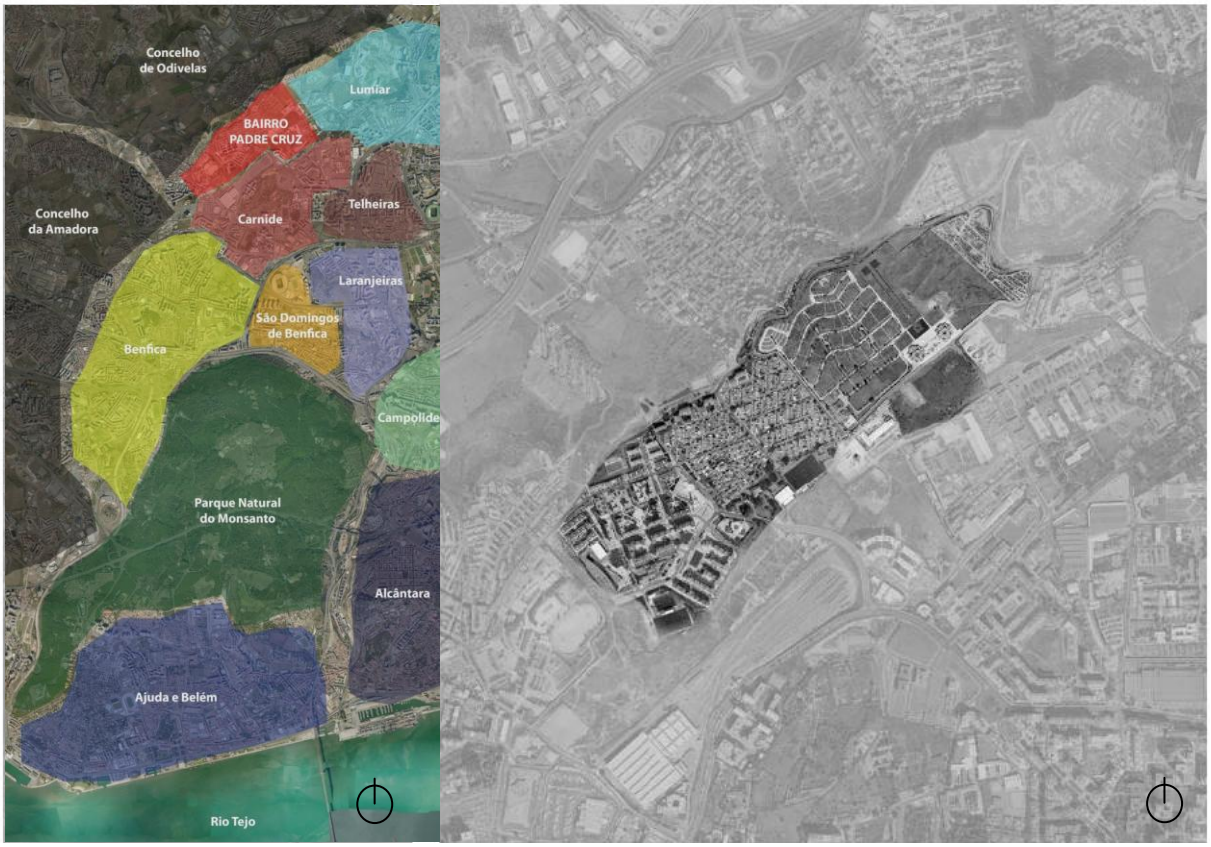


Figura 1 – Vista aérea com destaque da localização Bairro Padre Cruz na cidade de Lisboa.

[4] *Terrain vague*, ideia enunciada em SOLÀ-MORALES, I. (1994) *"Terrain Vague"* in DAVIDSON, C. (1995) *Anyplace*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: The MIT Press, 1995. p 120.

A cidade de Lisboa, e consequentemente o sítio do Bairro Padre Cruz parecem assim identificar-se com o conceito de *zwischenstadt* enunciado em *Cities without cities*[5] por Thomas Sieverts. Este fenómeno serve para identificar a dissolução da cidade europeia e do aparecimento de uma nova e diferente de cidade que se espalha por todo o mundo. *Zwischenstadt* significa o tipo de área construída que se encontra entre os centros históricos antigos da cidade e o campo aberto, entre o lugar como espaço de estar e os não-lugares do movimento.[6]

Assim, a crescente forma fracturada das fronteiras entre tecido urbano, natureza e espaço aberto/ vazio ou o gradual desaparecimento dos padrões hierárquicos tradicionais são factores que afastam a realidade da cidade para cada vez mais longe dos ideais que defendem a forma e a natureza da cidade tradicional.[7]

Torna-se pois necessário compreender que é o estender da cidade na era moderna que criou as mais peculiares formas de paisagem urbanizada onde desaparecem as tradicionais dicotomias cidade/campo, urbano/ rural, centro/ periferia, onde o vazio passa a ser a marca de descontinuidade e não o elemento gerador de continuidades espaciais e colectivas.

Nestes termos, actualmente, não se pode afirmar que exista uma distinção entre a periferia e a cidade. A periferia acaba por ser a cidade de hoje. Assim, ao bairro em questão, mesmo possuindo uma noção forte de memória, falta-lhe fazer parte de um todo que transmita uma ideia capaz de estruturar o espaço como que um prolongamento natural da cidade. É, então, preciso encontrar esquemas e estratégias de "re-urbanização" de espaços urbanos fracturados e descontínuos. Nos territórios da cidade extensiva faz falta um sistema urbano capaz de potenciar a articulação das diferentes malhas que ao longo do tempo se foram constituindo como permanentes.[8]

2.1. A FISIONOMIA DA CIDADE NA PERIFERIA

"A cidade, [é] *sem dúvida a maior criação física do Homem e uma das mais significativas do seu espírito".*[9]

A ideia de cidade está intimamente associada aos valores do Homem e à noção de civilização. A cidade é o lugar por excelência de afirmação física do homem validada pelo seu carácter público ao longo

[5] SIEVERTS, T. (1997) *Cities without cities. An interpretation of the Zwischenstadt.* Londres: Routledge, 2003.
[6] Idem. p. xi – xvi.
[7] Idem. p. 1.
[8] POÈTE, M. (1958) *Introduction á l'urbanisme, lévolution des villes, la leçon de l'ántiquité*. Citado por ROSSI, A. (1966) *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. pp 75-80.
[9] TÁVORA, F., in PORTAS, N. (1969) *A cidade como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. p. 9.

da história – desde a invenção da ágora democrática, à figura das cidades-estado e à formação da burguesia nas principais cidades europeias.[10]

É, então, importante referir que desde a polis grega – "*origem primigénia da cidade ocidental*"[11] –, a Cidade tem fundado as suas bases ao pensar numa lógica de continuidade do tecido urbano. Contudo, principalmente desde a enunciação dos princípios Modernistas expressos na *Carta de Atenas,* as cidades foram, desde há muito, submetidas a forças catalisadoras da modernização social ao longo dos séculos, na sua configuração.

Actualmente é normal presenciar-se uma grande heterogeneidade formal e mistura de tempos. Torna-se frequente a distinção de núcleos com características específicas, necessários de valorizar e simultaneamente adaptar ao panorama contemporâneo, tal como, contextos distintos daqueles que estiveram na base da sua origem.[12]

Nestes termos, e apesar da Industrialização ter sido em muito responsável pela construção e transformação da cidade, é com o advento da modernidade e os princípios modernos do urbanismo que mais modificam a sua fisionomia. Da cidade moderna ao território contemporâneo, na fisionomia da *urbe* começa cada vez mais a ser pertinente reflectir-se sobre os territórios de periferia que cada vez mais se traduzem numa nova forma de cidade.

A cidade na periferia existe desde sempre[13], e desde sempre o centro da cidade tem sido habitualmente uma máquina de criação de sentido e significado, que apesar de tudo foi estabelecendo uma determinada ordem. Transmite um sentimento de coesão à lógica da *urbe*. Algo que tende a faltar à cidade na periferia.

Assim, a noção de periferia pressupõe sempre um centro agregador – cidade tradicional. A periferia, ao contrário da cidade tradicional, caracteriza-se pela sua descontinuidade sem uma lógica, sem uma ordem.

A fisionomia da cidade na periferia é, nestes termos, caracterizada pela inexistência de continuidade ou sistema. As relações que se impõem entre a ordem urbana da cidade tradicional – centro agregador – e a sua periferia demonstram o quão independente são. O desmembrar progressivo do desenho do centro da cidade é prova disso (ver figura 2).

[10] INNERARITY, D. (2008) *A Nova Urbanidade*, in revista Jornal Arquitectos. Nº 231. Lisboa: 2008.pp 18-21.
[11] VÁZQUEZ, C. (2009) *O fim da continuidade*, in revista Jornal Arquitectos. Nº 236. Lisboa: 2009. pp 96.
[12] FURTADO, G.; MACEDO, R. (2010) *Evolução de paradigmas no século XX – Da Conservação Arquitectónica à Reabilitação* Urbana, in revista Arquitectura e Arte. Nº 82/83. Lisboa: 2010. p 112.
[13] BRU, E. (2001) *Coming from the South*. Barcelona: ACTAR, 2001. p 33.



A



B

Figura 2 – (A) Vista aérea parcial da Baixa Lisboeta; (B) Vista aérea do Bairro Padre Cruz e áreas adjacentes.

A fragmentação e as descontinuidades que caracterizam os territórios periféricos ou da cidade extensiva tem várias razões de ser, contudo a questão fundamental tem, talvez, a ver com novas formas e processos de crescimento. Efectivamente a cidade tradicional crescia por continuidade, seguindo alinhamentos edificados, operações individuais conforme as necessidades. Crescia de forma empírica.

Após o modernismo a cidade evoluiu também ao nível de processos, passou-se a urbanizar por "pacotes", através de operações unitárias que não se articulam necessariamente umas com as outras. Pensa-se por sectores. Entre operações, entre sectores localizam-se os novos vazios da cidade contemporânea. Vazios que fragmentam e fracturam.

Na cidade tradicional, as fracturas eram ultrapassadas através de um desenho que se baseava num processo de implantação e crescimento que assumia o construído como regra e do vazio como excepção[14].

Actualmente, quase é possível afirmar que esse processo de crescimento de cidade ainda é desejado, e mesmo esperado de certa maneira.

Contudo, toda a modernidade inerente ao avanço tecnológico que a Industrialização trouxe à cidade e a lógica de construção e desenho dos cheios e vazios que a arquitectura da cidade moderna inspirou, apresentam fracturas através dos vazios formulado pelo modernismo[15], os *terrain vagues*, as vias ferroviárias, vias e nós rodoviários, até mesmo um isolamento propositado incutido por pensamentos higienistas e/ou uma divisão assumida de usos, ou através de uma cidade-jardim por cumprir.

Em parte, e mesmo depois da enunciada morte da arquitectura Moderna[16] em 1977, a cidade ou o tecido urbano parece continuar a sofrer da crise trazida pela cidade Moderna que envolve uma relutância em aceitar uma condição urbana onde os valores de coesão, que parecem desaparecer e dificulta a integração com a cidade tradicional.[17]

Exemplo disso são as últimas três a cinco décadas onde se gerou na periferia das cidades um crescimento que produziu territórios urbanos de grande complexidade que se apresentam hoje como uma incógnita no que diz respeito à compreensão da sua estrutura física e espacial[18], dos quais o Bairro Padre Cruz é um caso representativo.

Assim, por oposição à cidade tradicional a cidade periférica demostra aspectos morfológicos totalmente diferentes.

---

[14] JORGE, P. (2007) "*Vazios úteis - Cerzir a cidade"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos.* Lisboa: ISCTE, Julho 2007. pp 2-3. [PDF]

[15]ROWE, C.; KOETTER, F. (1978) *Collage City*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: the MIT Press, 1993. p 62

[16] *"The Death of Modern Architecture",* enunciada no livro de Charles Jecks, *The Language of Post-Modern Architecture*. Nova Iorque: Rizzoli, 1977.

[17] SOLÀ-MORALES, M. (1992) *Projectar la Periferia* in Urbanisme Revista. Nº9/10. Barcelona: Laboratori d'Urbanisme, ETSAB – UPC, 1992. p 3.

[18] FURTADO, G. (2009) *Explorando a forma da cidade periférica – Uma Abordagem Sintáctica*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 67. Lisboa: 2009. p 72.

Reflectindo quase sempre aglomerados consolidados em outros tempos – medievais, renascentistas, barrocos,… – que ainda subsistem nas cidades[19], tal como, produto de intervenções cirúrgicas na malha urbana, elementos construídos mais contemporâneos que se coadunam com as pré-existências, na cidade tradicional é normal a parcela e a rua funcionarem como elementos estruturantes fundamentais, adjacentes a uma dicotomia de cheio e vazio, ou seja, espaço construído e espaço livre, respectivamente.

Na periferia, o sistema de ruas e outros espaços abertos estão sujeitos quase sempre a um misto de malhas rurais pré-existentes, de estruturas viárias recentes – maioritariamente fruto de promoções imobiliárias de escalas diversas, mas que que se agregam de forma desconexa – e de infra-estruturas viárias. As parcelas deixam de definir o cheio, ou seja, espaço construído, que passa a ser descontínuo.[20]

Quando a noção de continuidade, repetição ou sistema desaparece, a resposta mais pertinente a nível de desenho pode e deve passar por um sistema urbano.

Um sistema com capacidade de cerzir e impor-se num espaço fragmentado e fracturado como é a periferia e a sua relação directa com a cidade que lhe está adjacente. Um sistema que dite uma regra e um modelo, mas que ao mesmo tempo posso também impor com subtileza singularidades preservando a memória dos lugares periféricos. Para tal, é necessário compreender o que está na origem da fracturação da Cidade, nomeadamente na sua periferia.

2.2. A IDEIA DE *REVERSE CITY* E A FRACTURAÇÃO DA CIDADE

Paola Viganó, em *La Città Elementare*, formula a ideia de Cidade Invertida – *Reverse City*.[21] A sua definição é feita para com a cidade contemporânea afirmando que esta se transformou numa cidade invertida, onde a relação tradicional entre cheio e vazio, ou seja, entre espaços construídos e espaços livres, sofre uma inversão.

Assim, enquanto na cidade tradicional compacta o vazio servia como espaço estruturante ao tecido urbano, organizando-se o cheio, o construído em seu redor, na lógica de cidade invertida transmitida pela concepção modernista de cidade, o vazio é agora desvalorizado enquanto elemento estruturante da malha urbana.

[19] FURTADO, G.; MACEDO, R. (2010) *Evolução de paradigmas no século XX – Da Conservação Arquitectónica à Reabilitação* Urbana, in revista Arquitectura e Arte. Nº 82/83. Lisboa: 2010. p 112.
[20] FURTADO, G. (2009) *Explorando a forma da cidade periférica – Uma Abordagem Sintáctica*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 67. Lisboa: 2009. p 72.
[21] VIGANÒ, P. (1999). *La città Elementare*. Milano: Skira Editores, 1999.

O pautar do espaço incutido pelos vazios como elemento de excepção deixa de existir (ver figura 3). O vazio, na Cidade Invertida, adquire um papel de espaço contentor por contraposição ao vazio fechado e contido da cidade tradicional.[22]

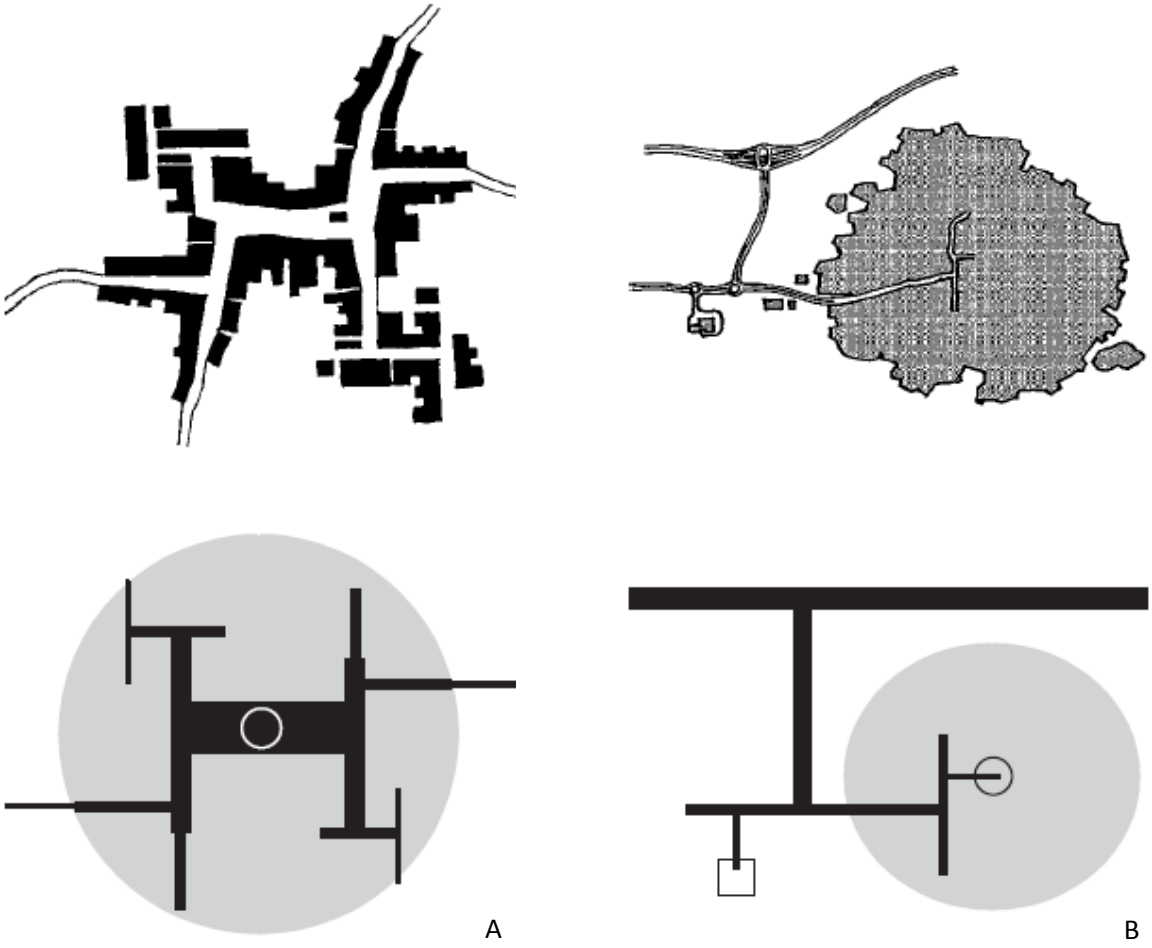


Figura 3 – Relação de cheio/ vazio : (A) cidade tradicional; (B) cidade moderna.

Verifica-se, assim, uma descontinuidade dos elementos constituintes da cidade, pois a presença dos vazios aceites de um modo quase acrítico conduz a uma cidade onde não existe uma continuidade da malha urbana.[23]

[22] CAVACO, C. (2007) *"Os Espaçamentos Ilegítimos. A Condição Suburbana do Vazio"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos*. Lisboa: ISCTE, Julho 2007. pp 2-3. [PDF]

Em suma, o Modernismo ao inverter a lógica da cidade tradicional quebra a noção de continuidade urbana de cheio, enquanto sucessão de massa construída. Ou seja, *"nas nossas cidades modernas, a noção do espaço urbano desapareceu"*[24].

É verdade que ao observar o desenho tipo da cidade tradicional (ver figura 3) encontramos com facilidade quebras, lacunas entre a massa edificada, ou no seu interior. Contudo, também é possível verificar que essas quebras – os vazios – são o suporte que estrutura e cose o cheio ao responder às necessidades intrínsecas da cidade pela sua capacidade de gerar lugares de experiências arquitectónicas, sejam eles ruas, largos, pátios interiores ou logradouros (ver figura 4). Espaços que não deixam de ser lugares significantes de fixação e permanência.

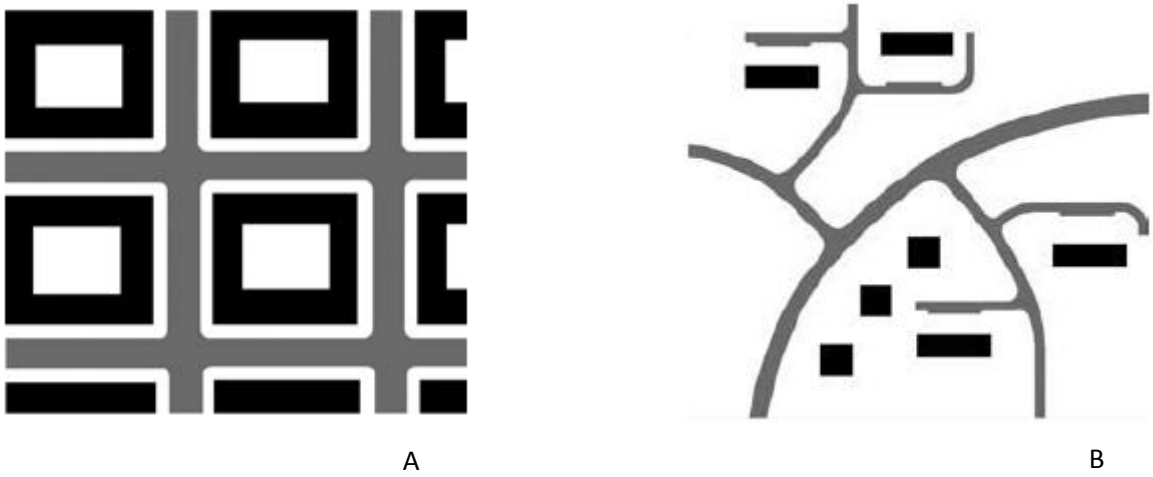


Figura 4 – Inversão da relação de cheio/ vazio: (A) *layout* tradicional; (B) *layout* moderno.

Concluindo, a sua fisionomia representa quebras no construído, no entanto, têm a função de unir e não fracturar. Funcionam como as articulações no corpo humano, cuja função é ao mesmo tempo separer e unir os ossos, permitindo a articulação de membros e garantido o movimento.

---

[23] JORGE, P. (2007) "*Vazios úteis - Cerzir a cidade"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos.* Lisboa: ISCTE, Julho 2007. p 2. [PDF]

[24] KRIER, R. (1975) "*L'Espace de la Ville "* in LAMAS, J. (1993) *Morfologias Urbanas e Desenho da Cidade.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, 2004.

Na cidade invertida, o vazio, antes a excepção, torna-se a "regra" e deixa de participar na formação da cidade enquanto elemento estruturante, agregador e singular.

Imaginemos, então, a metáfora do esqueleto humano, mas invertida, ou seja, o que era osso agora é articulação e vice-versa. O que se pode constatar? Seguramente, o esqueleto ficaria incapaz de fazer o corpo humano mover ou equilibrar-se.

O mesmo é verificável pela incapacidade cidade Moderna impor um equilíbrio urbano, pois o vazio perde a sua utilidade prática de elemento gerador e/ ou potenciador de lugares significantes. O vazio perde essa qualidade ao passar esse papel, função para os elementos construídos – cheios.

Invertido o seu papel, o vazio, sem coerência formal com a envolvente, de forma genérica, assume-se como fractura na noção de continuidade da cidade, e não como quebra que se verificava na cidade tradicional.

Passámos a viver em ilhas. Segundo Sieverts, passamos a viver num *Zwischenstadt* (ver ponto 2) onde já não se opera mais nos círculos concêntricos da cidade tradicional: casa, pátio, rua, bairro, cidade, região; ideal que se manteve até no próprio conceito de cidade-jardim. Com estes ideais ultrapassados, na cidade moderna, raramente trabalhamos na cidade onde moramos, não fazemos compras no bairro e não desenvolvemos ai actividades de lazer. Passamos a viver em ilhas espaciais e temporais com diferentes funções. Estas ilhas são conectadas por estradas que atravessam um "mar" de vazios. As esferas de actividades mudaram de círculos concêntricos para pontos especializados no espaço. Este sistema de organização conduziu a um empobrecimento e a um declínio do significado dos vazios enquanto elementos estruturantes da cidade.[25]

2.2.1. A FORMA DA AUSÊNCIA: O VAZIO DA CIDADE MODERNA E O *TERRAIN VAGUE*

Compreendida a inversão de cheios e vazios entre a cidade tradicional e a cidade moderna pelo modelo ideológico, tal como definido na *Carta de Atenas* ou na proposta da *Ville Radeieuse* de Le Corbusier,[26] (ver figura 5) ainda antes de Paola Viganò ter enunciado a ideia de *reverse city,* a primeira análise comparativa entre esta nova relação que se sentia nas cidades pertenceu a Colin Rowe e Fred Koetter, com o livro *Collage City* em meados da década de setenta: *"(…) isto pode ser melhor analisado através da observação da forma típica da cidade tradicional que, em todos os aspectos, é essencialmente a inversão da cidade da arquitectura moderna, de modo que em conjunto podem, por vezes, apresentar-se como leituras alternativas de um diagrama Gestalt, ilustrando as flutuações do fenómeno figura-fundo. Então, se um é quase todo branco, o outro é quase todo preto; se*

[25]SIEVERTS, T. (1997) *Cities without cities. An interpretation of the Zwischenstadt*. Londres: Routledge, 2003. p 75.
[26] SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 9.

um é uma acumulação de sólidos num vazio amplamente indiferenciado, o outro é uma acumulação de vazios num sólido amplamente indiferenciado; e, em, ambos os casos, o fundo fundamental propõe uma categoria inteiramente diferente de figura – num caso objecto, no outro caso espaço"[27].

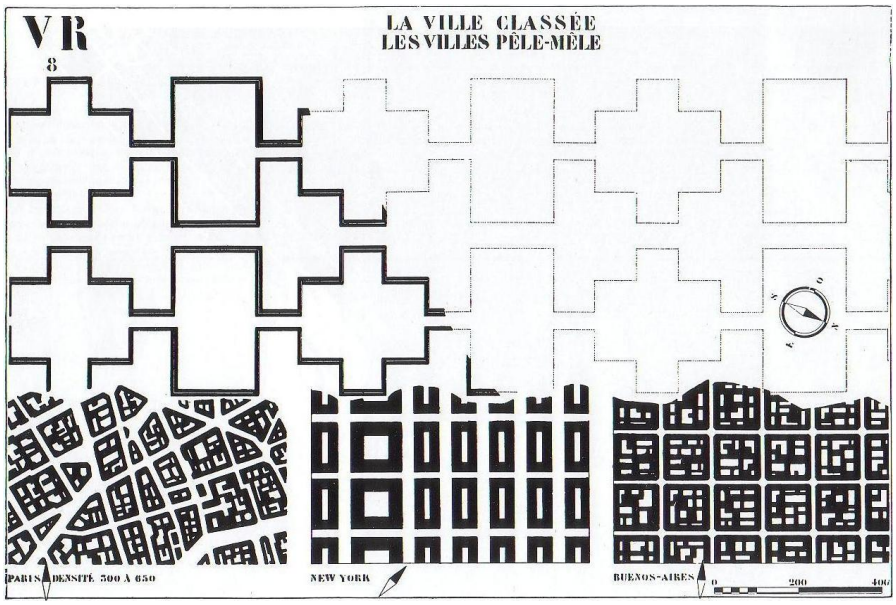


Figura 5 – *Ville Radieuse*, Le Corbusier, CIAM, 1930.

É possível concluir-se que apesar da inversão o cheio e o vazio continuam a determinar-se mutuamente através de princípios racionais e coerentes. Um não pode existir sem o outro, independentemente dos fundamentos dos diferentes modelos.

No início da década de setenta, no momento de negativização da utopia arquitectónica, a relação entre cheio e vazio, entre edificação privada e espaço público começou a ser colocada em causa.[28] Tal pensamento é tido nas propostas teóricas radicais dos Superstudio que propõem uma *Superface*, uma cidade sem suportes tridimensionais formada a partir de uma grelha isotrópica e homogénea que realizaria uma utopia irónica através de um plano horizontal contínuo, cobrindo todo o globo terrestre[29] (ver figura 6).

---

[27] ROWE, C.; KOETTER, F. (1978) *Collage City*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: the MIT Press, 1993. p 62. (tradução livre)

[28] SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 9.

[29] SUPERSTUDIO (1973) *"The Fundamental Acts"* in OTAKAR, M.; VAN SCHAIK, M. (2005) *Exit Utopia: Architectural Provocations 1956-76*. Munique/ Berlim/ Londres/ Nova Iorque: Prestel, 2005. Referenciado em SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 9.

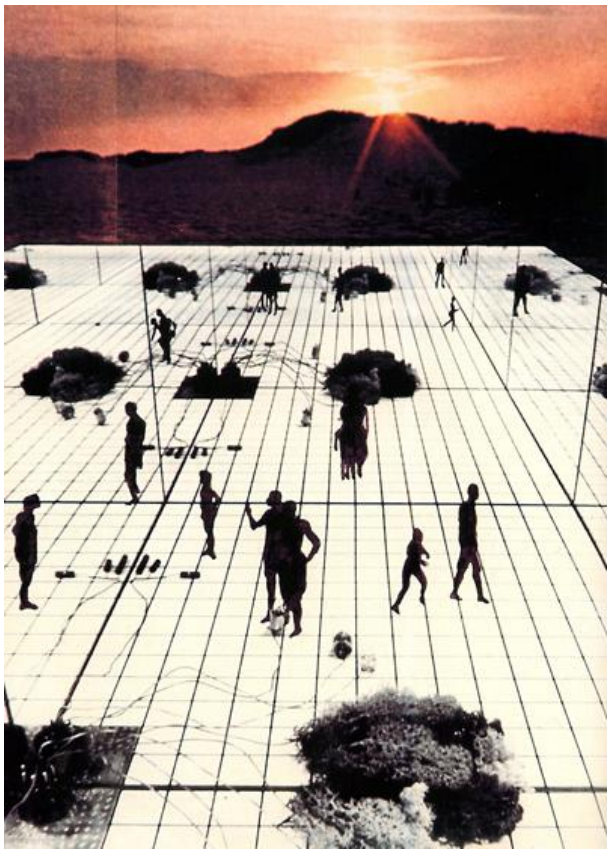


Figura 6 – *Supersurface*, Superstudio, 1972.

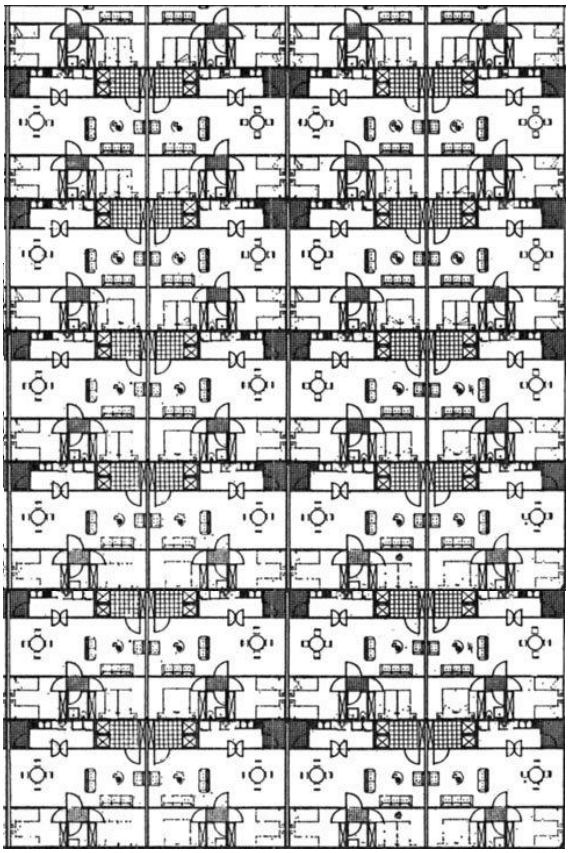


Figura 7 – *No-Stop City*, Archizoom, 1970.

Em *No-Stop City*, os Archizoom propunham a construção de uma cidade interior contínua, em que a habitação se torna um estacionamento bem equipado, feita da agregação homogénea e infinita dos mesmos elementos tipológicos[30] (ver figura 7).

Ambas as propostas desintegraram a relação entre construção privada e espaço público, cada um em extremos opostos, dado os Superstudio abolirem o cheio construído, e inversamente, os Archizoom anular o vazio público, ou seja, se um projecto exterioriza completamente o espaço vivencial, o outro interioriza-o.

Assim, apesar da sua dimensão crítica radical, esta reacção foi o suficiente para se perceber que o modelo moderno não era sustentável. Enunciava-se a procura de uma outra solução, pois com a

[30] ARCHIZOOM (1971) *"No-Stop City"* in OTAKAR, M.; VAN SCHAIK, M. (2005) *Exit Utopia: Architectural Provocations 1956-76*. Munique/ Berlim/ Londres/ Nova Iorque: Prestel, 2005. Referenciado em SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 9.

arquitectura moderna o vazio já não é dominado e controlado é um vazio indomado e impenetrável, que a construção e o espaço manifestam como *efeito mudo*.[31]

Na década de noventa, mais precisamente em 1994, Ignasi Solà-Morales, no âmbito de uma conferência dedicada ao tema *Anyplace*, desenvolveu uma abordagem singular à questão do vazio urbano através de uma ideia que denominou de *terrain vague*.[32] O estudo foi centrado na análise de espaços devolutos e residuais das estruturas urbanas. Para o efeito recorreu aos múltiplos significados do termo francês, ao associar a indeterminação de *terrain* à disponibilidade e indefinição de *vague*.

Para Solà-Morales, aquilo que melhor caracteriza os *terrain vagues* é poderem estar vazios de vida mas cheios de memória. *"Nestes lugares aparentemente esquecidos, a memória do passado parece predominar sobre o presente. Aqui apenas alguns poucos valores residuais sobrevivem, tendo em conta a total desafectação da actividade da cidade. Estes lugares estranhos existem fora dos circuitos efectivos e estruturas produtivas da cidade (…) onde a cidade já não é. Margens não incorporadas, ilhas interiores sem actividade e vigilância, estas áreas são simplesmente desabitadas, inseguras, improdutivas. Definitivamente, são estranhas ao sistema urbano, exteriores mentais no interior físico da cidade, a sua imagem negativa, apresentando-se quer como uma crítica quer como uma alternativa possível."*[33]

Então o que fazer com estes vazios que fracturam a cidade, que uso atribuir-lhes? Solà-Morales responde: *" A relação entre a ausência de uso, de actividade, e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para entender o potencial evocativo dos «terrain vagues» da cidade. Vazio, ausência, mas também promessa, o espaço do possível, da esperança."*[34]

Assim, perante os vazios como fracturas como elementos de descontinuidade, Solà-Morales vê uma oportunidade para daí emergir uma nova arquitectura, pelo aproveitar das oportunidades que esta oferece. O mesmo, se passará com os vazios frutos directamente das intervenções da arquitectura moderna na cidade, em parte também eles *terrains vagues*.

2.3. O VAZIO: ELEMENTO DE DESCONTINUIDADE NA ESCALA, NO ESPAÇO E NO TEMPO

A verdade é que o problema do vazio não existia no crescimento tradicional da cidade, pois o vazio era o resultado automático das suas densidades e morfologias testadas ao longo dos tempos. O vazio

[31] SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 9.
[32] SOLÀ-MORALES, I. (1994) *"Terrain Vague"* in DAVIDSON, C. (1995) *Anyplace*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: The MIT Press, 1995. Referenciado em SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 10.
[33] *Idem Ibidem.*
[34] *Idem Ibidem.*

era a chamada rua, praça ou largo. A anterior continuidade assegurada pelo cheio, interrompida pontualmente por vazios que estruturavam a cidade já não se verifica com a inversão da lógica de cidade. O vazio urbano passa agora a ser encarado como um elemento perturbador da cidade que vem fracturar essa ideia de espaço continuado característico da cidade herdada, da cidade tradicional.

Hoje, ao pensar a cidade depois do impacto do Modernismo, e principalmente a partir dos vazios urbanos por ele deixados na contemporaneidade, reconhece-se de novo a importância dos vazios herdados desde da ágora Grega, do fórum Romano, da organicidade dos cascos medievais e até da cultura e planeamento que adveio do Renascimento ou do Barroco, agora cada vez mais raros no frenesim funcionalista da cidade Moderna.[35]

Eduard Bru, em *Coming from the South* afirma que *"Estabelecer o tamanho* [a escala] *das coisas, determinar as distâncias* [o espaço] *com que se relacionam é trabalhar os termos do desenho dos vazios e dos cheios da cidade".*[36] A maneira como estes são projectados ditará certamente a sua capacidade de permanência e de criar memória com o passar do tempo.

A capacidade de permanência e de memória dos vazios, ou seja o factor tempo acaba por ser transversal aos outros dois – escala e espaço. O tempo, no seu jogo entre permanência e mutação, não é tido normalmente em consideração na transformação do território, nem no entendimento da escala, nem do espaço ou lugar.

Deste modo, o articular "perfeito" do vazio com a malha urbana só é realizado de uma forma saudável quando são tidas em consideração as premissas do tamanho e das distâncias, ou seja, escala e espaço, que estes estabelecem em relação aos cheios. Isto é, como são desenhados os vazios.[37] Tal como em que "tempo" e lugar em que são colocados.

2.4. AS POTENCIALIDADES DO VAZIO – PROJECTAR ENTRE OS ESPAÇOS

"O que mais caracteriza a cidade são os seus «vazios», que são aquilo que mais perdura na história da humanidade. Esses espaços, são apenas «aparentemente vazios»"[38]

O vazio sempre foi a essência de trabalho do arquitecto ao longo dos tempos. É a articulação que o arquitecto estabelece entre cheio e vazio, entre público e privado que produz arquitectura. Na cidade tradicional, o vazio era encarado como um elemento potenciador de cidade e da sua organicidade. O

[35] CRUZ PINTO, J. (2010) *Eloge du Vide* in revista Le carré bleu e Arte. Nº 2. Nápoles: CLEAN edizioni, 2010. p 44.
[36] BRU, E. (2001) *Coming from the South*. Barcelona: ACTAR, 2001. p 31. (tradução livre)
[37] *Idem Ibidem.*
[38]PORTAS, N. citado por ANDRÉ, P. *"A Construção da Memória dos Vazios Úteis da Cidade. Conhecer para Divulgar e Divulgar para Revelar"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos.* Lisboa: ISCTE, Julho 2007. p 1. [PDF]

construído, o cheio partia do vazio, e não o contrário, como é observável na cidade moderna, transformando o vazio quase sempre num espaço expectante, fruto da condensação em blocos que transformaram a arquitectura dos quarteirões em barras verticais a maior parte das vezes desligadas da paisagem e envolvente. No entanto, a cidade tradicional não era perfeita, sendo também possível vislumbrar pontos negativos, tais como condições de acesso bastante condicionadas e insalubridade na maioria das construções.

Assim, cada vez mais a cidade pede uma nova reforma na concepção dos vazios. Afinal, *"o entusiasmo por estes espaços desocupados – expectantes, imprecisos, flutuantes – em termos urbanos reflecte a nossa estranheza perante o mundo, perante a cidade, perante nós mesmos. Nesta situação o papel do arquitecto torna-se inevitavelmente problemático. O destino da arquitectura tem sido sempre a colonização, a imposição de limites, ordem e forma, a introdução no espaço estranho dos elementos da identidade necessários para o tornar reconhecível, idêntico, universal. Essencialmente, a arquitectura actua como um instrumento de organização, de racionalização e de eficiência produtiva capaz de transformar o incivilizado no cultivado, o baldio no produtivo, o vazio no construído."*[39]

Os vazios sempre representaram pontos estruturantes que valorizavam a cidade, assim o objectivo deste trabalho depreende o reconhecimento desse facto e pretende integrá-los de novo na malha urbana de forma a estes se apresentarem de novamente como espaços para habitar, espaços de permanência, lugares de experiências arquitectónicas. Que podem emergir a partir da exploração programática, onde através da introdução de novas actividades, respondam a necessidades do lugar. Que se transformem neste projectar entre os espaços em pontos que se fixam na cidade, que fazem parte dela, que façam parte dos seus percursos e da sua memória. Que se afirmam como lugares significantes que estruturam o cenário urbano e que nele estão integrados.

[39]SOLÀ-MORALES, I. (1994)*"Terrain Vague"* in DAVIDSON, C. (1995) *Anyplace*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: The MIT Press, 1995. Referenciado em SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporanea* in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007. p 10.

3. ENTRE-ESPAÇOS

3. ENTRE-ESPAÇOS

Ao introduzir-se o conceito de "entre-espaços" é importante relembrar que não se trata de uma ideia totalmente nova, pois são vários os autores que utilizam uma nomenclatura semelhante para abordar vazios com características específicas, que são desenhados, ora, à escala da cidade, ou à escala da arquitectura.

Exemplos disso são Cidália Silva que os apelida de "espaços-entre"[40], à semelhança de outros autores, ou como é o caso de Herman Hertzberger que os denomina de "intervalos", *in-between*[41] no termo inglês.

Contudo, em ambas situações a sua definição revela-se insuficiente como resposta à problemática que este trabalho pretende explorar. Segundo a noção de "espaços-entre", estes são vazios que compõem a cidade, no entanto, não é efectuada uma distinção clara entre os vazios urbanos que se assumem como fracturas na fisionomia da cidade, barreiras a uma continuidade urbana, e os vazios que estruturam a cidade plenamente cerzidos no cenário urbano.

A denominação de "intervalo" enunciada por Hertzberger, e anteriormente debatida no *Forum 7 – La plus grande réalité du seiul*, ou no *Forum 8 – Das Gestalt gewordene Zwischen: the concretization of the in-between*, ambos realizados em 1959, como é referido em *Lições de Arquitectura*[42] pelo próprio, está mais próxima da ideia pretendida para o conceito de "entre-espaços". Todavia, a ideia de "intervalo" aí defendida é feita à escala da arquitectura do edifício, mais especificamente, da soleira, da escada, da varanda,… Ainda assim o carácter social que lhe é incutido fornece talvez uma das chaves para um desenho de um vazio como lugar significante. Como entre-espaço.

Para concluir esta introdução ao conceito de "entre-espaços" julgo ser ainda proveitosa uma pequena análise à definição das palavras "entre" e "espaço".

*"**ENTRE,** prep. (lat. Inter). No meio de. No espaço que separa dois lugares. No intervalo que separa dois momentos, duas épocas; dois factos. Em número de. Dentro de. Designa diferentes relações, tais como: tempo médio, indecisão, diferenciação, diferenciação de caracteres, etc. Loc. prep. **Dentre,** do grupo composto de. **Por entre,** através de. Entre dois. Pref. Designativo de intervalo, de reciprocidade, de pouca quantidade ou força."*[43]

---

[40] SILVA, C. *"O Território Fissiforme"* in *O Difuso no Vale do Ave.* Tese de Mestrado. Porto: FAUP, 2005. Texto policopiado. pp 127-167.

[41] HERTZBERGER, H. (1991) *Lições de Arquitectura* (versão original, *Lessons for students in architecture*). São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp 32-39.

[42] *Idem*. p 32.

[43] *Dicionário Lello Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico*. DE SÉGUIER, J. (dir.). Janeiro de 1997. Porto: Lello Editores, 1997. p 423.

*"**ESPAÇO,** s. m. (lat. Spatiu). Extensão indefinida que abrange todos os seres: atribuem-se ao espaço três dimensões. Extensão superficial e limitada. Trajectória, descrita por um ponto em movimento. Intervalo entre corpos: o espaço entre duas casas. O céu, a atmosfera. Extensão de tempo. Demora, adiamento. Cabimento.* ***De espaço,*** *com vagar, com largueza.* ***De espaço a espaço,*** *aqui e ali; de quando a quando.* ***A espaços,*** *de tempo a tempo; com intervalos."*[44]

Depois de analisadas ambas entradas de dicionário, poder-se-á afirmar que própria conjunção dos significados implícitos às palavras "entre" e "espaço" fornecem premissas capazes na construção do conceito de "entre-espaços".

Da palavra "entre" é possível retirar que os vazios em questão serão criados na articulação de dois espaços, de dois lugares, e que a relação que estes estabelecem entre si ajudará a definir o carácter do entre-espaço em questão, ao unir e simultaneamente diferenciá-los nesse intervalo.

A palavra "espaço" pode revelar a capacidade de um entre-espaço ser algo delimitado, mas ao mesmo tempo estabelecer pontos de movimento e união com a envolvente. Como pode ser um ponto de permanência e fixação, e em simultâneo gerar movimento por ser um ponto de passagem. Estabelece-se num intervalo de corpos, no qual é importante ter em conta o seu dimensionamento para a definição do "espaço" e a capacidade de se sedimentar na memória do lugar em que se insira.

Assim, analisados conceitos e definições com proximidade imediata ao de "entre-espaços", é então possível estabelecer algumas premissas que podem ajudar definir o conceito. São elas:

- Vazios com capacidade de cerzir, ao invés de fracturarem a cidade;
- Vazios que geram lugares significantes e estruturam a cidade;
- A relação e a articulação entre os espaços que liga, seja interior ou exterior, privado ou público;
- Comunicação fluída, movimento, transição e passagem;
- Permanência e fixação;
- Memória e identidade.

3.1. CONCEITO DE ENTRE-ESPAÇOS

Nos termos das premissas, estabelecidas no ponto 3, como parte da sua definição, os entre-espaços devem definir, moldar, desenhar o lugar onde se inserirem de modo a garantir "porosidade" e permeabilidade urbana[45] como chave para gerar lugares significantes integrados na cidade

[44] *Dicionário Lello Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico.* DE SÉGUIER, J. (dir.). Janeiro de 1997. Porto: Lello Editores, 1997. p 451.

[45] HOLL, S. (2011). *"Hybrid Buildings"* in PER, A. *et al. This is Hybrid.* Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011. p 9.

contemporânea/ extensiva. Devem estruturar a relação de cheio e vazio na cidade ao desenhar uma forma urbana continuada, que sempre se revelou como grande virtude da cidade tradicional,[46] e assim solucionar a dispersão que as fracturas que tantas vezes se sentem na cidade actual, preservando a intimidade da vida privada e a capacidade social e "sociabilizante" da vida pública. Devem criar um espaço capaz de estruturar a articulação da relação público/ privado, exterior/ interior, propondo soluções híbridas quando necessário.

Ou seja, o conceito de entre-espaços deve ter em conta um espaço que possibilite uma abordagem com várias camadas, uma *multilayered approach*[47], capaz de adaptar-se a diferentes lugares. Assim, quando se diz que os entre-espaços devem possuir várias camadas, afirma-se que devem possuir várias características, e não obrigatoriamente vários níveis à semelhança de um edifício. Característica que determinam a importância dos entre-espaços enquanto espaços de experiências arquitectónicas e os ajudam a definir.

Essas características são fornecidas pela possibilidade de híbridez na relação de público e privado, o desejo de caminhar ou permanecer que o espaço oferece, os percursos e a memória que é estabelecida, a forma de como se habita o lugar, de como se conseguir criar espaço ou deixar espaço, o papel do cheio nos entre-espaços perante um vazio não se enquadra perante as concepções tradicionais dos elementos urbanos.

Somente assim será possível aplicar o conceito de entre-espaços a um ambiente construído.

De referir que o conceito de entre-espaços não pretende afirmar que a cidade actual deve formar os seus vazios a partir dos princípios marcados pela cidade tradicional[48], mas sim uma reinterpretação desta, quando necessário, tal como a adopção de modelos existentes, cuja concepção se enquadre na definição de entre-espaços. Os pontos que seguem na continuidade deste capítulo pretendem esclarecer isso mesmo.

3.1.1. A HÍBRIDEZ NA RELAÇÃO DE PÚBLICO E PRIVADO

Os conceitos de público e privado podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de colectivo e individual. Num sentido mais absoluto, podemos dizer que público é uma área acessível a todos a qualquer momento (a responsabilidade na sua manutenção é assumida colectivamente). Privado é

[46] SOLÀ-MORALES, M. (1992). *Projectar la Periferia* in Urbanisme Revista. Nº9/10. Barcelona: Laboratori d'Urbanisme, ETSAB – UPC, 1992. p 3.
[47] HOLL, S. (2011). *"Hybrid Buildings"* in PER, A. *et al. This is Hybrid*. Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011. p 10.
[48] BRU, E. (2001). *Coming from the South*. Barcelona: ACTAR, 2001. p 271.

uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.[49]

Tal noção de extremos deve ser contraposta, pois apesar de poderem ser vistos como estanques enquanto conceitos, eles devem conduzir a espaços que podem articular-se, fazendo cedências, atribuindo responsabilidades sociais no desenho e trato dos mesmos, criando um diálogo entre "bolhas", gradualmente ganhando acesso entre eles. Afinal é sempre uma questão de pessoas e grupos, do privado e do público, em inter-relações e compromisso mútuo, sempre uma questão de colectividade e individuo, um face ao outro, respeitando-se reciprocamente.

Então como se deve proceder à articulação do diálogo entre o público e o privado?

A hibridez na relação de público e privado num entre-espaço está presente na capacidade de um espaço estruturar a articulação entre público e privado, de maneira a que o cheio, o interior, tal como o vazio, o exterior, possam ser tanto de uso privado, como público. Ou seja, um entre-espaço deve propor soluções hibridas. Espaços versáteis, lugares significantes que se pautem pelo desejo de permanência e fixação das pessoas no espaço público da cidade, comunicando com o privado, onde a mescla de actividades e funções que advém das características de cada espaço deve ser estimulada.

É nesta relação de hibridez que vão surgir pontos de transição. Esses espaços de transição devem afirmar-se como lugares onde se propícia o contacto e a interacção. Afinal, ao Homem, "animal social", é-lhe indispensável relacionar-se com os seus semelhantes. Este contacto pode ocorrer entre elementos da família ou entre amigos próximos dentro de espaços privados. Tal como em outros contextos das mais diversas formas.

É nestes espaços que novos relacionamentos podem ter o seu início e onde se tem contacto com a realidade social. Ao mesmo tempo que o espaço privado assegura ao Homem a sensação de segurança, a vivência do espaço público permite participar e influir nos acontecimentos que o envolvem, devendo ser-lhe permitida a mesma sensação de acolhimento e bem-estar associada ao privado. Para que tal aconteça, é necessário que se criem condições de forma a possibilitar e estimular os contactos interpessoais. Deve ser tida a questão de como dar vida ao espaço público e aos espaços de transição dos edifícios. Uma *"comunicação fluída entre interior e exterior"*.[50] Ou seja, aos entre-espaços.

Um entre-espaço, que tenha presente a relação de hibridez entre público e privado, pode caracterizar-se por uma simples soleira ou por uma horta urbana como lugar de integração de vivências, articulando o privado e o público.

---

[49] HERTZBERGER, H. (1991) *Lições de Arquitectura* (versão original, *Lessons for students in architecture*). São Paulo: Martins Fontes, 2006. p 12.

[50] BOTELHO, S. *Espaços de Transição – Preservação da Privacidade e Estímulo do Contacto Social.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado. p 11.

Este conceito poderá ser explícito até na soleira de uma casa, ao marcar a entrada desta, lidando sempre com o encontro e a reconciliação entre a rua, o espaço público, e o domínio privado, por outro lado. Independentemente de ser a soleira ou uma horta urbana que melhor ajudará a definir um entre-espaço, ou o que melhor exponha o conceito seja o tratamento do espaço público de forma tal que, segundo Hertzberger, a comunidade se sinta pessoalmente responsável por eles, oferecendo o arquitecto oportunidades para que as pessoas deixem as suas marcas, criando uma identidade que possa ser apropriada e considerada por todos como um lugar que realmente lhes "pertence".[51]

Em primeiro lugar e acima de tudo, estes lugares devem criar um espaço para as boas-vindas e para as despedidas, um espaço acolhedor, um espaço comunitário.[52] A capacidade de contacto social, por exemplo, de uma horta urbana ou de uma soleira é tão importante como as paredes grossas que permitem a privacidade. As condições para a privacidade e para manter a interacção social são igualmente necessárias. Entradas, alpendres, galerias, arcadas, pátios, claustros, hortas urbanas, largos, ruas,… e muitas outras formas de espaço que sirvam de intervalo, entre o exterior e interior, público e privado.

Assim, a nível de projecto deve-se ter sempre presente as gradações necessárias às demarcações territoriais, acompanhadas pela sensação de acesso. Por vezes o grau de acesso é uma questão de legislação, mas também uma questão de convenção, que é respeitada por todos. Devem ser encorajados os espaços em que os indivíduos tenham a oportunidade de usar partes do espaço público para os seus próprios interesses, pois o carácter público do espaço por meio do uso passa de apenas temporário para possível uso permanente pela sua versatilidade. Nestes termos, é de privilegiar o uso do espaço público por residentes, como se fosse privado.[53]

Exemplo disso são as hortas urbanas denominadas de Espaço Cultural Ecológico *Passage 56*, em Paris, projectadas pelo atelier d'architecture autogérée (AAA).

O projecto *Passage 56* situa-se num antigo local de passagem no centro de uma zona residencial muito densa e socialmente problemática, no 20º *arrondissement* de Paris. Formou-se a partir de uma parceria pouco habitual entre a administração pública, as organizações locais, os profissionais e os residentes, e organizou-se um processo de consulta aberta, tendo em vista a criação de um espaço gerido colectivamente.[54]

Desde o começo e através de um processo sustentado de participação que se usaram instalações temporárias, aparelhos móveis e eventos públicos para fazer consultas aos residentes. Desta forma, foi-se eleaborando um projecto gradualmente e chegando a acordo colectivamente, onde a construção, de custos

[51] HERTZBERGER, H. (1991) *Lições de Arquitectura* (versão original, *Lessons for students in architecture*). São Paulo: Martins Fontes, 2006. p 25.
[52] *Idem.* p 45.
[53] *Idem.* pp 40-41.
[54] AAA (2011) *Experiências Participativas*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 90/91. Lisboa: 2011. pp 76-79.

reduzidos, foi efectuada por jovens locais envolvidos num programa de formação em eco-construção[55] (ver figuras 8 e 9).



Figura 8 –,*Passage 56,* Vista exterior (esquerda); Vista interior (direita), atelier d'architecture autogérée, 2006-2009.

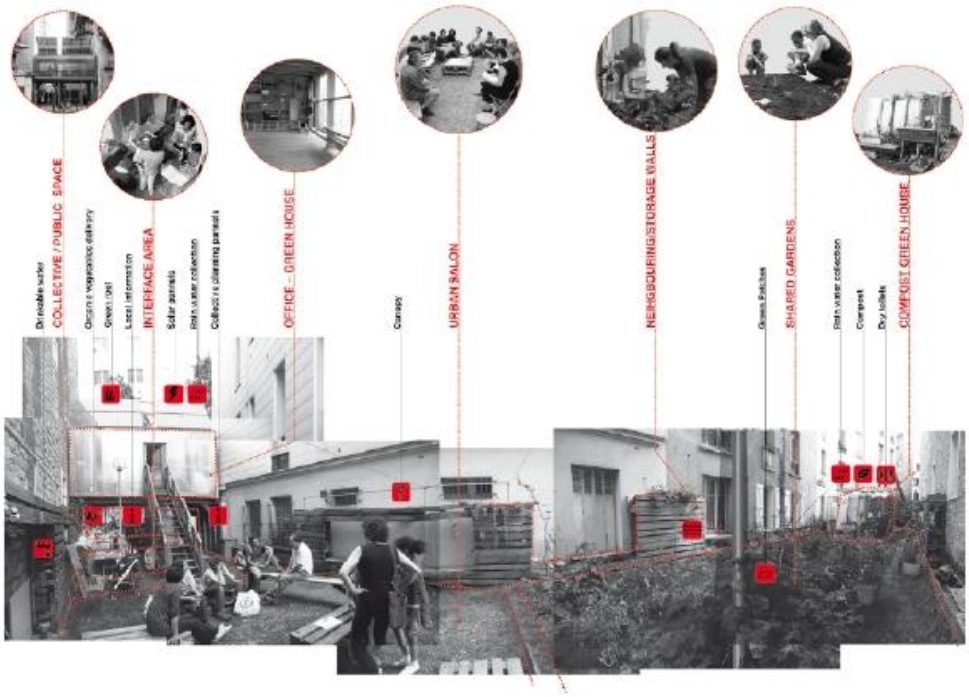


Figura 9 –,*Passage 56,* Vista panorâmica, atelier d'architecture autogérée,2006-2009.

[55] AAA (2011) *Experiências Participativas*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 90/91. Lisboa: 2011. pp 76-79.

O lote foi pensado então como um interstício ecológico, um entre-espaço onde se desenvolveu um jardim ecológico, uma horta urbana, um pequeno edifício de madeira, casas de banho secas, um colector de água, áreas de cultivo, colectores de sementes e abrigos para pássaros (ver figuras 10, 11 e 12).

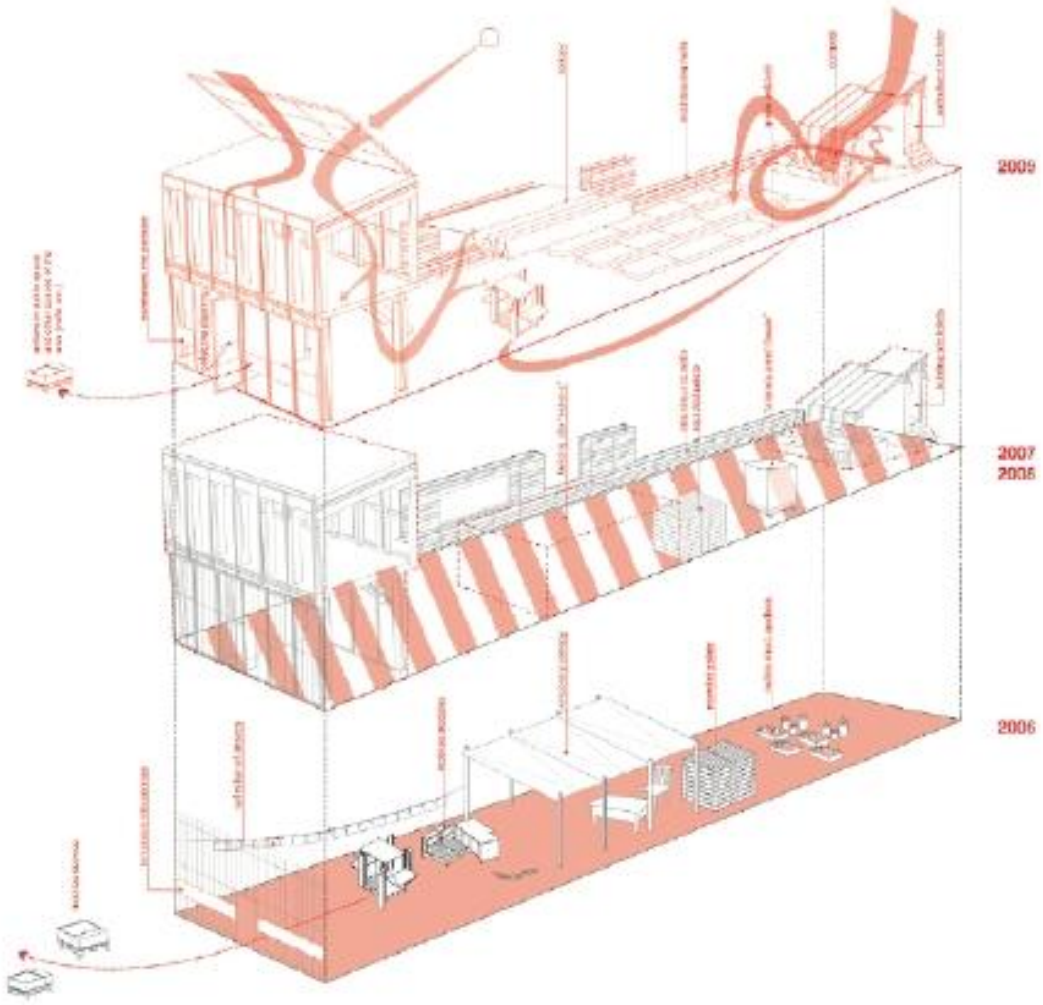


Figura 10 – Esquema evolução Usos e Funções, *Passage 56,* atelier d'architecture autogérée, 2006-2009.

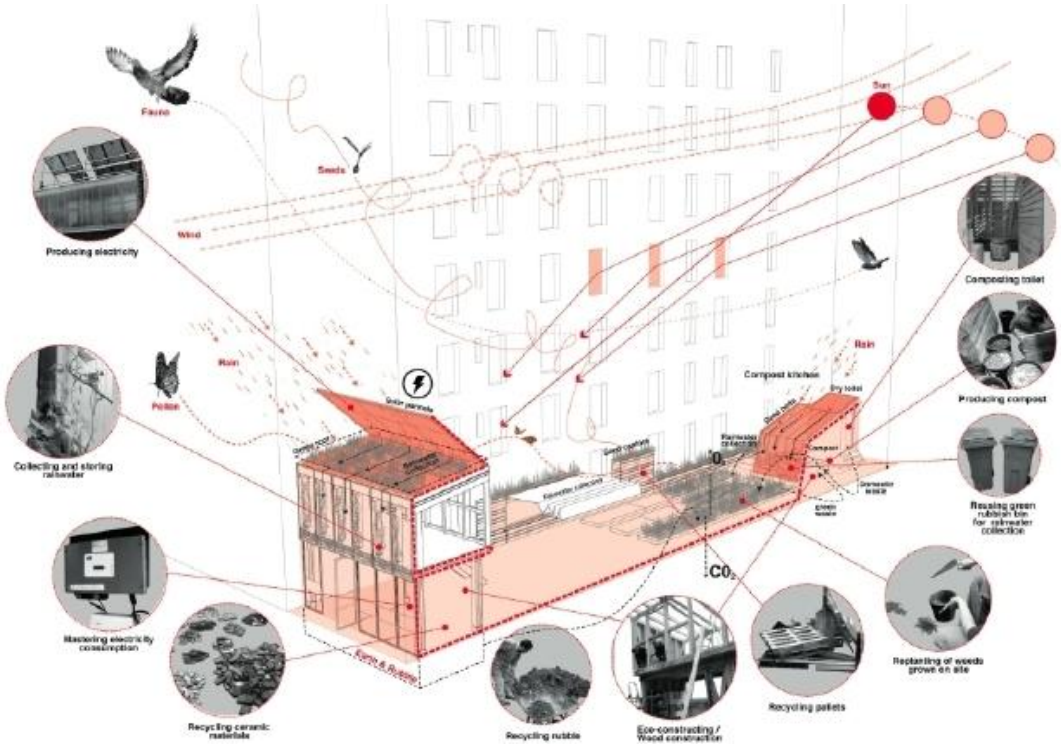


Figura 11 – Usos e Mecanismos, *Passage 56,* atelier d'architecture autogérée, 2006-2009.

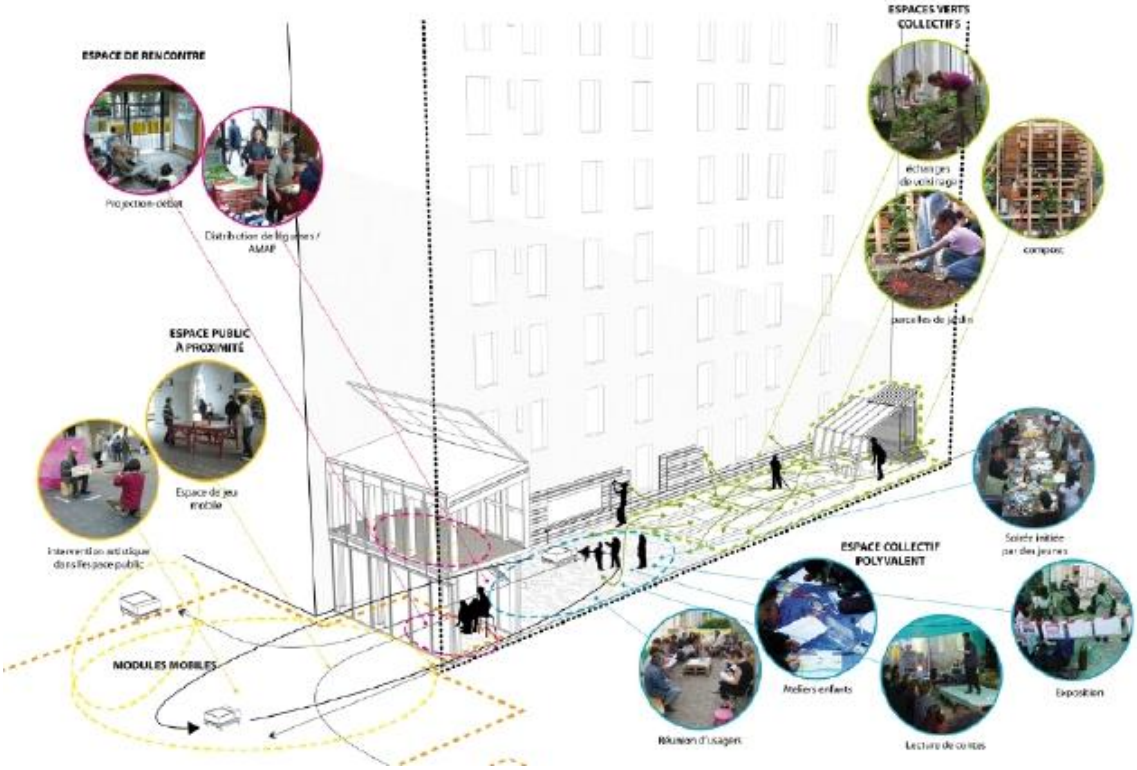


Figura 12 – Usos e Participação, *Passage 56,* atelier d'architecture autogérée, 2006-2009.

A *Passage 56* é, actualmente, gerida colectivamente por um grupo de residentes que organizam a maior parte das actividades que ocorrem durante a semana: jardinagem, projecções, debates ou encontros entre a vizinhança.[56]

Assim, uma das formas de garantir um processo de hibridização na arquitectura dos entre-espaços poderá passar por formar uma parceria público-privada – PPP.

Estas tendem a designar um qualquer modelo de contratualização entre um ente público e uma entidade privada para, a partir de uma infra-estrutura ou equipamento, prestar um serviço de cariz eminentemente público. De forma geral, uma PPP envolve as actividades de concepção, de projecto, de financiamento, de construção, de operação e de manutenção.[57]

3.1.2. CAMINHAR OU PERMANECER

Ao fomentar o contacto, a interacção social, o desejo de permanecer no local, a vivência do espaço público local permite estar informado sobre o que se passa em volta e pode inspirar o Homem.[58] Faz o Homem sentir-se bem e acolhido dentro de um determinado espaço, algo fulcral para o habitar da arquitectura. Um espaço pode assim tornar-se de usar e percorrer o espaço.

Para tal, é necessário fomentar ou intensificar percursos, capazes de fortalecer a identidade e a memória colectiva dos lugares. Criar o desejo de habitar o lugar.

Nestes termos, os entre-espaços devem ser lugares que estimulem o contacto humano em espaços que passem a ser mais do que meras zonas de circulação, para caminhar, ao transformarem-se em locais de estadia, de permanência.

Uma das formas de garantir a permanência e afluência desses espaços é por através de actividades e movimento de pessoas. As pessoas e as actividades humanas atraem outras pessoas. As pessoas sentem-se atraídas pelas pessoas. Se há muita gente, ou se está acontecer algo, a tendência é atrair mais pessoas e acontecimentos, o que conduz às actividades crescerem tanto em extensão como em duração.[59] Nestes termos, com o intuito de criar espaços vivos é necessário garantir o movimento de pessoas, mas também estabelecer lugares e condições para estadias mais prolongadas, já que a vida entre os edifícios – nos entre-espaços, enquanto espaços de transição – é fruto do número e da duração de cada um dos

[56] AAA (2011) *Experiências Participativas*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 90/91. Lisboa: 2011. pp 76-79.
[57] BORGES MARTINS, R. (2008) *Parceria Público-Privada: o Lugar da Arquitectura* in revista Jornal Arquitectos. Nº232. Lisboa: 2008, pp 26-27.
[58] GEHL, J. (2006) *Life between Buildings: Using Public Space*. Copenhaga: Arkitektens Forlag/ The Danish Arhitectural Press and Jan Gehl, 2006. p 25.
[59] *Idem*. p 83.

acontecimentos. O importante não é o número de pessoas ou acontecimentos, mas o número de minutos passados no exterior.

"*A capacidade humana de andar deu forma aos primeiros aglomerados e cidades. Como estas cidades eram estruturadas na conveniência e no conforto do peão, muitas delas eram caracterizadas por qualidades humanas de desenho.*"[60]

Devem ser criadas condições para deambular e entreter-se nesses espaços, assim como participar num amplo leque de actividades sociais e recreativas,[61] ou até mesmo estabelecerem-se percursos, com o objectivo de estimular-se a existência de zonas de estadia e interacção entre os espaços.

Veja-se como exemplo disso os caminhos e os pontos de permanência estabelecidos pela reconversão do *High Line*, em West Side Manhattan, Nova Iorque que, inspirada pela beleza melancólica do *High Line*, outrora, peça vital da infra-estrutura urbana, o projecto procura encontrar um novo lugar para esta ligação industrial transformando-a num instrumento de lazer e de estadia. Ao caminhar no *High Line* somos conduzidos ao longo da cidade, propondo-nos em simultâneo, por meio de um entre-espaço linear, acesso a vários pontos da cidade, seja de forma visual ou física[62] (ver figuras 13, 14, 15 e 16).



Figura 13 – Vista aérea, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009–2010.

[60] FRUIN, J. (1987) *Pedestians, Planning and Design*. Citado por SEMIÃO, V. *A Importância dos Espaços Públicos Pedonais na Revitalização dos Centros Históricos: A Baixa de LisboaI*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISTUTL, 2008. Texto policopiado. p 33.

[61] GEHL, J. (2006) *Life between Buildings: Using Public Space*. Copenhaga: Arkitektens Forlag/ The Danish Arhitectural Press and Jan Gehl, 2006. p 143.

[62] DILLER SCOFIDIO + RENFO (2009) *Espaços Públicos*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 73. Lisboa: 2009. pp 22-29.



Figura 14 – Corte Perspéctico, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009-2010.



Figura 15 – Vista Geral, Reconversão do *High Line*, West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009-2010



Figura 16 – Vista Geral, *High Line*, Reconversão do "High Line",
West Side Manhattan, Nova Iorque, Diller Scofidio + Renfo, 2009/2010

Este projecto é também ele sinónimo da ideia de permanência que estrutura o lugar enquanto elemento de uma memória colectiva, eternizando o desejo de habitar tal percurso.

3.1.3. PERCURSOS

Os percursos não devem ser entendidos exclusivamente como caminhos, mas sim como uma espécie de ritual interiorizado pela consciência das pessoas.[63] Para o Homem como criatura de hábitos o percurso é estabelecido ao deambular pelo tecido urbano. Ao ser dado como um hábito ou uma trajectória usual, o percurso ou a criação do mesmo torna-se uma característica importante para um entre-espaço, no sentido que cria a necessidade do usuário se apropriar desse espaço de alguma forma.

Ao estabelecer um percurso, um hábito, cria-se como que um ritual envolvendo o transeunte num acto quase sacralizado de carácter processional que o faz sentir bem com o lugar. Relaciona-se e é capaz de olhar para o percurso como um elemento de referenciação do seu quotidiano. Como algo que lhe pertence de alguma forma e lhe transmite uma sensação de segurança e bem-estar. Estabelece uma ligação com o lugar que percorre.

[63] PEREIRA, G. *Um Museu para a Cidade: expansão do museu da Cidade, núcleo séc. XX/XXI.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado. p 7.

Assim, o percurso desempenha um papel importante num lugar significante, num entre-espaço, ao gravar-se na memória do homem. Memória, essa, que lhe suscita o desejo de estabelecer percursos, criar laços e habitar um lugar, seja segundo um ritual ou pela vontade de inspirar a um. *"Os rituais mais facilmente ligados ao estar, viver e trabalhar são sobrepostos ao rituais de viajar e do intercâmbio modal de pessoas e bens, produzindo, nos casos mais bem sucedidos, partes efervescentes da cidade"*[64], ou seja, quando é criada uma noção de familiaridade com os percursos a sensação de obrigação quase que desvanece.

Exemplo disso são os arranjos exteriores de uma "praça" da Cornell University, em Ithaca, Nova Iorque, que conduzem a vários edifícios da mesma universidade, Rem Koolhaas ao projectar o Milstein Hall, um desses mesmos edifícios, demonstra parte da inteligência do desenho arquitectónico do redesenhar da praça ao salientar no pavimento os percursos que os alunos e os docentes da universidade foram demarcando ao longo dos tempos no espaço em questão. Apropria-se, assim, da memória desses trajectos que conduzem os usuários entre espaços. O seu desenho manifesta-se assim fundamental para compreender o presente entre-espaço, assume-se como uma mais-valia para o projecto do Milstein Hall que foi colocado sobre "princípio" ou "fim" de parte desses percursos, seguindo a lógica dos outros espaços que concorrem ao mesmo entre-espaço (ver figura 17).

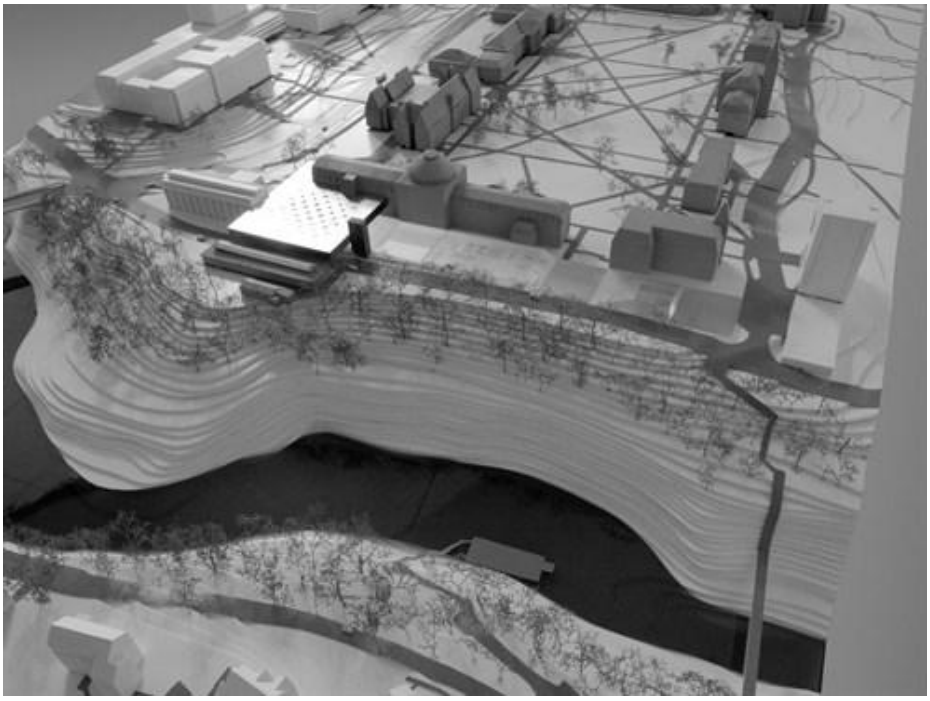


Figura 17 – Maquete do projecto Milstein Hall e arranjos urbanos envolventes, Cornell University, Ithaca, Nova Iorque, Rem Koolhaas, 2006.

[64] MARINONI, G. (2009) *La mediazione della città/Mediation of the city* in revista Lotus. Nº139. Milão: SKIRA, 2009. pp. 75-79. Citado por CARDOSO, D. *Plataformas em Rede. Um interface urbano para as redes de transporte e digital.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado. p 59.

3.1.4. MEMÓRIA

À semelhança dos percursos, a memória que temos de um lugar acaba por ser gerada em parte por hábitos que adquirimos. Contudo, aquilo que nos faz ter uma boa memória sobre um espaço é o que nele podemos tocar, ver, ouvir e cheirar a arquitectura. É o recolher de experiências que funciona como um trabalho de memória.[65] É esse fazer lembrar, rememorar[66] que nos permite identificar com um lugar.[67]

Essa memória conjunta das experiências arquitectónicas contidas num lugar capazes de se repetir no seu tempo e fora dele, esse espírito, essa identidade do passado numa eternamente presente e contemporânea reinterpretação são qualidades inerentes à arquitectura que poderão afirmar essa característica de lugar significante. São os seus valores sociais, culturais, humanos que legitimam a procura do homem pela sua essência.[68]

Assim, essa sensação de acolhimento, de retiro que o homem procura num espaço é uma característica importante a deter num entre-espaço para que este se afirme como um lugar significante onde o abraçar contínuo de algo maior que si, o estabelecimento dessa relação de afectividade tornam-na única, necessária, e insubstituível; o acolher presente no simples valor de uso identifica a essência da Arquitectura do entre-espaço.

Um entre-espaço ao preservar a Memória, lugar de construção de identidade, mediante o acumular de experiências críticas, torna os usuários do espaço actores não reverentes, não passivos, mas activos e comovidos.

Este sentir em casa, a capacidade de num espaço recolher, nele vivenciar experiências e reviver memórias nossas ou colectivas são inevitavelmente uma característica apreciada pelo Homem enquanto ser sociável e "sociabilizante".

A relação de vazios estabelecida entre a Praça D. Pedro IV e a Praça da Figueira é o exemplo em como a memória pode influir na caracterização de entre-espaços. A Praça D. Pedro IV, também conhecida por Rossio representa um espaço no cerne da cidade de Lisboa que apesar dos diferentes usos e utilidades que possuiu ao longo dos séculos desde touradas, festivais, paradas militares, autos-de-fé durante a inquisição, comícios ou manifestações políticas,… presenciou nas mais diversas actividades sociais, culturais e políticas uma sensação de pertença à cidade e aos seus transeuntes e, ou habitantes.[69]

---

[65] ZUMTHOR, P. (1999) *Thinking Architecture*. Basel: Birkhauser, 1999. pp.57-59.
[66] PEREIRA, G. *Um Museu para a Cidade: expansão do museu da Cidade, núcleo séc. XX/XXI*. Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado. p 20.
[67] ABREU, P. M. *O Destino do Monumento*. p 6. [PDF]
[68] PEREIRA, G. *Op. Cit.* p 20.
[69] PASSOS, B. *Intervenções Contemporâneas em Espaços Públicos pré-existentes. O Tema da Praça*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISTUTL, 2008. Texto policopiado. p 33.

As pessoas identificam-se com a memória colectiva do lugar. Contudo, não é o Rossio ou a Praça da Figueira que conformam entre-espaços, mas sim os vazios que entre elas e outros vazios – Praça D. João da Câmara, Restauradores, Largo S. Domingos – estabelecem comunicações. São, por exemplo, os pequenos arruamentos ou recantos junto ao Teatro D. Maria II que articulam os espaços referidos e congregam pontos de encontro e permanência, por vezes mais vividos que as próprias praças ou largos. Aqui, sim, verificam-se entre-espaços. Espaços que estabelecem hábitos e percursos na memória (ver figura 18.).

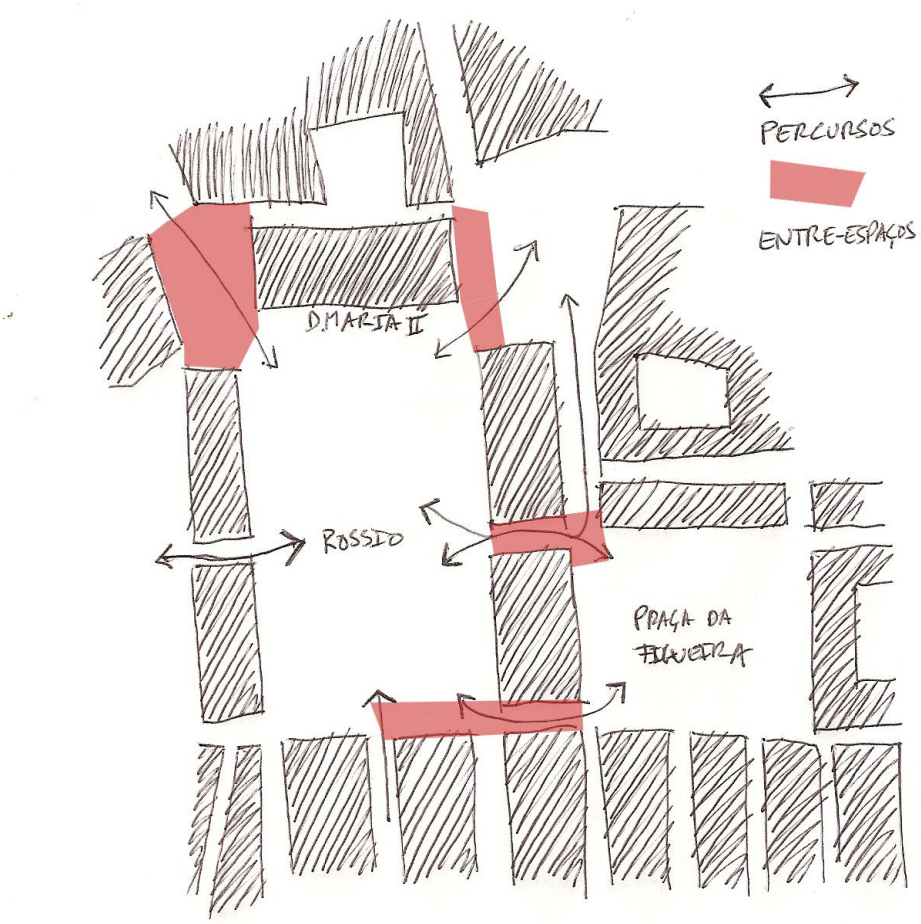


Figura 18 – Esquema de Entre-espaços na articulação do Rossio e Praça da Figueira.

3.1.5. HABITA O LUGAR

A Arquitectura de um lugar tem como fito fazer habitar. Segundo Heidegger, Poeticamente o Homem Habita.[70] No habitar reúne-se condições para ser livre, estar bem, em paz, protegido,

[70] HEIDEGGER, M. (1971) *Poetry Language and Thought*. Nova Iorque: Harper Collins, 2001.

resguardado, seguro. Um sítio onde o Eu pode ser Eu, onde é simbólico de si, fala de si. Preserva-se na sua essência.

O Homem é na medida em que habita[71], na medida em que estabelece relações, com os outros e com as coisas.

Para habitar um lugar deve criar-se *"um «ninho seguro» – um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que as nossas coisas estão seguras e podemos concentrar-nos sem sermos perturbados pelos outros – é algo de que cada indivíduo precisa tanto quanto o grupo. Sem isso não pode haver colaboração com os outros. Se você não tem um lugar que possa chamar seu, você não sabe onde está!"*[72] Assim, a morada acolhedora do nicho seguro, do ninho protector é estabelecido pelo espaço privado ou espaço público que o envolve. Ou seja, quando é estabelecida uma relação de proximidade e confiança entre o cheio e o vazio, os espaços e os entre-espaços, onde o Homem Habita na plenitude o Lugar em que se insere (ver figura 19.).

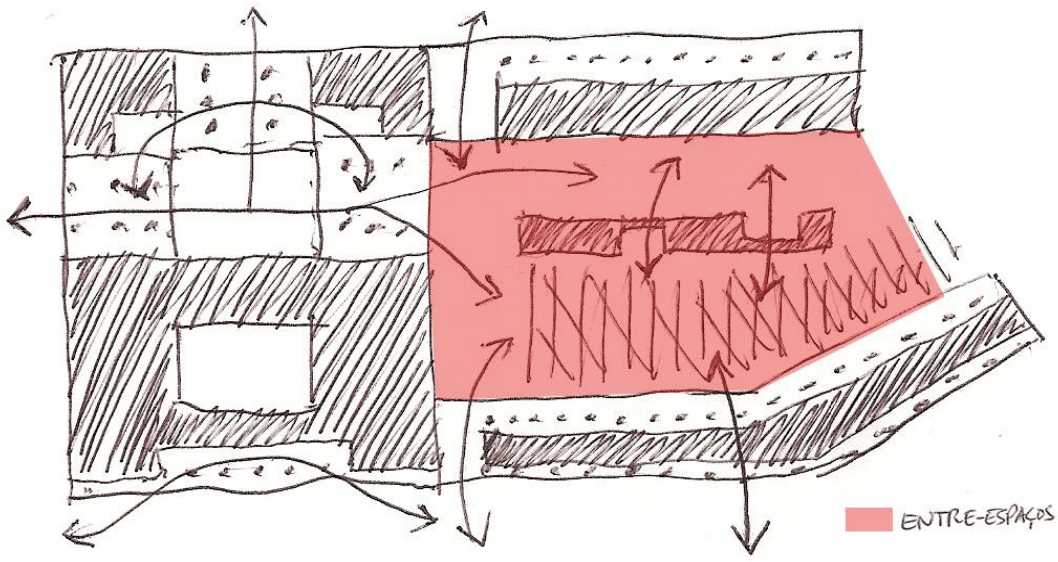


Figura 19 – Esquema conceptual de articulação de um exemplo de Entre-espaços.

[71] HEIDEGGER, M. "*Construir, Habitar, Pensar"* in *Homem e Espaço: Colóquio de Darmstadt II*. Darmstadt, 1951. 10 pp. [PDF]

[72] HERTZBERGER, H. (1991) *Lições de Arquitectura* (versão original, *Lessons for students in architecture*). São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp 28.

Para habitar o lugar o homem não deve recear sair de casa, pois o espaço imediato que a envolve também é a sua morada. Aliás, ele deve sentir a necessidade e interesse em deambular e usar o que lhe serve na proximidade da sua casa, seja para ir às compras, à mercearia, aos cafés e restaurantes, ao banco, à biblioteca, ao ginásio,…[73] Assim, esse lugar é desejado, é procurado, é vivido e presenciado. Adquire significado, e no diálogo de espaços o entre-espaço torna-se num vazio estruturante que serve os interesses da população que o envolve. Criar e suscitar experiências. Adquirir rituais.

Exemplo disso, é o projecto *Kitchain*, em Fribourg, desenho em parceria pelos MOOV e Benedetta Maxia no âmbito do BBI Festival que, para além da sua programação artística, aspira a criar uma comunidade temporária de artistas e público (ver figura 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26).

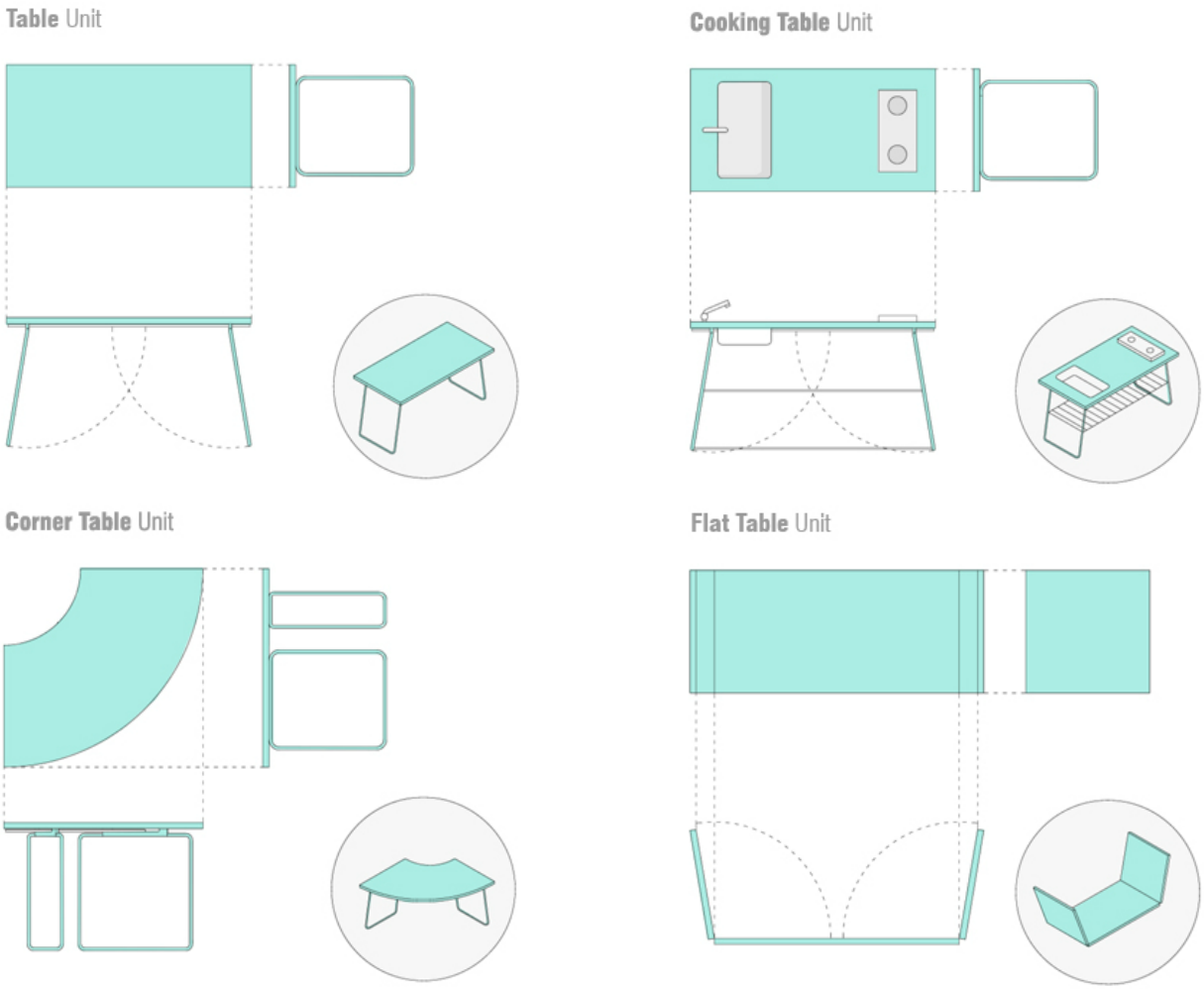


Figura 20 – Unidades Modulares, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.

[73] BOTELHO, S. *Espaços de Transição – Preservação da Privacidade e Estímulo do Contacto Social.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado. pp 28-29.

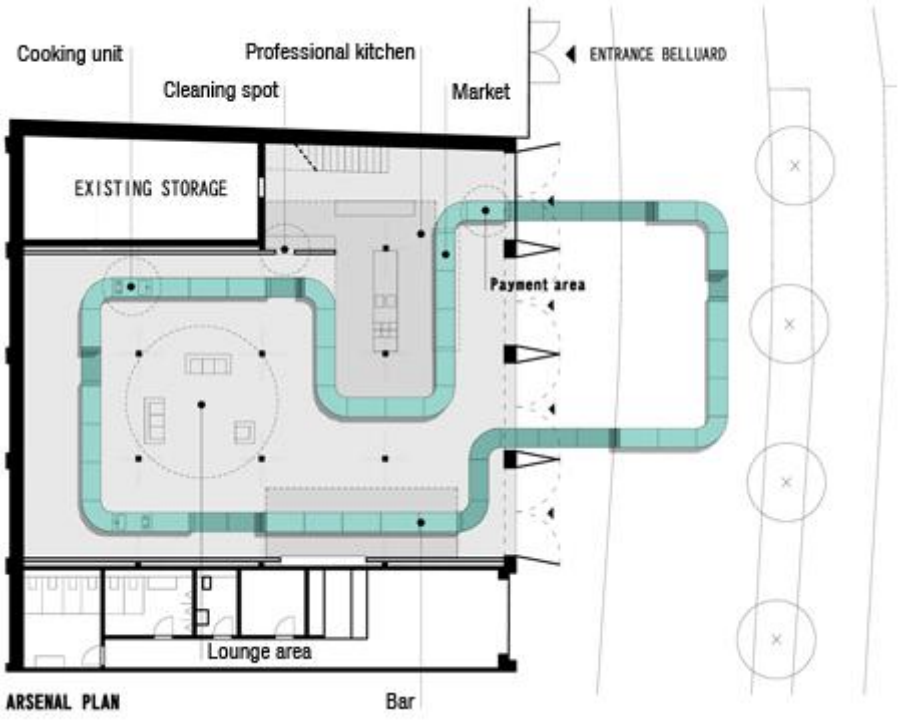


Figura 21 – Planta, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.

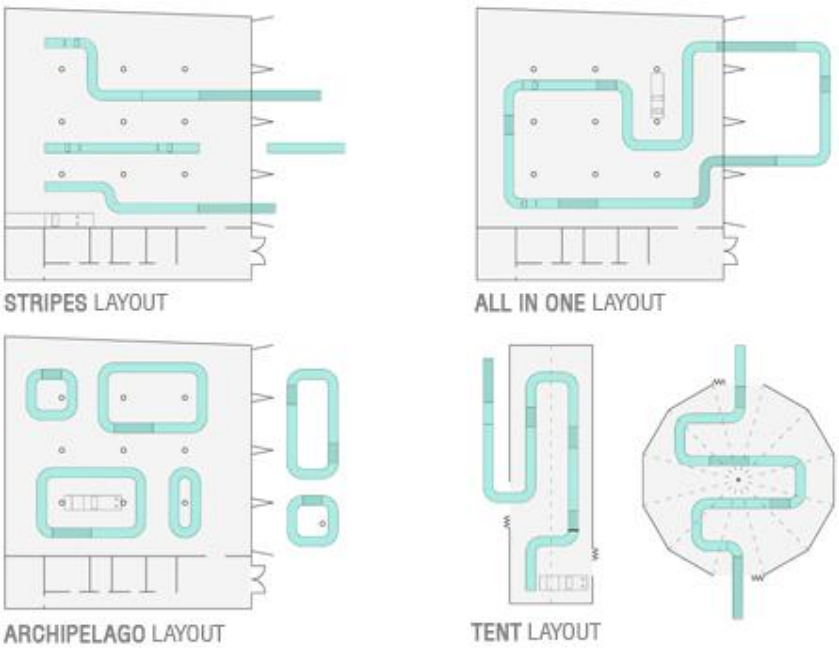


Figura 22 – Possíveis organizações em planta, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.

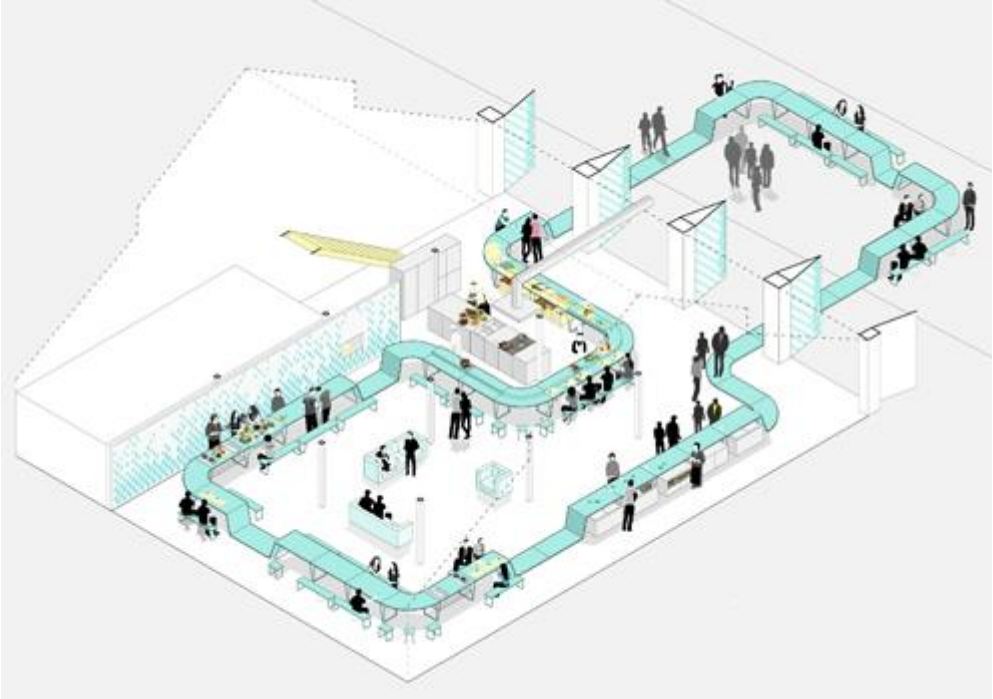


Figura 23 – Axonometria, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.



Figura 24 – Vista exterior, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.



Figura 25 – Vista interior, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.



Figura 26 – Vista geral exterior, *Kitchain*, Fribourg, MOOV + Benedetta Maxia, 2009.

Assim, com o intuito de amplificar esta ideia de encontro social, foi desenhado um sistema de cozinha onde cada um pode decidir em cada dia entre um papel activo ou passivo: activo porque pode fazer a sua própria refeição; passivo porque pode optar por observar os cozinheiros profissionais em acção e provar as suas iguarias. O objectivo é criar uma cozinha comunitária onde todos podem fazer parte.

Em suma, para existir uma boa relação entre o Homem, a sua necessidade de Habitar e o Lugar, não devem ser só tomadas em consideração as razões do Homem para construir e habitar com as suas experiências e a sua memória, como também deve ser tido em conta que ao lugar corresponde também uma memória, e essa memória, que aspira a experiências arquitectónicas, é estruturante no Homem. O lugar apenas se constitui enquanto lugar pela relação que estabelece com o seu habitante. O habitante apenas estabelece uma relação a partir do momento em que torna seu o lugar.[74]

Comungando com o homem que o habita, o lugar, o entre-espaço, estabelece laços de intimidade. As repercussões subjectivas que gera sobre o homem tornam a arquitectura desse lugar insubstituível. Não existindo o Homem, e este não existindo sem o Habitar, o entre-espaço deve ligar-se ao Homem, numa correspondência entre o Eu, o Lugar e a necessidade de o habitar.

3.1.6. PAPEL DO CHEIO NOS ENTRE-ESPAÇOS

Os entre-espaços na qualidade de vazios dependem sempre de cheios para puderem ser cerzidos devidamente no cenário urbano. Assim, o desenho dos cheios deve potenciar as relações de hibridez entre espaço público e privado (ver ponto 3.1.1.), tal como a relação entre interior e exterior que conduzem os usuários de um espaço a atravessá-lo ou nele permanecer.

O cheio para potenciar o vazio deve oferecer possibilidades programáticas que em conjunto com a capacidade de ambos articularem as relações público/ privadas e influenciarem mutuamente a sua morfologia. No entanto, a sua morfologia não deve ser ditada apenas por um programa, por um deleite ou espanto estético criado em seu torno, pois o risco, principalmente deste último, revela uma qualidade efémera, característica da imagem e forçosamente deixa a forma vazia com o passar do tempo, revelando-se incapaz de abrigar memória.

Nestes termos, a configuração de um significado para o espaço é indispensável para o que este nos pretende comunicar. Deve-se entender o que é para mim, onde me é útil, me envolve, interfere comigo; onde participa no Eu, e é estabelecida uma relação assente na veiculação do reportório de

[74] PEREIRA, G. *Um Museu para a Cidade: expansão do museu da Cidade, núcleo séc. XX/XXI*. Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado. p 17.

experiências e memórias do participante, com referente na obra de Arquitectura. O seu porto de abrigo, e simultaneamente o seu prolongar e contacto com o exterior.

O cheio deve então surgir como uma arquitectura oportunista que tire partido das suas múltiplas funções. Deve funcionar como um agente chave que revitalize o panorama urbano onde se inserir.[75] O cheio deve ser mais uma camada a fazer parte da *multilayered approach* da qual vivem e dependem os entre-espaços, onde o cheio deve ter uma capacidade de tratar o programa perante todas as camadas de uso e funções dentro e fora do cheio, ao articular em uníssimo com o vazio as relações entre público e privado.

É fundamental poder proporcionar uma arquitectura vivida e experienciada assente na cidade, integrada na envolvente do cenário urbano.[76]

O papel do cheio ao potenciar o vazio enquanto entre-espaço é concentrar a dispersão que tantas vezes se sente na cidade actual, preservando a intimidade da vida privada e a capacidade social da vida pública. Devem trabalhar em conjunto de forma a conseguir produzir uma força constante de actividade continuadas, ao fazer o programa aplicado trabalhar como uma arquitectura a tempo inteiro. Ou seja, limitada ao mínimo pela questão temporal. Fazer com que o acesso e a permanência no espaço público proposto pela arquitectura sejam assegurados, tal como a intimidade do espaço privado.

A mistura de usos catalisada nos cheios acaba por ser uma força motriz que actua como um sistema de vasos comunicantes[77] de vazios plenamente estruturados e integrados, ou seja, de entre-espaços capazes de proporcionar um conjunto de actividades previstas, como imprevistas numa cidade.

3.2. OS ENTRE-ESPAÇOS COMO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Num ambiente arquitectónico construído deve vislumbrar-se um espaço que transmita uma atmosfera e uma fracção do que nós sentimos que possa ser. A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver.[78]

Entre a serenidade e a sedução, seja por soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre interior e exterior, todo assente numa sensibilidade incrível para com o lugar, numa concentração repentina que nos envolve e segura, desenrola-se então o jogo entre o indivíduo e o público,

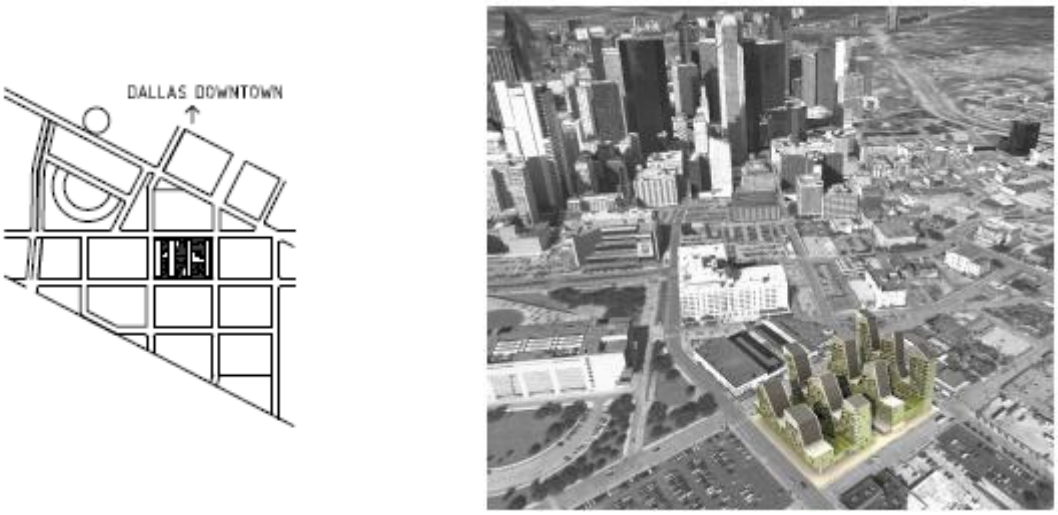
[75] HOLL, S. (2011), *"Hybrid Buildings"* in PER, A. *et al. This is Hybrid*. Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011. p 9.
[76] PER, A. *et al.* (2011) *This is Hybrid*. Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011. p 44.
[77] *Idem Ibidem.*
[78] ZUMTHOR, P. (2006) *Atmosferas: entornos arquitectónicos – as coisas que rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. pp 12-13.

entre a privacidade e o público,[79] tensões com que os entre-espaços na qualidade de arquitectura devem trabalhar.

Exemplo disso é o projecto *Forwarding Dallas*.

3.2.1. *FORWARDING DALLAS*, UMA ESTRATÉGIA PARA A EXPERIÊNCIA ARQUITECTÓNICA

Seleccionado como projecto vencedor do concurso internacional denominado Re: Vision Dallas, concurso lançado fruto de uma parceria entre a Urban Re:Vision e a Central Dallas Community Development Corporation, o projecto denominado de *Forwarding Dallas* é produto da colaboração entre os ateliers de arquitectura portugueses MOOV e Data. O desafio consistiu em transformar um lote vazio localizado nas traseiras do edifício do município numa comunidade carbono zero, e assim capaz de integrar o *Eco-District*, bairro com uma vertente residencial, comercial e equipamentos urbanos, de modo a servir de modelo de trabalho para uma sustentabilidade urbana no mundo.[80]



A B

Figura 27 – (A) Planta localização; (B) Vista aérea, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

[79] ZUMTHOR, P. (2006) *Atmosferas: entornos arquitectónicos – as coisas que rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. pp 43-58.

[80] MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto – *PRESSKIT* [PDF] e entrevista conduzida pelo autor [PDF].

A maioria da informação referente a este projecto foi fornecida por parte do atelier DATA e por parte do arquitecto António Louro (MOOV), um dos autores e colaboradores da equipa de projecto, através de uma entrevista[81] (ver anexo 1) conduzida pelo autor deste trabalho.

O grande objectivo deste projecto não foi apenas construir uma estrutura física, mas criar os meios para que uma comunidade nele pudesse habitar. Ou seja, ter em consideração unicamente um sistema que promovesse a arquitectura sustentável do ponto de vista ecológico seria apenas pensar em metade da equação. Este projecto visa modernizar Dallas, tal como promovê-la ao mundo como paradigma de uma solução possível de aplicar em outras cidades que enfrentem os mesmos problemas. Pretende projectar um modelo de quarteirão e porção de cidade para o futuro, daí ser apelidado de *Forwarding*[82] *Dallas.*

Segundo o Esquema Holístico (ver figura 29) desenvolvido no âmbito do projecto *Forwarding Dallas* as abordagens que serviram para o desenho do projecto consideraram primordialmente quatro factores. Acessibilidade, habitações e/ ou habitáculos que proporcionem uma vida confortável a qualquer utilizador. Eficiência, o desenho devia permitir e estimular os relacionamentos sociais. Lucrativo, deveria equacionar oportunidades de trabalho. Viável, na vertente económica, social e ambiental, relacionando as três entre si (ver figura 29, 30).



Figura 28 – Vista panorâmica a partir da rua, *Forwarding Dallas*, MOV + Data, 2009.

[81] CASTANHEIRA, D.; RODRIGO, R. (2011) *Forwarding Dallas: Sustentabilidade Ecológica e Social* in Revista ENTREmais. Ano 1.Nº2/3. pp 18-27. [PDF]

[82] *Forwarding* pode ser traduzido para português como "encaminhar, encaminhamento, para a frente, avanço, avançar, salto em frente" (tradução livre).

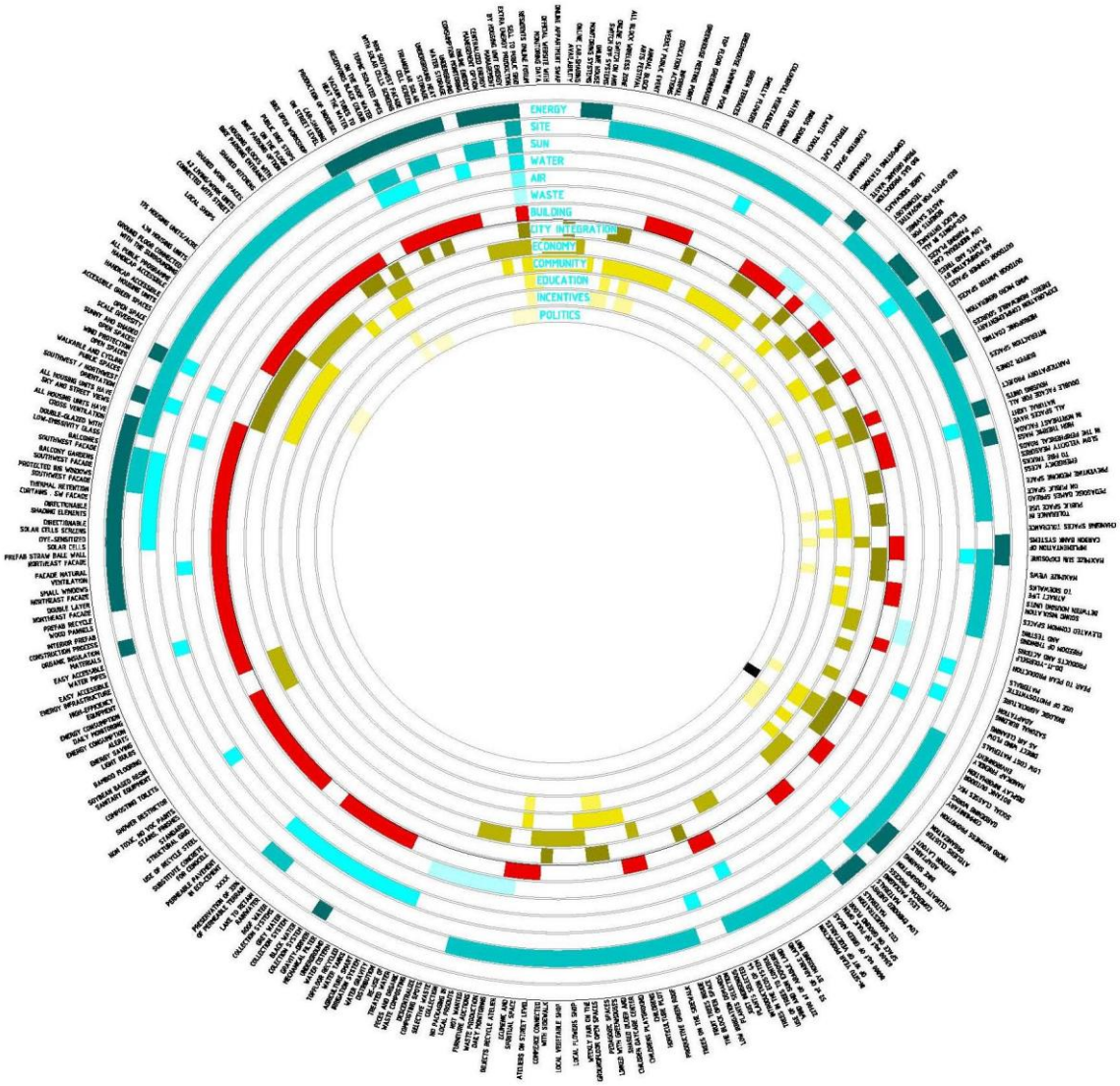


Figura 29 – Esquema Holístico, *Forwarding Dallas*, MOV + Data, 2009.

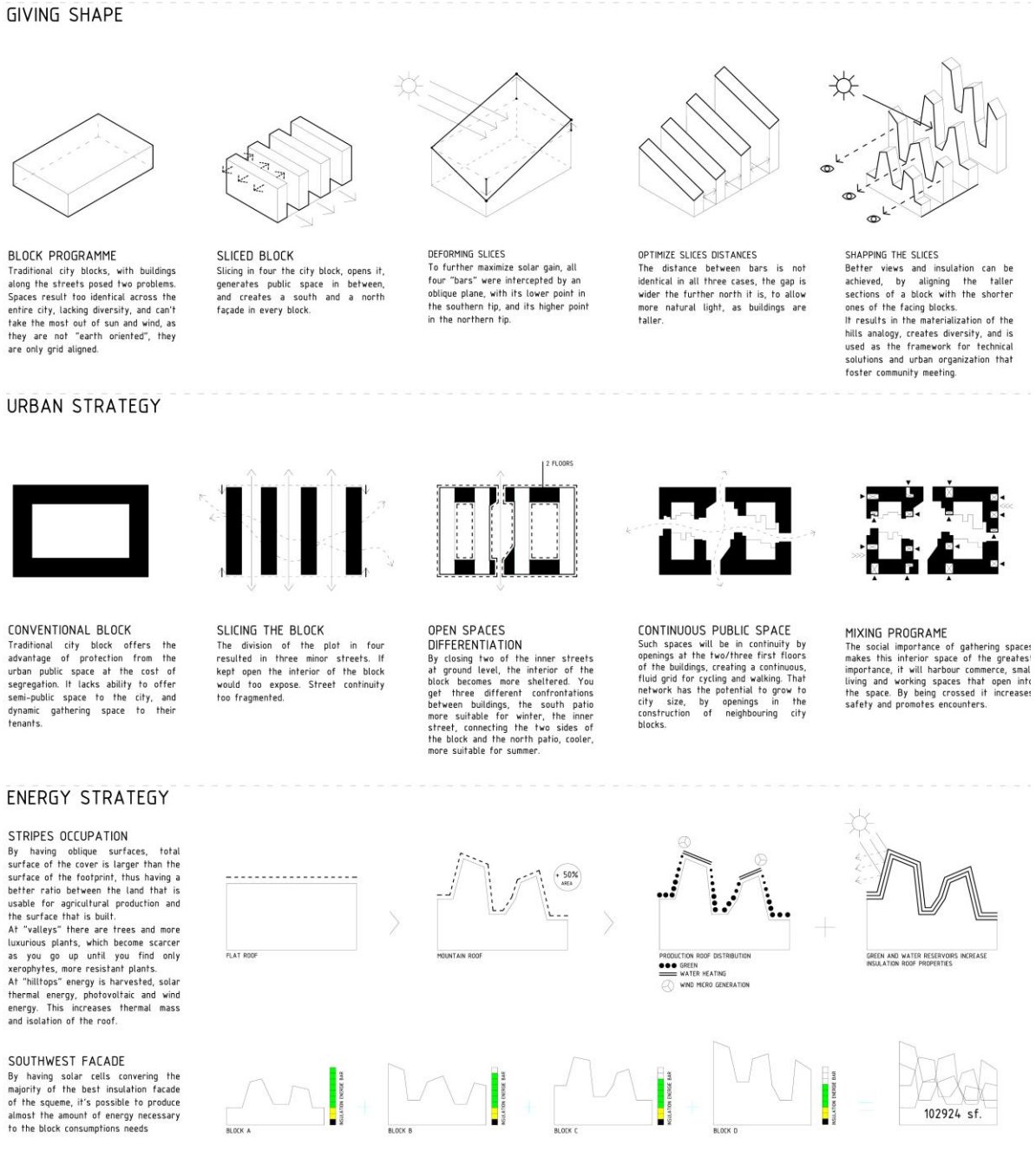


Figura 30 – Modelação, Estratégia Urbana e Energética, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

Neste projecto os vazios criados no cheio do quarteirão são entre-espaços que tratam de forma inteligente a hibridez que estabelecem na relação de público e privado, pela possibilidade que criam de caminhar ou permanecer, entre os vazios e no atravessar dos cheios suscitando o desejo de interacção e permanência no espaço público que é oferecido. Estabelece percursos entre os edifícios, entre os entre-espaços, e entre o construído e o resto da cidade. Respeita a memória do lugar que habita ao respeitar a lógica de organização em quarteirão. Por entre os cheios cria e deixa espaços e percebe-se claramente o papel do cheio nos entre-espaços. O seu dimensionamento é pensado, tal como os materiais que lhe são aplicados (ver figuras 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41).

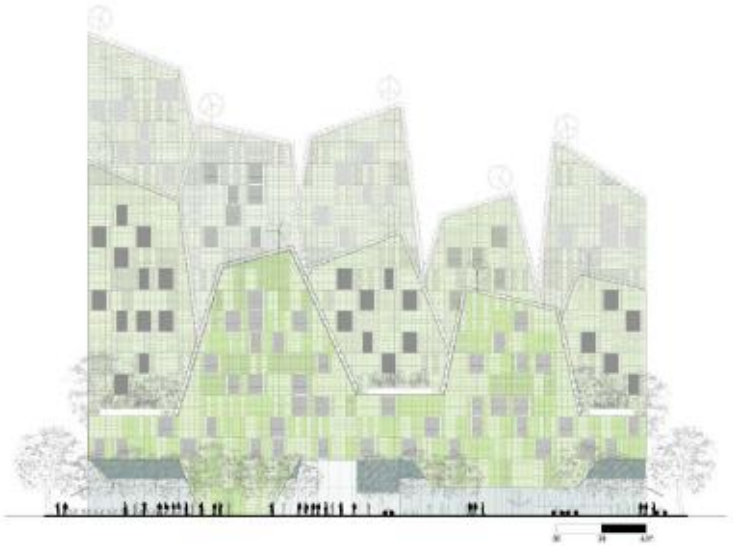


Figura 31 – Alçado Sul, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

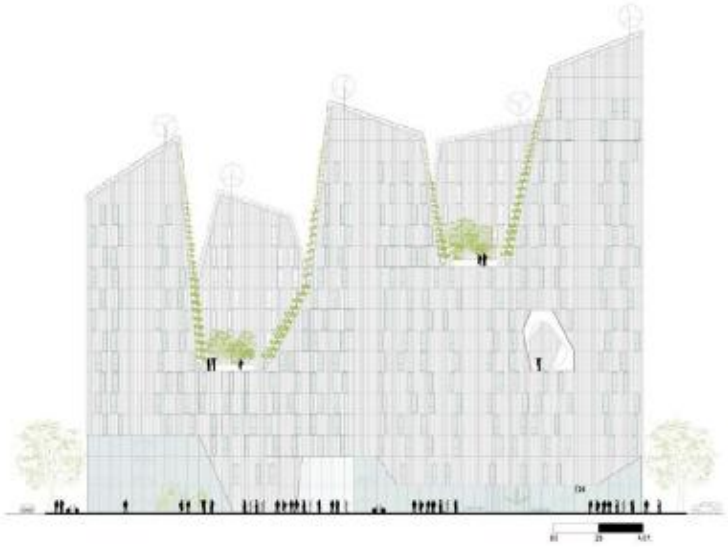


Figura 32 – Alçado Norte, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 33 – Corte Transversal, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

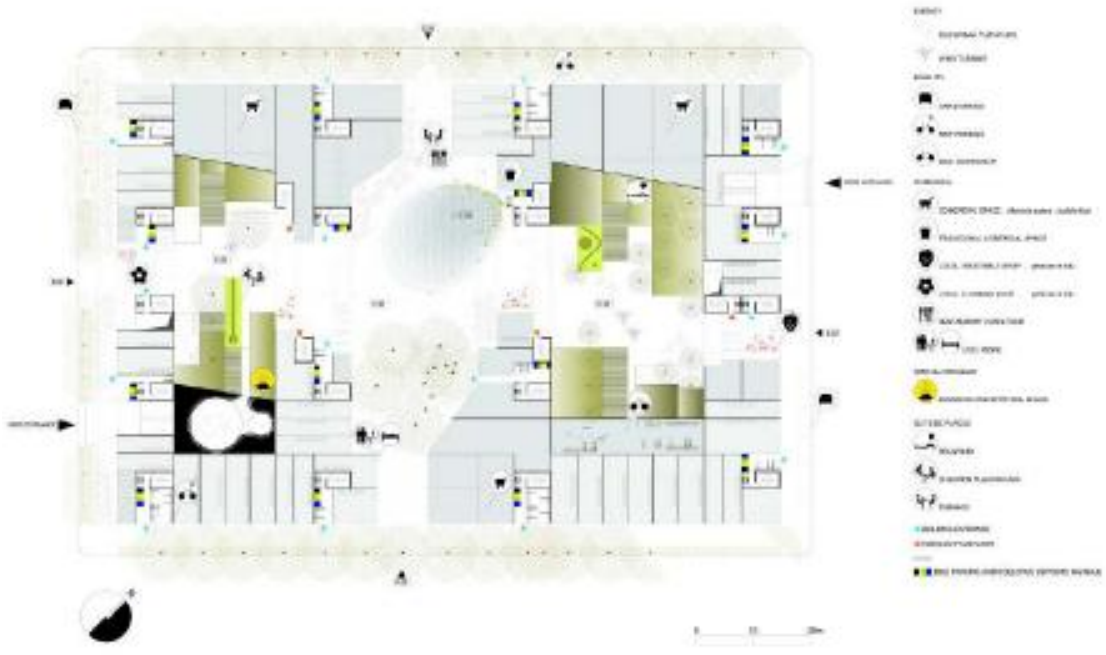


Figura 34 – Planta nível 0, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

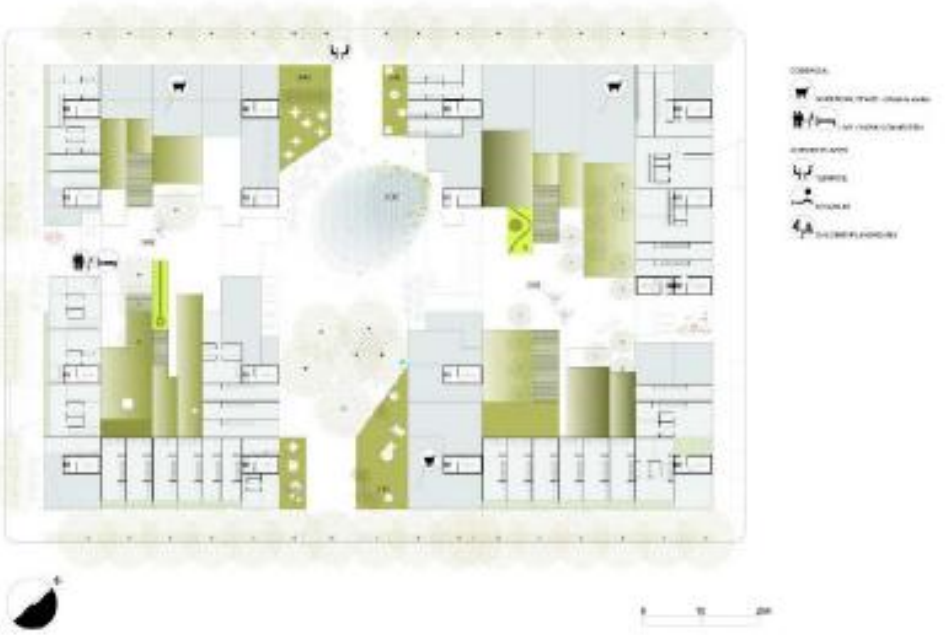


Figura 35 – Planta nível 1, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 36 – Planta nível 4, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 37 – Programa geral, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 38 – Tipologias habitacionais, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 39 – Programa Complementar, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

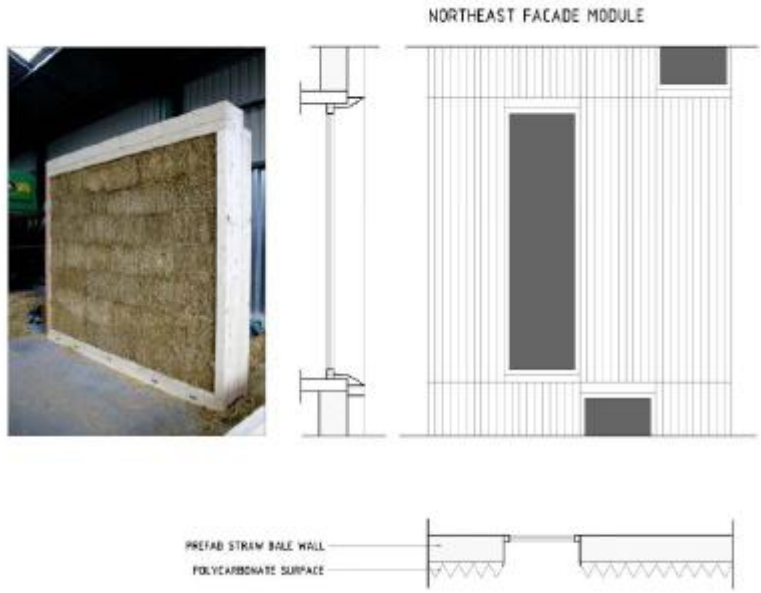


Figura 40 – Materiais fachada Norte, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

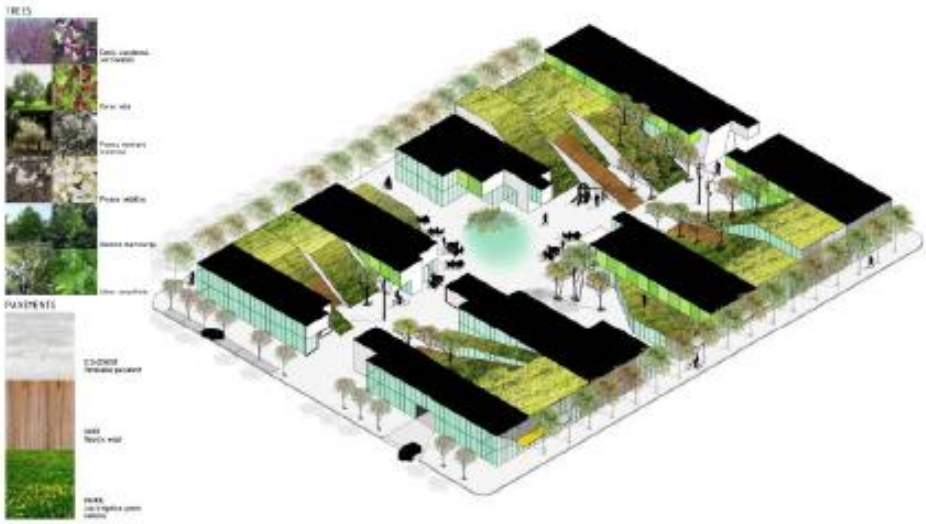


Figura 41 – Isometria explicative do plano de materiais e estrutura verde do pavimento, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

Estas estratégias por si só não podem ser colocadas em prática por uma solução única, mas sim através de múltiplos sistemas. Contudo, não é só o desenho arquitectónico que sustentará o edifício, mas principalmente a importância de ter uma comunidade dinâmica que interaja e participe com a arquitectura.

O facto de o homem abraçar a arquitectura como parte da sua comunidade, do seu percurso itinerante na cidade, capacita e cerze estes lugares à malha urbana. Cria lugares significantes na cidade. Cria entre-espaços capazes nas valências que o caracterizam (ver figuras 42, 43 e 44).



Figura 42 – Vista de entre-espaços/ fachada Sul, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 43 – Vista de entre-espaços/ fachada Norte, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.



Figura 44 – Vista da cobertura verde, *Forwarding Dallas*, MOOV + Data, 2009.

4. CERZIR O BAIRRO PADRE CRUZ COM A CIDADE

4. CERZIR O BAIRRO PADRE CRUZ COM A CIDADE

Exposta a problemática das fracturas na fisionomia das cidades como uma das debilidades que o Bairro Padre Cruz apresenta e delineada a definição e o conceito de Entre-espaços nos capítulos anteriores, importa, agora, compreender melhor também as potencialidades e outros problemas que o caso de estudo do Bairro Padre Cruz apresenta, através de uma descrição mais aprofundada do mesmo.

Assim como enunciar o papel que os entre-espaços poderão desempenhar no cerzir o bairro de novo com a cidade de Lisboa, aplicados num sistema urbano proposto capaz de estruturar o território em questão como que um prolongamento natural da cidade.

4.1. BAIRRO PADRE CRUZ

4.1.1. DESCRIÇÃO E ENQUADRAMENTO

Inserido na área metropolitana de Lisboa, o Bairro Padre Cruz situa-se entre a Pontinha e Carnide, na fronteira do concelho lisboeta e o de Odivelas. Actualmente estima-se que este bairro português seja o maior bairro da Península Ibérica em termos de habitantes ao possuir 12 mil residentes numa área total de 38 hectares[83] (ver figura 45).

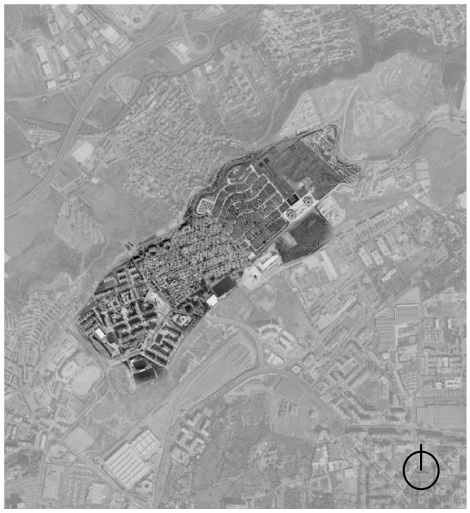


Figura 45 –Localização do bairro no contexto da cidade de Lisboa.

[83] *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. pp 3-4. [PDF]

O Bairro Padre Cruz ocupa parte da estrutura ecológica planeada para a cidade de Lisboa (ver figura 46). Caracteriza-se por ser um bairro urbano com uma orientação solar bastante favorável e por uma diferenciação entre os edifícios – nas tipologias (esquerdo-direito/ banda) e na escala (ver figura 47).

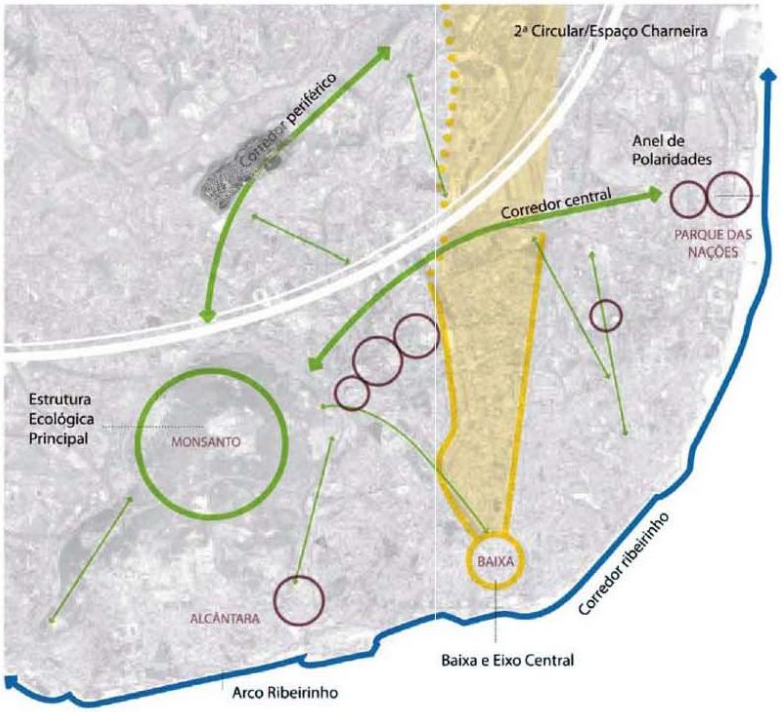


Figura 46 – Estrutura Ecológica da Cidade de Lisboa e a sua relação com o Bairro.

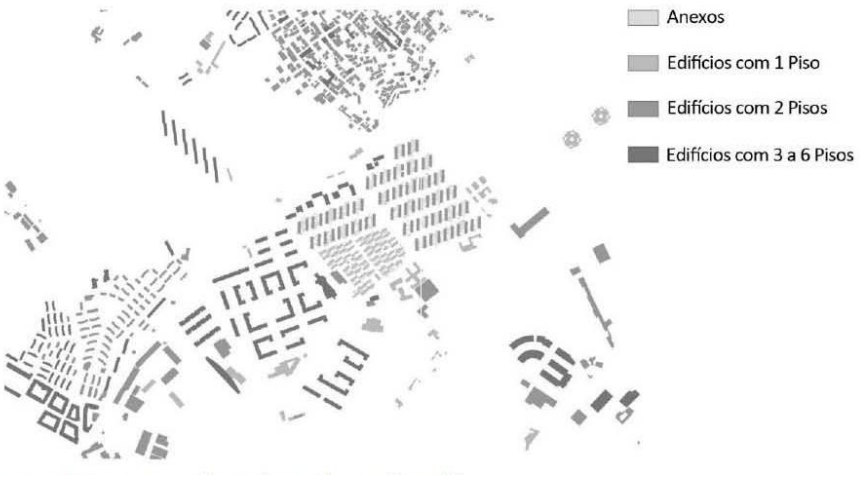


Figura 47 – Bairro Actualmente (2012) - Tipologias dos Edifícios.

Apesar da sua proximidade com parte dos sistemas de transportes públicos que servem a cidade – Metropolitano de Lisboa e autocarros da Carris – o bairro ao ser composto apenas por unidades habitacionais, e os poucos serviços ou comércio que dispõe serem insuficientes para servir a população em questão contribuem para um isolamento ainda maior deste território, a juntar ao facto de ser rodeado por barreiras que fracturam a sua ligação imediata à cidade, conforme mencionado no capítulo **2**.

Essas barreiras são formadas em todos os seus limites. A Norte por um acentuado declive que dificulta o seu contacto com Odivelas, a Sul por um terminal de manutenção e reparação do Metropolitano de Lisboa, ou seja, vias ferroviárias, tal como terrenos vazios ou hortas urbanas não integradas devidamente com o território. A Este encontra-se o cemitério e a oeste é tamponado pelo Regimento de Engenharia nº1 do Exército, assim como, por outros tantos vazios e hortas urbanas não cerzidas devidamente no tecido urbano (ver figura 48).

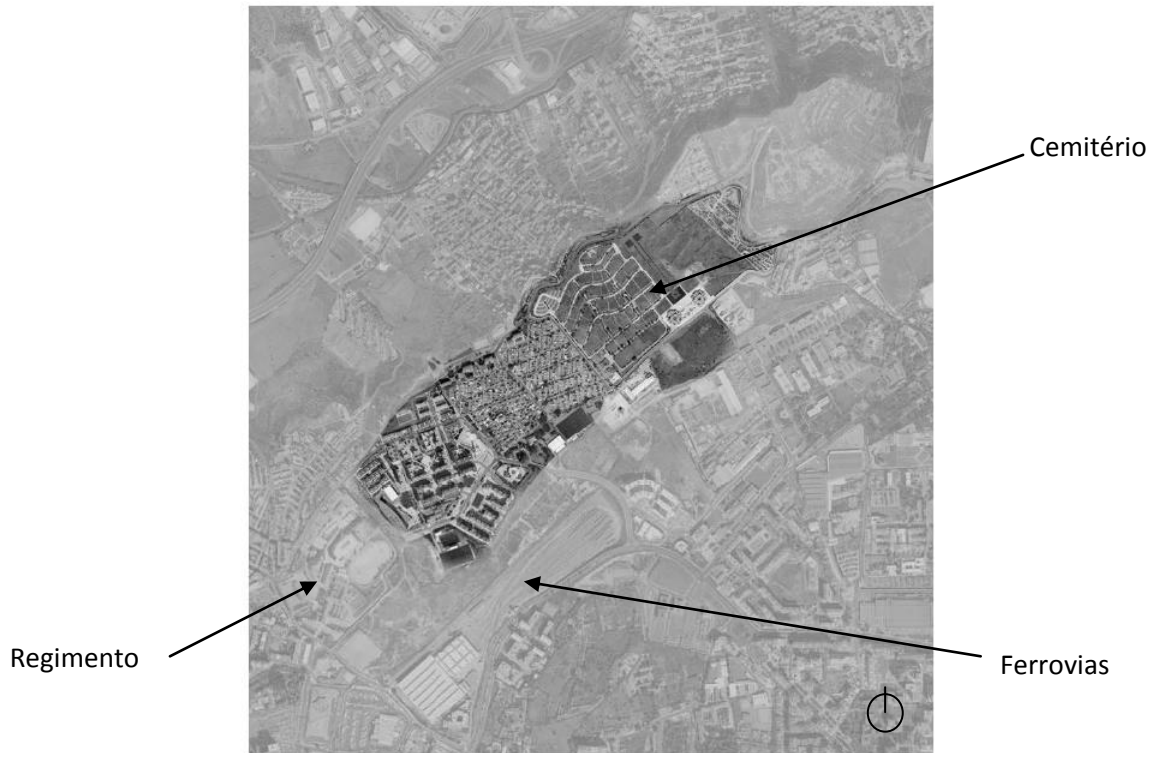


Figura 48 – Barreiras do Bairro Padre Cruz.

Os acessos ao bairro são ainda dificultados por vias rodoviárias de difícil atravessamento e debilidades de ligação a nível pedonal mesmo com os tecidos urbanos da envolvente, ou seja, Pontinha e Carnide. A maioria dos acessos por entre os vazios mencionados efectua-se ainda por azinhagas.

O Bairro Padre Cruz classificado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) e pelo PDM de Lisboa como um dos Bairros de Intervenção Prioritária numa Zona de Intervenção Prioritária (BIP/ ZIP) encontra-se, actualmente, sob a gestão da GEBALIS.

Está, ainda, inserido programa ECO-Habitat, para o espaço do Sudoeste Europeu, que tem como preocupações as questões da comunidade e da sustentabilidade arquitectónica e urbana. A Eco-Sudoeste é representada pelas cidades de Barcelona, Lisboa e Toulouse.

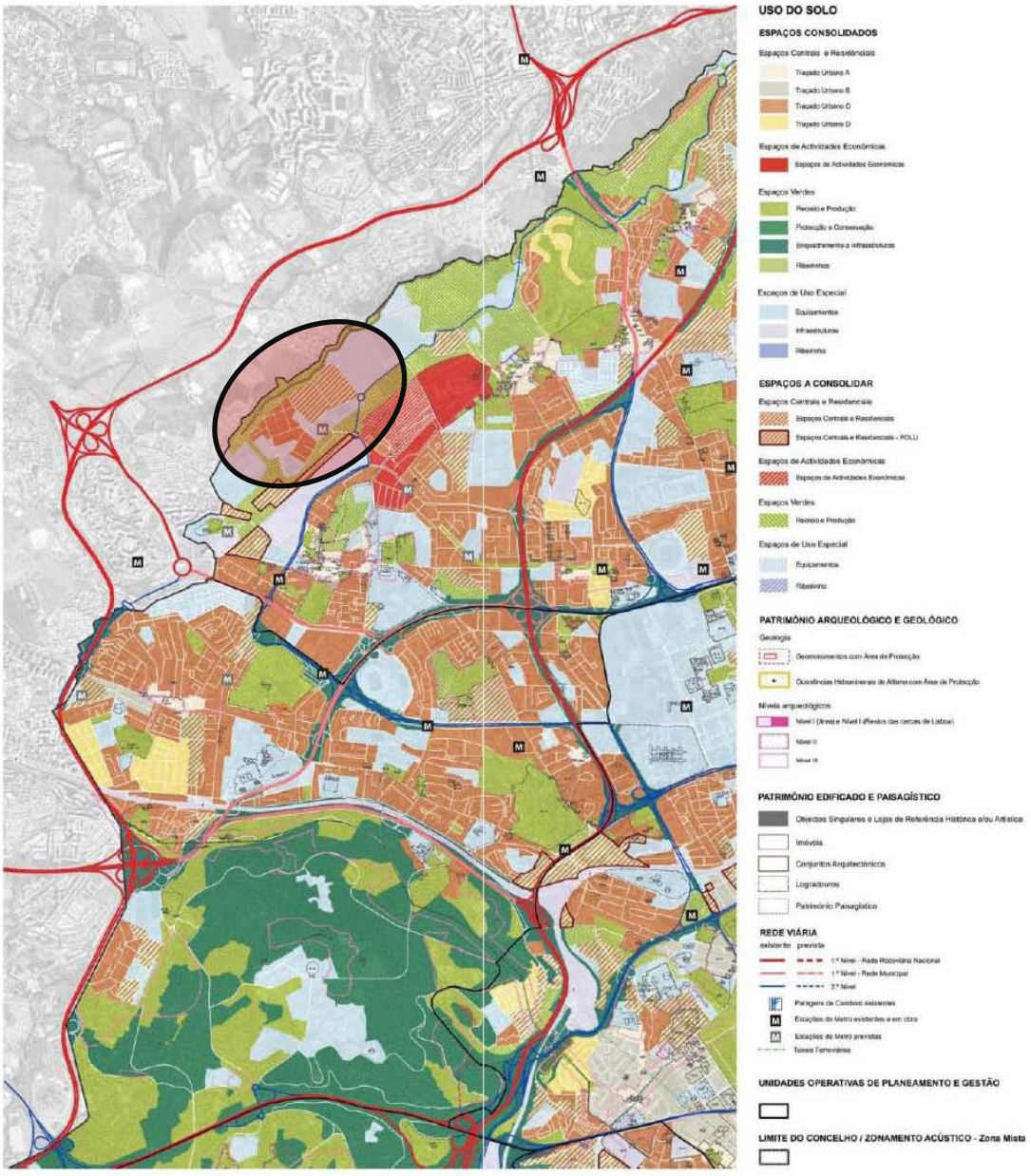


Figura 49 – PDM proposto em Outubro de 2010; Enquadramento do Bairro Padre Cruz.

4.1.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E EVOLUÇÃO

A primeira referência ao Bairro Padre Cruz surge em 1762 numa referência ao sítio como Quinta da Pentieira – mais tarde, Penteeira, nome que derivava do facto do seu proprietário ser um fabricante de pentes. Regista-se que o sítio foi desde sempre uma área delimitada por propriedades privadas com grande apetência para a actividade agrícola. Em 1958, a CML adquiriu a Quinta da Penteeira[84] (ver figura 50, 51, 52 e 53).

Neste local distante do centro da cidade e com fraca acessibilidade a não ser estreitas azinhagas e caminhos de terra batida, assiste-se em 1959/60 à construção do "bairro de lusalite" de carácter provisório. São, assim, realojadas 200 famílias oriundas de bairros precários de Lisboa, na sua maioria trabalhadores da CML, e outros tantos provenientes do Norte ou Centro do país. O "bairro de lusalite" dispunha de uma taberna, uma barbearia, uma mercearia, um lavadouro, um marco do correio e de uma cabine telefónica[85] (ver figura 51, 52, 53 e 54).Em 1960/62 deu-se a construção do bairro de alvenaria. Configurou-se pelo alinhar de 917 fogos em banda em ruas estreitas e cruzadas, e deu-se a construção de vários equipamentos de apoio – escola primária, igreja, mercado, centro social, sala de leitura/ biblioteca, lavadouros, pequenas oficinas de trabalho, sede do clube desportivo "Os Unidos" e zona desportiva. A placa de identificação do Bairro Padre Cruz foi colocada em 1962[86] (ver figuras 54 a 61).

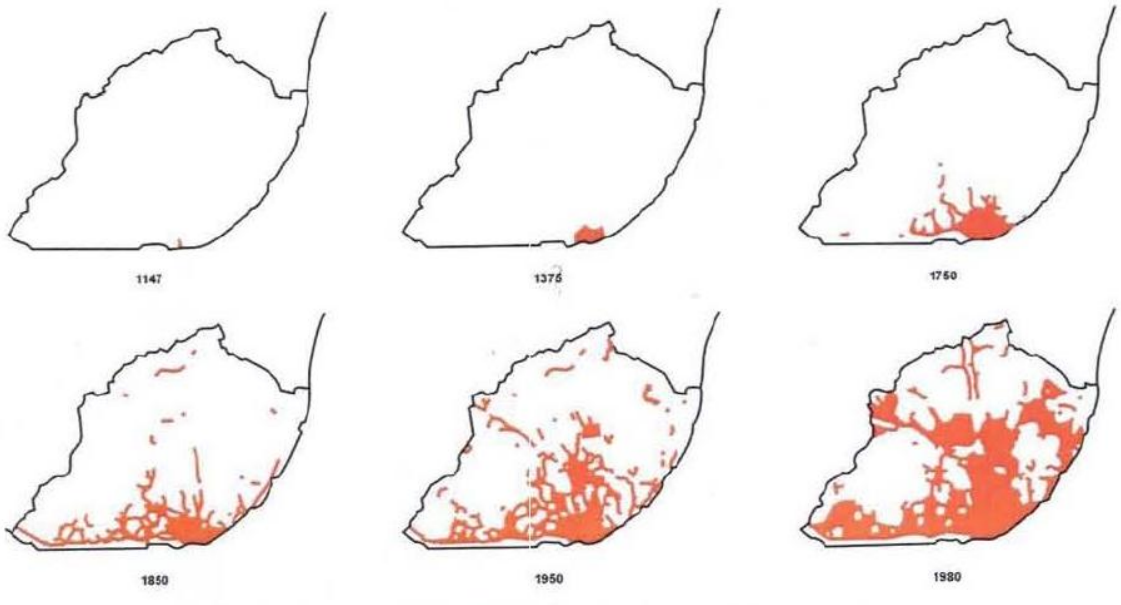


Figura 50 – Evolução do crescimento da cidade de Lisboa desde 1147 a 1980.

[84] *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. pp 3-4. [PDF]
[85] *Idem.* p 10. [PDF]
[86] *Idem Ibidem.*

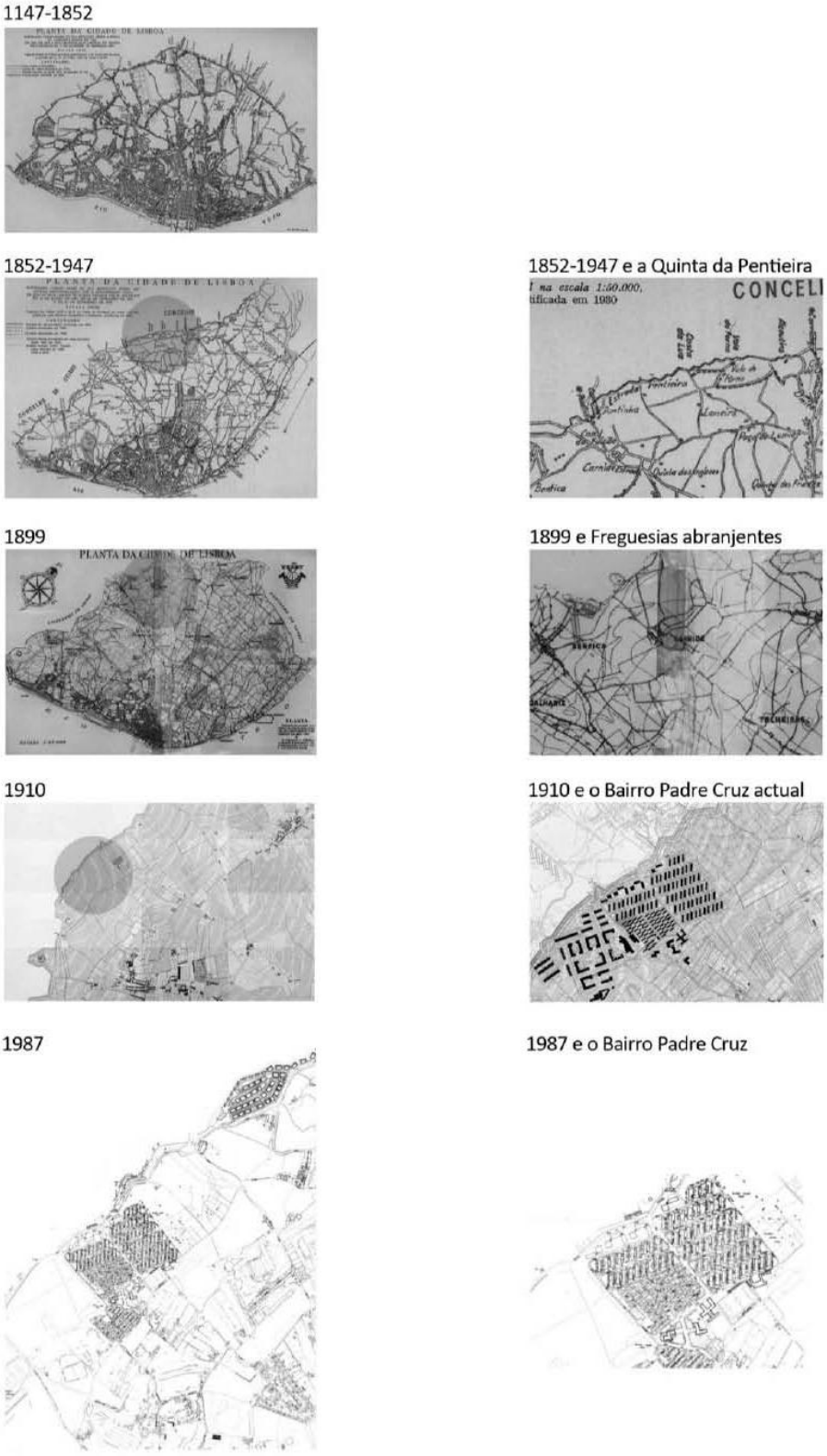


Figura 51 – Evolução da Cartografia de lisboa desde 1147 a 1987.

Os anos de 1975/76 foram anos de alteração das relações sociais e da imagem do bairro, na decorrência da construção dos primeiros edifícios no extremo norte do bairro de alvenaria e realojamento de algumas famílias do provisório "bairro de lusalite". Desde então é reconhecível um envelhecimento, degradação material e alteração das moradias com reaproveitamento dos logradouros e dos pátios e hortas através da ocupação de anexos. De referir que na década de 1990 assistiu-se a um período de arranjos urbanísticos no bairro e ao crescimento do bairro novo, protagonizado pela EPUL[87] (ver figuras 62 e 63).

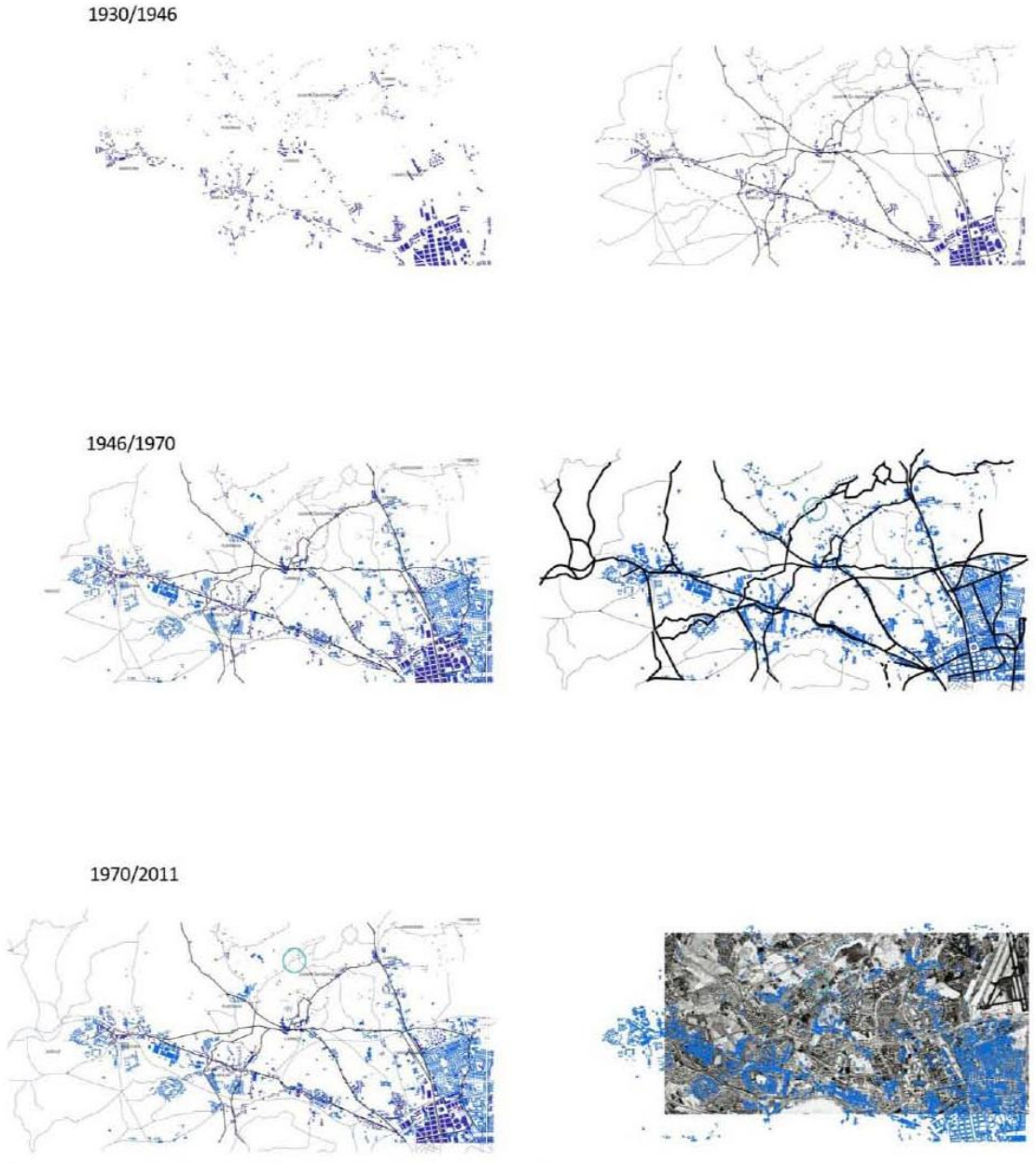


Figura 52 – Evolução do Edificado e das Vias entre 1930 e 2011.

[87] *Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz* (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. p 10. [PDF]

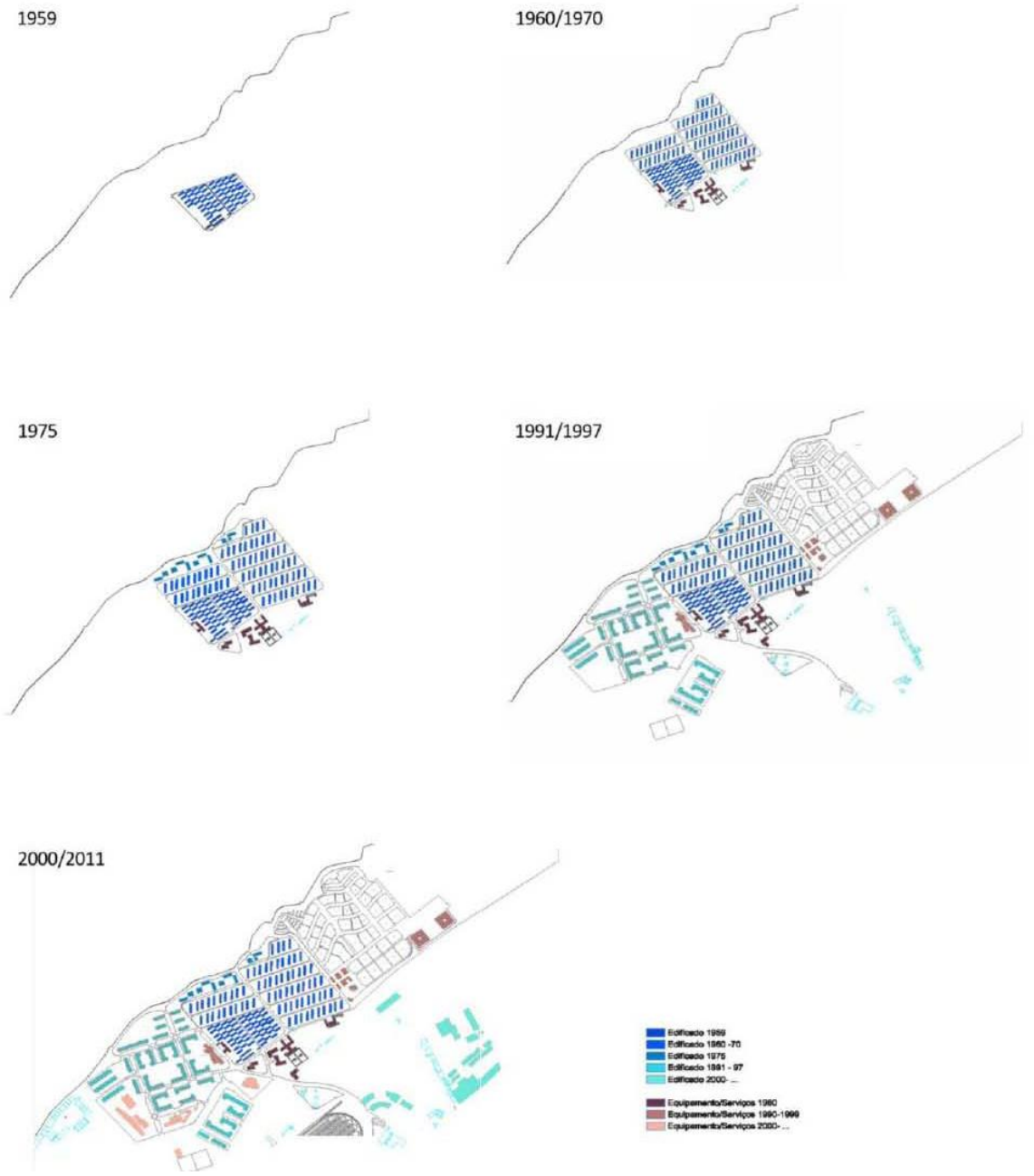


Figura 53 – Evolução do Bairro desde 1959 a 2011.

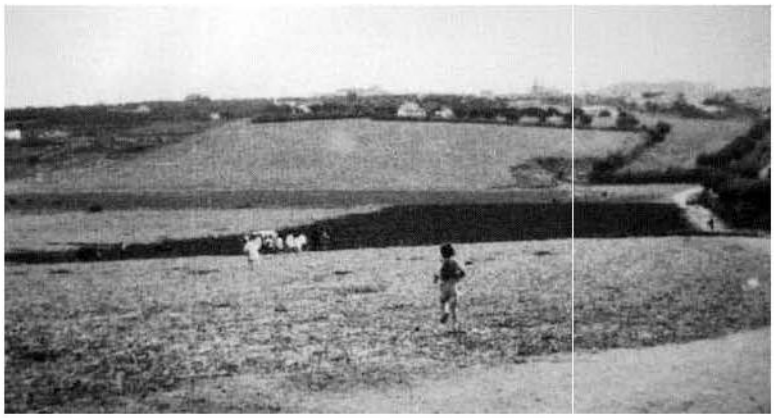


Figura 54 – Quinta da Penteeira, 195-.



Figura 55 – Bairro de alvenaria, primeiras construções dos anos 60, 1962.

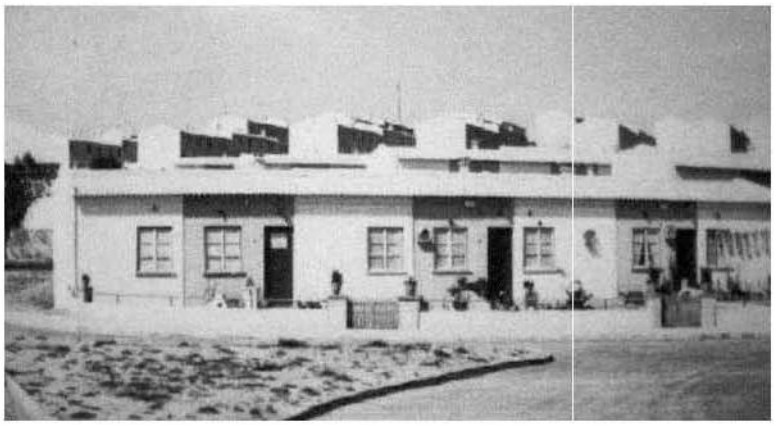


Figura 56 – Bairro de alvenaria, rua do rio Tejo, 1962.



Figura 57 – Bairro "lusalite", rua do rio Sever, 1962.



Figura 58 – Construção do bairro de alvenaria de 2 pisos, rua do rio Tejo, 1962.

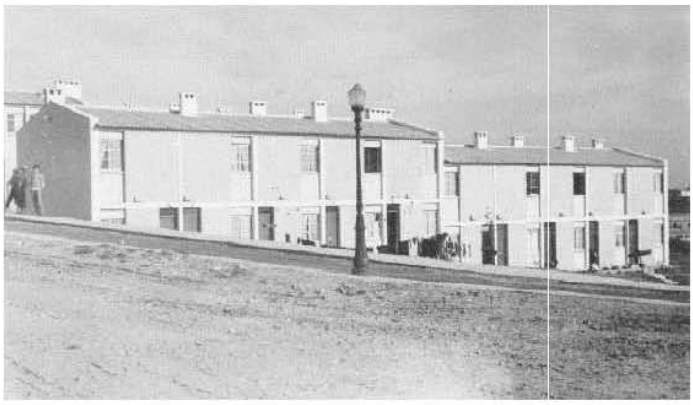


Figura 59 – Vista do edifício de 2 pisos do bairro de alvenaria, rua do rio Vez, 1962.



Figura 60 – Mercado, 1962.

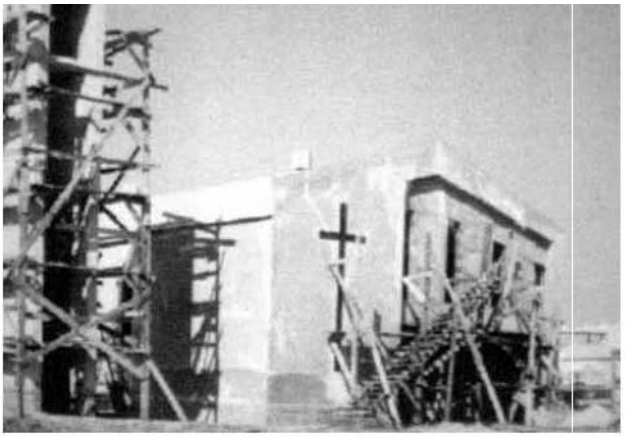


Figura 61 – Construção da Igreja, 1962.



Figura 62 – Bairro da EPUL, 1999.



Figura 63 – Vistas das Ruas, Regueiras, Muros e Materialidades do bairro de alvenaria actualmente (2012).

4.1.3. PROBLEMÁTICAS E POTENCIALIDADES

Através da análise e caracterização do bairro foi possível concluir que, actualmente, o Bairro Padre Cruz revela uma falta de identidade unificadora, debilidades no espaço público e nas fracas condições habitacionais, anexos desregrados e de má qualidade. Contudo, as barreiras que envolvem o bairro são talvez um dos maiores problemas.

Ou seja, apesar de a grande maioria dos seus habitantes se identificar com a pequena escala que caracteriza o bairro de alvenaria e a memória residual das hortas urbanas que ainda subsistem, a mudança violenta de escala que as construções mais recentes representam, nomeadamente as efectuadas entre 1990-99 pela EPUL, não conseguem cativar, apesar das melhores condições habitacionais, nem gerar o mesmo sentido de acolhimento e vizinhança.

A maior debilidade do espaço público revela-se na fraca capacidade de cativar as pessoas a ele percorrer ou permanecer, principalmente devido a uma sensação de insegurança que os utilizadores dos espaços parecem sentir. Esse sentimento pode também dever-se à carência de um desenho urbano que estimule uma sensação de conforto e acolhimento, tal como pela falta de referências. Vazios que se

afirmem como lugares significantes que proporcionem dependência e participação da comunidade que o bairro habita.

As barreiras impostas ao bairro, referidas no ponto 4.1.1. deste capítulo, aliadas ao carácter habitacional quase absoluto do mesmo acabam por transformá-lo numa ilha rodeada por vazios urbanos e, ou barreiras construídas que fracturam o sítio do Bairro Padre Cruz na cidade de Lisboa. Isto traduz-se numa quebra da continuidade urbana que poderá até ser colmatada pelo redesenhar e vencer barreiras para cerzir partes do tecido urbano.

"No seio de qualquer dificuldade encontra-se a oportunidade", Albert Einstein

Da mesma análise SWOT (consultar anexo 2) é possível constatar também oportunidades e potencialidades que o bairro apresenta. Por exemplo, potenciar os vazios urbanos – cerzir as fracturas da envolvente próxima, e assim estruturar novas redes de encandeamento de espaços públicos, tal como a capacidade de gerar espaços de permanência e atractividade.

A estrutura de escolas pode ser entendida como uma maneira de valorizar o conhecimento e aprendizagem, e assim criar-se um sistema de vários equipamentos educacionais.

Uma grande variedade de gerações e diversidade cultural é uma oportunidade para potenciar relações de proximidade e vizinhança, tal como criar novos programas sociais e culturais, e assim potenciar e aumentar usos – aumentar a actividade económica e social.

O integrar de equipamentos urbanos de apoio à população residente pode ser visto como incentivo ao comércio local e um modo fomentar pontos de encontro e socialização.

O isolamento do bairro deve ser tido como uma oportunidade para estabelecer relações de proximidade com a envolvente urbana, criar percursos alternativos e novos eixos – ciclovias e percursos pedestres, e assim associar-se à boa acessibilidade de transportes públicos (Metropolitano de Lisboa e autocarros da Carris).

A capacidade de produção agrícola local, a boa exposição solar e o declive favorável devem ser potenciados.

Uma boa estratégia de projecto arquitectónico a aplicar ao bairro deverá conseguir cerzir, gerar e capacitar lugares significantes, e assim integrar a população residente ao potenciar relações de proximidade e vizinhança.

Deve ser um lugar que potencie os vazios formados pelas fracturas da envolvente próxima ao bairro, e estruture novas redes de encadeamento de espaços públicos através de uma arquitectura multifuncional que acolha e crie pontos de permanência. Uma arquitectura "híbrida" na sua relação de público e privado.

4.2. A PROPOSTA DE UM SISTEMA URBANO

O desenvolver de uma estratégia para o Bairro Padre Cruz começou com a proposta de um sistema urbano, projectado em grupo, no âmbito da disciplina de Laboratório de Projecto VI (2011), que propôs uma forma linear, como que um fecho-éclair[88], cujo conceito primordial era cerzir o bairro à cidade (ver anexo 3).

Assim, a Pontinha e o Paço do Lumiar são encarados como dois importantes pontos de amarração à cidade do sistema urbano a criar, as extremidades do fecho-éclair que pretende consolidar a integração do Bairro Padre Cruz com o tecido urbano. O fecho será construído alternadamente por elementos verdes e edifícios que permitem assim a continuidade da estrutura ecológica planeada para a cidade de Lisboa (ver figura 64, 65 e 66).

A "entrada" para o bairro efectuar-se-á por uma praça central ladeada por duas torres como a identificar a "porta" deste. Estes elementos identificaram como que o centro do sistema urbano ao ajudar a definir melhor os eixos – já existentes – que ligam o bairro à cidade, introduzindo ainda outros dois eixos que se pretendem afirmar como principais. Um dos eixos será desenhado por um *tram* de superfície acompanhado, o outro é uma rua que por vezes se transforma em passadiço, conforme a topografia do território. Ambos eixos ligam a Pontinha ao Paço do Lumiar (ver figura 64, 65 e 66).

O traçado dos eixos é sempre acompanhado pela estrutura verde. Ela própria desenha um outro percurso pedonal que efectua a mesma ligação dos anteriores e que atravessa o fecho para de facto este cerzir o bairro à cidade (ver figura 64, 65 e 66).

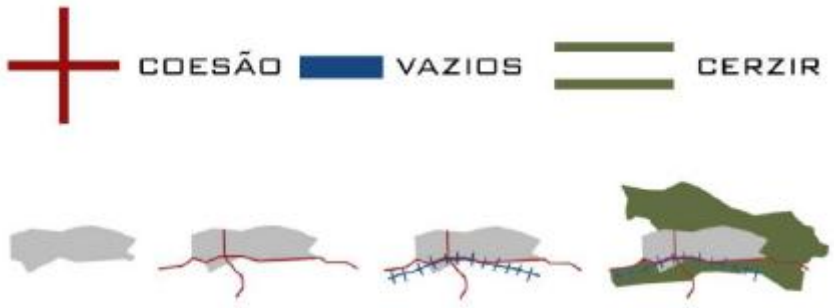
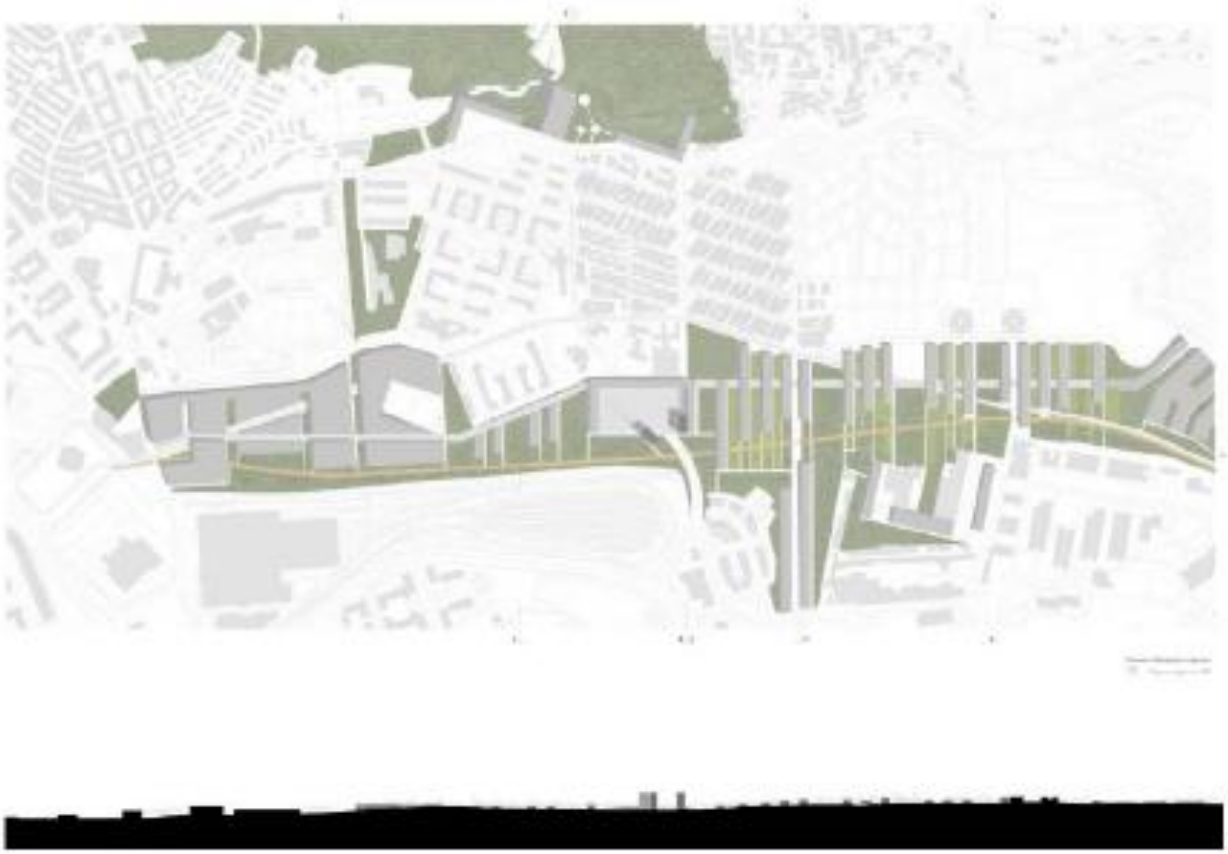


Figura 64 – Conceito Urbano.

[88] A ideia de fecho-éclair surgiu da associação entre BIP/ZIP e a palavra inglesa *zip* que significa fecho-éclair.



F**igura 65 –** Maquete Plano Urbano.



F**igura 66 –** Planta Proposta Urbana e Corte Alçado FF'.

Os dentes do fecho-éclair irão desenhar o cheio e o vazio do sistema urbano fundamentado no conceito dos Entre-espaços.

4.2.1. UM SISTEMA URBANO DESENHADO NO TEMPO

Para o desenho de um bom sistema urbano deve-se ter como objectivo o criar de uma cidade ideal para os seus futuros habitantes, num horizonte de muitas gerações. Este desenho deve ser ideal na estética, na funcionalidade, no carácter dos materiais e na arrumação do espaço.[89] Assim, por mais que variem, ao longo dos tempos, os ideais de cidade, esse fragmento do tecido urbano aspira sempre à perenidade. Uma boa proposta urbana representa, deste modo, um investimento a longo prazo.

À semelhança de outros sistemas urbanos de muitas cidades, tal como o plano de Cerdà para a cidade de Barcelona[90], embora numa escala bastante inferior, o traçado foi pensado para ser construído ao longo do tempo, e assim não obrigar o plano apenas a funcionar quando erigido em simultâneo.

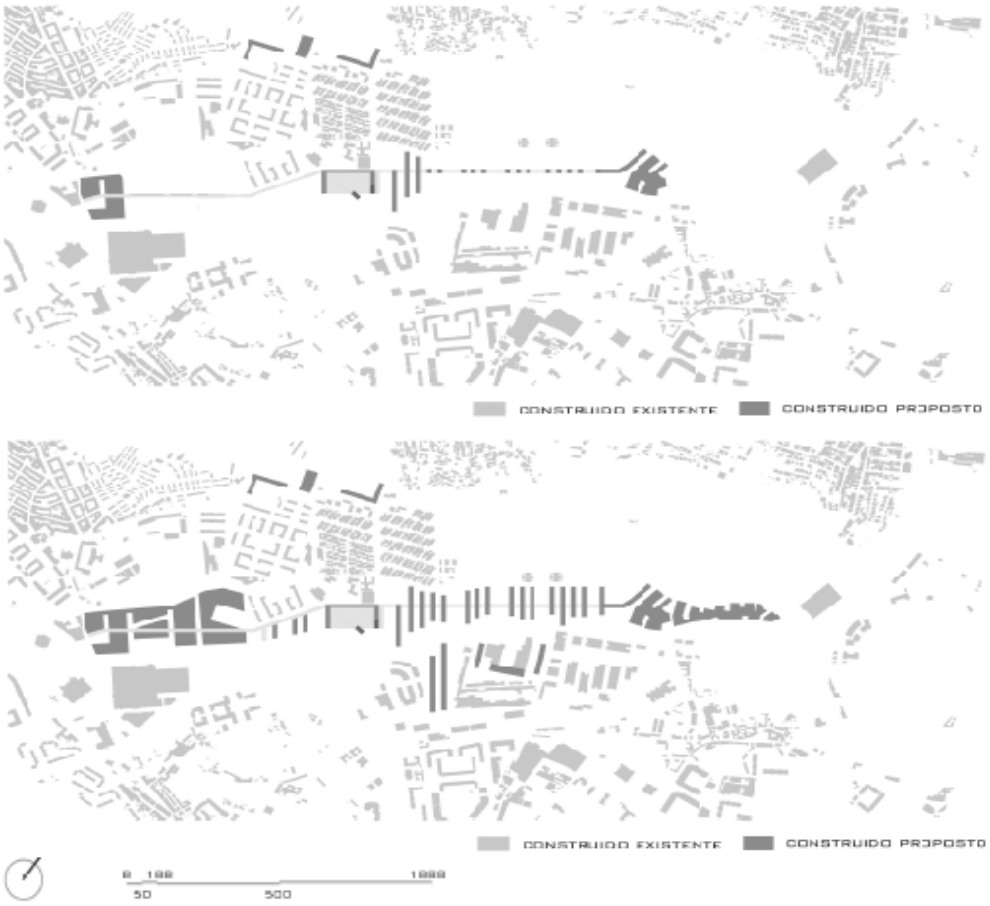
O desenvolvimento do sistema urbano poder-se-á processar, então, por uma construção faseada das várias partes que o compõem. Contudo, existem pontos que obrigatoriamente irão ser erigidos em primeiro lugar. Exemplo disso serão os pontos de amarração à Pontinha e ao Paço do Lumiar (ver figura 67 e 68), tal como a praça e torres centrais. Assim, com estas construções poder-se-á estabelecer os limites do desenho do fecho-éclair e definir melhor as entradas do bairro juntamente com o abrir dos eixos (ver figura 67 e 68).

Estabelecido o desenho do fecho que vai cerzir o bairro à cidade é possível continuar a construção dos dentes deste por meio de bandas, quarteirões, espaços verdes, por entre-espaços que visam harmonizar as ligações pretendidas (ver figura 67 e 68).. A diversidade funcional a construir, assim como o equilíbrio entre a estrutura dos espaços verdes, de equipamentos, serviços e habitação será também fundamental (ver figura 67 e 68).

O objectivo é colmatar a fractura com um lugar que seja apreciado. Um lugar para viver, trabalhar, trocar, negociar, para o ócio e para a cultura.

[89] BRINGE, P. (2008) *1965: O ano da morte do Urbanismo Português* in revista Jornal Arquitectos. Nº 232. Lisboa: 2008. p 19.

[90] BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. p 215.



F**igura 67 –** Evolução Possível da proposta Urbana (Esquema de Cheio e Vazios).



F**igura 68 –** Esquema de Cheio e Vazios (Proposta Urbana completa).

4.2.2. A FORÇA DE UMA IMAGEM – A *FORMA URBIS*

Poucas cidades possuem uma forma urbana que transmita uma imagem de força e ordenamento que as identifique. As cidades de Barcelona ou de Nova Iorque são casos onde a peça chave da *forma urbis* é uma circunstância imposta na construção da esmagadora maioria da cidade tornando-a identificável através da expressão desse mesmo desenho.[91]

Ao observar-se Lisboa poder-se-á aferir que se trata de uma cidade realizada por várias partes que têm a sua própria entidade – Baixa Pombalina, Campo de Ourique, Bairro de Alvalade, Parque das Nações… Cada um desses projectos foi resposta a programas bem definidos, formando bairros com uma identidade singular. Ou seja, as escalas de intervenção realizadas na cidade de Lisboa acabaram sempre por ser pontuais e nunca estabeleceram uma imagem única, mas sim várias, ao contrário dos exemplos de Barcelona ou Nova Iorque.

Assim, em Lisboa, cidade cuja imagem é ser composta por diferentes bairros faz sentido que sistemas urbanos propostos tenham também uma imagem,[92] um desenho que os destaque, mas que os integre simultaneamente na continuidade urbana da cidade à semelhança dos exemplos já enumerados. É neste sentido que com este sistema urbano propôs-se criar um desenho que a sua geometria, ordem e capacidade de se cerzir com a cidade que viesse a ser também uma das peças da *forma urbis* da cidade de Lisboa.

A imagem do sistema urbano proposto pretende deste modo, e à semelhança do Modelo que Cerdà para a cidade de Barcelona[93] criar:

- Um encaixe eficaz entre a ordenação urbana proposta e a morfologia, fluxos e relações de proximidade para com o território;

- Um equilíbrio entre o suporte infra-estrutural proposto (equipamentos, serviços e eixos) e a flexibilidade do traçado das bandas e quarteirões, equacionados os seus usos;

- Uma relação entre o modelo de desenho e ordenação proposto com as condições sociais e económicas da área afecta ao sistema urbano;

- Espaços abertos e assim afirmar e potenciar a presença dos vazios ao cerzir as fracturas da envolvente próxima, e assim estruturar novas redes de encandeamento de espaços públicos. Capacitar e gerar espaços de permanência e pólos de atractividade pela relação entre cheio e vazio;

- Mobilidade ao promover as relações entre o espaço privado e o espaço público.

---

[91] BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. p 213.
[92] *Idem*. p 222.
[93] *Idem*. p 233.

4.2.3. A MOBILIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO

Num sistema urbano a mobilidade é essencial, pois esta deve permitir que os seus utilizadores circulem, mas também habitem os espaços públicos que lhe são oferecidos. É fundamental, assim, a criação de fluxos e locais de permanência. A constante comunicação entre pontos, e o modo como eles são habitados, é o que torna viva a cidade actual.

Essa função dupla de pontos de amarração e de passagem vai ser exercida na articulação do espaço público e do espaço privado através de galerias, passadiços, largos, pátios, claustros, praças, hortas urbanas,… Cada vez que estes vazios sirvam o propósito de cerzir os cheios do sistema urbano, da cidade, capacitando-os como lugares significantes desta, geram-se entre-espaços.

A organização do traçado da proposta urbana efectua-se através uma noção básica entre ruas e um sistema de eixos preponderantes ao nível do território que em conjunto conformam um desenho em fecho-éclair que vai cerzir uma faixa de território localizado entre a Pontinha e Lumiar, e assim unindo o Bairro Padre Cruz ao tecido urbano consolidado de Carnide e progressivamente à cidade de Lisboa.

Apesar de não se tratar de uma malha infinita que se espalha pela cidade à semelhança do que se pode observar em Barcelona de Cerdà, tem em comum com esta princípios de rigor e geometria no seu traçado. Pretende-se que o traçado se converta numa estrutura que homogeneíza o conjunto do território urbano afectado[94], apesar das suas singularidades que lhe proporcionam identidade e significado.

O espaço público dominante são os entre-espaços conformados pelas ruas e por edificado. As passagens entre os "dentes" funcionam como uma articulação localizada dos espaços públicos – ruas e, ou entre-espaços – de maneira a trazer mais vida destes para os quarteirões e vice-versa.

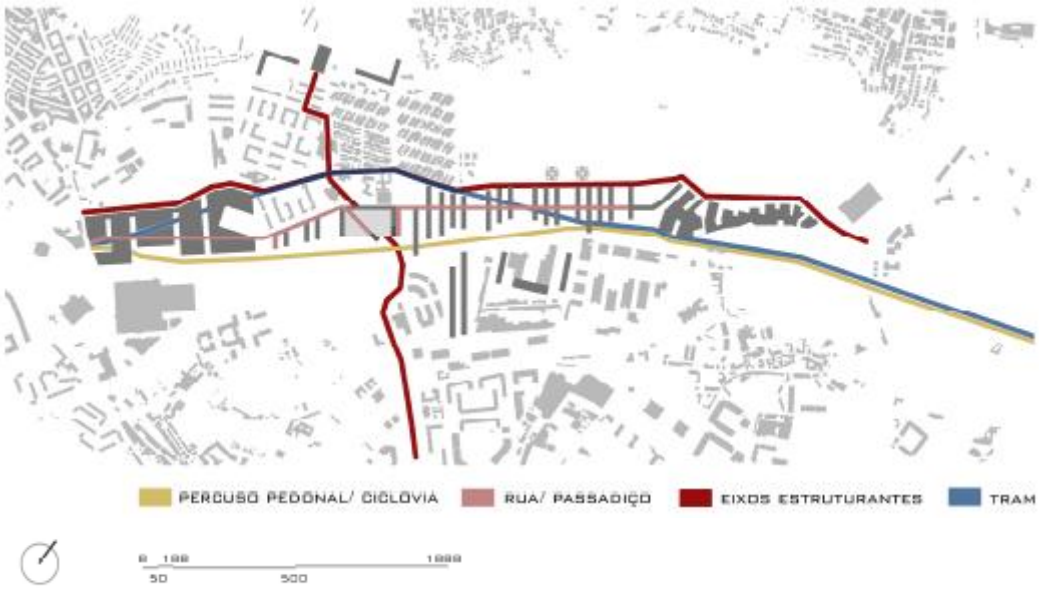
Os eixos estabelecem a estrutura territorial – vias de distribuição – e a ligação entre pontos de amarração à cidade (Pontinha, Paço do Lumiar e Carnide). No cruzamento destas "avenidas" com as ruas formam-se *espaços simbólicos de referência*[95]. Estes espaços quando obedecem aos parâmetros do conceito desenvolvimento no capítulo precedente podem ser denominados de entre-espaços (ver figuras 69 e 70, confrontar com esquemas conceptuais do anexo 4).

Em termos práticos, a mobilidade de fluxos da proposta urbana é suportada por ruas e avenidas, conduzam, ou não, elas a entre-espaços. Estabelece-se hierarquias entre estas assegurando vias rodoviárias, pedonais, ciclovias e linhas de transporte – *tram*.

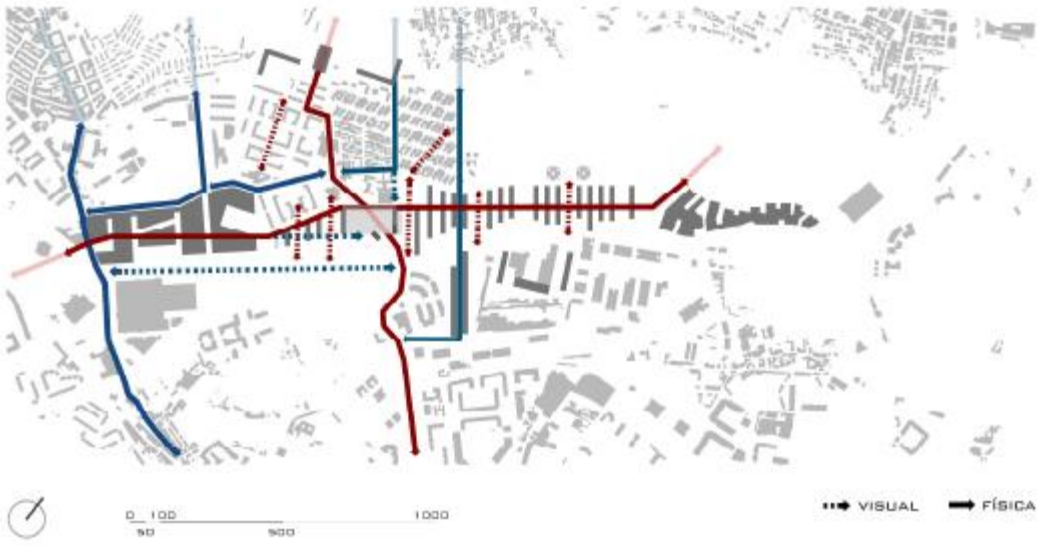
---

[94] BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. p 212.

[95] *Idem Ibidem.*



F**igura 69 –** Esquema de Mobilidades da Proposta Urbana.



F**igura 70 –** Esquema de Mobilidades entre-espaços da Proposta Urbana.

4.2.4. OS ENTRE-ESPAÇOS COMO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DA CIDADE

"*Os quarteirões podem ser entendidos como um elemento complementar do traçado de um sistema urbano, contudo são eles que vão ajudar a definir o espaço privado e o espaço público.*"[96]

Ao observar o sistema de *manzanas* do plano Cerdà para Barcelona, formado por quarteirões de forma quadrada chanfrado, podemos auferir que apesar de possuírem um carácter aparentemente uniforme, dado registar algumas variações no que ao seu desenho diz respeito, este permite-lhe ainda assim responder a diagramas morfológicos e tipológicos muito diversos. Ou seja, a mescla funcional foi, desde sempre, uma das suas características primordiais.

O dimensionamento dos quarteirões também teve um papel preponderante na sua capacidade de resposta a uma distribuição de uma grande diversidade funcional. Ao ter em conta modelos "híbridos" as *manzanas* deram lugar à formação de bairros com identidades e conteúdos muito diferentes, e ainda hoje o dimensionamento e a forma de organização dos quarteirões pensados por Cerdà permite uma grande flexibilidade a nível de usos e funções, sejam elas residenciais, serviços/ comerciais, equipamentos, etc.[97]

A familiarização com o sistema de quarteirões da Barcelona de Cerdà serviu de referência no pensar de uma proposta urbana desenvolvida por um sistema de agrafos que conjuntamente formam o desenho de um fecho-éclair (ver ponto 4.2. do documento). Esse fecho consegue através das ligações conformadas por vazios, identificáveis como entre-espaços, acabar por tornar os seus dentes em modelos à semelhança dos quarteirões de Cerdà.

As dimensões desses dentes e o modo como eles se comportam entre si é uma preocupação fulcral no seu desenho procurando responder à questão de modo o edificado pode comportar-se como um sistema de organização dos entre-espaços.

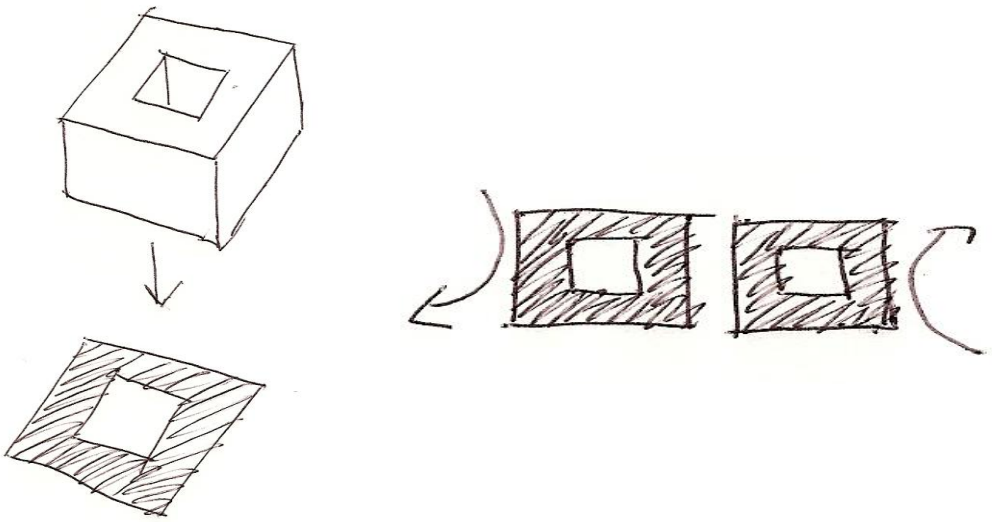
A largura, o comprimento e até um parcelamento esquemático dos elementos que vão compor os "dentes" são factores que vão reflectir a sua capacidade de albergar diversas e diferentes funções em possíveis modelos "híbridos" repetíveis, com pequenas variações, ao longo do sistema urbano proposto.

Ao pensar-se a organização dos entre-espaços a partir do edificado dos dentes a primeira imagem em que podemos pensar são os pátios ou logradouros formados no interior destes à semelhança do que é observável na cidade.

No entanto, esses vazios delimitados pelo cheio desse construído nem sempre são entre-espaços na verdadeira assunção da palavra pois apesar de proporcionarem um espaço colectivo, o facto de uso

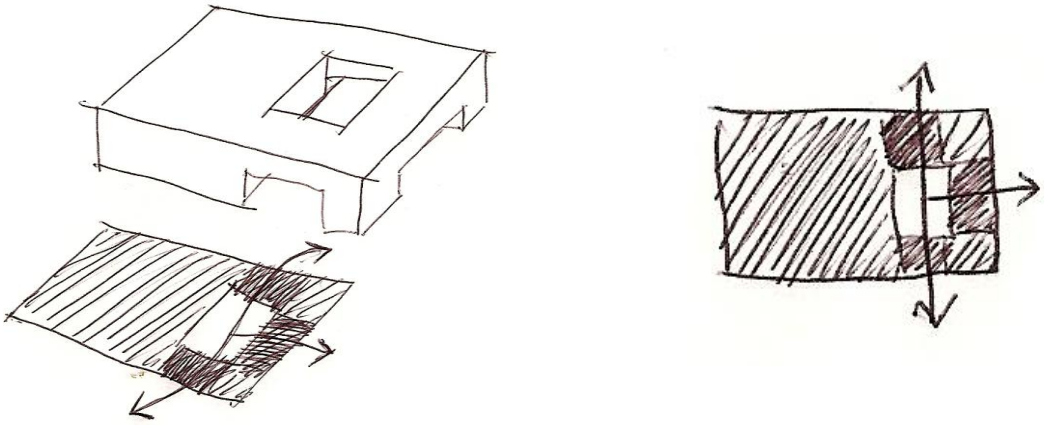
[96] BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. (tradução livre) Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. pp 212.
[97] *Idem*. pp 212-213.

privado ou público para o caso é agora irrelevante, na maioria das vezes é um espaço que apenas pode ser utilizado pelos habitantes do edificado em questão e não se abre à cidade (ver figura 71).



F**igura 71 –** Esquema de um entre-espaço localizado num interior de um quarteirão encerrado em si mesmo. Autoria própria.

Quando os espaços entre o construído de um quarteirão ou de um "dente" fazem parte da cidade, quando realmente com ela comunicam e a ela estão de alguma forma expostas é que poder-se-á afirmar que esses vazios são entre-espaços que geram Cidade (ver figura 72).



F**igura 72 –** Esquema de entre-espaços integrado na cidade como elementos estruturantes.

Os entre-espaços podem, então, ser vistos como entranhas que se vão organizar entre os cheios representados pelos dentes e/ou quarteirões. Em alguns casos apenas se tornam quarteirões quando o seu desenho é conformado mediante o cheio do edificado e o vazio dos entre-espaços (ver esquema conceptuais no anexo 4). Contudo, nunca são quarteirões no sentido tradicional pelo qual são entendidos.

Ou seja, os vazios gerados na qualidade de entre-espaços devem também eles capazes de gerar e conformar o cheio em seu redor, comportando-se como núcleo[98], e não serem apenas fruto da acção contrária, ao se apresentarem como recheio[99].

Assim, os espaços que estão contidos pelo cheio, que escorrem para fora dos seus "contentores" ou que estão completamente expostos, mas que ainda assim são identificáveis como tal, são estas hipóteses agora enumeradas devem ser tidas como entre-espaços aptos a cerzir, gerar e a capacitar lugares significantes na Cidade (ver esquemas conceptuais no anexo 4).

O exemplo do pátio, espaço/ vazio conformado no interior de um quarteirão, é talvez um dos exemplos mais comuns na arquitectura dita mediterrânea. Segundo Busquets e Corominas, em *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*[100], os pátios de *manzana*, ou seja, de quarteirão são como cidades dentro de cidades. No entanto, um pátio é um pátio, não um entre-espaço.

Estes pátios formam como que pequenas comunidades ao transmitirem uma sensação de conforto no habitar, interagir e frequentar de tais lugares. Assim, na relação que estes espaços formam com outros vazios que lhe são adjacentes (quando existem) que se formam os entre-espaços. Perante este tipo de espaço público, ou privado, uma pessoa sente-se acolhida como da sua morada trata-se. Habita um microcosmos dentro de um macrocosmos que é a Cidade, e nunca dela saiu. Uma pessoa sente-se atraída pelo lugar pois sente-se meio em casa e ao mesmo tempo na rua, contudo, não está em nenhum destes locais. Encontra-se numa espaço de relação híbrida entre público e privado que serve de articulação entre estes. Encontra-se num entre-espaço. Um espaço de permanência e fixação, e simultaneamente de passagem. Um entre-espaço é então um vazio que serve de espaço de transição, o qual não se encontra nas definições espaciais convencionais (ver esquemas conceptuais no anexo 4).

As praças, e como elas são desenhadas, pode desde logo influenciar o desejo de permanência ou de simples passagem. A praça pode partilhar características do pátio, contudo, trata sempre uma escala completamente diferente. Em termos históricos e culturais trata-se de um lugar de afirmação e de poder, o que pode atrair mas também repelir.

---

98 Núcleo – *"s. m. (lat. nucleu). Miolo; o centro de, a parte central. Fig. A parte essencial de uma coisa. Reunião de pessoas, em volta das quais outras pessoas se agremiam."* in *Dicionário Lello Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico*. DE SÉGUIER, J. (dir.). Janeiro de 1997. Porto: Lello Editores, 1997. p 828.

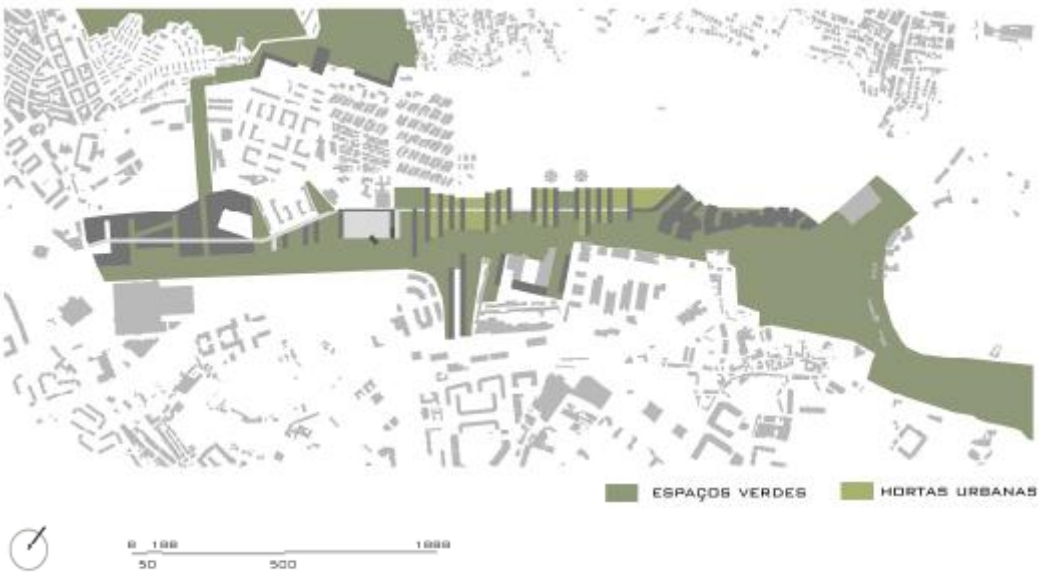
99 Recheio – "s. m. (de cheio). Aquilo que recheia. Substância, centro." in *Dicionário Lello Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico*. DE SÉGUIER, J. (dir.). Janeiro de 1997. Porto: Lello Editores, 1997. p 1006.

100 BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. pp 212.

Um factor de aproximação dos habitantes da cidade actual às praças é o que nelas acontece[101]. Qual as actividades ou funções que esta tem para além do seu poder intrínseco de congregar massas? Acontecimentos ligados às artes performativas, desníveis que permitam diferentes actividades, como por exemplo ligadas a algum desporto. Que capacidade de sombreamento dispõe e como este se faz. A existência de pequenos mercados e feiras a determinados dias da semana, ou simplesmente usos do subsolo, como parques de estacionamento que possibilitem fluxos constantes…

Mas, uma vez mais, uma praça é uma praça, não um entre-espaço. Logo, quando os espaços que a ligam ao construído ou a outros vazios possuem as mesmas características referidas já ao longo do ponto 4.2.4. estamos perante a presença de um entre-espaço.

As hortas urbanas, num interior de um quarteirão, ou entre duas bandas, podem funcionar também como uma parte integrante de um entre-espaço localizado entre cheios (confrontar figuras 73 e 74 com os esquemas conceptuais no anexo 4).



F**igura 73 –** Esquema de Mancha Urbana.

[101] BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. pp 212.



Figura 74 – Imagens da Proposta Urbana: Hortas Urbanas como Entre-espaço (esquerda); *Tram* (direita).

A diferença entre o sentimento de um espaço ser efectivamente de carácter público ou privado pode passar pelo encerrar do espaço em favor do privado, ou abri-lo em exclusividade ao espaço público da cidade. Um entre-espaço para o ser deve afirmar-se através de um sistema de organização híbrida entre público e privado.

5. MEMÓRIA CRÍTICA:
OS ENTRE-ESPAÇOS COMO AMBIENTE CONSTRUÍDO CAPAZ DE GERAR E CERZIR LUGARES SIGNIFICANTES NA CIDADE

5. MEMÓRIA CRÍTICA:
OS ENTRE-ESPAÇOS COMO AMBIENTE CONSTRUÍDO CAPAZ DE GERAR E CERZIR LUGARES SIGNIFICANTES NA CIDADE

Como é que o projecto de arquitectura pode contribuir para a conceptualização e definição dos entre-espaços? Como é que a escala do projecto/ objecto arquitectónico pode ajudar a evidenciar a natureza dos entre-espaços e o seu papel na cidade contemporânea?

Assim, no contexto da problemática afecta ao Bairro Padre Cruz (ver ponto 4.1.3.), na periferia da cidade de Lisboa, interessa agora perceber como se pode enquadrar e concretizar os princípios explorados e sistematizados nos capítulos anteriores através da integração de um edifício multifuncional e dos entre-espaços que dele advêm.

Como tal, o objectivo no contexto da abordagem e da problemática projectual passa por criar um lugar unificador do bairro à cidade através de uma arquitectura que se pretende que seja parte de um sistema urbano também ele capaz de ser fundamentado através de entre-espaços e da capacidade destes em gerar lugares significantes na cidade que funcionem como elementos estruturantes plenamente integrados e cerzidos no cenário urbano.

O programa da arquitectura proposta, assim como o local da sua implantação devem reflectir uma preocupação em potenciar as qualidades que o bairro oferece e dar resposta a problemas do mesmo.

5.1. O LOCAL

O local eleito para este projecto é um terreno a Sudeste dos limites do Bairro Padre Cruz estabelecidos pela Rua do Rio Zêzere, onde, em parte, actualmente se encontram umas pequenas oficinas de trabalho, assim como estaleiros industriais cuja demolição, de ambos, está prevista. Este lugar apresenta várias características favoráveis à implantação de equipamentos que sirvam o bairro pela proximidade do limite deste o que permite um fácil acesso por parte dos seus residentes, sendo que o terreno possui também uma morfologia pouco acidentada o que favorece o criar de espaços públicos. Encontra-se também na proximidade do sistema de equipamentos educacionais que o bairro dispõe o que influenciou em parte a escolha do programa a aplicar no projecto (confrontar o ponto 4.1.3**.** com o ponto 5.2.). Dado a sua proximidade com o limite do bairro, e de um equipamento desportivo – campo de futebol, assim como o enquadramento visual que estabelece com o bairro também através da Rua do Rio Laboreiro, a implantação do edifício multifuncional e dos entre-espaços que dele advêm são tidos como uma oportunidade para fomentar o convívio e a sociabilização, ao estabelecer relações de proximidade e

vizinhança, e apelar a uma pluralidade de actividades (ver anexo 4). Igualmente importante de realçar é a proximidade de hortas urbanas, relevantes para a memória do sítio do Bairro Padre Cruz e para identidade do mesmo, algo que não será também esquecido no programa aplicado à proposta de projecto.

De ter em consideração, também, a sua localização face ao sistema urbano proposto (ver anexo 4) que irá ladear o edificado por arruamentos que visam "agarrar" a proximidade do bairro, mas também os percursos que atravessam e ligam todo o sistema urbano entre si à envolvente imediata através de vias pedonais, ciclovias, por uma linha de *tram* e por um passadiço que "trespassa" ainda o edificado proposto.

5.2. O PROGRAMA

O programa surge de acordo com as problemáticas e as potencialidades do Bairro Padre Cruz identificadas no capítulo anterior (confrontar ponto 4.1.3. com anexo 2) servindo como pretexto para explorar a aplicação do conceito de entre-espaços e entender como estes e um edifício multifuncional podem servir e ser integrados no bairro. Pretende-se a introdução de novas funcionalidades, intensificar ligações urbanas, sublinhar a identidade da comunidade e gerar novas oportunidades económicas, sociais e culturais. Assim, o programa do projecto subdivide-se em dois grupos: o edifício multifuncional e os espaços urbanos que dele advêm, conformando-se em parte deles entre-espaços, o que confere à ideia programática uma relativa hibridez no seu conteúdo, principalmente na relação entre o espaço público e privado.

No intuito de especificar melhor o conteúdo programático do projecto poder-se-á dizer que o edifício multifuncional é composto por um Centro Educacional – constituído por um jardim infantil/ creche[102], uma cantina comunitária, uma lavandaria comunitária, mediateca/ *idea store*[103], escritórios, incubadora de empresas – e um complexo de Habitações, e os entre-espaços, gerados pelo cheio do edificado e/ ou pela articulação de outros elementos do espaço urbano, tal como largos, pátios, claustros, galerias ou passadiços (ver esquemas conceptuais anexo 4).

Como tal, o edifício multifuncional ao conter um Centro Educacional pretende agarrar a oportunidade evidenciada pela estrutura de escolas que o bairro apresenta de maneira a estimular o

[102] O programa do jardim infantil/ creche baseia-se no programa tipo da *Escola Bressol* catalã que compreende crianças desde o fraldário até aos 5 anos.

[103] O programa da mediateca/ *ideia store* aqui apresentado foi baseado no conceito desenvolvido por Adjaye em Londres para bibliotecas e/ ou mediatecas, onde juntam algum conteúdo programático normal a ambas, ou seja, às áreas de consulta de livros, conteúdos multimédia e salas de leitura/ de estudo é acrescentado salas polivalentes, balneários, salas de trabalho/ formação / *workshops*, assim como uma zona de café. Esta ideia é enunciada em PER, A.; MOZAS, J. (2007) *Civilities I*. Vitoria-Gasteiz: A+T, 2007. pp 110-111.

conhecimento e aprendizagem, com o objectivo de criar um sistema de vários equipamentos educacionais. Ao integrar ainda um complexo habitacional aliado aos equipamentos já descritos, pretende inserir novos habitantes, assim como interagir com a grande variedade de gerações e diversidade cultural que o bairro possui, ao potenciar e aumentar usos através do crescimento de actividades económicas e sociais. Nestes termos, os entre-espaços criados pelo cheio do edifício do edifício multifuncional e da proposta urbana, que pretendem criar uma rede estruturada de lugares significantes articulando para isso um pátio e um claustro, servindo-se também de galerias e de um passadiço elevado. Os entre-espaços, que incluem por exemplo hortas urbanas, funcionaram como pontos de integração dos equipamentos urbanos referidos ao neles serem gerados pontos de encontro e socialização, combatendo o isolamento do bairro através de relações de proximidade com a envolvente urbana, onde a relação entre o público e o privado se mistura.

Atravessado o edifício multifuncional ao passar pelo pátio entra-se num entre-espaço que se continua a desenvolver entre dois braços. Aí encontram-se hortas urbanas, tal como módulos que proporcionam áreas de lazer e estar, comércio e armazenagem. Neste entre-espaço cria-se como que um espaço tripartido entre as hortas urbanas, os módulos de apoio e os espaços públicos de transição ou permanência que o desenho dos dois anteriores vão gerar (ver anexo 4).

O edifício multifuncional no seu nível térreo é composto por uma lavandaria comunitária, cantina comunitária, acesso ao nível superior do Centro Educacional, espaços, estes, organizados em torno do pátio anteriormente referido, possuindo ainda um jardim infantil/ creche organizado em torno de um claustro, cuja entrada é efectuada através do largo. Dado tratar-se de um edifício multifuncional é através do seu nível térreo também que pode aceder ao complexo de habitações, distribuído entre os níveis dois e sete, através da parte Sudoeste do edificado, passando por entre uma galeria é escavada nessa frente e gerando pequenos postos de comércio de rua, tal como outra entrada para o nível superior do Centro Educacional (ver figura 75, ver anexo 4).

No nível um do Centro Educacional, na frente Sudoeste, sobe o mesmo enfiamento das habitações, encontrar-se as incubadoras de empresas que comunicaram visualmente com essa mesma frente de rua e com o claustro. Em torno desse claustro organizam-se também salas de trabalho/ formação/ *workshops*, assim como zonas de estudo, tudo parte integrante da mediateca/ *idea store* que se continua a desenvolver em torno do pátio, apresentando aí mais salas de estudo, salas polivalentes e áreas de consulta bibliográfica e conteúdos multimédia (ver figura 76, ver anexo 4).

Por esse mesmo nível é também possível aceder ao Centro Educacional por um passadiço que trespassa parte do edificado (ver figura 76, ver anexo 4), estabelecendo um percurso sobrelevado.

O complexo de habitações desenvolve-se ao entre os níveis dois e sete. As tipologias habitacionais variam entre os T0, T1, T2, T1 em duplex, T2 em duplex e T4 em duplex. O acesso vertical é realizado através do nível térreo, podendo também ser efectuado através do passadiço anteriormente mencionado. O acesso às habitações no plano horizontal é realizado por galerias interiores que comunicam pontualmente com o exterior através de espaços comunitários espalhados pelos diferentes pisos. O último nível – sete – ao nível da cobertura favorece as tipologias de duplex do nível seis com terraços, sendo que cria também pequenos terraços comunitários na zona dos acessos verticais (ver anexo 4). No nível dois, primeiro piso destinado a habitações, é também possível aceder à cobertura visitável do Centro Educacional. A cobertura do Centro Educacional é acessível aos residentes das habitações e aos utilizadores do Centro (ver figura 77, 78, 79, 80, 81 e 82, ver anexo 4).

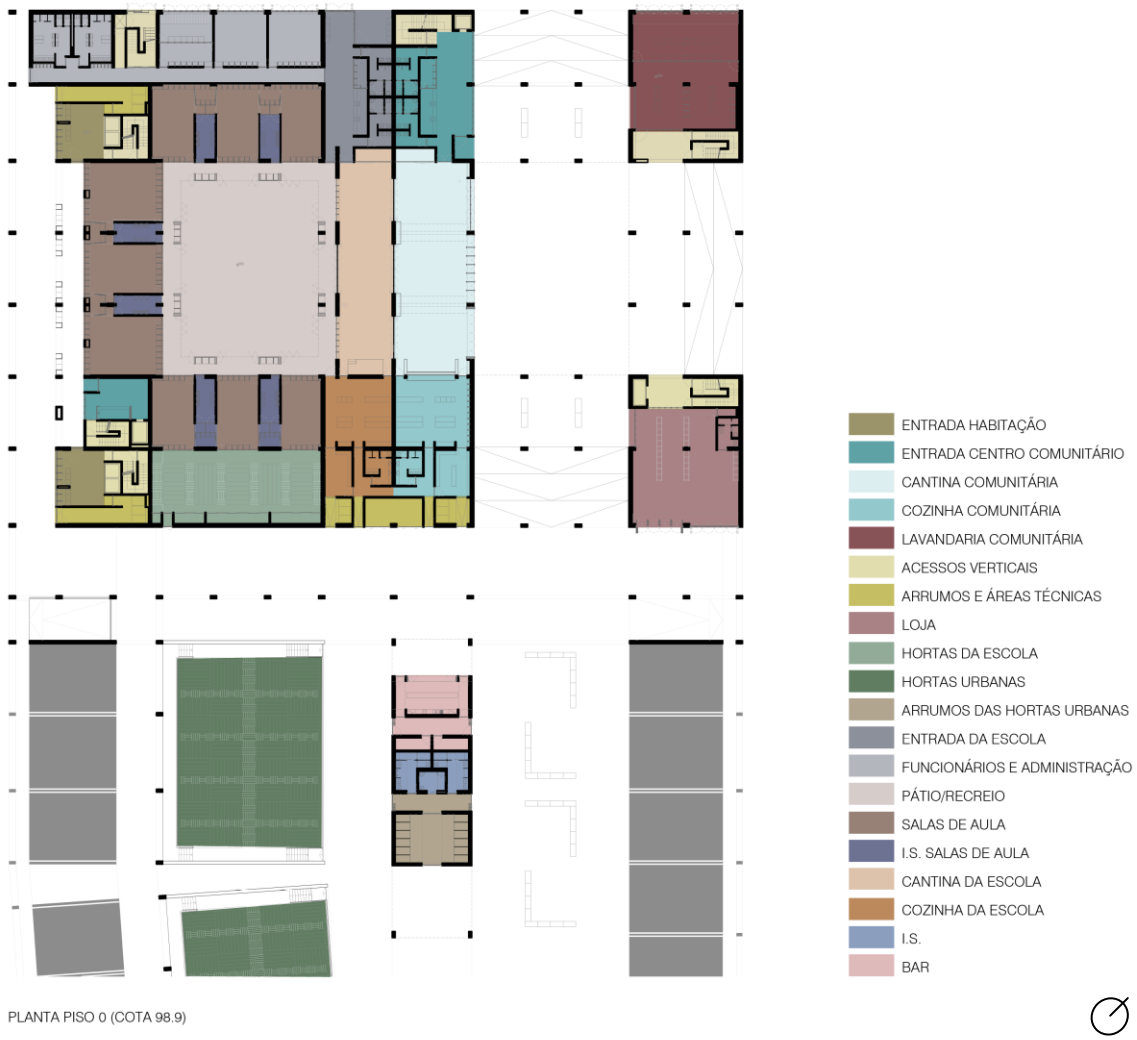


Figura 75 – Esquema programático da planta do nível térreo.



Figura 76 – Esquema programático da planta do nível 1.

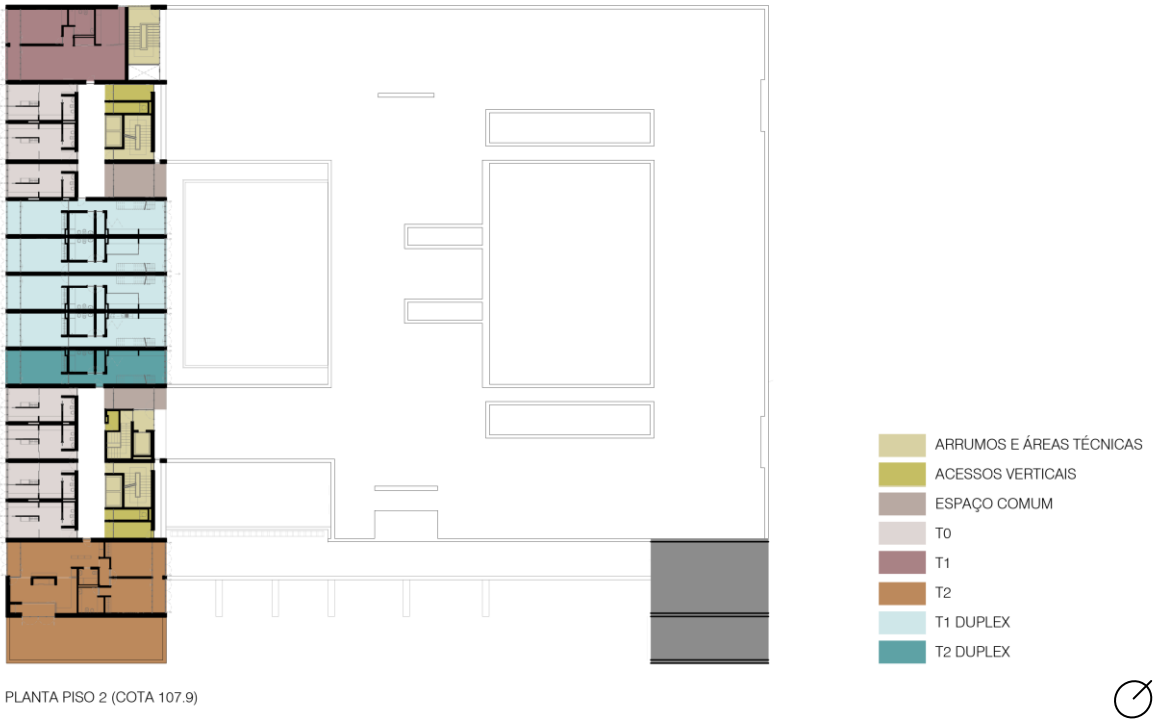


Figura 77 – Esquema programático da planta do nível 2.

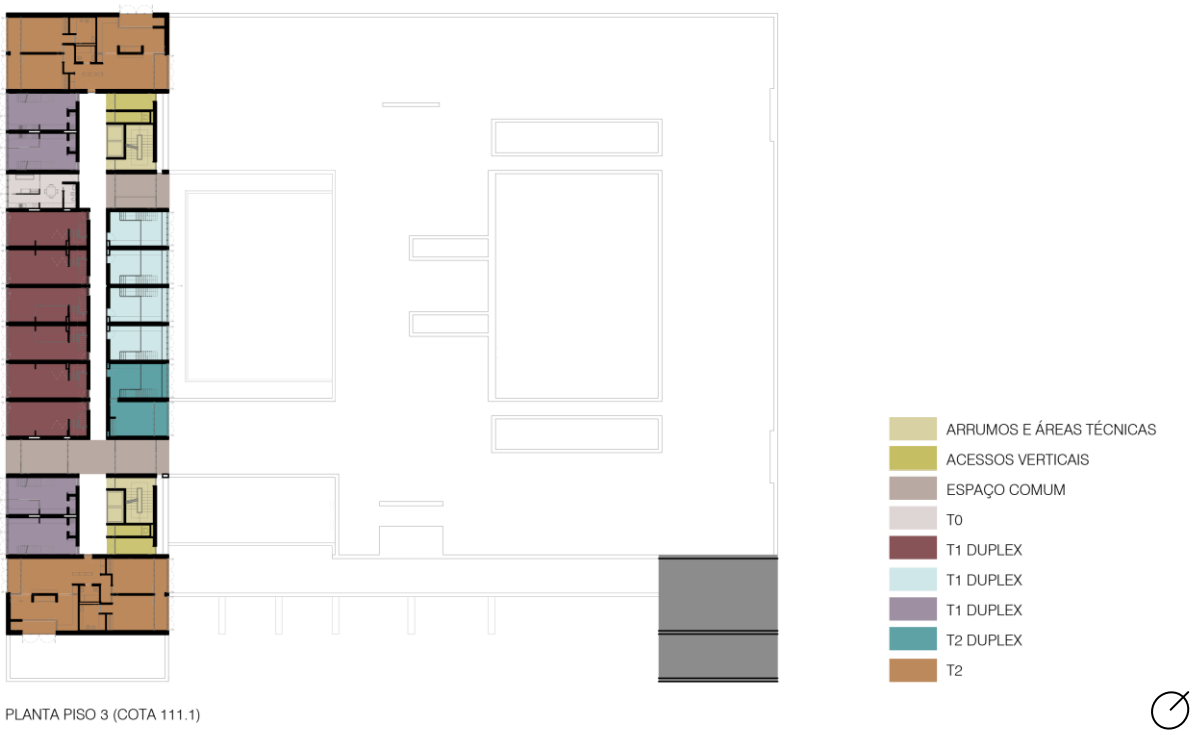


Figura 78 – Esquema programático da planta do nível 3.

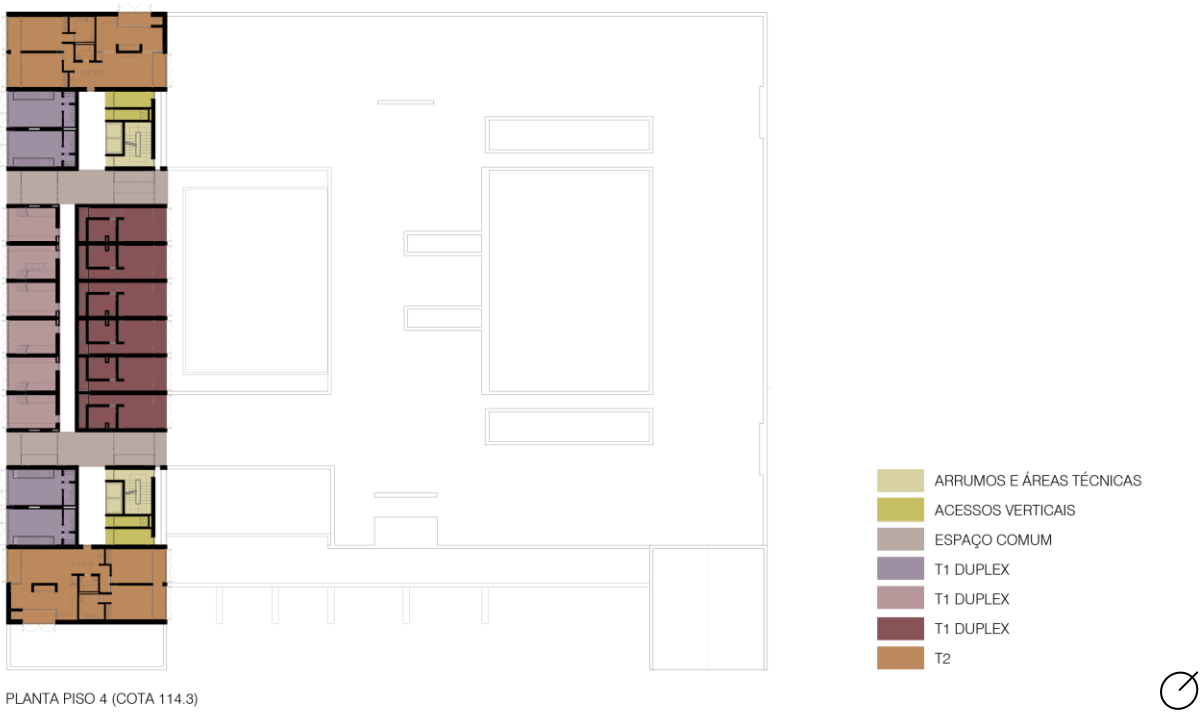


Figura 79 – Esquema programático da planta do nível 4.

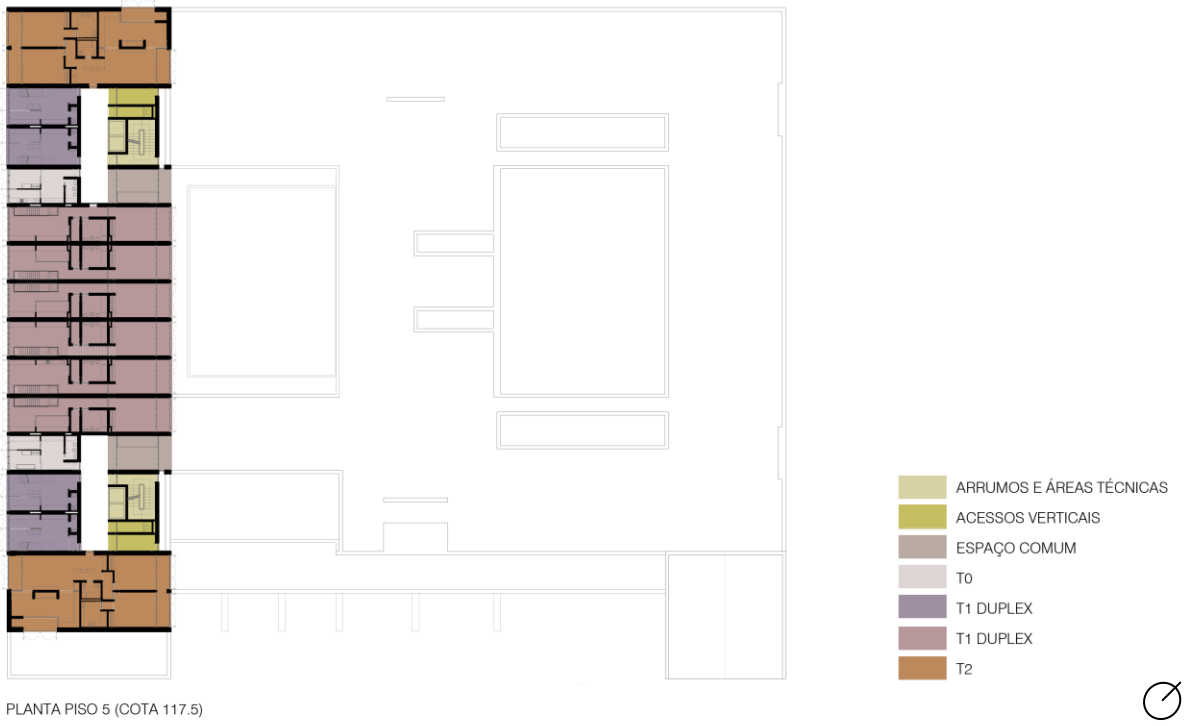
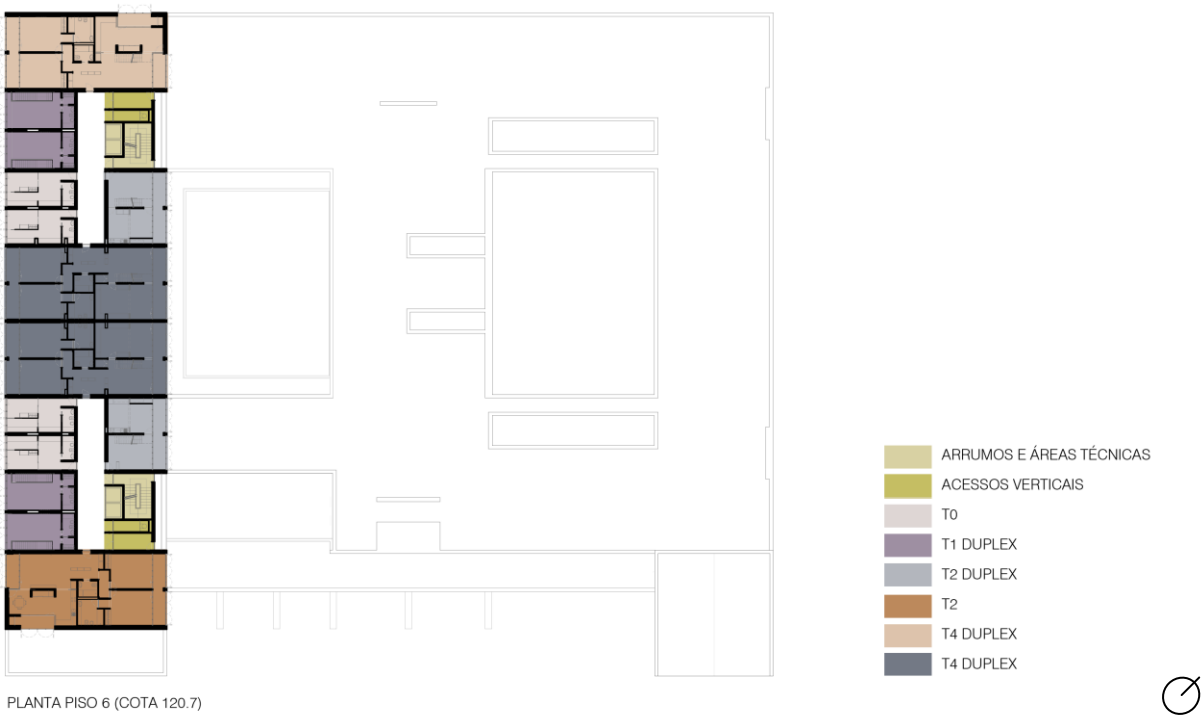
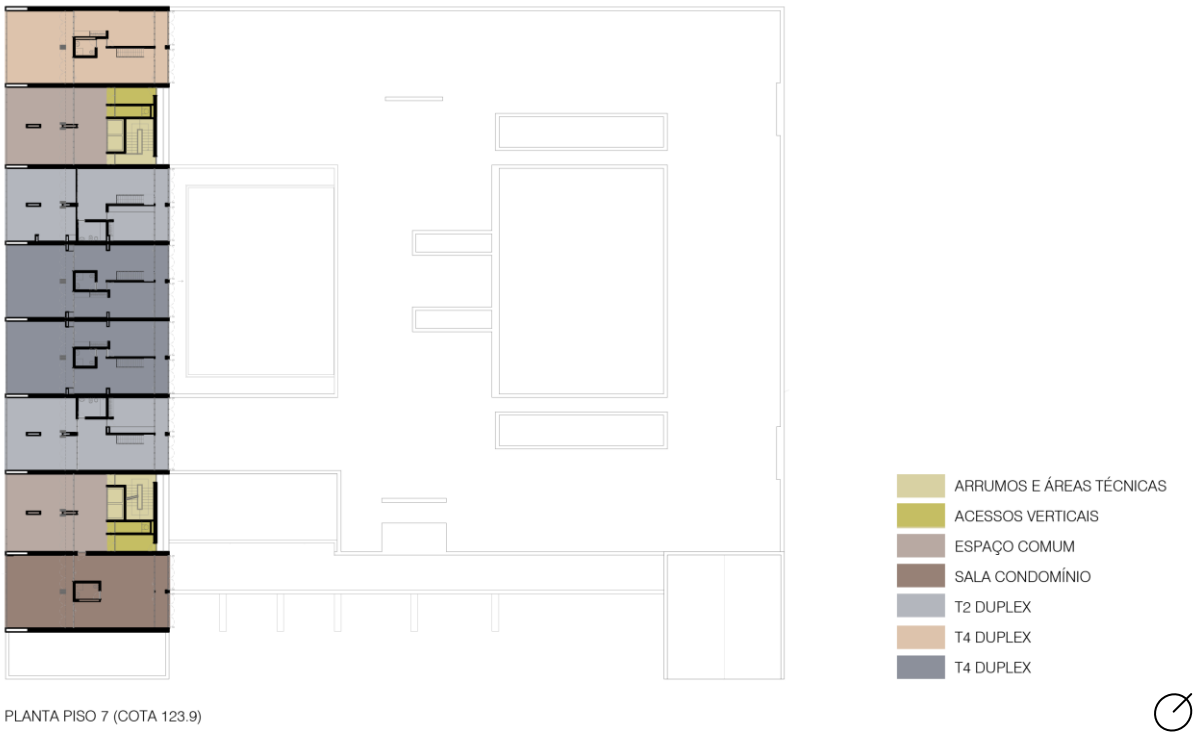


Figura 80 – Esquema programático da planta do nível 5



.

Figura 81 – Esquema programático da planta do nível 6



.

Figura 82 – Esquema programático da planta do nível 7.

De referir ainda a existência de um parque de estacionamento comum ao Centro Educacional e ao complexo de habitações no nível -1, onde a partir do desenho é definido que porção de parqueamento pertence a uma e outra identidade (ver anexo 4).

À semelhança do sistema urbano (ver ponto 4.2.1.) a construção do edifício multifuncional também se poderá processar de forma faseada como o esquema seguinte ilustra.

5.3. A HÍBRIDEZ NA RELAÇÃO DE PÚBLICO E PRIVADO

Este subcapítulo tem como objectivo clarificar como as teorizações estabelecidas no ponto 3.1.1. da presente dissertação foram aplicadas e podem ser observadas no projecto dos entre-espaços que advêm do edifício multifuncional.

Assim, quando se discute a hibridez na relação de público e privado nos entre-espaços gerados pelo projectar do edifício multifuncional deve-se ter presente além do construído outros elementos urbanos tal como largos ou pátios.

A hibridez na relação de público e privado é observável na articulação entre o espaço público que este oferece e o espaço "privado" do Centro Educacional, nomeadamente no espaço de transição oferecido ao espaço público na entrada para o jardim infantil/ creche e o largo, privilegiando o encontro e a sociabilização dos utilizadores, e simultaneamente um ponto de abrigo que anuncia a entrada. Essa relação de hibridez é também observável na articulação da lavandaria comunitária com o exterior, ao criar uma lógica de prolongamento do espaço público para dentro do edifício (ver figura 19, página 34, e esquemas conceptuais no anexo 4). Cria-se assim pequenos entre-espaços.

Na transição do largo para o pátio gerado pelo Centro Educacional poder-se-á encontrar um exemplo de entre-espaços como espaços de transição que ajudam a potenciar a relação "híbrida" entre público e privado mais no articular da cantina comunitária com o exterior, à semelhança do exemplo referido no ponto 3.1.5., onde é criada a noção de cantina comunitária/ cozinha comunitária que se estende do interior para o exterior, apropriando-se do mesmo. O espaço de cantina/ cozinha comunitária e o seu entre o interior e o exterior que o pátio possibilita serve também o propósito de este ser um espaço de convívio, passagem e encontro, onde são servidas refeições, mas também oferece a possibilidade do utilizador preparar a sua própria refeição (ver esquemas conceptuais no anexo 4). Associado ao espaço de pátio e de cantina comunitária, existe o espaço de sala polivalente e claustro pertencente ao jardim infantil/ creche. Estes espaços agora enunciados têm a possibilidade de unir-se, como por exemplo, por ocasiões festivas e estando o jardim infantil/ creche encerrado, criando uma relação hierárquica de espaços completamente diferente através da possibilidade do penetrar e apropriar completo de espaços privados por espaços públicos (ver figura 83, ver esquemas conceptuais no anexo 4).

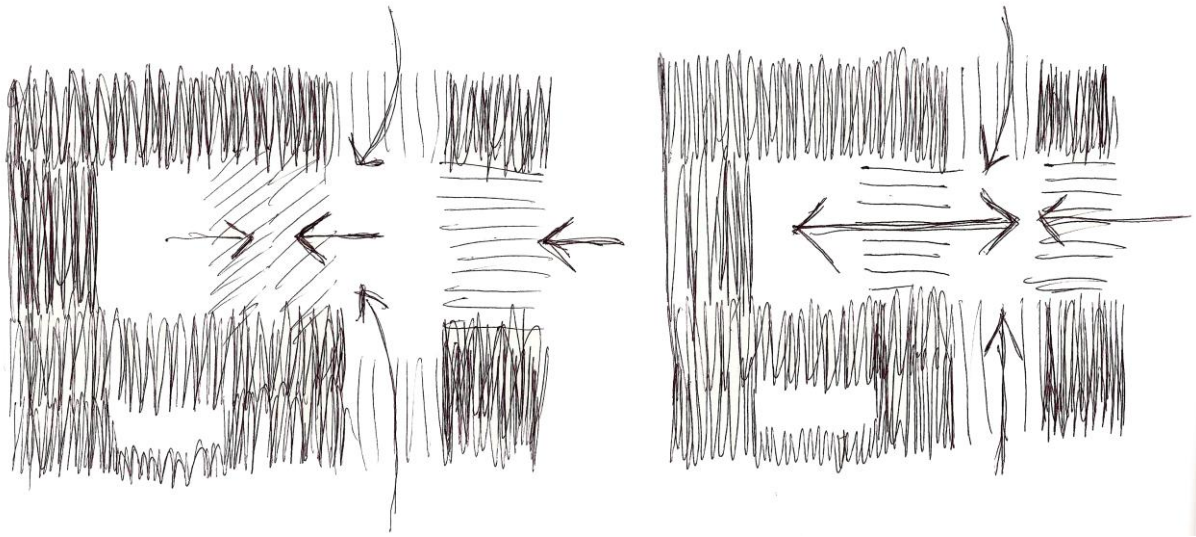


Figura 83 – Esquema conceptual – Relação de Hibridez na relação de Público e Privado.

Ainda sobre o jardim infantil/ creche, este, além do claustro possui um outro pátio encerrado sobre si, onde é proposto do cultivo de pequenas hortas urbanas no intuito de fomentar desde cedo o interesse das novas gerações pelo cultivo da terra, preservando a memória do bairro (ver esquemas conceptuais no anexo 4).

As hortas urbanas, à semelhança do exemplo citado no ponto 3.1.1. do documento, localizadas nas entre o espaço construído são talvez um dos melhores exemplos de uma relação "híbrida" entre o que é público e o que é privado. Aqui neste espaço é criado um diálogo entre as hortas urbanas que divididas por talhões representam espaços privados, de manutenção privada, mas simultaneamente espaços colectivos com acessos públicos comuns, que por sua vez irão dialogar com os módulos de apoio e os espaços públicos de transição ou permanência que a eles estão associados. A sensação de hibridez é fortalecida então também pelos percursos que o desenho dos espaços cria (ver esquemas conceptuais no anexo 4).

5.4. CAMINHAR OU PERMANECER, ESTABELECER PERCURSOS

Os entre-espaços evidenciados no ponto anterior em contacto com outros elementos urbanos e o cheio do edifício multifuncional revelam-se capazes de criar uma rede de encadeamento de espaços públicos através de uma arquitectura multifuncional que visa estruturar lugares de contacto, de interacção

social que suscitem o desejo de permanecer no local. Esse sentimento de sentir-se acolhido ao estar num determinado espaço é algo fulcral para o habitar a arquitectura. Para a usar e percorrer (ver figura 83, página 93, ver esquemas conceptuais no anexo 4).

São essas relações entre o público e o privado que possibilitam o movimento fluido e continuado de pessoas. São as actividades e os acontecimentos de cada espaço que cativam as pessoas a estabelecer-se num sítio e querer deslocar-se para outro. As hortas urbanas, que levam as pessoas a percorrer o entre-espaço onde se localizam e que as pode conduzir ao pátio para o qual se abre a cantina e progressivamente ao edifício.

Estabelecem-se relações físicas, mas também visuais, factores que levam os entre-espaços formados a ter a capacidade de levar o utilizador a dar um passeio num lugar que fomente e incentive o contacto com actividades, sejam elas privadas ou colectivas. Lugares capazes de movimentar pessoas e que promovam a proximidade e o contacto.

A capacidade de um lugar, de um entre-espaço fazer parte de um percurso, de um hábito, conduz à ideia de memória e torna-a na óptica do utilizador do espaço como um hábito que é estabelecido, um ritual que o leva a percorrer os entre-espaços.

5.5. MEMÓRIA

A memória ou memórias que temos de um lugar acaba por ser gerada por hábitos que adquirimos. Como tal, tornou-se indispensável que a proposta de projecto a integrar o Bairro Padre Cruz respeita-se a memória e a identidade que esta lhe suscita. Nestes termos, e como anteriormente mencionado no ponto 4.1.3. da dissertação (confrontar com o anexo 2), o cultivar hortas urbanas, o caminhar por percursos demarcados por azinhagas, e o forte carácter de vizinhança e proximidade que ao bairro possui foram factores determinantes ao projectar o edifício multifuncional e os entre-espaços que proporciona.

Assim, os entre-espaços foram desenhados com o intuito de estabelecer uma rede que estrutura-se o território, criando percursos aliados aos já propostos no sistema urbano em que se integram. Exemplo disso, são os "vasos" comunicantes existentes entre o largo, pátio, hortas urbanas e arruamentos, relacionados, claro, com o edifício multifuncional e envolvente próxima. Esta proximidade entre os vazios e os cheios, tal como a correlação directa para com o Bairro Padre Cruz, continua assim a fomentar relações de proximidade e vizinhança também determinantes para a identidade bairrista. As hortas urbanas, e o hábito dos habitantes do bairro em cultiva-las e um contacto mais imediato para com as habitações e/ ou equipamentos de apoio, devidamente integradas nos percursos estabelecidos pelos entre-espaços, foi igualmente tido em consideração ao nível do projecto (ver esquemas conceptuais entre-espaços, hibridez e percursos no anexo 4).

5.6. HABITAR O LUGAR

Para o Homem criatura de hábitos se sentir bem, resguardado e seguro para habitar o lugar, este tem de sentir empatia com o lugar, estabelecendo relações de proximidade e confiança para com ele. Deve sentir que quando sai de casa a envolvente tem lhe pertence de alguma forma. Neste sentido, é a maneira como se cria e deixa espaço, ou seja, como se desenha a relação de cheio e vazio num projecto é determinante para a capacidade que este tem de fomentar o habitar de um lugar. Assim, no projecto do edifício multifuncional e dos entre-espaços que ajuda a definir, as relações entre espaço criado e espaço deixado tem sempre em consideração a relação hibrida entre público e privado que estes têm entre si, no intuito de criar relações de proximidade e segurança ao utilizador, quer seja pelas actividades e usos que os espaços contêm ou pelo contacto social que é proporcionado nos entre-espaços e dentro do edifício, construindo um ninho seguro (ver figura 84).



Figura 84 – Ambiência do claustro do Jardim Infantil/ Creche (fotografia maquete).

Esse tipo de relações é evidente através dos percursos que os diferentes espaços permitem fazer, acedendo a variados serviços sem nunca sair da proximidade da sua habita, criando relações de vizinhança (ver figura 83, página 93, ver esquemas conceptuais no anexo 4).

5.7. O PAPEL DO CHEIO NOS ENTRE-ESPAÇOS

O cheio deve potenciar o vazio dos entre-espaços surgindo como uma arquitectura oportunista que tire partido das suas múltiplas funções, assim como das possibilidades programáticas que tiver à disposição. O papel do cheio é ser um prolongamento dos entre-espaços, ao funcionar como mais uma camada de um *multilayred approach* da qual vivem e dependem os entre-espaços. O cheio deve ter uma capacidade de tratar o programa perante todas as camadas de uso e funções dentro e fora do cheio, capacitando o articular em uníssimo com o vazio nas relações entre público e privado (ver anexo 4).

6. CONCLUSÃO

6. CONCLUSÃO

Na presente dissertação, com o propósito de contribuir para uma melhor compreensão da problemática que os vazios urbanos representam enquanto fracturas na forma da cidade contemporânea, procurou-se evidenciar a relevância dos vazios no desenho da cidade como elementos de continuidade urbana capazes de gerar lugares significantes.

Assim, foi pertinente uma investigação e um estudo teórico sobre como a forma da cidade pode ser afectada por vazios que fracturam a sua continuidade urbana, tal como propor ferramentas capazes de colmatar as mesmas. Ferramentas, essas, enunciadas através de uma estratégia conceptual de desenho que conseguisse cerzir, gerar e capacitar lugares significantes entre os cheios e os vazios da cidade. Algo que formulasse um equilíbrio entre os espaços.

Deste modo, foi trabalhado e formulado o conceito de Entre-espaços. Conceito que em resposta à problemática enunciada procurou explorar as potencialidades que os vazios oferecem de forma a estes funcionarem como elemento estruturante plenamente integrado e cerzido no cenário urbano, ao propor um espaço capaz de solucionar a dispersão que as fracturas que tantas vezes se sentem na cidade actual através de um desenho que devolva à cidade uma forma urbana continuada, virtude marcante da cidade tradicional. Isto é, a reinterpretação e reconceptualização da cidade à luz da contemporaneidade permitirão a restruturação e a criação de redes de continuidade em espaços urbanos anteriormente fracturados.

Propõem-se, então, que os entre-espaços devam seguir uma lógica de continuidade de cheio e vazio, que explore a relação e articulação entre os espaços que liga, seja interior ou exterior, privado ou público, de modo a estimular uma noção comunicação fluída, movimento, transição e passagem, permanência e fixação. Devem ser um lugar que se deseja habitar, um lugar assente na sua memória, um lugar capaz de formular uma identidade. Através da referência a vários projectos procurou-se demonstrar as várias valências que constituem os entre-espaços enquanto ambiente construído de experiências arquitectónicas.

O caso de estudo do Bairro Padre Cruz identificado como uma fractura da cidade na periferia serviu de pretexto para a aplicação das premissas que caracterizam o conceito de entre-espaço através do desenho de uma proposta arquitectónica que proporcione um lugar para viver, trabalhar, trocar, negociar, para o ócio e para a cultura. Assim, a integração de um edifício multifuncional no Bairro Padre Cruz visa através dos cheios, tal como através dos vazios gerados na qualidade de entre-espaços, cativar as pessoas a percorrer ou permanecer no bairro e na sua envolvente próxima.

Através dos entre-espaços pretendeu-se criar vazios que se afirmassem como lugares significantes que proporcionem dependência e participação da comunidade que o bairro habita, com o desejo deste deixar de ser uma ilha rodeada por vazios urbanos e, ou barreiras construídas que fracturam o sítio da cidade de Lisboa.

Como tal, o edifício multifuncional, enquanto cheio, e os vazios que cria, enquanto entre-espaços pretenderam potenciar as relações de proximidade e vizinhança. Ao agarrar as oportunidades que o sítio do Bairro Padre Cruz, o edifício multifuncional ao conter um centro educacional, composto por um jardim infantil/creche, uma cantina e uma lavandaria comunitárias, uma mediateca, escritórios e incubadora de empresas pretende agarrar a estrutura de escolas que o bairro apresenta de maneira a fomentar e valorizar o conhecimento e aprendizagem, criando um sistema de vários equipamentos educacionais. Ao integrar ainda um complexo habitacional aliado aos equipamentos já descritos, pretende inserir novos habitantes, assim como interagir com a grande variedade de gerações e diversidade cultural que o bairro possui, ao potenciar e aumentar usos através do crescimento de actividades económicas e sociais. Nestes termos, os entre-espaços, que incluem por exemplo hortas urbanas, funcionaram como pontos de integração dos equipamentos urbanos referidos ao neles serem gerados pontos de encontro e socialização, combatendo o isolamento do bairro através de relações de proximidade com a envolvente urbana, onde a relação entre o público e o privado se mistura.

Em suma, uma boa estratégia arquitectónica no projectar entre-espaços deve ter como objectivo potenciar o lugar de modo a potenciar os vazios formados pelas fracturas da envolvente próxima, e assim estruturar novas redes de encadeamento de espaços públicos através de uma arquitectura multifuncional que acolha e crie pontos de permanência. Factores que influenciam o habitar do lugar.

Os entre-espaços devem viver de uma arquitectura "híbrida" na sua relação de público e privado, que suscite o desejo de caminhar ou permanecer através da memória e dos percursos que no espaço são estabelecidos. Devem despertar a intenção de habitar o espaço.

número de palavras: 17619

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Monografias

BRU, E. (2001) *Coming from the South*. Barcelona: ACTAR, 2001. ISBN 84-95273-18-7

BUSQUETS, J., COROMINAS, M. (2009) *Cerdà i la Barcelona del futur. Realitat versus projecte*. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2009. ISBN 978-84-9803-395-3

DAVIDSON, C. (1995) *Anyplace*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: The MIT Press, 1995. ISBN 0262540789

Dicionário Lello Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico. DE SÉGUIER, J. (dir.). Janeiro de 1997. Porto: Lello Editores, 1997. ISBN 972-48-0011-3

GEHL, J. (2006) *Life between Buildings: Using Public Space*. Copenhaga: Arkitektens Forlag/ The Danish Arhitectural Press and Jan Gehl, 2006. ISBN 87-7407-3605

HEIDEGGER, M. (1971) *Poetry Language and Thought*. Nova Iorque: Harper Collins, 2001. ISBN 978-0060937287

HERTZBERGER, H. (1991) *Lições de Arquitectura* (versão original, *Lessons for students in architecture*). São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN 85-336-1034-3

HOLL, S. (2011). *"Hybrid Buildings"* in PER, A. *et al. This is Hybrid*. Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011. ISBN 978-84-614-6452-4

JECKS, C. (1977) *The Language of Post-Modern Architecture*. Nova Iorque: Rizzoli, 1977. ISBN 978-0847813599

LAMAS, J. (1993) *Morfologias Urbanas e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, 2004. ISBN 9789723109030

MARSHALL, S. (2005) *Streets and patterns*. Nova Iorque: Spon Press, 2005. ISBN 0-415-31750-9

OTAKAR, M.; VAN SCHAIK, M. (2005) *Exit Utopia: Architectural Provocations 1956-76*. Munique/ Berlim/ Londres/ Nova Iorque: Prestel, 2005. ISBN 3791329731

PER, A. *et al.* (2011) *This is Hybrid*. Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011. ISBN 978-84-614-6452-4

PORTAS, N. (1969) *A cidade como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. ISBN 9789722414630

ROSSI, A. (1966) *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. ISBN 9789727621262

ROWE, C.; KOETTER, F. (1978) *Collage City*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: the MIT Press, 1993. ISBN 978-0262680424

SIEVERTS, T. (1997) *Cities without cities. An interpretation of the Zwischenstadt*. Londres: Routledge, 2003. ISBN 978-0415272605

SOLÀ-MORALES, I. *"Terrain Vague"* in *Anyplace*. Cambridge-Massachusetts/ London-England: The MIT Press, 1995. ISBN 0262540789

VIGANÒ, P. (1999). *La città Elementare*. Milano: Skira Editores, 1999. ISBN 9788881186426

ZUMTHOR, P. (1999) *Thinking Architecture*. Basel: Birkhauser, 1999. ISBN 978-3764374976

ZUMTHOR, P. (2006) *Atmosferas: entornos arquitectónicos – as coisas que rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. ISBN 9788425221699

Publicações periódicas

AAA (2011) *Experiências Participativas*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 90/91. Lisboa: 2011. pp 76-79. ISSN 1647-077X

BORGES MARTINS, R. (2008) *Parceria Público-Privada: o Lugar da Arquitectura* in revista Jornal Arquitectos. Nº232. Lisboa: 2008, pp 26-27. ISSN 0870-1504

BRINGE, P. (2008) *1965: O ano da morte do Urbanismo Português* in revista Jornal Arquitectos. Nº 232. Lisboa: 2008. p 19. ISSN 0870-1504

CRUZ PINTO, J. (2010) *Eloge du Vide* in revista Le carré bleu e Arte. Nº 2. Nápoles: CLEAN edizioni, 2010.

DILLER SCOFIDIO + RENFO (2009) *Espaços Públicos*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 73. Lisboa: 2009. pp 22-29. ISSN 1647-077X

FURTADO, G. (2009) *Explorando a forma da cidade periférica – Uma Abordagem Sintáctica*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 67. Lisboa: 2009. ISSN 1647-077X

FURTADO, G.; MACEDO, R. (2010) *Evolução de paradigmas no século XX – Da Conservação Arquitectónica à Reabilitação* Urbana, in revista Arquitectura e Arte. Nº 82/83. Lisboa: 2010. ISSN 1647-077X

INNERARITY, D. (2008) *A Nova Urbanidade*, in revista Jornal Arquitectos. Nº 231. Lisboa: 2008. ISSN 0870-1504

PER, A.; MOZAS, J. (2007) *Civilities I*. Vitoria-Gasteiz: A+T, 2007. ISSN 1132-6409

SANTIAGO BAPTISTA, L. (2007) *Vazios Urbanos – Desafios do "Terrain Vague" à Arquitectura Contemporânea*, in revista Arquitectura e Arte. Nº 47/48. Lisboa: 2007.

SOLÀ-MORALES, M. (1992) *Projectar la Periferia* in Urbanisme Revista. Nº9/10. Barcelona: Laboratori d'Urbanisme, ETSAB – UPC, 1992. pp 2-5.

VÁZQUEZ, C. (2009) *O fim da continuidade*, in revista Jornal Arquitectos. Nº 236. Lisboa: 2009. ISSN 0870-1504

Teses, dissertações

BOTELHO, S. *Espaços de Transição – Preservação da Privacidade e Estímulo do Contacto Social.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado.

CARDOSO, D. *Plataformas em Rede. Um interface urbano para as redes de transporte e digital.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado.

PASSOS, B. *Intervenções Contemporâneas em Espaços Públicos pré-existentes. O Tema da Praça.* Tese de Mestrado. Lisboa: ISTUTL, 2008. Texto policopiado.

PEREIRA, G. *Um Museu para a Cidade: expansão do museu da Cidade, núcleo séc. XX/XXI.* Tese de Mestrado. Lisboa: FAUTL, 2010. Texto policopiado.

SILVA, C. *O Difuso no Vale do Ave.* Tese de Mestrado. Porto: FAUP, 2005. Texto policopiado.

Documentos electrónicos

ABREU, P. M. *O Destino do Monumento.* [PDF]

ANDRÉ, P. *"A Construção da Memória dos Vazios Úteis da Cidade. Conhecer para Divulgar e Divulgar para Revelar"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos.* [Em linha] Lisboa: ISCTE, Julho 2007. 42pp. [Consult. 10 Maio 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Paula_Andre2.pdf

In BASTOS, A (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. [Imagem em linha]. [Consult. 7 Stembro 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

BENOLIEL, J. (195-) *Quinta da Penteeira,* Arquivo Municipal de Lisboa. [Imagem em linha]. [Consult. 7 Stembro 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

CASTANHEIRA, D.; RODRIGO, R. (2011) *Forwarding Dallas: Sustentabilidade Ecológica e Social* in Revista ENTREmais. Ano 1. Nº2/3. Junho/ Julho, 2011. 58 pp. [Em linha]. [Consult. 11 Agosto 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://revistentremais.wordpress.com/2011/08/05/edicao-n%C2%BA-02-03-2/

CAVACO, C. (2007) *"Os Espaçamentos Ilegítimos. A Condição Suburbana do Vazio"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos.* [Em linha] Lisboa: ISCTE, Julho 2007. 17pp. [Consult. 10 Maio 2011]. Disponível em WWW: <URL:

http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Cristina_Cavaco2.pdf

JORGE, P. (2007) "*Vazios úteis - Cerzir a cidade"* in *Vazios Úteis. Actas do Seminário de Estudos Urbanos.* [Em linha] Lisboa: ISCTE, Julho 2007. 13pp. [Consult. 10 Maio 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Pedro_Jorge2.pdf

GOULART, A. (1962) *Bairro padre Cruz,* Arquivo Municipal de Lisboa. [Imagem em linha]. [Consult. 7 Stembro 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx

HEIDEGGER, M. "*Construir, Habitar, Pensar"* in *Homem e Espaço: Colóquio de Darmstadt II*. Darmstadt, 1951. 10 pp. [PDF]

MOOV+DATA (2011) *Forwarding Dallas*, Desenhos Técnicos, Descrição do Projecto - *PRESSKIT* [PDF] e entrevista conduzida pelo autor [PDF].

PDM (2010) *Revisão do Plano Director Municipal de Lisboa.* Câmara Municipal de Lisboa, 2010. [PDF]

Laboratório de Projecto VI – 2010-2011. Caracterização e Análise do Bairro Padre Cruz (2011) RODRIGUES, P. (coord.). Lisboa: FAUTL, 2011. 336 pp. [PDF]

ANEXOS

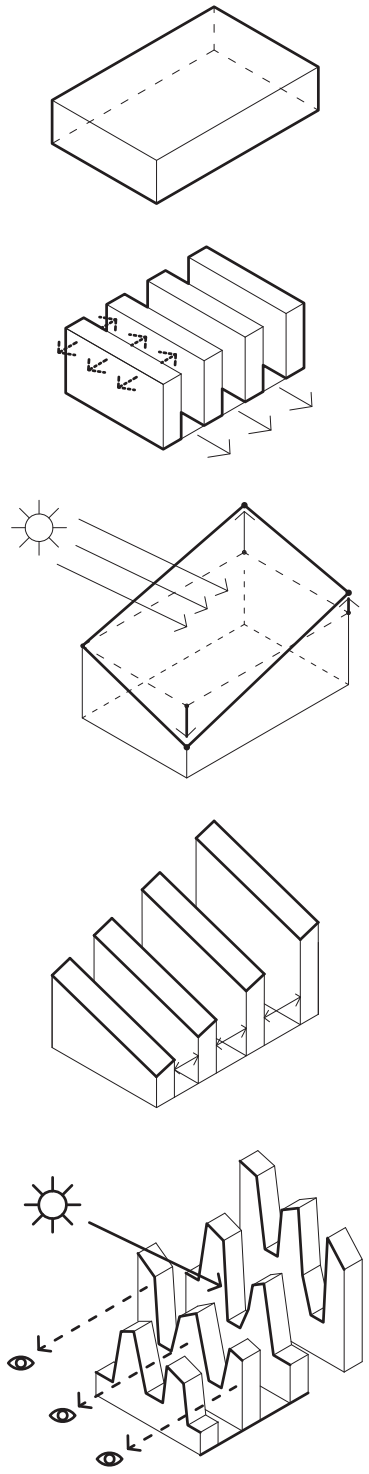
ANEXO 1 – Entrevista ao Arquitecto António Louro (MOOV)

FORWARDING DALLAS: SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA E SOCIAL

por David Castanheira | Ricardo Rodrigo

GIVING SHAPE

No âmbito da temática desta edição da revista realizou-se uma entrevista ao arquitecto António Louro, pertencente ao Estúdio de Arte e Arquitectura MOOV. O projecto em discussão foi o *Forwarding Dallas*, um quarteirão urbano com habitação e comércio, a construir na cidade de Dallas, no Texas (EUA), projecto este realizado em parceria entre os MOOV e o Atelier Data. A entrevista ao arq. António Louro, um dos responsáveis do desenvolvimento e coordenação do projecto, orientou o tema de conversa para a capacidade de resposta do projecto em questão quanto à sustentabilidade arquitectónica em termos sociais e ecológicos, quanto à eficiência energética da arquitectura praticada e os seus sistemas de certificação, assim como, a sua integração na cidade e mudança de concepção da ideia de quarteirão.



Ricardo Rodrigo (RR) – Em que fase se encontra o projecto?
António Louro (AL) – Ganhamos o concurso… até ao momento tivemos reuniões preliminares com os responsáveis para a construção do projecto em Dallas, e neste momento o projecto vai introduzir-se num plano urbano que se chama *eco district*…

RR – Em que consistem esses *district's*?
AL – Dallas é uma cidade que basicamente tem, como a maior parte das cidades americanas, uns quarteirões no meio que pertencem ao chamado distrito financeiro,

BLOCK PROGRAMME
Traditional city blocks, with buildings along the streets posed two problems. Spaces result too identical across the entire city, lacking diversity, and can't take the most out of sun and wind, as they are not "earth oriented", they are only grid aligned.

SLICED BLOCK
Slicing in four the city block, opens it, generates public space in between, and creates a south and a north façade in every block.

DEFORMING SLICES
To further maximize solar gain, all four "bars" were intercepted by an oblique plane, with its lower point in the southern tip, and its higher point in the northern tip.

OPTIMIZE SLICES DISTANCES
The distance between bars is not identical in all three cases, the gap is wider the further north it is, to allow more natural light, as buildings are taller.

SHAPPING THE SLICES
Better views and insulation can be achieved, by aligning the taller sections of a block with the shorter ones of the facing blocks.
It results in the materialization of the hills analogy, creates diversity, and is used as the framework for technical solutions and urban organization that foster community meeting.

Giving Shape (*Forwarding Dallas*)
Fonte: MOOV e Atelier Data

depois segue-se uma zona de habitação… o que se pretende agora fazer em Dallas é atrair população para aquilo que eles apelidam de *eco district*. Dallas criou numa parte da cidade um denominado *art district* com obras de vários arquitectos de renome, tal como Renzo Piano. Aqui eles construíram equipamentos de índole cultural como a ópera, museus,… O objectivo agora é conseguir articular as diferentes áreas da cidade, ao mesmo tempo que no *eco district*, uma área predominantemente residencial, mas também com uso comercial, a qual se pretende, e ambiciona, desenvolver de uma forma sustentável.

O primeiro passo que fizeram em prol desse objectivo foi associarem-se à *Urban Revision*, uma associação sediada em São Francisco, que promove concursos de arquitectura para fazerem o *Revision Dallas* que irá rever a cidade. Basicamente é desta ideia que nasce este tipo de quarteirão.
Neste momento, o projecto encontra-se parado porque eles encontram-se a definir melhor como vai ser este perímetro urbano, do qual existe um plano e está agora sujeito a aprovação da câmara municipal.

David Castanheira (DC) – Então quer dizer que eles continuam a defender um modelo de cidade concêntrica? O *eco district* estará na periferia?
AL – Aqui não é bem esse o caso, pois o *eco district* e o *art district* encontram-se ambos na parte central… Imagine-se que estão todos concentrados lado a lado no centro… como a Baixa Pombalina, ao que se lhe segue logo o Bairro Alto, e assim sucessivamente. Pretende-se é que o *eco district*, o *art district*, o *business district*,… sejam eles o centro da cidade e que haja mobilidade entre eles todos. Para dar uma noção da fraca mobilidade, pode-se dizer que em Dallas só se anda de carro basicamente.

Talvez possa estar a exagerar, mas em cada dez edifícios um deles é um silo automóvel com cinco, seis, dez andares.

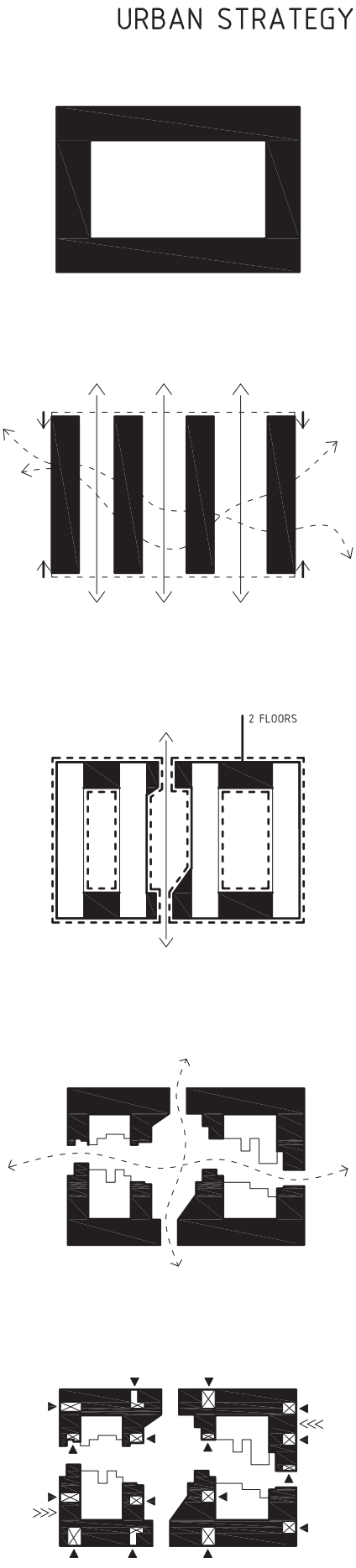
Costumo contar esta história de quando estávamos em Dallas e queríamos apanhar o avião de volta e sabíamos que a estação de comboios não era muito longe fomos até lá. O que aconteceu é que na estação apenas estavam duas pessoas, e lá avisaram-nos que o próximo comboio seria daqui a duas horas e como tal não chegaríamos ao aeroporto a tempo. Isto para terem uma noção do espaçamento do horário dos meios de transporte daquela cidade. Isto na estação central de comboios. Aliás, antes de aí chegarmos teve-se que apanhar um táxi, no qual o condutor não sabia onde ficava a estação dos comboios, porque simplesmente ninguém a usa…

DC – Um completo paradoxo para a nossa realidade. Dão ainda mais importância ao transporte individual.

AL – Exactamente. Acabámos por ir a pé para a estação dos comboios. O grande orgulho agora da cidade é uma pequena linha de eléctrico, de metro de superfície, que dificilmente consegue ainda servir a cidade.

RR – Outro tipo de questão é a nível dos materiais a usar no projecto *Forwarding Dallas*. Como é que esta a ser a passagem do projecto para a realidade, a nível do programa e dos materiais?

AL – Neste momento ainda não consigo responder a essa questão. Nós já tivemos algumas reuniões preliminares sobretudo a nível do programa, pois nós julgámos o programa do concurso excessivamente ambicioso. Nós tentámos responder, mas mesmo assim ficámos um pouco abaixo do que o programa pedia. E realmente depois de analisado por todos a *Urban Revision* chegou à conclusão que seria mesmo excessivo o programa. O programa pedia cerca de 500 unidades habitacionais, mais comércio e serviços. Nós tínhamos proposto 486 unidades habitacionais, mais comércio e serviços, e conclui-se que na realidade vai-se executar ainda umas quantas unidades a menos, com o objectivo



CONVENTIONAL BLOCK
Traditional city block offers the advantage of protection from the urban public space at the cost of segregation. It lacks ability to offer semi-public space to the city, and dynamic gathering space to their tenants.

SLICING THE BLOCK
The division of the plot in four resulted in three minor streets. If kept open the interior of the block would too expose. Street continuity too fragmented.

OPEN SPACES DIFFERENTIATION
By closing two of the inner streets at ground level, the interior of the block becomes more sheltered. You get three different confrontations between buildings, the south patio more suitable for winter, the inner street, connecting the two sides of the block and the north patio, cooler, more suitable for summer.

CONTINUOUS PUBLIC SPACE
Such spaces will be in continuity by openings at the two/three first floors of the buildings, creating a continuous, fluid grid for cycling and walking. That network has the potential to grow to city size, by openings in the construction of neighbouring city blocks.

MIXING PROGRAME
The social importance of gathering spaces makes this interior space of the greatest importance, it will harbour commerce, small living and working spaces that open into the space. By being crossed it increases safety and promotes encounters.

Urban Strategy (*Forwarding Dallas*)
Fonte: MOOV e Atelier Data

de melhorar a sua funcionalidade e operacionalidade.

Mesmo já na fase de concurso tínhamos chegado à conclusão que a densidade que o programa propunha não seria viável em termos de qualidade de espaço. O que nós fizemos foi chegar a um meio-termo onde o número de fogos que nós colocávamos era suficiente para "pagar as despesas". Contudo, dado termos trabalhado a modelação da estrutura com vista a ter habitações maiores ou menores, o próprio projecto já se encontrava preparado para ter mais ou menos fogos conforme as necessidades.

Outra questão é por exemplo os materiais empregues nas persianas. Já sabíamos que era um elemento especulativo. Mesmo tendo sido um trabalho desenvolvido com uma engenheira de térmica já com alguma experiência na área, seria sempre algo a alterar, pois nós apenas colocámos uma hipótese sempre sujeita a alterações e testes, dado nem existir protótipo.

RR – A nível de comportamento térmico fizeram algum estudo mais aprofundado? Por exemplo, propõem uma parede de terra e palha.
AL – Não. Em relação às paredes, descobrimos uma série de empresas que produziam este tipo de paredes diziam que podiam ser aplicadas em construções de dois a cinco pisos e talvez até mais em teoria. Contudo, depois da fase de concurso foi-nos dito que a construção das paredes como proposto em projecto não seria possível, pois a palha em Dallas tem muito mais valor para alimentar o gado do que como material de construção. Tornava-se muito dispendioso. Quanto muito, seria uma solução a poder-se utilizar pontualmente.

RR – Poderão então criar um novo material?
AL – Sim. Muito possivelmente à base de terra, aproveitando o terreno escavado. Contudo, o que interessa reter é que pudemos propor uma solução em teoria possível que

quando chegar a fase de obra será alterada ou não conforme as necessidades.

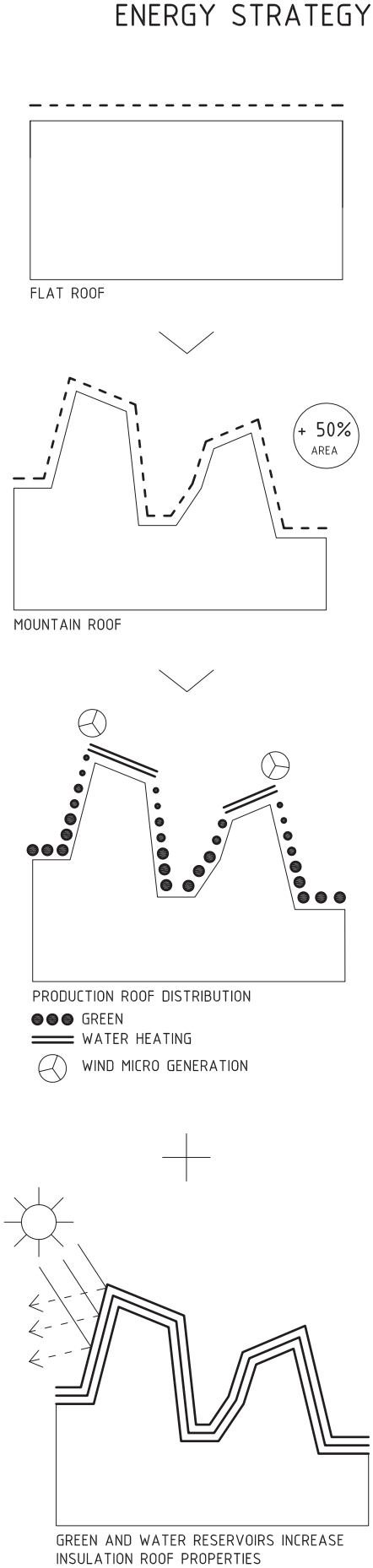
DC – Interessa-vos manter então os princípios de projecto?
AL – Sim. As premissas são para manter. É importante a orientação, que permite o melhor controlo da iluminação e da incidência do Sol, assim teremos de usar também à mesma um sistema semelhante às persianas já discutidas para sombrear a zona de varandas dos fogos.

A capacidade de inércia das paredes, as aberturas maiores a Sul e menores a Norte,… todos esses princípios vão-se manter.

RR – Então tiveram sempre em mente os princípios da arquitectura tradicional ou bioclimática?
AL - Diria que tirando a solução a nível das persianas ou das paredes o edifício é muito pouco tecnológico. Ele vai beber à arquitectura vernacular e às estratégias passivas de acumulação de energia, pois é o meio mais económico que se dispõem para que o edifício funcione. Podemos aplicar outras tecnologias, mas se não pensarmos nas estratégias passivas primeiro a construção e manutenção será muito mais dispendiosa.

Às vezes as tecnologias só a produzirem acarretam enormes custos e consumo de energia que não compensará no panorama global. As soluções tecnológicas devem apenas ser um extra, e não algo que garanta o funcionamento das estratégias passivas. O contrário não faz sentido.

Por exemplo, só o facto de criarmos varandas, estamos a criar zonas de sombreamento contribuindo para o melhor desempenho energético do edifico. Mesmo criando, em simultâneo, fogos mais pequenos. São opções. Neste caso criadas zonas de mediação do interior com o exterior, que permitem a sociabilização num "espaço exterior" que é privado.



STRIPES OCCUPATION

By having oblique surfaces, total surface of the cover is larger than the surface of the footprint, thus having a better ratio between the land that is usable for agricultural production and the surface that is built.

At "valleys" there are trees and more luxurious plants, which become scarcer as you go up until you find only xerophytes, more resistant plants.

At "hilltops" energy is harvested, solar thermal energy, photovoltaic and wind energy. This increases thermal mass and isolation of the roof.

Energy Strategy (*Forwarding Dallas*)
Fonte: MOOV e Atelier Data

RR – Em relação às fachadas cegas…
AL – Aí o objectivo foi criar uma grande cobertura verde que acabava por também albergá-las. No topo destas teríamos sistemas de recolha de energia para o aquecimento de água, em parte através de um sistema de energia eólica e de energia solar térmica. Conseguindo superfícies--inclinadas em vez de planas, consegue-se maior área de implantação. Em relação à distribuição do verde, nos vales haverá árvores e plantas mais luxuriosas, e até pequenas hortas que ficarão menos exuberantes e volumosas à medida que a cota for aumentando até chegarmos a plantas mais rasteiras que se querem mais resistentes à intempérie. Mesmo com as hortas na parte mais baixa, a ideia é as plantas irem diminuindo em porte e aumentando em resistência. Nas fachadas sudoeste colocar-se-á células fotovoltaicas servindo habitação e comércio.

RR – Na abordagem ao projecto tiveram em consideração o sistema de certificação energética LEED?
AL – Efectivamente teve-se em consideração o LEED quando abordámos o projecto, pois o programa do concurso assim o pedia. Contudo, depressa chegámos à conclusão que não poderíamos cumprir com todos os pontos de certificação do LEED, pelo menos em fase de concurso, dado ser um sistema muito complexo só possível de cumprir já em obra. Pensamos então projecto com as noções que se deveria ter em conta para a certificação, ou para uma aproximação desta, tendo consciência que apenas numa fase posterior seria possível cumprir os requisitos todos.

Não tendo até a certeza de quais são os materiais finais, deve-se investir o tempo em estruturar bem as estratégias de projecto porque até à construção o projecto em si muda muito. Deve-se ter outras preocupações a nível de princípios projectuais. Só depois é que entra uma equipa de consultores que te vai ajudar com

a certificação LEED e na sua verificação.

RR – Assim, tendo vocês em consideração os pré-requisitos do LEED, sem ser de uma forma fundamentalista, o que tiveram mais em consideração?

AL – Tivemos em consideração outros aspectos que são elucidados pelo "esquema holístico" do nosso projecto. Um item em que dedicámos bastante tempo foi a nível das ocupações sociais. Pois para nós para o quarteirão funcionar teríamos de ter em consideração o aspecto social da arquitectura, que o LEED não tem, nem tem obrigação de ter. Sendo, desde logo, claro que este quarteirão fazia parte de uma cidade e teria de se relacionar com ela.

Contudo, a nível social podes propor sempre melhorias, mas essas melhorias poderão ou não ser utilizadas e realçadas de acordo com o uso que as pessoas dão ao edifício. São aspectos bastante complicados de controlar. Cultura, vontade, … daí talvez a importância do esquema talvez pelo menos a nível de concurso.

O teu objectivo deve ser sempre propor uma arquitectura que melhore a sustentabilidade social da cidade.

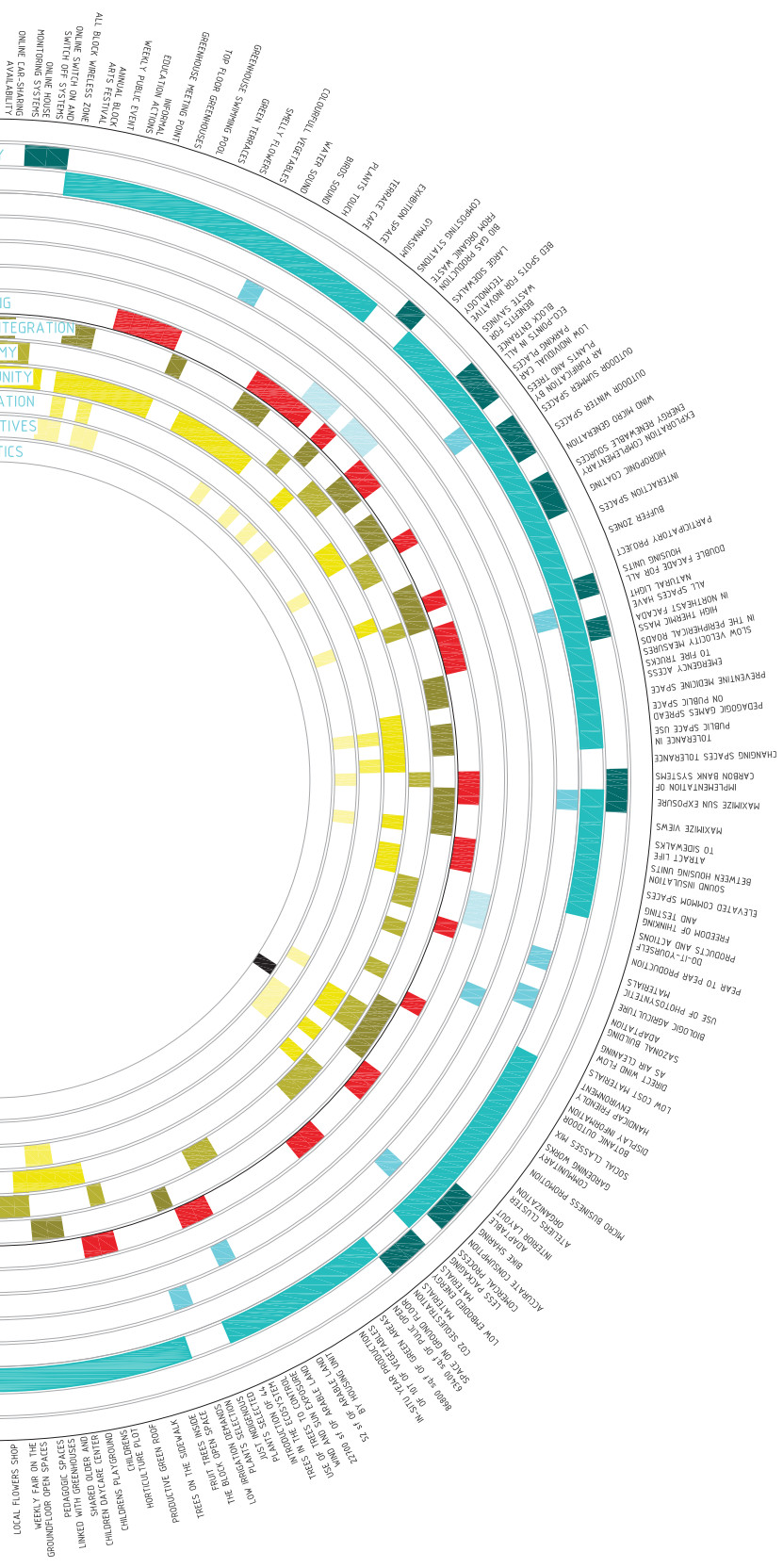
RR/DC – Então pode-se dizer que quase que estão a fazer uma "crítica" aos sistemas de certificação energética? Pretendem com este esquema demonstrar a importância da arquitectura e do arquitecto para além de cumprir os parâmetros de sustentabilidade ecológica?

AL – Nós pretendemos é defender a importância da sustentabilidade, seja ela social ou ecológica. A arquitectura não é só cumprir determinado conjunto de números.

DC – Como é que a sustentabilidade social por vós defendida irá ajudar a integrar este quarteirão proposto a nível da cidade?

AL – Trata-se de uma questão complexa. Costumo dizer que nós tentamos ser vanguardistas em termos de arquitectura, mas tradicionalistas a nível de urbanismo,





Esquema Holístico (*Forwarding Dallas*)
Fonte: MOOV e Atelier Data

pois uma rua continua a ser sem dúvida o melhor sistema de comunicação urbana. Por isso, o quarteirão continua a ser importantíssimo. Posso dizer que como resposta podemos olhar para a ideia de quarteirão convencional que oferece a vantagem de protecção de espaço público urbano, mas segrega, provocando uma falha na oferta de espaços semi-públicos à cidade e de espaços dinâmicos de encontro para as pessoas. Assim, até numa lógica de possibilitar ventilação transversal na proposta de estratégia urbana formula-se a divisão do volume construído. Contudo, uma divisão uniforme diz-nos que não existe hierarquia e existe uma exposição muito grande do quarteirão e a continuidade da frente de rua é demasiado fragmentada. Então, criamos uma diferenciação dos espaços abertos, encerrando duas ruas interiores criadas a nível do piso térreo, tornando o interior do lote mais resguardado, conseguindo-se diferentes espaços entre os edifícios, e conseguindo frentes de rua, permitindo um espaço público contínuo, beneficiando também da diversidade programática.

Outras estratégias também a ter em consideração na oferta de espaço público à rua, é o recuar da frente do edificado. Neste caso, ao procedermos desta maneira perdemos objectivamente área de construção, mas ganhamos, por exemplo, espaço para as lojas respirarem, tal como uma diferença hierárquica entre ruas principais, secundárias e do interior do quarteirão, contudo, aproximando-as ao mesmo tempo. Proporciona-se assim uma maior possibilidade de interacção social a nível do espaço público.

A nível das preocupações arquitectónicas no que a sociabilização diz respeito tivemos também em conta esse aspecto em altura no edifico. Ou seja, distribuímos áreas comunitárias por diversos pisos.



DC – Contudo, essas áreas destinam-se apenas para uso dos habitantes do edifício…
AL – Não. O objectivo seria que esses espaços servissem a cidade e não só este quarteirão. No entanto, temos noção que tal ideia na prática tornar-se-ia bastante complicada.

Assim, para uso exclusivo ou não do edifício, tentamos que esses espaços tenham diferentes valências e possibilitem diferentes usos.

Nos espaços de uso público exteriores procurou-se também vocacioná-los, conforme a sua orientação, afastamento em relação ao edificado e sombreamento, para uso de Inverno ou Verão.

RR – Este lago foi pensado como sistema de recolha de águas da chuva?
AL – Sim. E também existe um sistema de recolha ao longo de todo o edifício. E no Verão também acaba por ser uma zona mais fresca.

DC – Então a diversidade programática acaba por tornar o vosso edifício quase um híbrido?
AL – Sim. Quer a nível programático, quer a nível da relação dos espaços públicos e privados.



Forwarding Dallas (vista perspéctica) - Fonte: MOOV e Atelier Data

ANEXO 2 – Análise SWOT ao Bairro Padre Cruz

ANÁLISE | **SWOT**

Laboratório de Projecto VI Ano lectivo 2010 . 2011 | 5ºano 1.º semestre Mestrado integrado em Arquitectura

Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. | Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq.



	CULTURAL	IMAGEM	SERVIÇOS	COMÉRCIO	EQUIPAMENTOS	ECONOMIA
STRENGHTS	- Proporcionar um leque variado de actividades lúdicas; - Integração do centro cultural Natália Correia; - Existência de edifícios públicos que podem potenciar as actividades culturais.	-Fragmentação dos espaços do Bairro; - Contraste de escalas; - Envolvente caracterizada pela existência de uma série de espaços expectantes.	- Dar apoios variados à população residente.	- Trocas (bens e serviços), comércio predominantemente de cariz tradicional; - Comércio local e diário que dinamiza o local, e serve de pontos de encontro e socialização para a Habitação; - Proporcionar apoio às necessidades diárias da população.	-Centro cultural Natália Correia que funciona como equipamento charneira e articulador entre o bairro de alvenaria e o bairro novo. - Mercado que funciona como um ponto de encontro para a população, especialmente a idosa; -Existência de vários equipamentos educacionais de construção recente que permitem às crianças estudar no mesmo ambiente em que residem.	-Reforçar o papel das autarquias na avaliação dos imóveis e na concessão de benefícios fiscais; - Aumento da actividade económica através da criação de infra-estruturas urbanas que tornem o bairro mais auto-sustentável e que o reintroduzam no tecido urbano.
WEAKNESSES	- Falta de actividades culturais que dêem sentido ou identidade ou bairro e que despertem o interesse população.	- Diferentes realidades relativamente ao uso dos espaços, entre o Bairro da Epul e o de Alvenaria; - Regueiras, espaços entre lotes demasiado estreitos (menos de 1m de largura) e de salubridade reduzida, sem qualificação para espaços de acesso público. Zonas descaracterizadas e potenciais ameaças à saúde pública. - Incoerência nas cores e materiais utilizados, excessividade tipológica; - Lotes abandonados e espaços vazios que promovem o estacionamento informal e acumulação de lixos;	- A perda de população que acaba por levar à injustificabilidade dos serviços ao nível de investimento económico.	- Concentração do comércio por zonas, concentrando-se unicamente no bairro novo. O bairro de alvenaria apresenta uma total inexistência de actividade comercial. - Pouca oferta de bens. - Mercado do Bairro Padre Cruz, ineficaz, sendo que a população prefere deslocar-se à Pontinha para fazer as compras diárias.	- Abandono dos espaços destinados às actividades desportivas; - Carência de locais para ocupação dos tempos livres da população, oficinas de trabalho, culturais, etc..	- Falta de controlo por parte da entidade reguladora do bairro relativamente ao pagamento do valor dos arrendamentos mensais.
OPPORTUNITIES	- Criação de novos programas e eventos, e maior divulgação dos mesmos, seja através de cartazes seja através de redes sociais; - Reforço de equipamentos culturais e actividades como estratégia promotora de integração da população idosa.	- Ampliação dos eixos visuais existentes, reabilitação e recuperação das habitações e espaços comuns.	- Abranger zonas que neste momento não têm oferta, criação de serviços variados e bem distribuídos que dêem igual apoio à totalidade da população.	- Criar um maior apoio à população; - Abrangência de zonas sem oferta; - Criação de novas estruturas destinadas ao comércio e serviços; - Requalificação do mercado do B. Padre Cruz, de modo a colmatar as falhas actuais.	- Vontade da população de usufruir de um complexo desportivo que responda às suas necessidades; - Revitalização da zona do mercado favorecendo a relação entre a população e várias gerações; - Espaços expectantes na proximidade do bairro que podem servir para albergar novos serviços e equipamentos.	- Localização do Bairro no distrito de Lisboa pode atrair o sector imobiliário; - Existência de relações de partilha e cooperação entre as instituições.
THREATS	- Limitações económicas ao desenvolvimento das actividades e programas culturais. Distância do bairro ao centro da cidade.	-Dimensionamento dos espaços já existentes, espaços recônditos (regueiras); - Anexos junto das casas, criados pela população; - Elevando número de edificado; - Ruas estreitas e muros altos entre bandas de moradias. - Imagem negativa associada aos bairros de realojamento social.	- Densidade habitacional	- Falta de actividade comercial no bairro de alvenaria; - Falência do comércio local, pela concorrência oferecida pelas grandes superfícies comerciais nas proximidades, nomeadamente (Centro Comercial Colombo, Dolce vita tejo, Odivelas parque).	-Espaços destinados à prática de desporto encontram-se dispersos no tecido urbano; - Equipamentos públicos em vez de funcionarem como focos centralizadores e de atracção, funcionam como uma cintura de contenção relativamente ao crescimento do bairro, isolando-o no tecido urbano (ex. cemitério), e transmitindo a ideia de segregação social.	- A falta de estabilidade laboral e de garantia dos postos de trabalho influenciam negativamente o mercado imobiliário; -O impasse relativamente à situação do bairro culminará na desertificação do mesmo, aumentando a pressão dos agentes imobiliários para a extinção do bairro ou pelo menos das hab. unifamiliares.

ANÁLISE | **SWOT**

Laboratório de Projecto VI Ano lectivo 2010 . 2011 | 5ºano 1.º semestre Mestrado integrado em Arquitectura

Professor Dr. Pedro Rodrigues, Arq. | Professor Dr. Rui Barreiros Duarte, Arq.



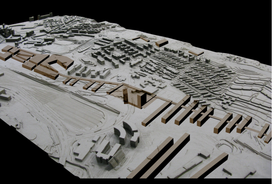
	POPULAÇÃO	HABITAÇÕES / FOGOS	ESPAÇOS PÚBLICOS	INFRA-ESTRUTURAS URBANAS
STRENGHTS	- População maioritariamente idosa, pessoas que viviam na cidade universitária, barracas ou outros bairros da cidade, que foram transferidas e realojadas.	-O facto das habitações sociais das zonas mais antigas serem unifamiliares permite uma maior qualidade de vida; - Na totalidade do bairro, existem variadas realidades, contudo a zona construída nos anos 90, edifícios de 3 pisos, revela-se bem sucedida, pois ainda que haja um aumento de densidade, é uma solução que não restringe as relações de vizinhança como acontece nos de 5/6 pisos, no bairro novo.	-Estabelecem o encontro social entre residentes e vizinhança; - Alguns dos equipamentos de carácter público respondem às necessidades da população, especialmente no bairro da Epul.	- Ruas entre as bandas de moradias com forte carácter pedonal.
WEAKNESSES	- Elevado número de população envelhecida e perda de população; - Identidade do bairro bem definida (bairro de alvenaria) e relações de vizinhança; - Distanciamento das gerações mais jovens devido às condições de habitabilidade e à carência do comércio e serviços. - Existência de famílias numerosas a partilhar espaços muito reduzidos; - População de faixa etária muito elevada, (quando de origem portuguesa), de raça africana e etnia cigana que aumentam o risco de conflitos sociais e insegurança. - Conflitos raciais e rivalidade entre os bairros sociais (padre cruz e serra da luz).	- Diferentes realidades relativamente ao uso dos espaços, entre o Bairro da Epul e o de Alvenaria; - Deficientes condições de acessibilidade, iluminação natural e ventilação dos fogos; - Continua degradação e transferência das tipologias de forma desregrada, contribuindo para o aspecto precário associado ao bairro; - Perigo de ruína de algumas das casas devolutas; - Reduzido dimensionamento dos espaços das habitações que condicionam gravemente as condições de habitabilidade mínimas; - Problemas de salubridade devido à deficiente canalização e escoamento das águas pluviais que se efectua para a via pública (regueiras); - Apropriação e utilização incorrecta de fogos devolutos conduzindo ao vandalismo.	- Ausência de espaços públicos qualificados; - Ventilação natural precária nos espaços de salubridade reduzida (regueiras); - Espaços públicos não qualificados no bairro de alvenaria que potenciam o estacionamento informal e a acumulação de lixo; - Variados critérios de intervenção na linguagem dos espaços públicos por todo o bairro, nomeadamente espaços verdes, zonas de estadia, zonas salubres, e de acesso automóvel ou estritamente pedonal; - Problemas associados ao deficiente escoamento de águas sanitárias e pluviais (inundações, odores desagradáveis, sujidade…); - Degradação do estado de conservação das vias públicas.	- Vias rodoviárias estreitas. Desordem do trânsito rodoviário e pedonal; - Ausência de estacionamento formal planeado; - Zonas de fraca iluminação; - Más condições de acessibilidade para habitações (especialmente para pop. Idosa); - Redes de água, esgotos, gás, electricidade e telecomunicações necessitam de manutenção, substituição ou até de novo planeamento; - Ausência de locais e pontos próprios para recolha de lixos.
OPPORTUNITIES	- Trazer população mais jovem; - A localização do bairro pode ser um factor de atracção à fixação de novos habitantes; - Existência de um espaço com características rurais com possibilidade de boas condições de vida na periferia do centro da cidade.	- Melhoria das condições de habitabilidade; - Proximidade a zonas expectantes que sendo alvo de revitalização e de um programa coerente podem servir de pólo dinamizador; - Melhoria das condições dos quintais para que a população valorize estes espaços e os utilize para proveito próprio (ex.: hortas urbanas); - Criação de uma tipologia de habitação evolutiva e previamente desenhada com consequente melhoria da funcionalidade e aparência geral do bairro com acção participativa da população; - Oportunidade de substituição dos materiais degradados por materiais duráveis, resistentes, que exijam pouca manutenção e que sirvam à população; - Lotes abandonados que podem ser adaptados às exigências de habitabilidade das gerações mais jovens, - União do bairro novo com o bairro de alvenaria, reforçando o sentimento e percepção do bairro como um todo. - Criar modelos com vista a serem implementados noutras zonas da cidade e do país, apologistas de tipologias mais ecológicas.	- Estruturar novas redes de encadeamento de espaços públicos, potenciados pelos vazios urbanos da envolvente próxima; - Incrementação de espaços verdes cuidados; - Fomento da conservação dos espaços pelos próprios moradores; - Existência de zonas arborizadas de dimensões consideráveis e de espaços tratados para uso de acesso pedonal e lazer na zona da Epul, em bom estado de conservação.	- Melhoria das condições de acessibilidade podem fomentar um aumento de segurança por parte da população, e conforto através do estabelecimento de um novo esquema de circulação rodoviária e pedonal no bairro; - Proximidade à coroa Lumiar, Telheiras, Pontinha; Carnide, como realidade estruturante.
THREATS	- Estigma associado aos bairros sociais; - Sensação de insegurança por parte da população (especialmente população idosa); - Baixo grau de escolaridade e de dinamismo social, predominância de um estilo de vida sedentário; - Maior risco de vulnerabilidade dos que não dispõem de apoio familiar e se encontram mais isolados, como os idosos; - Degradação social, visual e comunitária e consequente aumento da criminalidade; - Jovens desocupados e emergência de bandos juvenis	- Dimensões desajustadas das habitações, relativamente às necessidades actuais de uma população maioritariamente idosa; - Utilização de materiais pouco resistentes e duráveis nos anexos e quintais, e de fácil degradação; - Número elevado de habitações devolutas; - Proximidade a uma zona de carácter industrial; - Proximidade a uma zona de maior risco sísmico; - Ausência de um conceito de planeamento sustentável e ambiental; - Impermeabilização dos solos e consequente aumento do risco de cheias; - Infestação de pragas devido aos fogos devolutos, pátios com muito lixo e esgotos.	- Estacionamento não planeado/ informal; - Vias de deficiente insolação/ salubridade; - Dimensionamento dos espaços existentes que não possibilitam tal como estão a criação de zonas pensadas e com escala urbana e de bairro para encontro e estadia da população; - Zonas que fomentam a degradação e a insegurança, sujidade, e mau ambiente; - O afastamento dos idosos e residentes com mobilidade reduzida do espaço público, pelas dificuldades de acesso e circulação; - Falta de sentimento de pertença da população contribui para a falta de manutenção do bairro.	- Escoamento deficiente das águas sanitárias e águas pluviais; - Excesso de cablagem suspensa sobre as habitações, ruas, e cruzamento das mesmas; - Ausência de um conceito de sustentabilidade ambiental, estendido à realidade urbana; - Impossibilidade de acesso de veículos de socorro à população; - rede de distribuição viária deficiente. Falta de de acessos que impossibilitam a existência de um maior número de conexões de transportes.

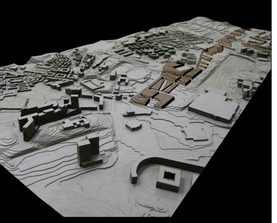
ANEXO 3 – Proposta de Sistema Urbano

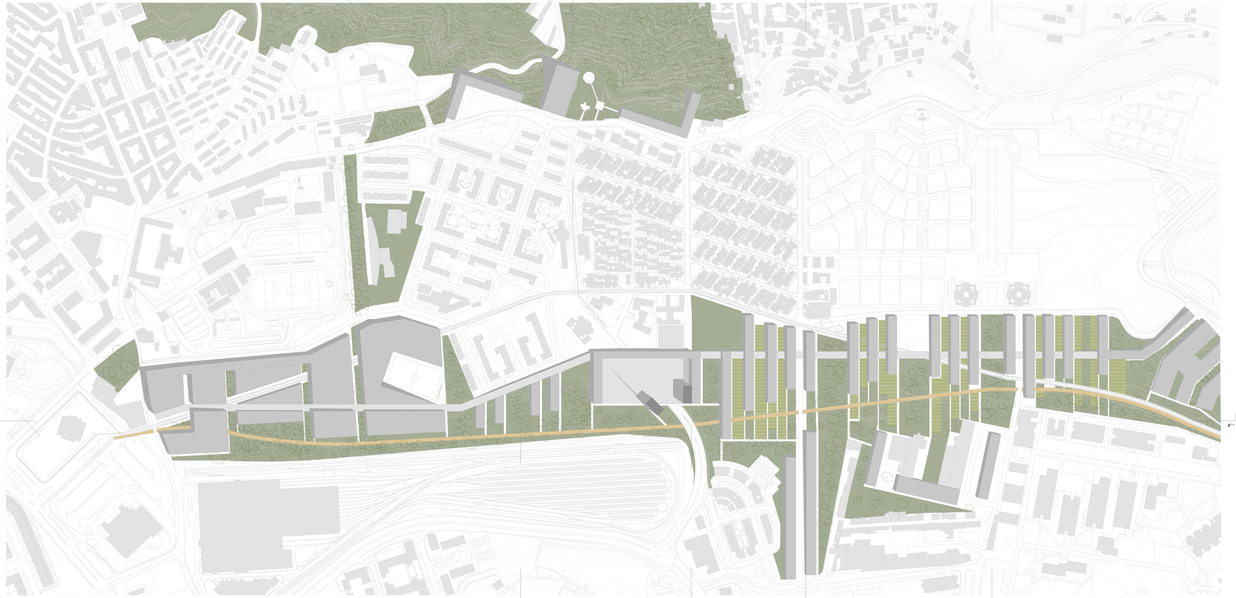
BAIRRO PADRE CRUZ
CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

BIP/ ZIP









Planta Proposta Urbana



Corte AA'



Corte BB'



Corte CC'



Corte DD'

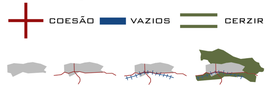


Corte EE'



Corte FF'

ECOacção da Estrutura





Cheios e Vazios



Mobilidades



Mancha Verde

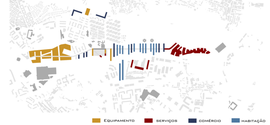
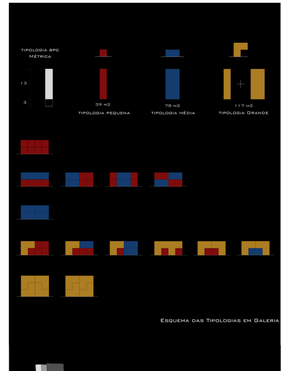


Diagrama de Usos



Relações



Esquema das Tipologias em Galeria





Perspectivas sobre os Espaços Verdes

Análise SWOT



Caminho de ferro de Tóquel — Linha do metropolitano — Estação do metropolitano — Demais propriedades (equipa com propriedade em Benfica)



Fonte: POM Lisboa 2010, sem escala



Espaços verdes

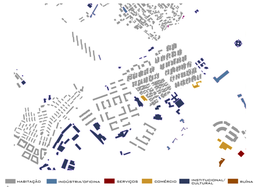


Diagrama de Usos

SWOT

Pontos Fortes

- Integração do Centro Cultural Padre Cruzeiro
- Boa localização na área de expansão de Lisboa
- Proximidade de equipamentos de grande dimensão (Parque Florestal de Monsanto, Estádio da Luz)
- Proximidade de relativamente vias rápidas públicas
- Boas zonas ajardinadas
- Área de verdade dinâmica ao ponto de existência de vegetação
- Área de verdade dinâmica ao ponto de existência de vegetação

Pontos Fracos

- Degradação das habitações e do espaço público, ocupação desordenada
- Ocupação desordenada nas habitações
- Falta de espaços de lazer e verdes nas zonas mais densas
- Escassez de espaços de lazer e verdes nas zonas mais densas
- Degradação natural precoce a nível do espaço público e habitações
- Degradação natural precoce a nível do espaço público e habitações
- Falta de espaços de lazer e verdes nas zonas mais densas
- Falta de espaços de lazer e verdes nas zonas mais densas
- Falta de espaços de lazer e verdes nas zonas mais densas
- Falta de espaços de lazer e verdes nas zonas mais densas

Oportunidades

- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente
- Qualificação das tipologias e impacto na área envolvente

Ameaças

- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia
- Constantes desenvolvimento e transformações previstas sua tipologia

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TECNICA DE LISBOA

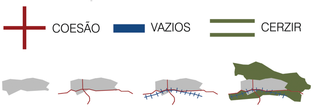
Lab. Projecto VI — 5º Ano — IX Semestre — 2010 / 2011 — Prof. Pedro Rodrigues — Prof. Rui Barreiros Duarte — Catarina Correia 6511 — David Castanheira 6515 — Guilherme Carvalho 6533 — Isabel Imaginário 6727 — Ricardo Rodrigo 6581 — Turma M1ArqSC

Planta Proposta Urbana | Cortes | Esc. 1:2000

Fevereiro 2011

ANEXO 4 – Proposta de Integração de um Edifício Multifuncional no Bairro Padre Cruz




COESÃO
VAZIOS
CERZIR



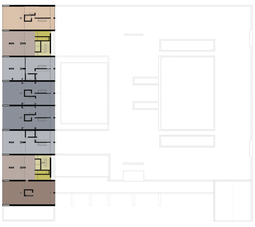
PLANTA COBERTURA | implantação]
1:500

CORTE ALÇADO NOROESTE
1:500

CORTE LONGITUDINAL AB
1:500

PLANTA NÍVEL 0 | implantação] (cota 96.9)
1:500

CORTE ALÇADO SUDOESTE
1:500



ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS
ESPAÇO COMUM
SALA CONDOMÍNIO
T2 DUPLEX
T4 DUPLEX
T4 DUPLEX

PLANTA PISO 7 (COTA 123.9)



ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS
T0
T1 DUPLEX
T2 DUPLEX
T2
T4 DUPLEX
T4 DUPLEX

PLANTA PISO 6 (COTA 120.7)



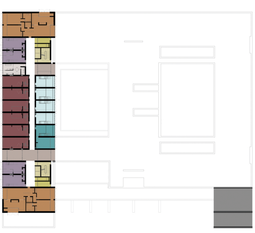
ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS
ESPAÇO COMUM
T0
T1 DUPLEX
T1 DUPLEX
T2

PLANTA PISO 5 (COTA 117.5)



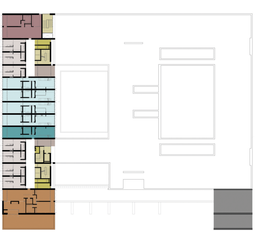
ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS
ESPAÇO COMUM
T0
T1 DUPLEX
T1 DUPLEX
T1 DUPLEX
T2

PLANTA PISO 4 (COTA 114.3)



ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS
ESPAÇO COMUM
T0
T1 DUPLEX
T1 DUPLEX
T1 DUPLEX
T2 DUPLEX
T2

PLANTA PISO 3 (COTA 111.1)



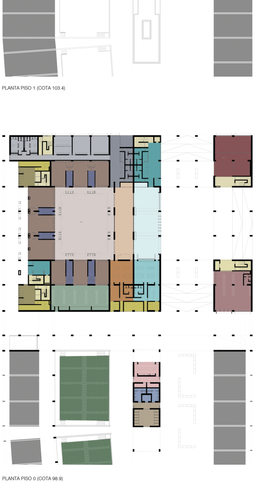
ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS
ESPAÇO COMUM
T0
T1
T2
T1 DUPLEX
T2 DUPLEX

PLANTA PISO 2 (COTA 107.9)



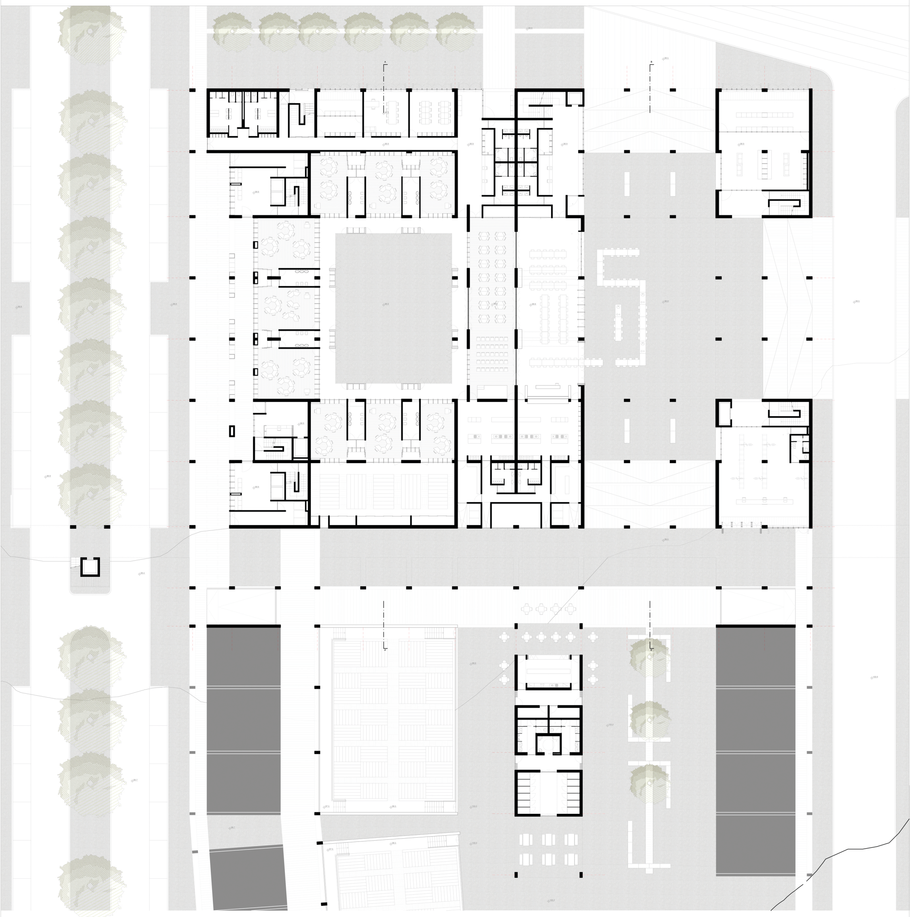
ENTRADA HABITAÇÃO
I.S.
CAFETARIA
ESPAÇOS DE LEITURA/ LAZER EXTERIOR
SALÃO DE EXPOSIÇÕES
INCUBADORA DE EMPRESAS
ESCRITÓRIOS
MEDIATECA
ENTRADA CENTRO COMUNITÁRIO
LOJA
SALAS DE FORMAÇÃO/ WORKSHOPS
NICHOS/ SALAS DE ESTUDO
SALA POLIVALENTE
FUNCIONÁRIOS E ADMINISTRAÇÃO
ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
ACESSOS VERTICAIS

PLANTA PISO 1 (COTA 103.4)

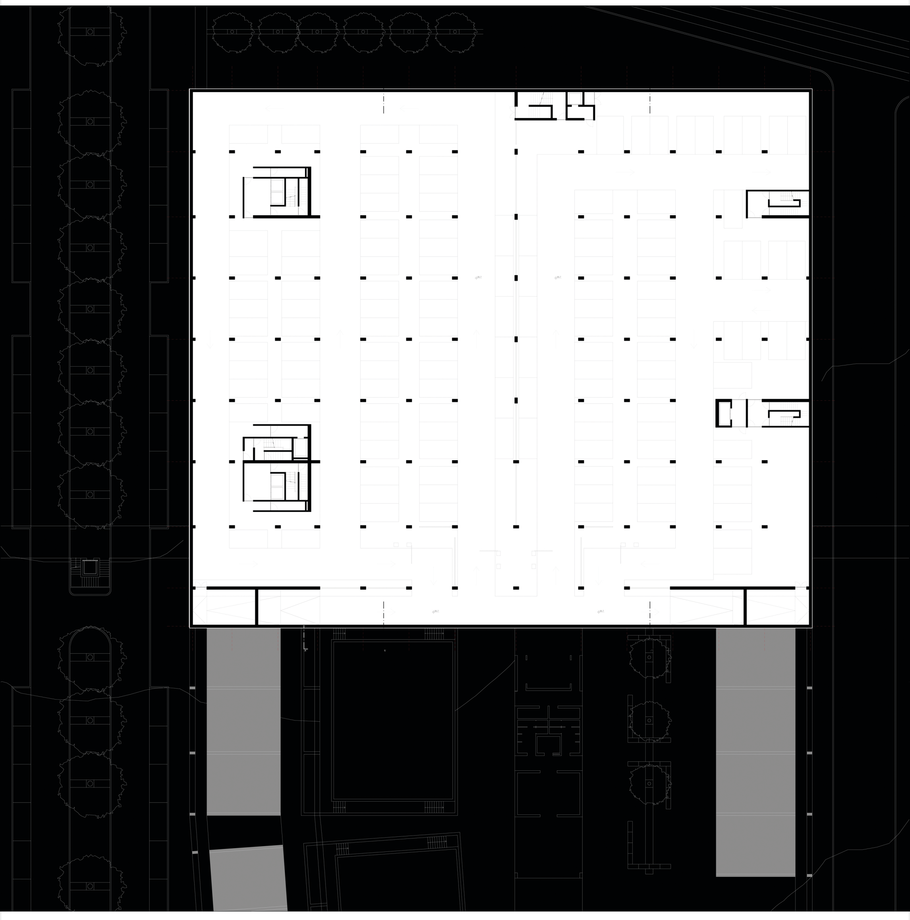


ENTRADA HABITAÇÃO
ENTRADA CENTRO COMUNITÁRIO
CANTINA COMUNITÁRIA
COZINHA COMUNITÁRIA
LAVANDARIA COMUNITÁRIA
ACESSOS VERTICAIS
ARRUMOS E ÁREAS TÉCNICAS
LOJA
HORTAS DA ESCOLA
HORTAS URBANAS
ARRUMOS DAS HORTAS URBANAS
ENTRADA DA ESCOLA
FUNCIONÁRIOS E ADMINISTRAÇÃO
PÁTIO/RECREIO
SALAS DE AULA
I.S. SALAS DE AULA
CANTINA DA ESCOLA
COZINHA DA ESCOLA
I.S.
BAR

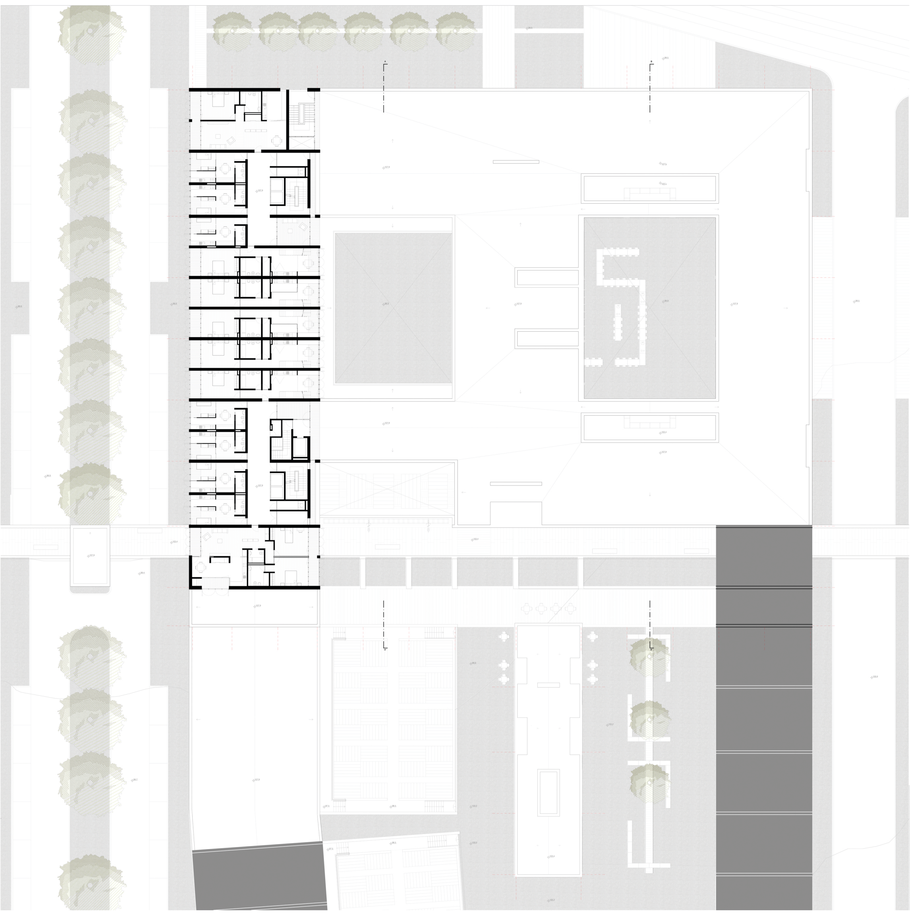
PLANTA PISO 0 (COTA 98.8)



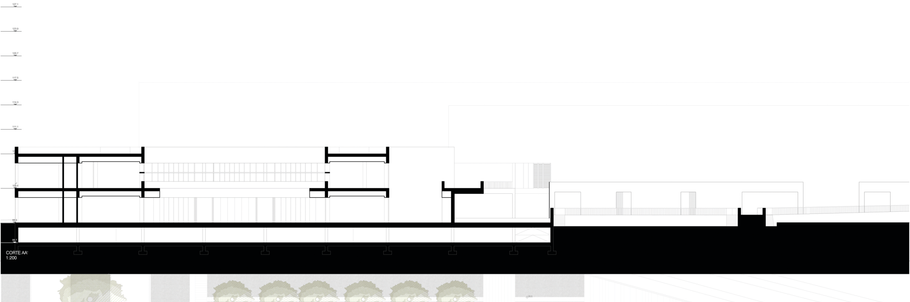
PLANTA NÍVEL 0 (cota 99.8)
1:200



PLANTA NÍVEL -1 (cota 95.7)
1:200



PLANTA NÍVEL 2 (cota 107.8)
1:200



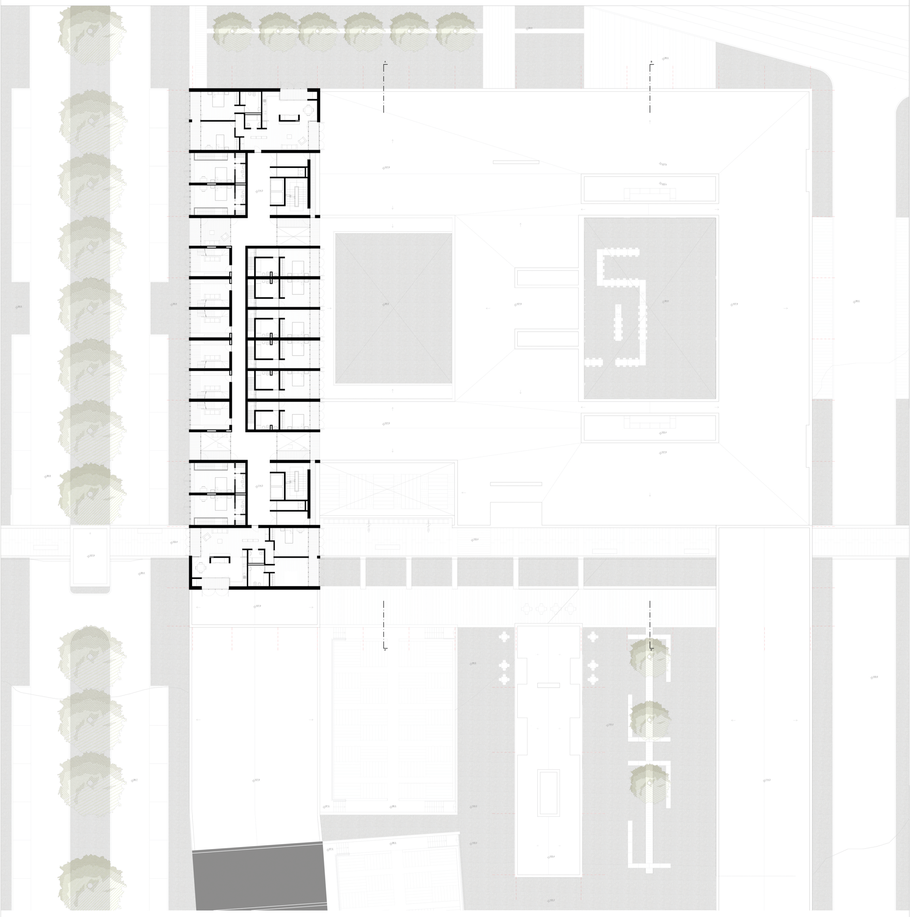
CORTE AA
1:200



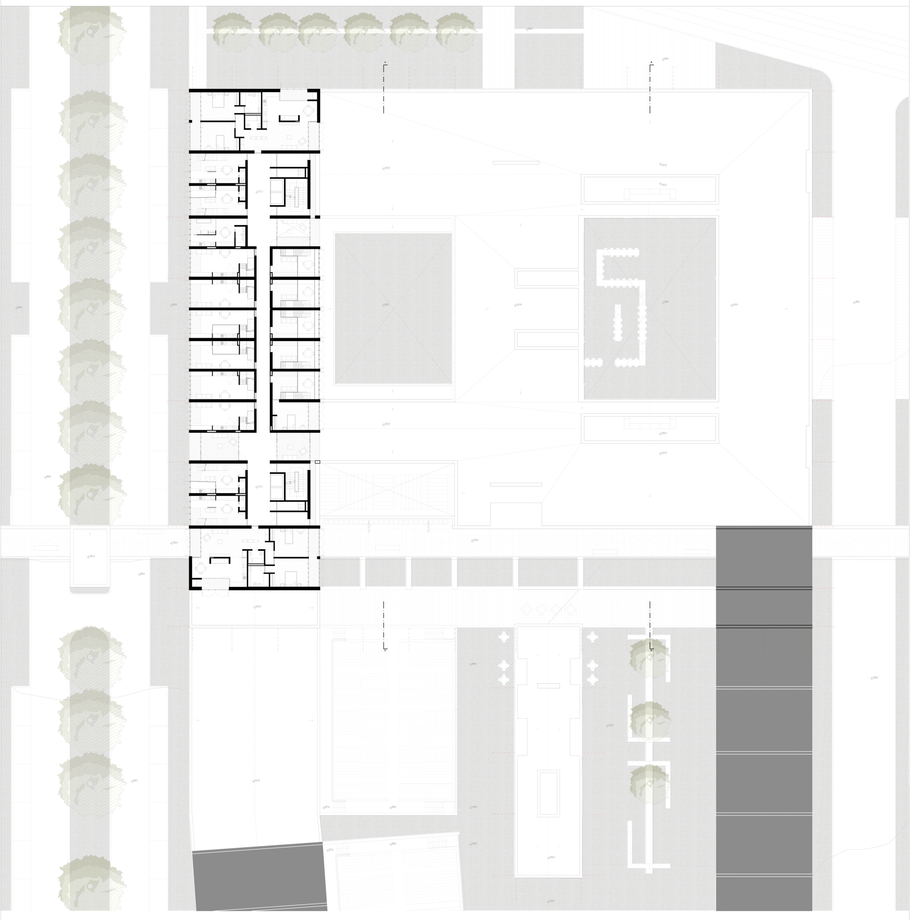
PLANTA NÍVEL 1 (cota 103.4)
1:200



CORTE ALÇADO SUDOESTE
1:200



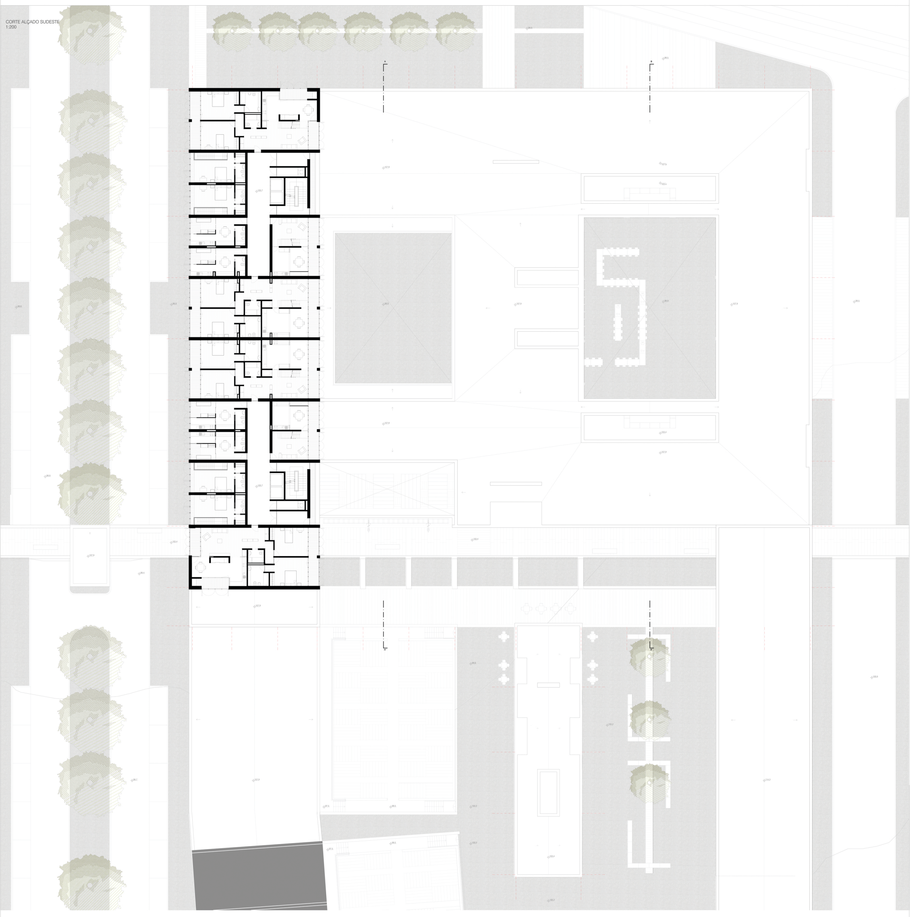
PLANTA NÍVEL 4 (cota 114.3)
1:200



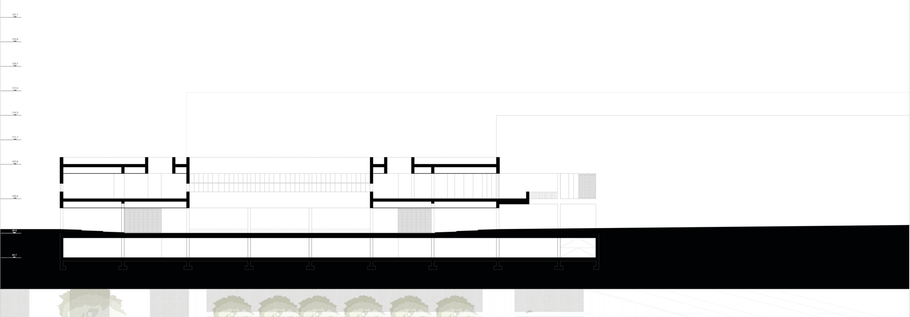
PLANTA NÍVEL 3 (cota 111.1)
1:200

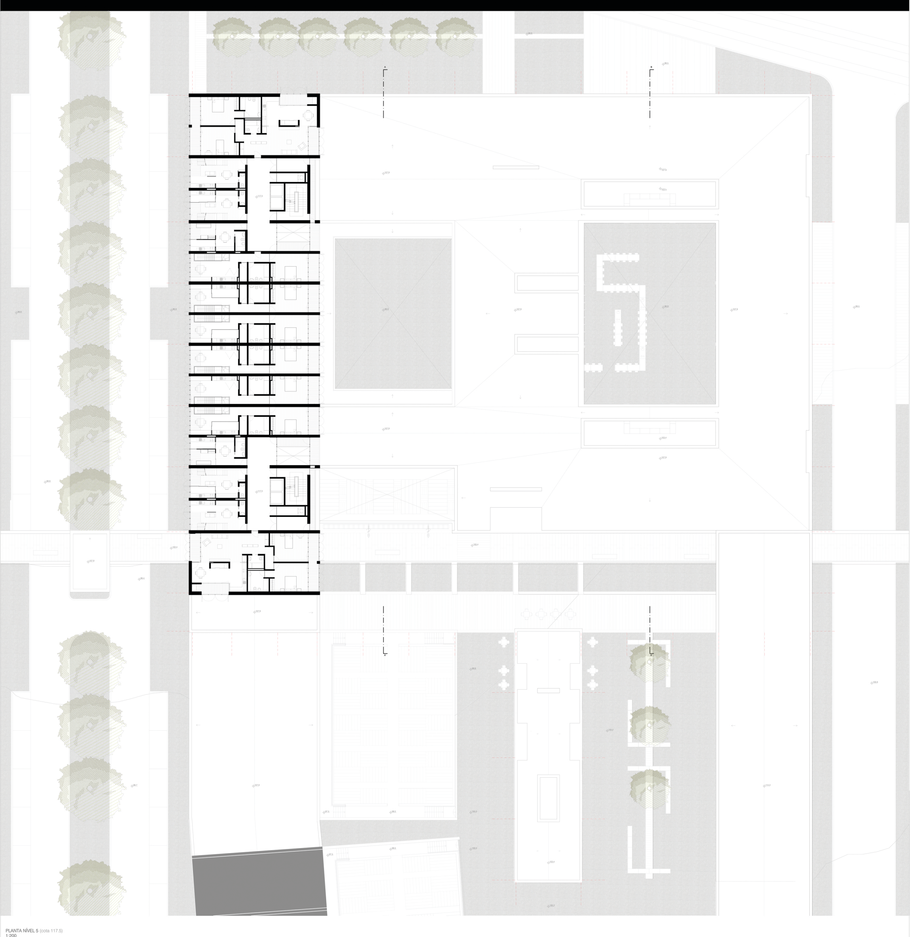


CORTE ALÇADO SUDESTE
1:200

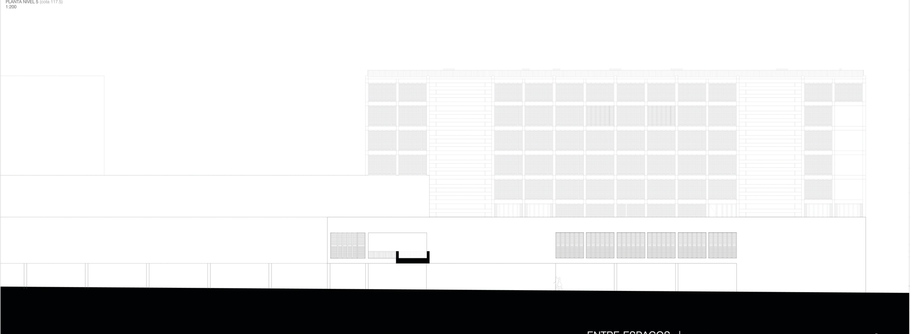


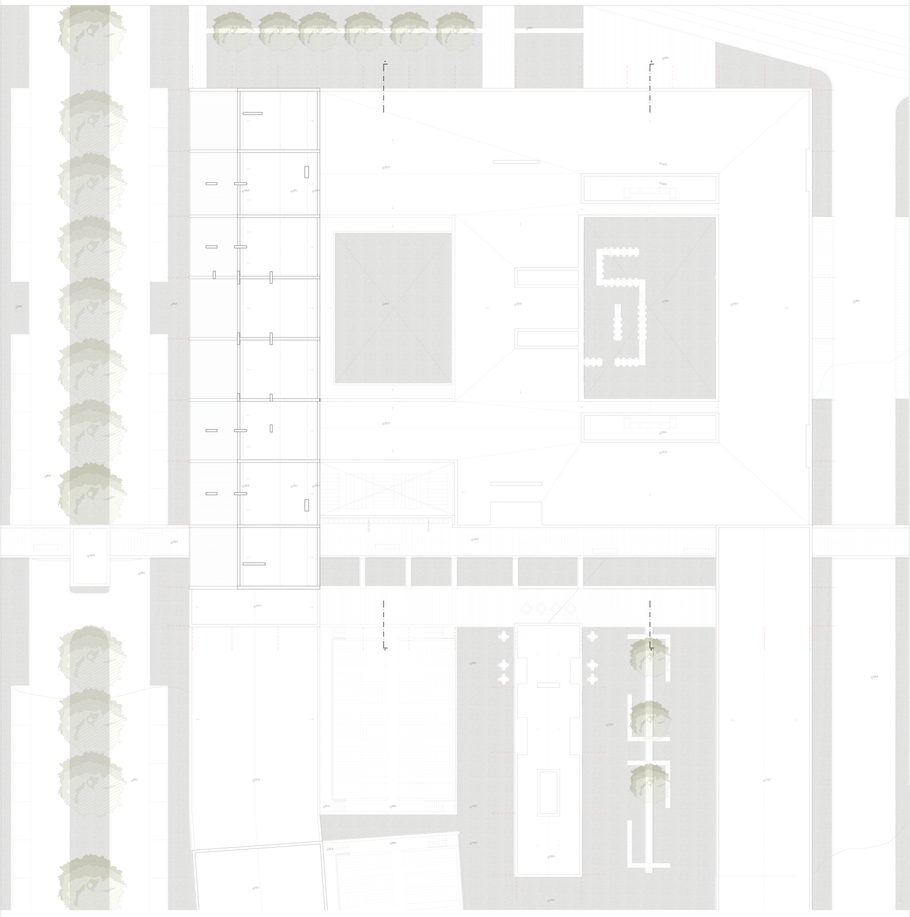
PLANTA NÍVEL 6 (cota 120.7)
1:200



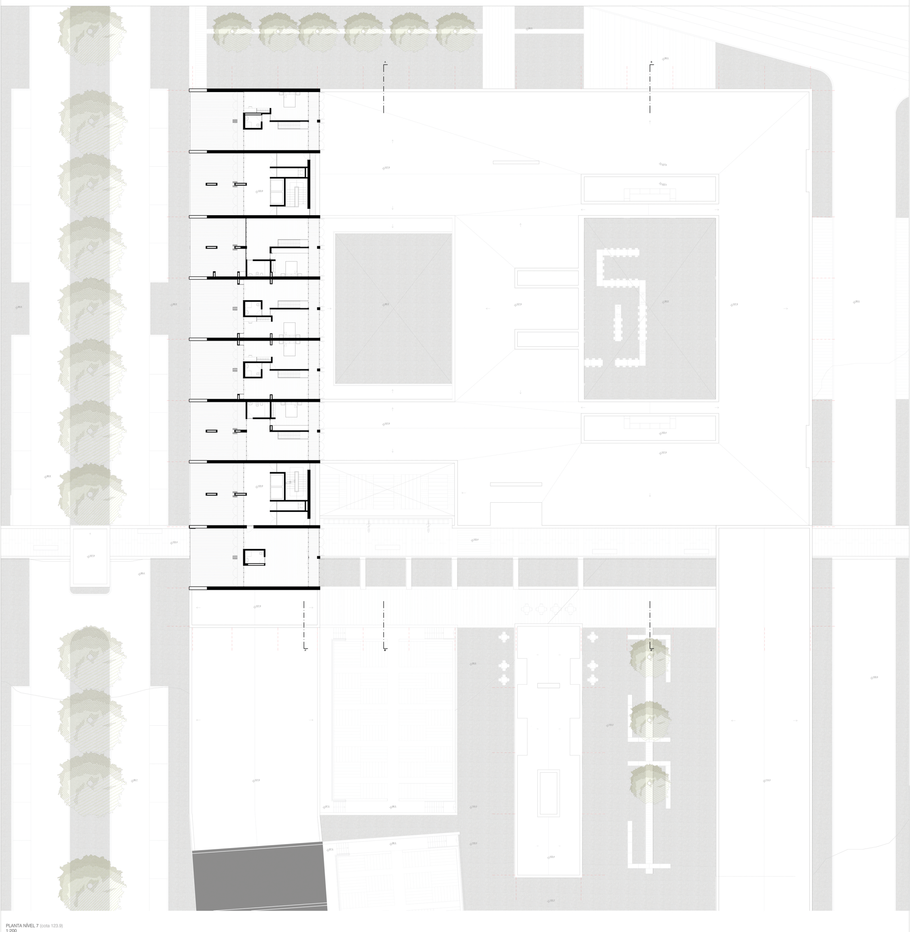


PLANTA NÍVEL 5 (cota 117.5)
1:200

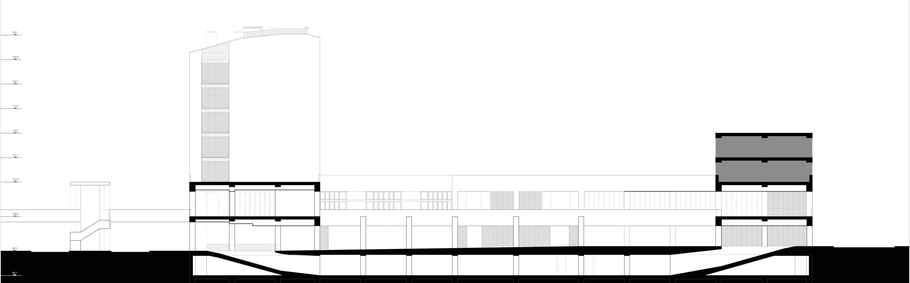




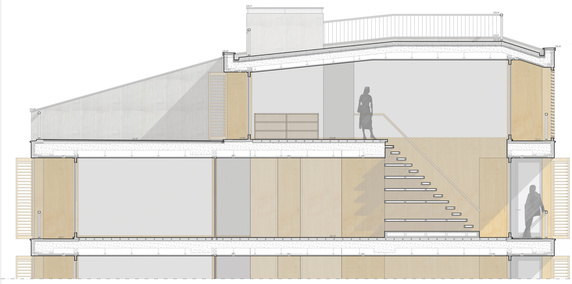
PLANTA COBERTURA (cota 127.1)
1:200

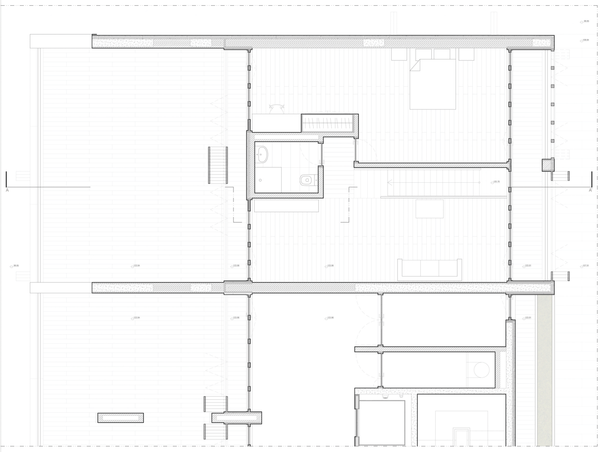


PLANTA NÍVEL 7 (cota 123.5)
1:200

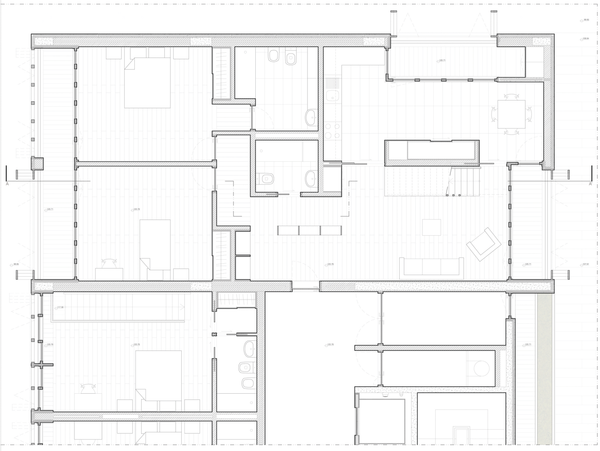


CORTE ALÇADO SUDESTE
1:200

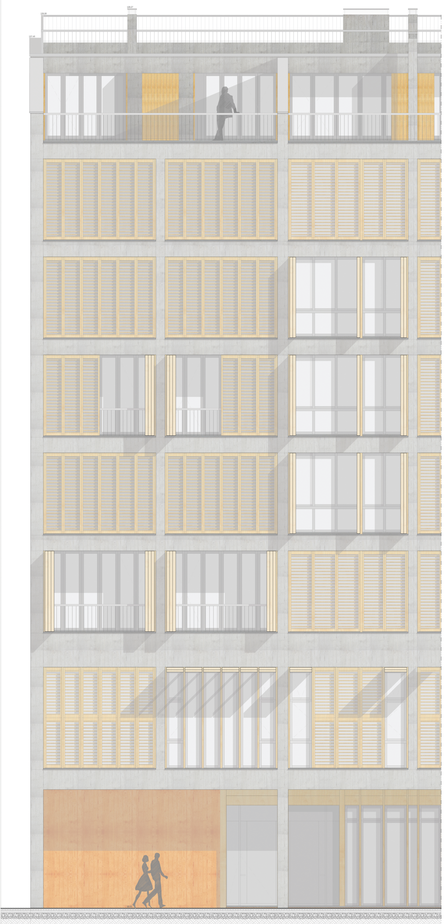




PLANTA NÍVEL 7 [parcial] (cota 123.90)
1:50



PLANTA NÍVEL 6 [parcial] (cota 120.76)
1:50



ALÇADO SUDOESTE [parcial]
1:50

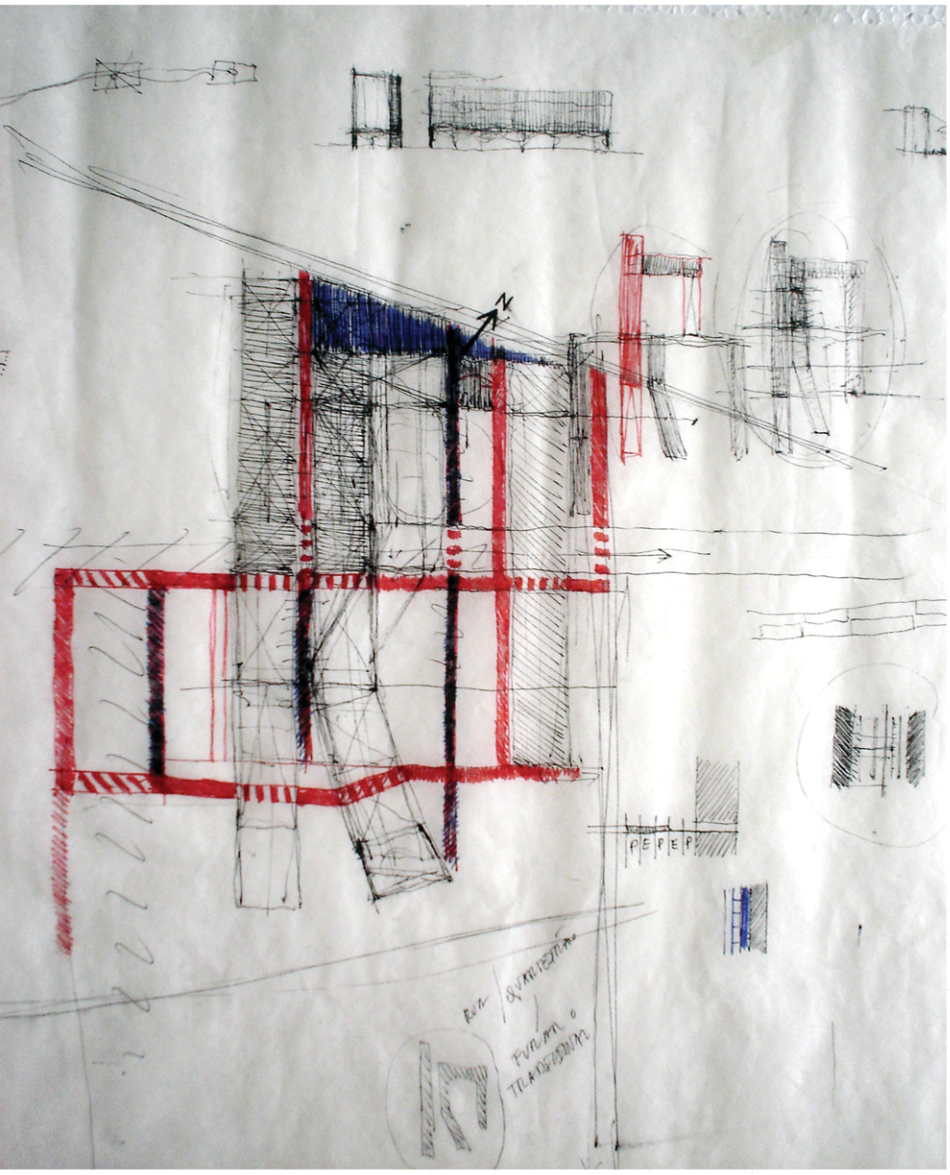


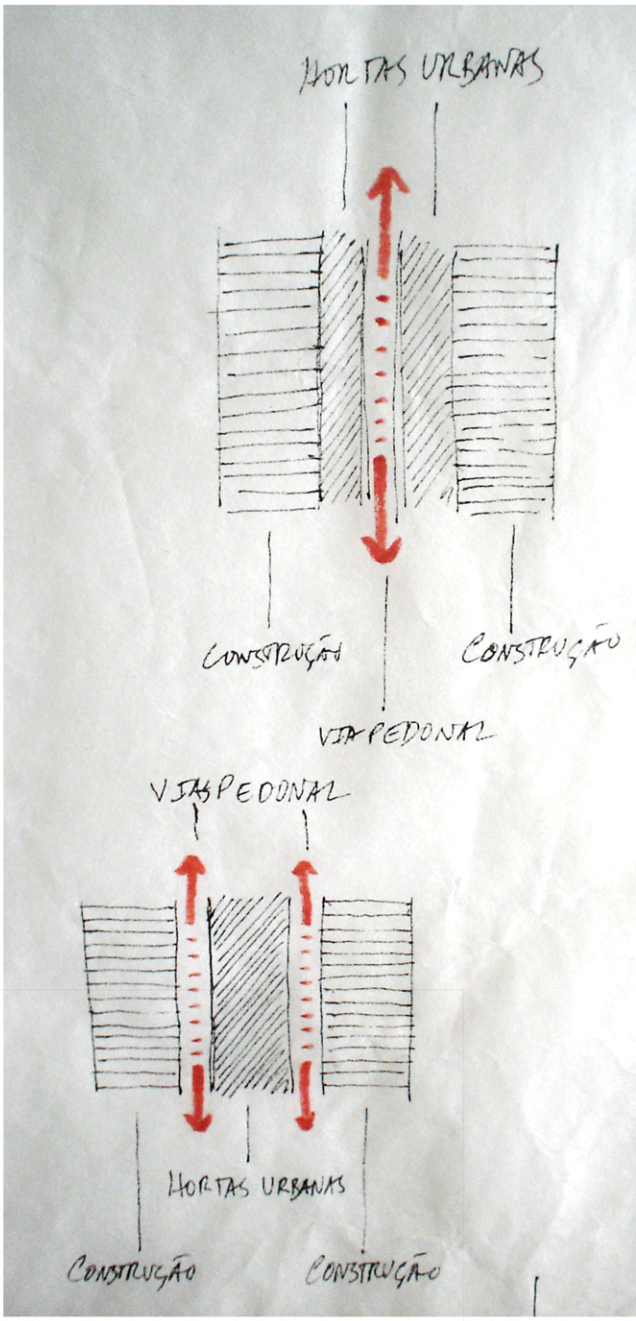




guarda sahe-corpos em aço inox escovado - tipo "Technal"
capeamento em chapa zincada (do exterior "Ucoguard" em chapa de zinco, tela impermeabilizante, betonilha de assentamento, estanfido, betonilha de assentamento)
caleira em chapa de zinco assente sobre tapás de tardoz
cobertura da galeria (do interior) composta por: tela impermeabilizante, betonilha de assentamento, betonilha em pavilho e tranfeis de aluminio, betão armado, betonilha de regularização e de forma, isolamento de poliestireno estrudido, estrutura em vigas de betão armado, tela impermeabilizante e placas de GFRC, o isolamento interior de lã de rocha e textura exterior de betão aparente descofrado fixados a partir de perfos de aço inox galvanizado
portadas de correr c/ persianas em pinho termicamente modificado
guarda em aço inox escovado - tipo "Technal"
perfil em aço inox galvanizado de suporte ao tecto falso
tecto falso em pinho termicamente modificado
estrutura em vigas de madeira por vigas de madeira lamelada colada
portadas de correr c/ persianas em pinho termicamente modificado
rodapé em madeira de abeto
placas de GFRC, o isolamento interior de lã de rocha e textura exterior de betão aparente descofrado fixados a partir de perfos de aço inox galvanizado
separador fixo de cortiça
betonilha autonivelante c/ revestimento em resina epóxi
tela impermeabilizante
betonilha de assentamento
isolamento de poliestireno estrudido
estrutura em vigas de madeira lamelada colada
ecteira em pedra calcária amarelada Azulino-Cascais
isolamento de poliestireno estrudido
betonilha de assentamento
tela impermeabilizante
soalho em pinho termicamente modificado
soleira em pedra calcária amarelada Azulino-Cascais
rodapé de madeira de abeto
soalho flutuante em tábuas de madeira de abeto
tela impermeabilizante
betonilha de assentamento
isolamento de poliestireno estrudido
tecto falso em gesso cartonado com sistema de fixação em perfis e tirantes de aluminio
perfis futuleres em aço revestidos por folha de madeira de abeto
guarda em de madeira de abeto
revestimento em madeira de abeto
revestimento em pinho termicamente modificado
escadas de folha de madeira de abeto assente em estrutura de perfis de aço
corrimão em madeira de abeto
guarda e janela com vidro duplo e caixilho misto de madeira lorrado com um perfil de aço escovado exterior
calha e guia p/ portas de correr em aço inox
betonilha autonivelante c/ revestimento em resina epóxi
tela impermeabilizante
betonilha de assentamento
isolamento de poliestireno estrudido
laje de betão armado
tecto falso em gesso cartonado com sistema de fixação em perfis e tirantes de aluminio
placas de isolamento sonoro revestidas a folha de madeira de abeto c/ estrutura em aluminio
estore de rolo compacto de protecção do envidraçado
janela com vidro duplo e caixilho misto de madeira lorrado com um perfil de aço escovado exterior
portas envidraçadas de correr revestidas a folha de madeira de abeto c/ estrutura aço inox galvanizado
pedicel em pedra calcária amarelada Azulino-Cascais
meia de estrutor apoio em pinho termicamente modificado
rebico pintado de branco
revestimento em pinho termicamente modificado
caleira em zinco
rodapé de madeira de abeto
laje de betão armado
cobertura da galeria (do interior) composta por: tela impermeabilizante, betonilha em pavimento termicamente modificado, betonilha de assentamento, isolamento de poliestireno estrudido, estrutura em vigas de betão armado, betão armado, betonilha de regularização e de forma, betonilha de regularização de forma, camada de vapor, isolamento de poliestireno estrudido, tela impermeabilizante e placas de GFRC, o isolamento interior de lã de rocha e textura exterior de betão aparente descofrado fixados a partir de perfos de aço inox galvanizado
condula de ar condicionado
projector de encastrar
isolamento de poliestireno estrudido
estrutura em vigas de madeira lamelada colada
ambrenera e tirolaz em pinho termicamente modificado - tipo "Thermo - D. Lunawood"
rebico pintado de branco
janela com vidro duplo e caixilho de madeira de abeto
porta com vidro duplo e caixilho misto de madeira lorrado c/ um perfil de aço escovado exterior
soleira em pedra calcária amarelada Azulino-Cascais
estorda em madeira de abeto
soalho flutuante em tábuas de madeira de abeto
tela impermeabilizante
betonilha de assentamento
isolamento de poliestireno estrudido
tela impermeabilizante
pavimento em pedra calcária amarelada Azulino-Cascais
grelha e caleira em aço inox escovado
betonilha de regularização e assentamento, camada de impermeabilização, camada de protecção em betão armado, camada drenante e acabamento em resina de poliuretano
betonilha de regularização e assentamento
isolamento de poliestireno estrudido
betão aparente descofrado
betonilha autonivelante c/ revestimento em resina epóxi
betonilha de regularização e assentamento
laje de betão armado
geotextil
arrocamento de granulometria fina
arrocamento de granulometria grossa
terra compactada
viapala de betão armado
terreno natural
betão de limpeza
revestimento em pinho termicamente modificado - tipo "Thermo - D. Lunawood"
placas de GFRC, o isolamento interior de lã de rocha e textura exterior de betão aparente descofrado fixados a partir de perfos de aço inox galvanizado
placas de GFRC, o isolamento interior de lã de rocha e textura exterior de betão aparente descofrado e pigmento de tipo fluidos a partir de perfos de aço inox galvanizado
capeamento em pedra calcária amarelada Azulino-Cascais
106.27
107.31
106.95
101.96
101.76
100.76
100.76
117.66
114.66
116.36
114.36
111.16
110.66
107.96
104.96
104.46
99.89
99.89
99.53
95.76

ANEXO 5 – Processo de Trabalho



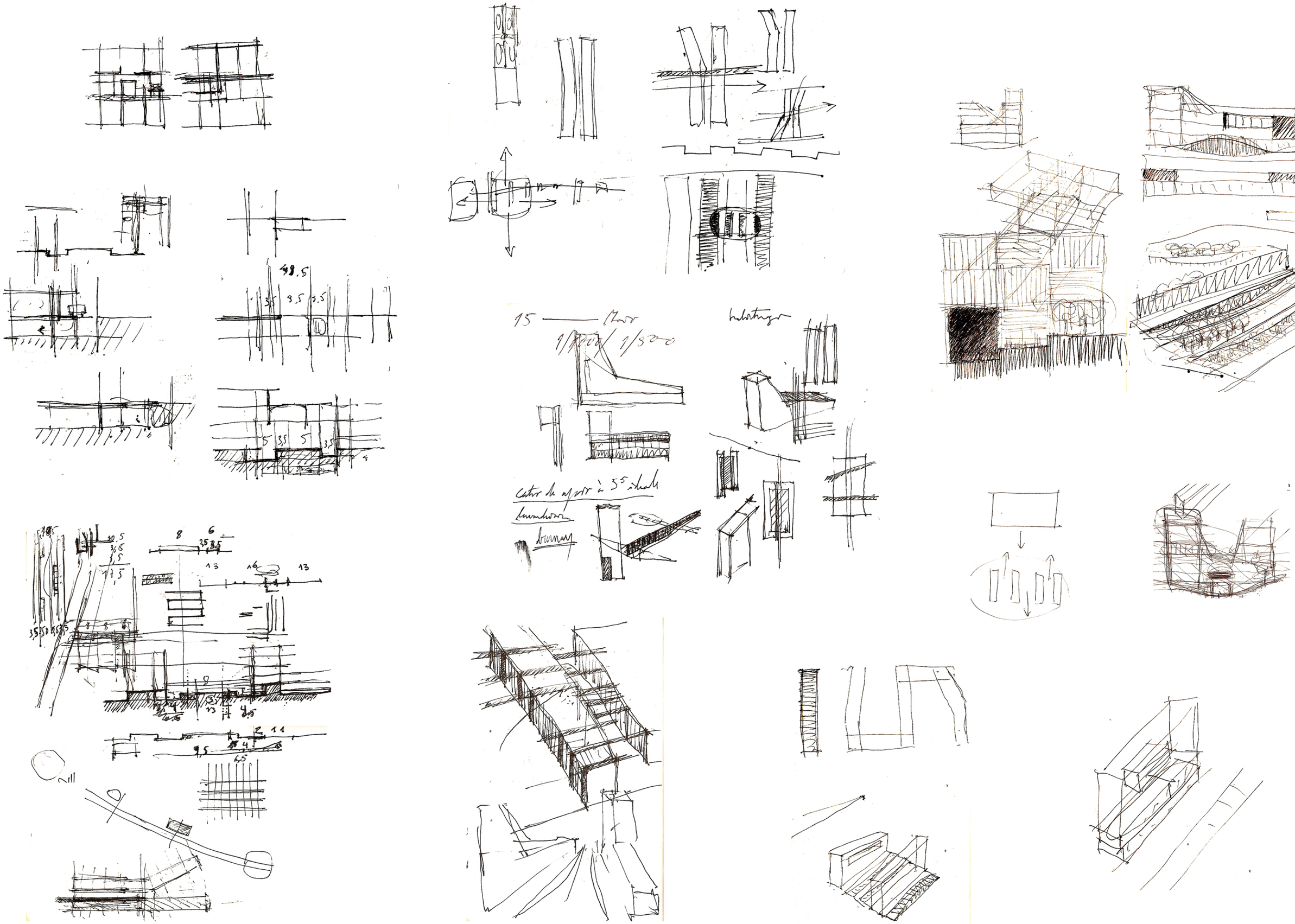

HORTAS URBANAS
CONSTRUÇÃO
CONSTRUÇÃO
VIA PEDONAL
VIA PEDONAL
HORTAS URBANAS
CONSTRUÇÃO
CONSTRUÇÃO

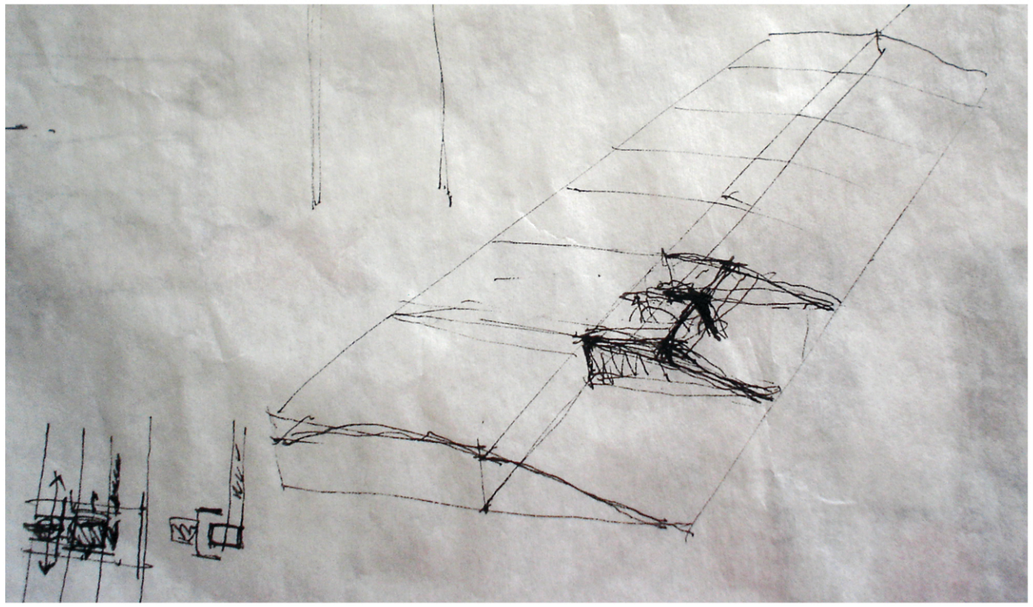
BARRAS

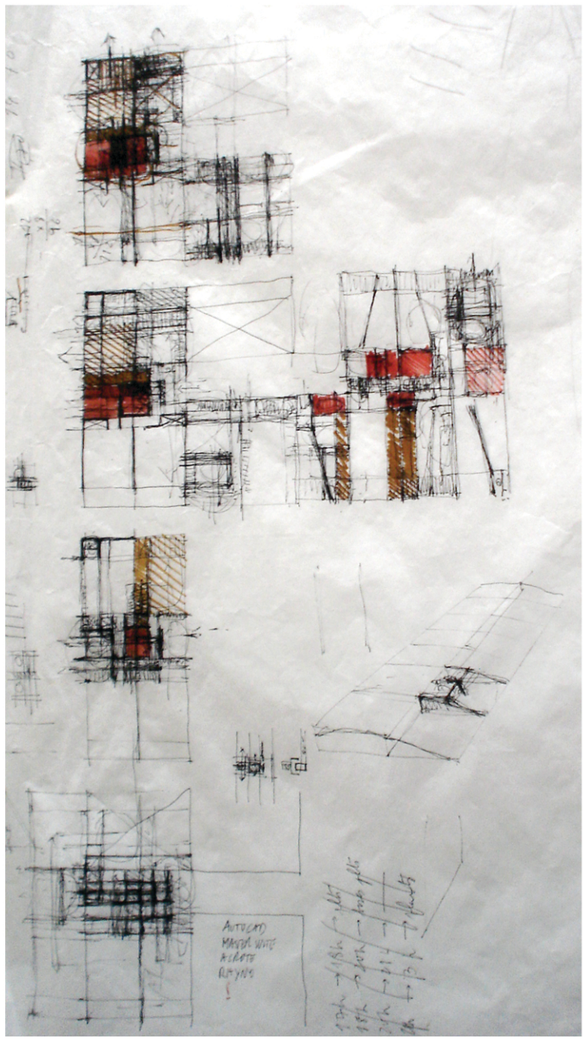
1/2

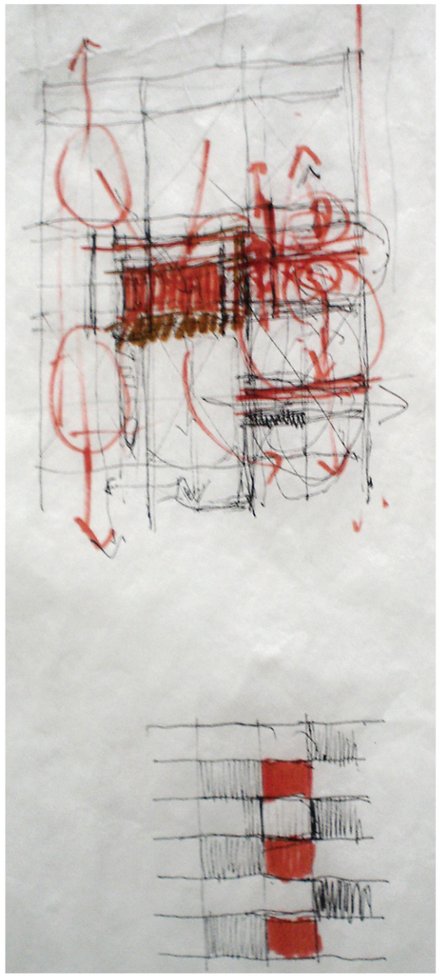
DIVERSIDADE

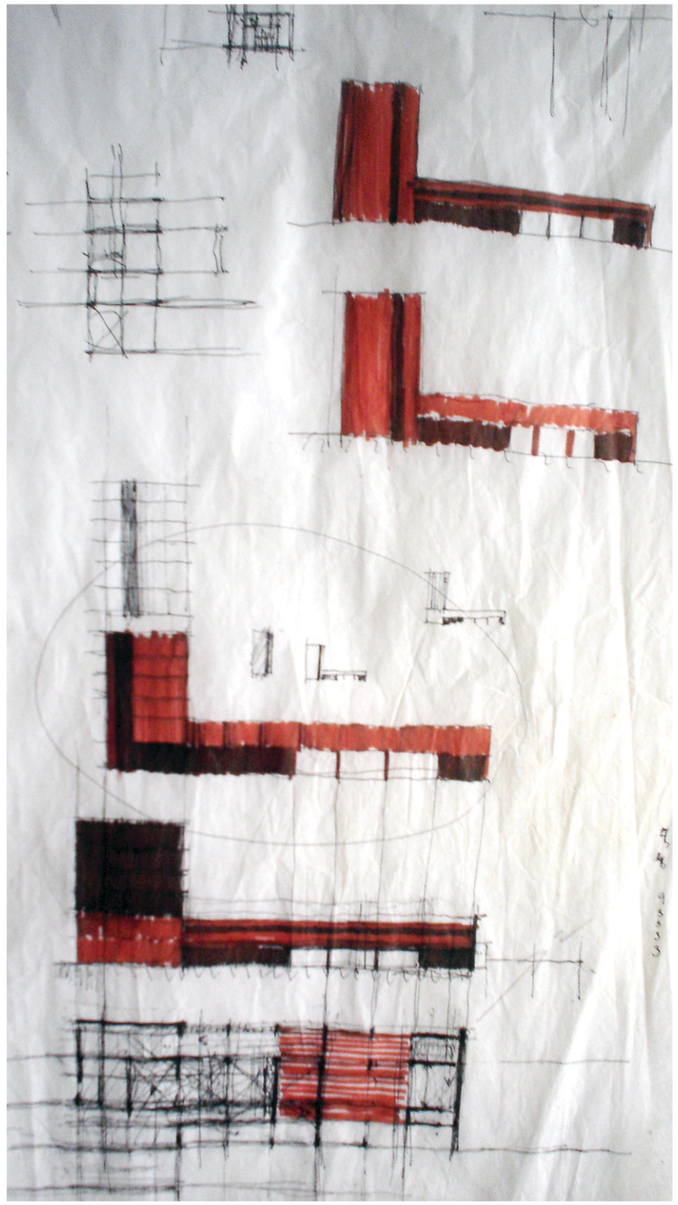
PROGRAMA TECH 2

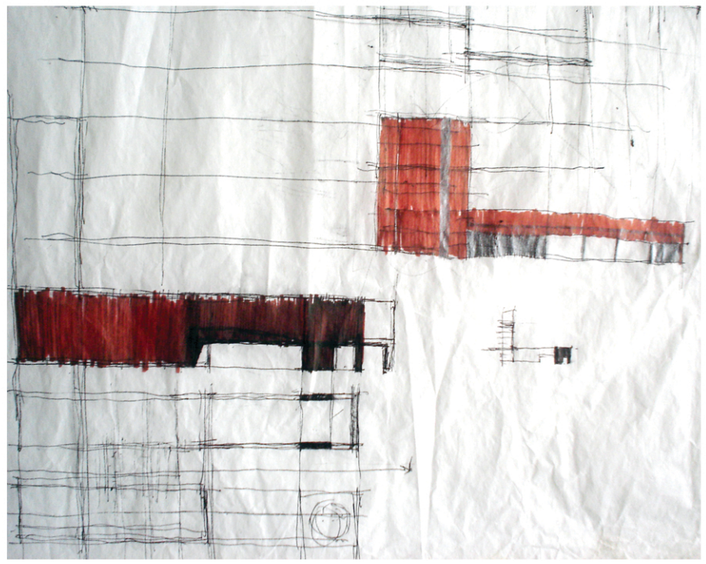

15 —— Mar
1/1000 1/500
Catar de espir à 5° ideale
Lavandeira
Bernay

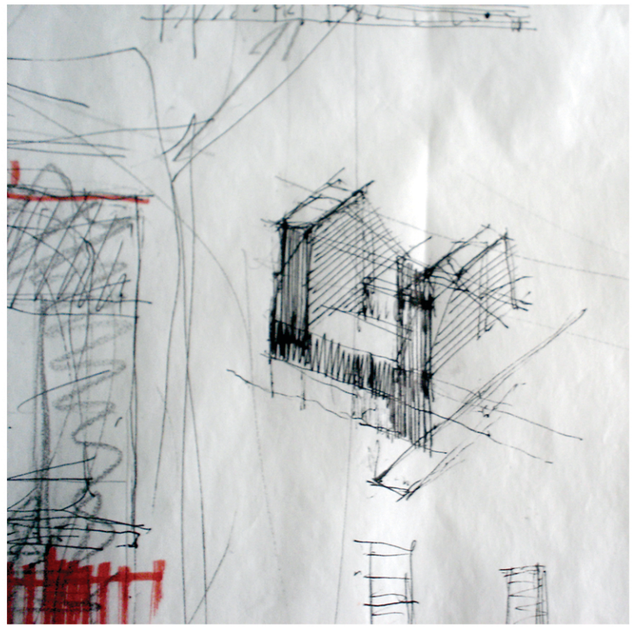


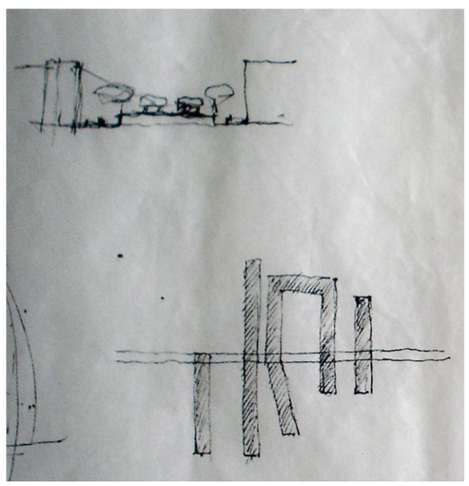


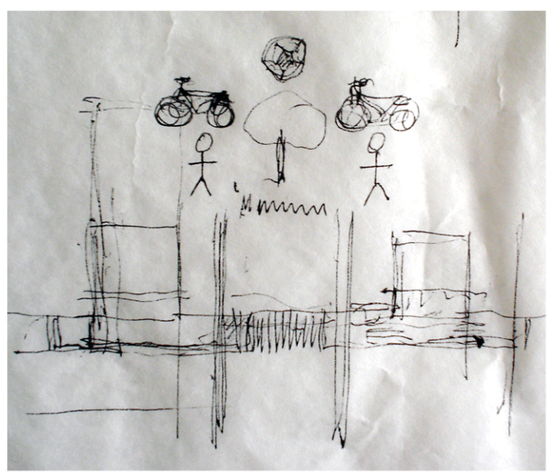


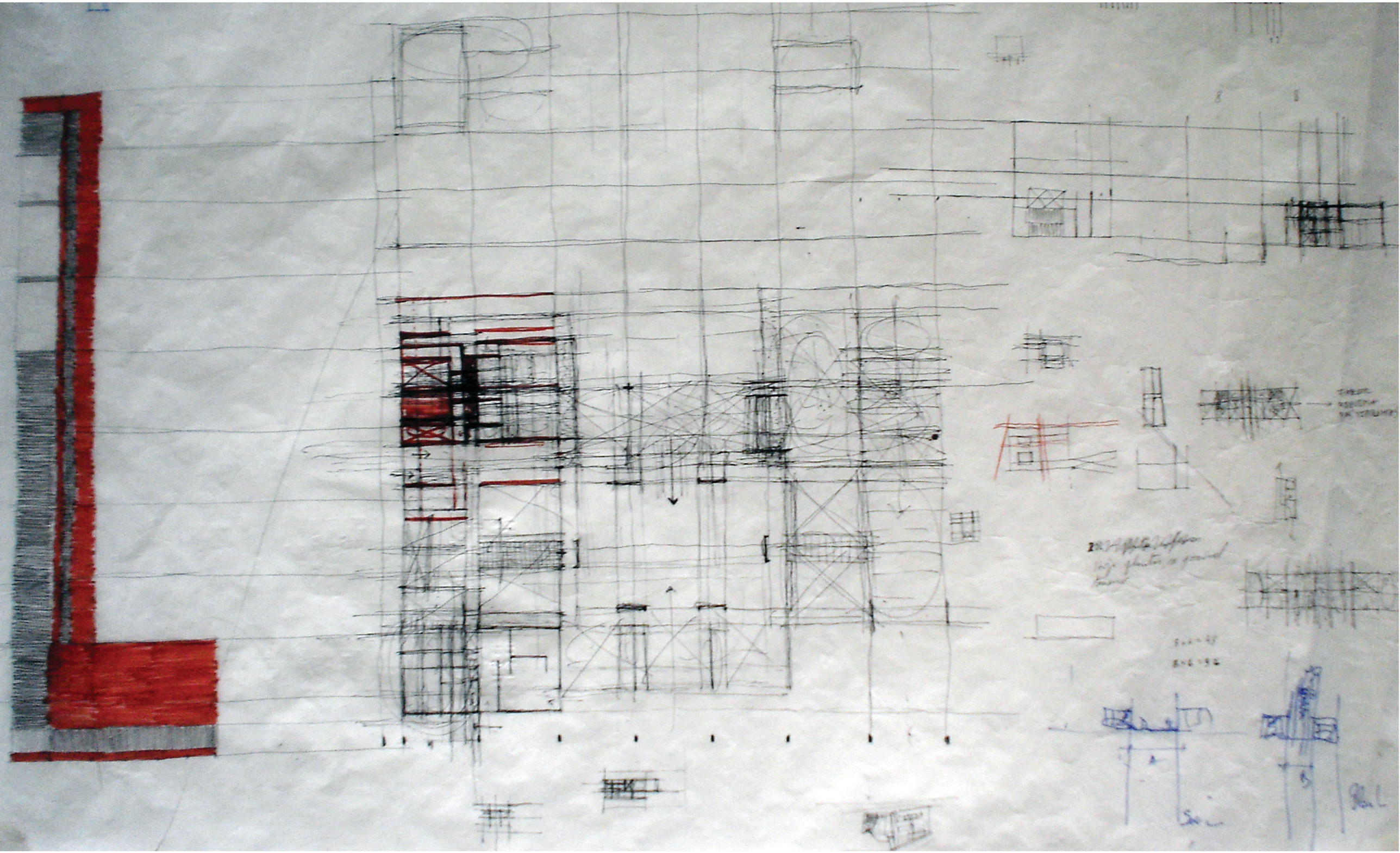


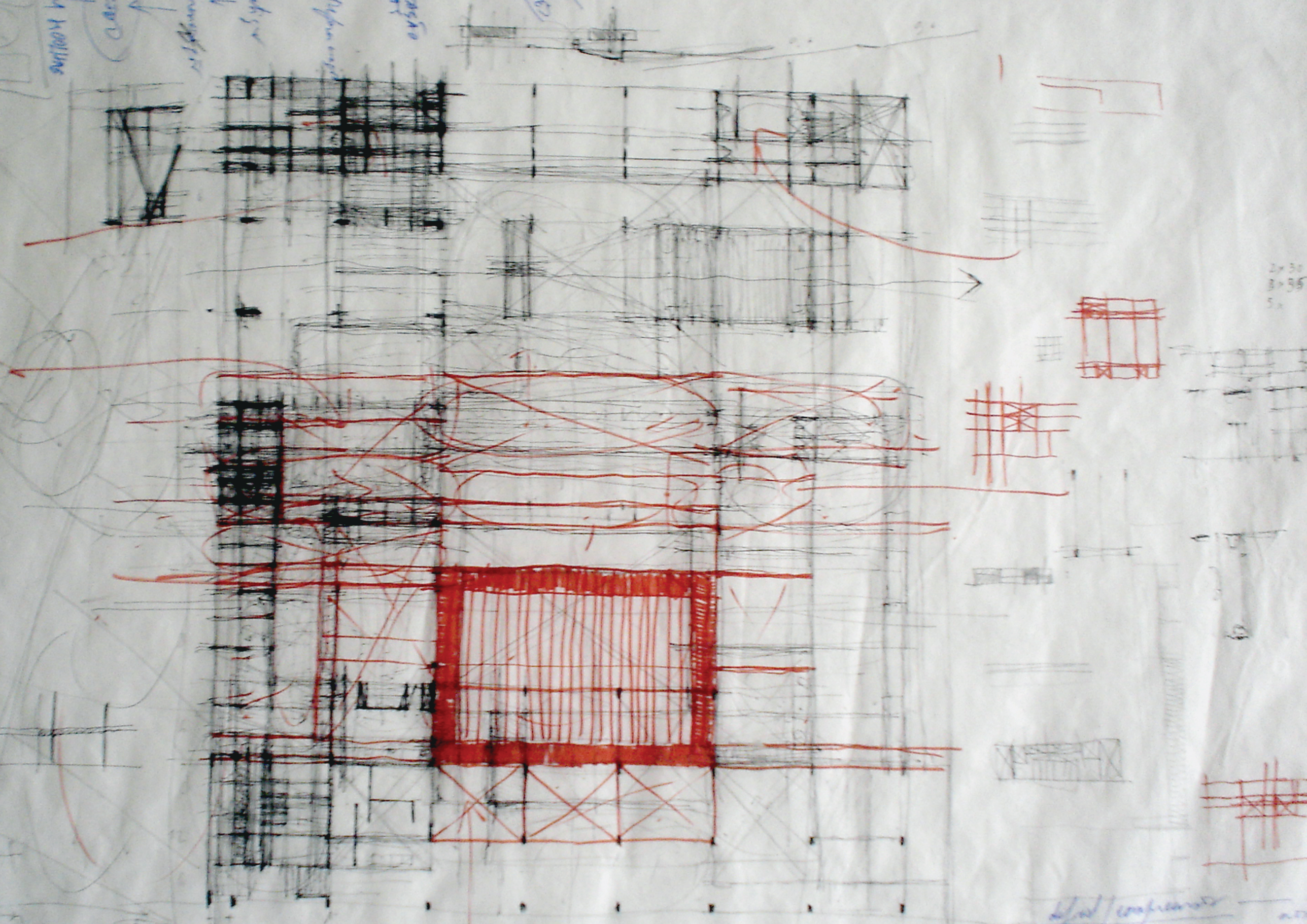


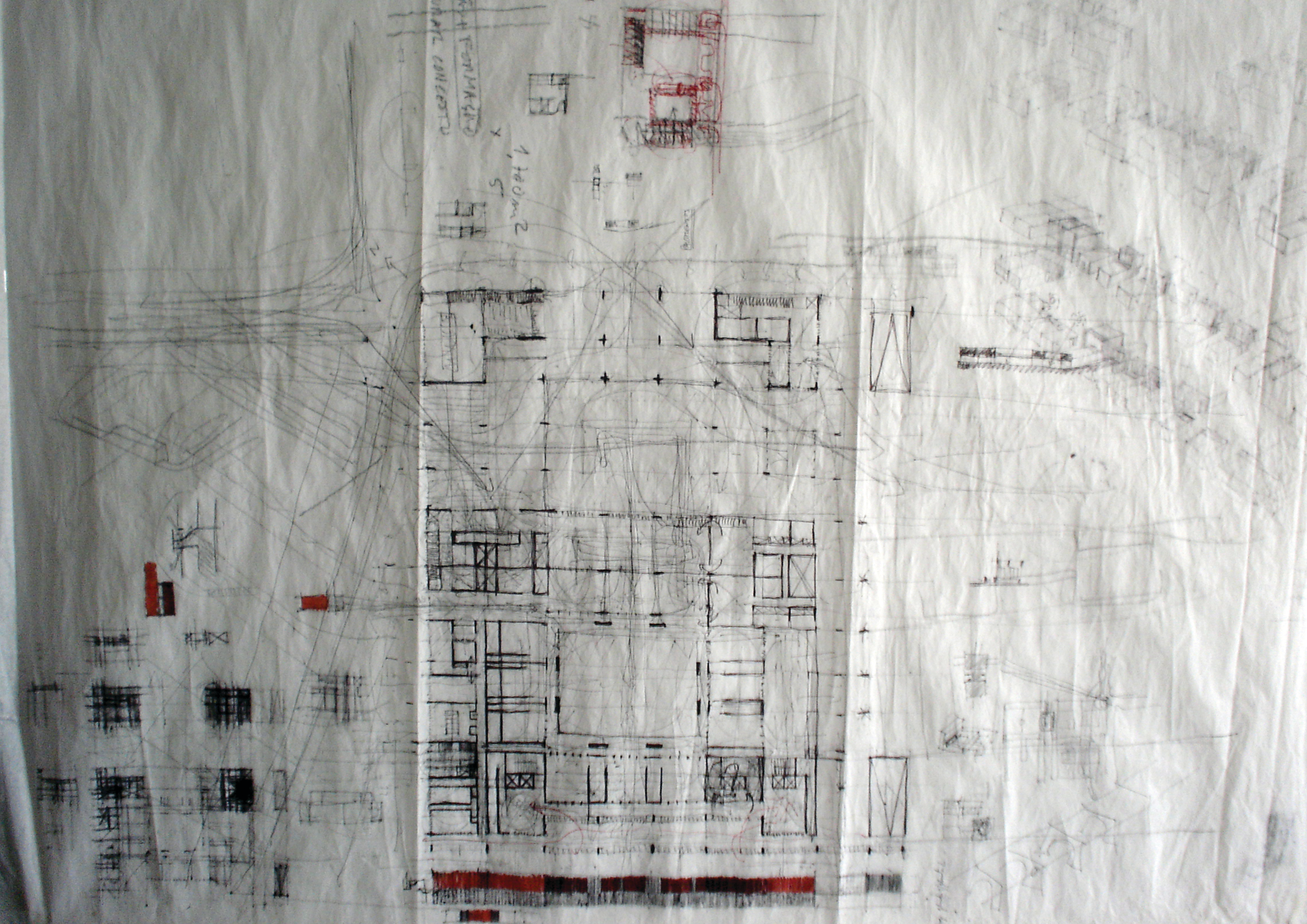


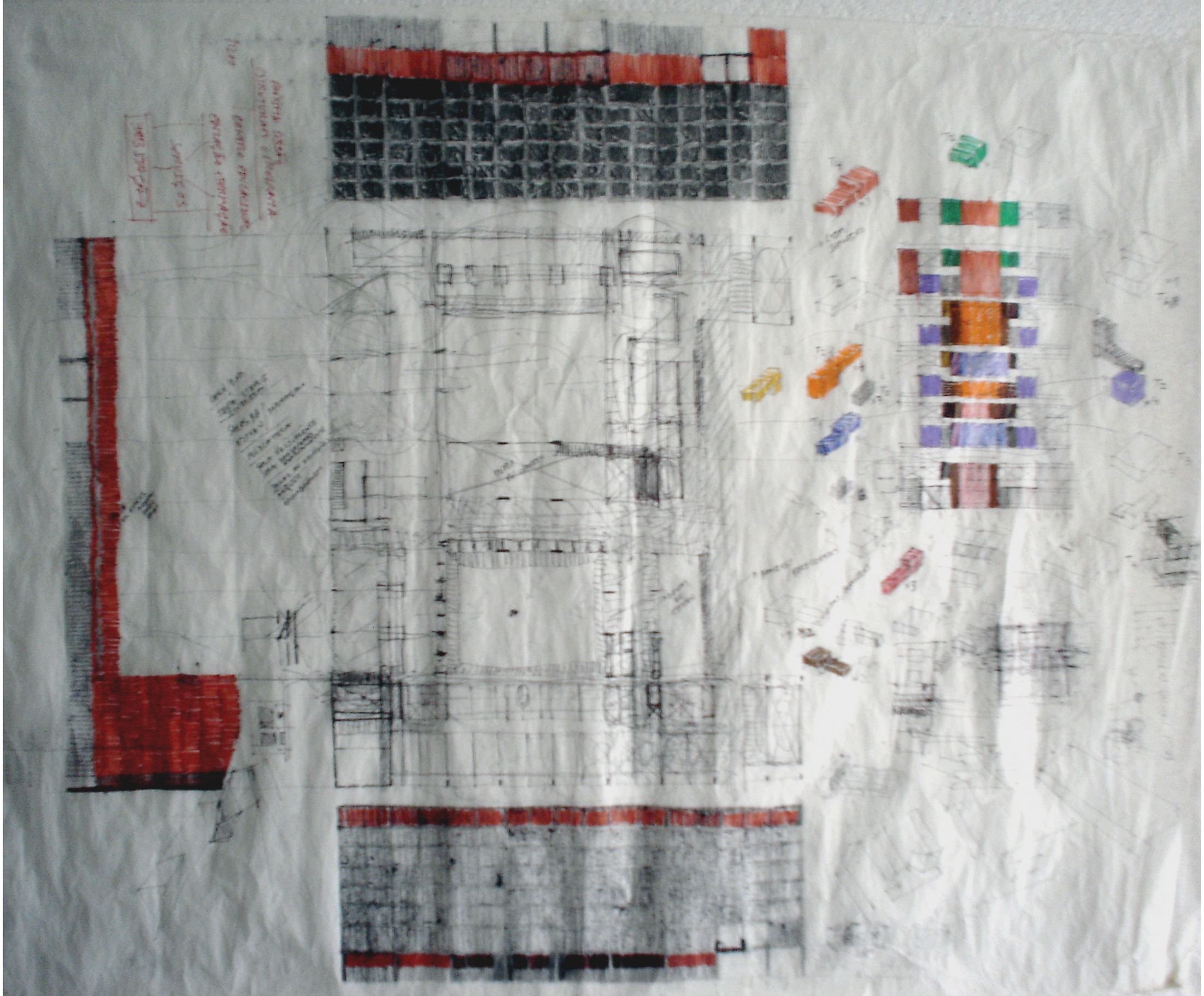


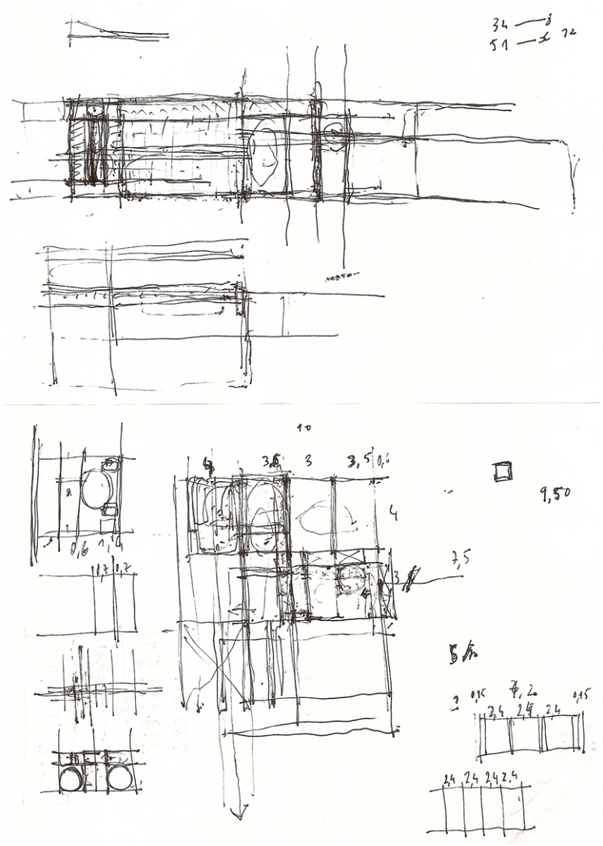


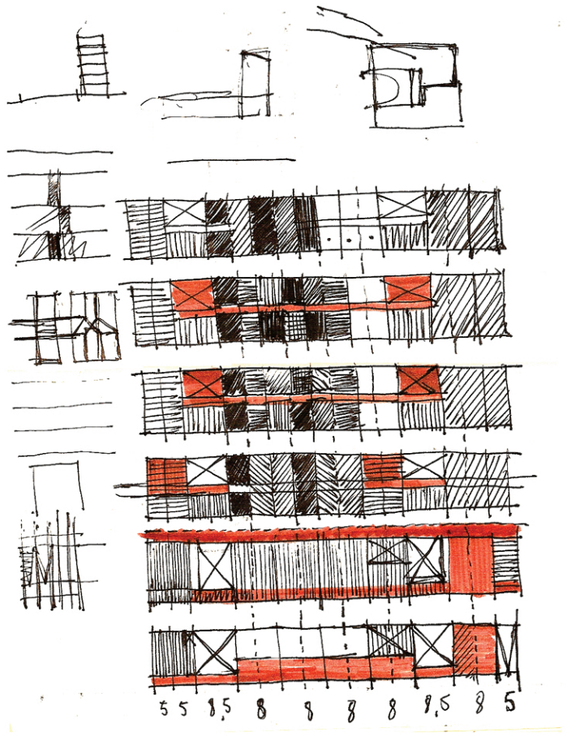


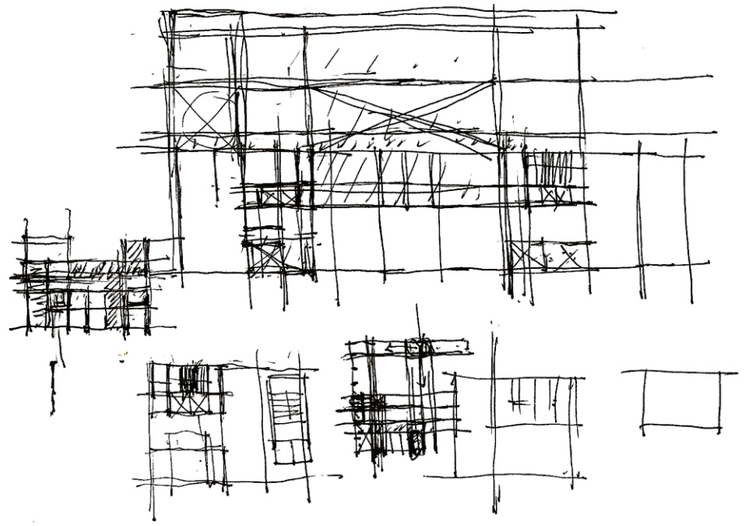


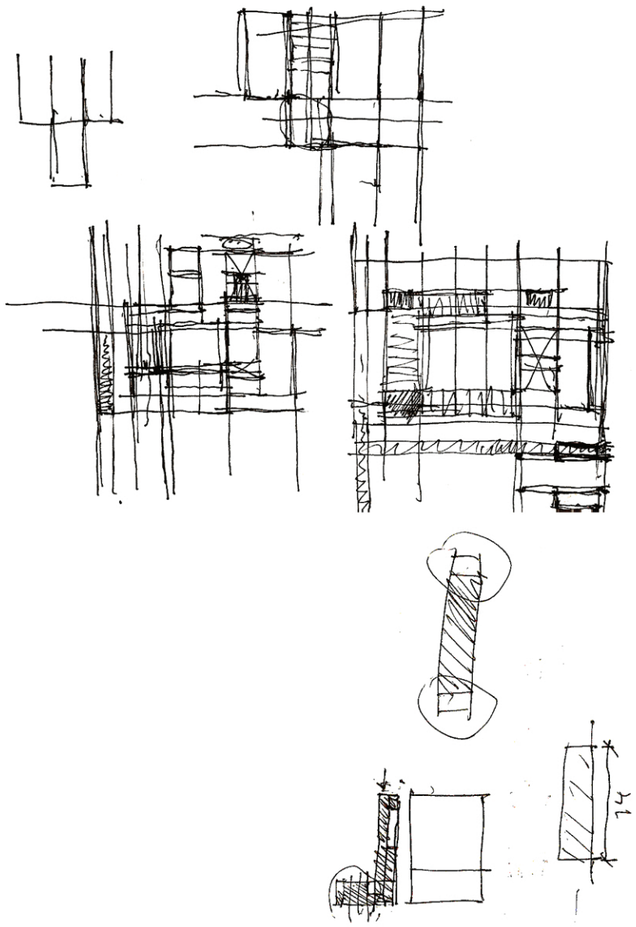


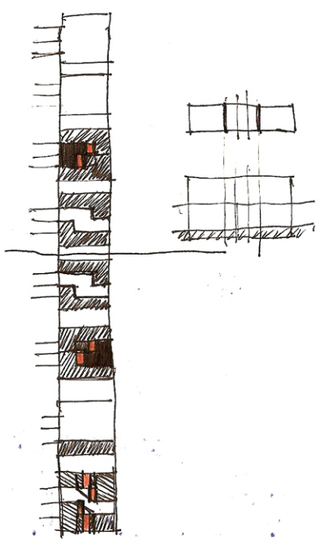


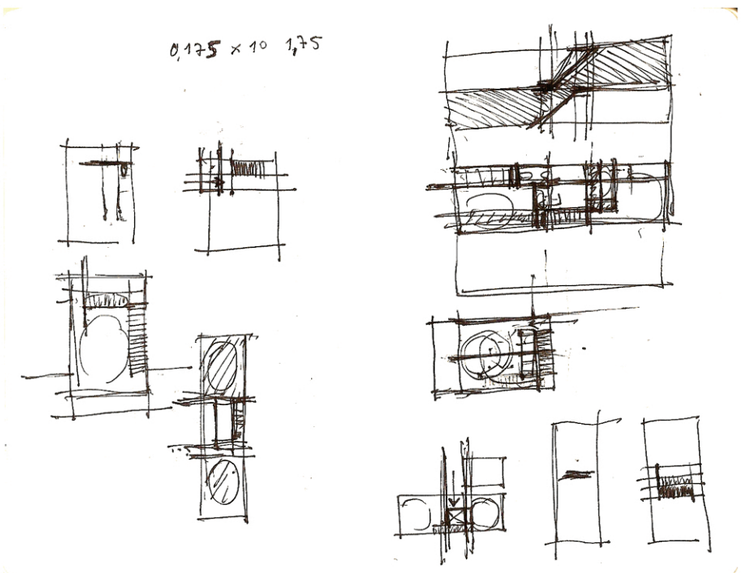

34 — 8
51 — x 72
9,50
7,5
5 A
0,175 × 10 1,75

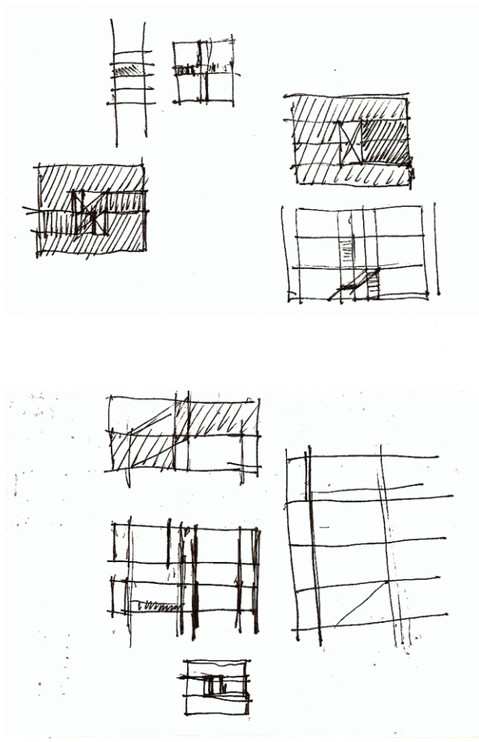

5 5 8,5 8 8 8 8 8,5 8 5

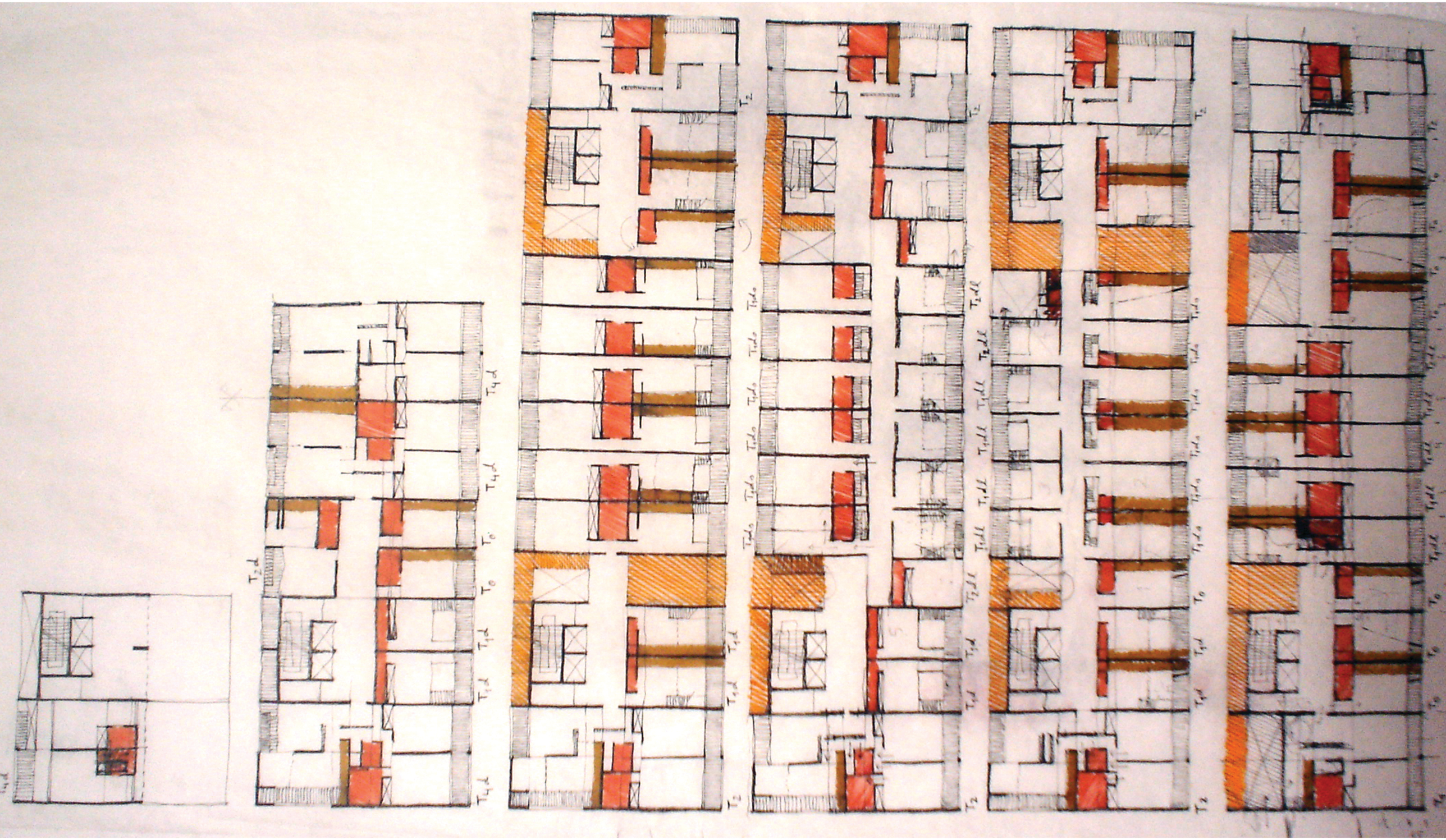




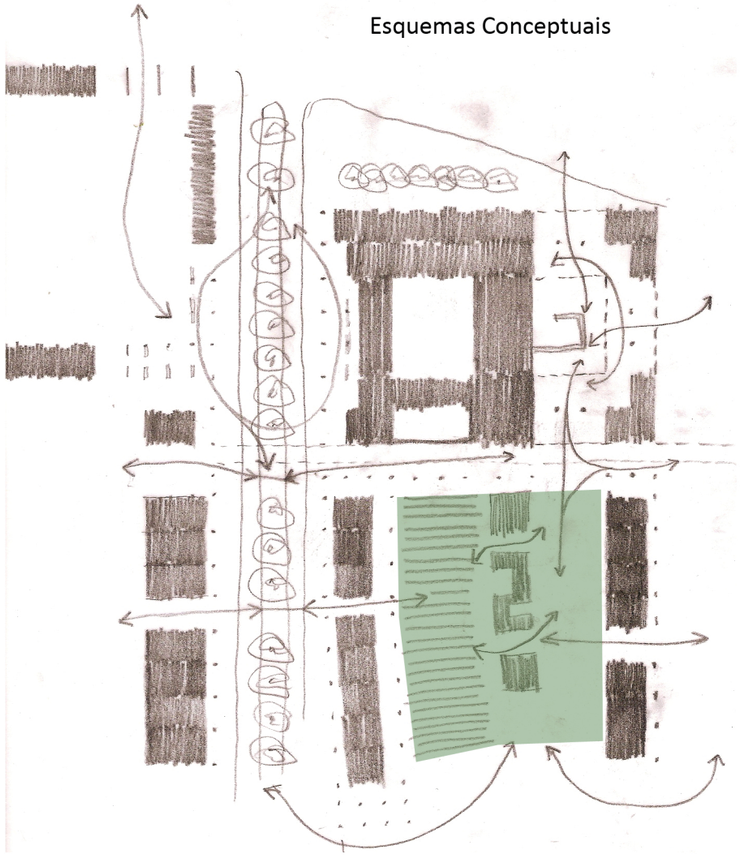




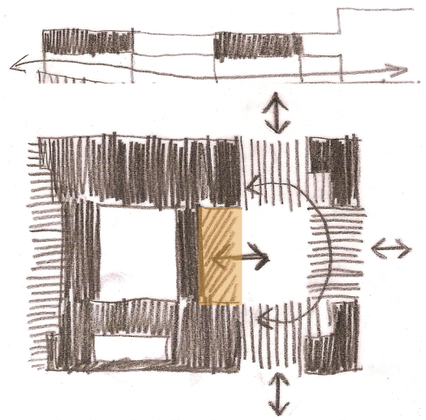




Esquemas Conceptuais



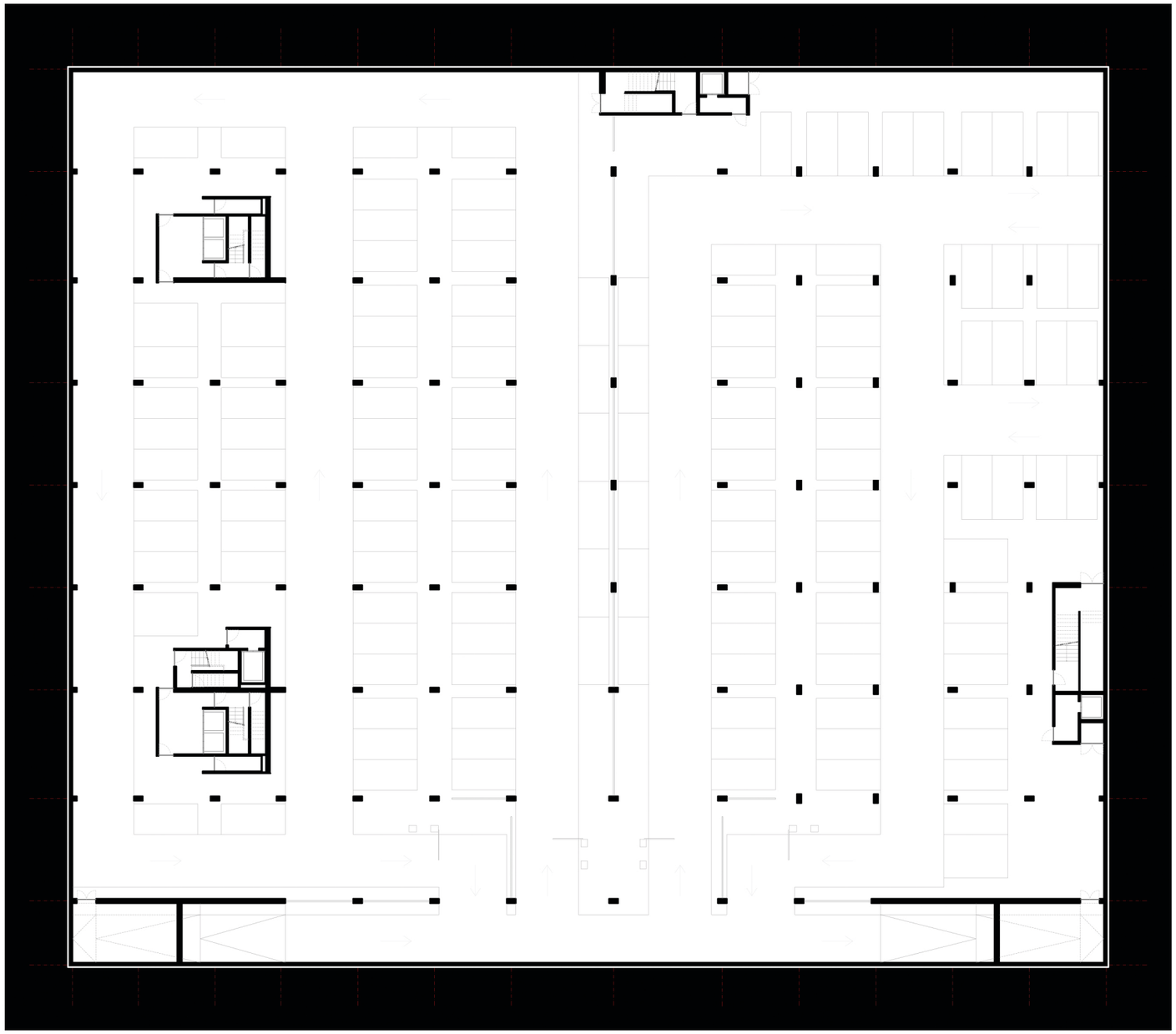
Relação e articulação de percuros
e entre-espaços ( ),
por exemplo: hortas urbanas ( )



Relação de híbridez no articular
entre os espaços, por exemplo:
entradas pátio, pátio, cantina ( )

0 5 20 50

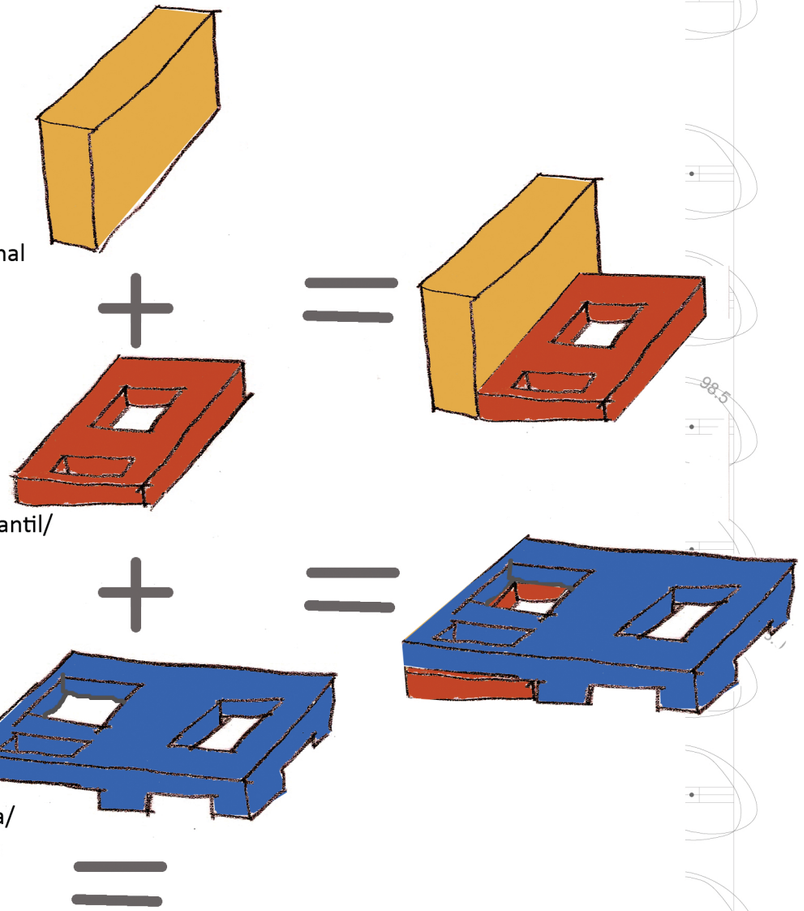
Planta nível 0 (cota 98.90)

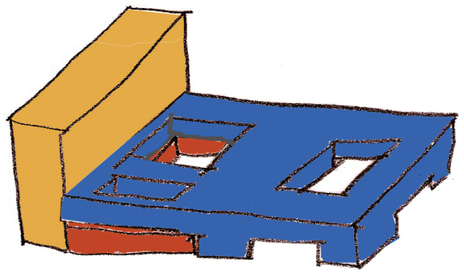


0 5 20

Planta nível -1 (cota 95.20)

Esquema Conceptual



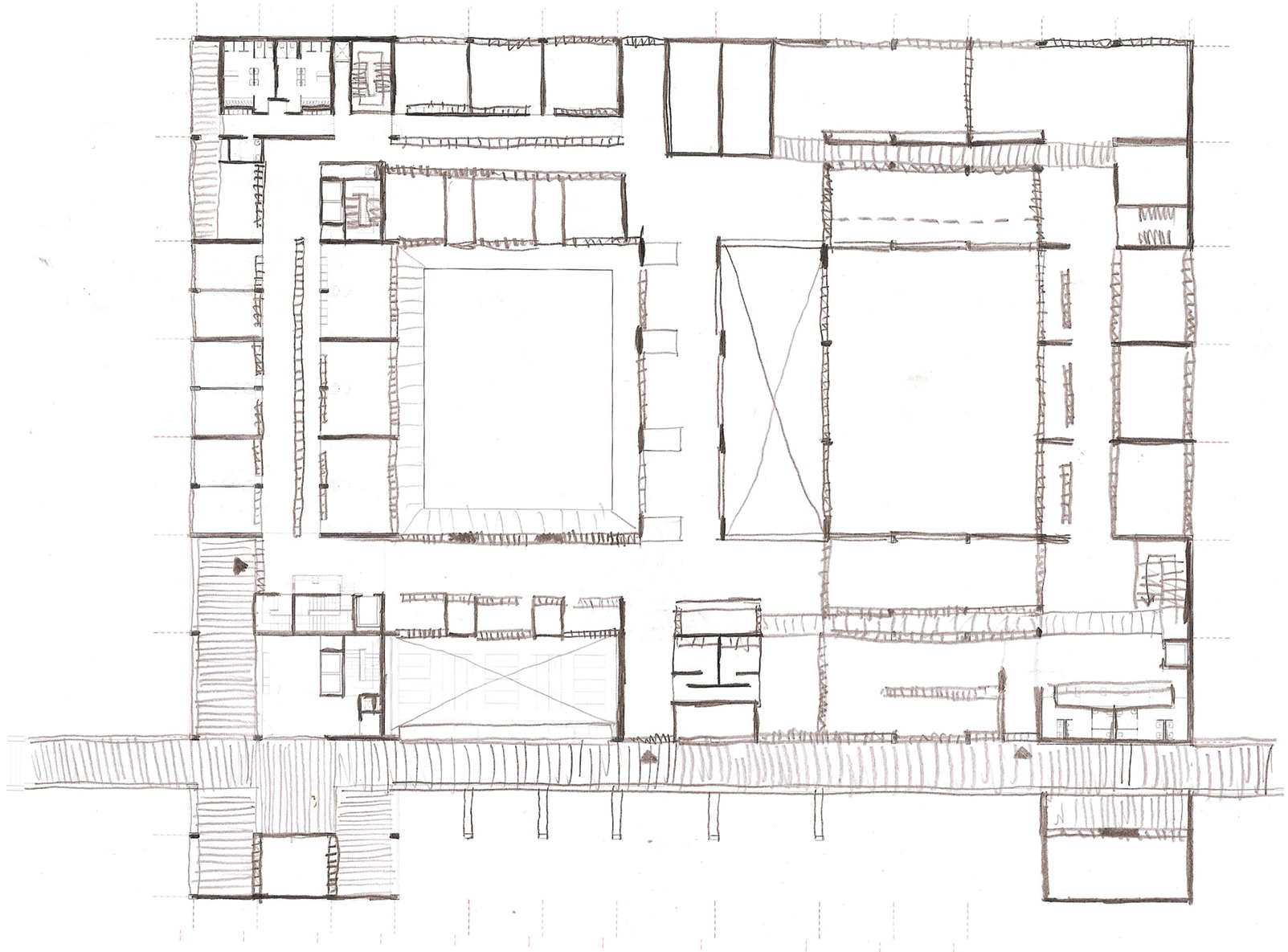


Edifíco Multifuncional: = Habitação + Centro Educacional



0 5 20

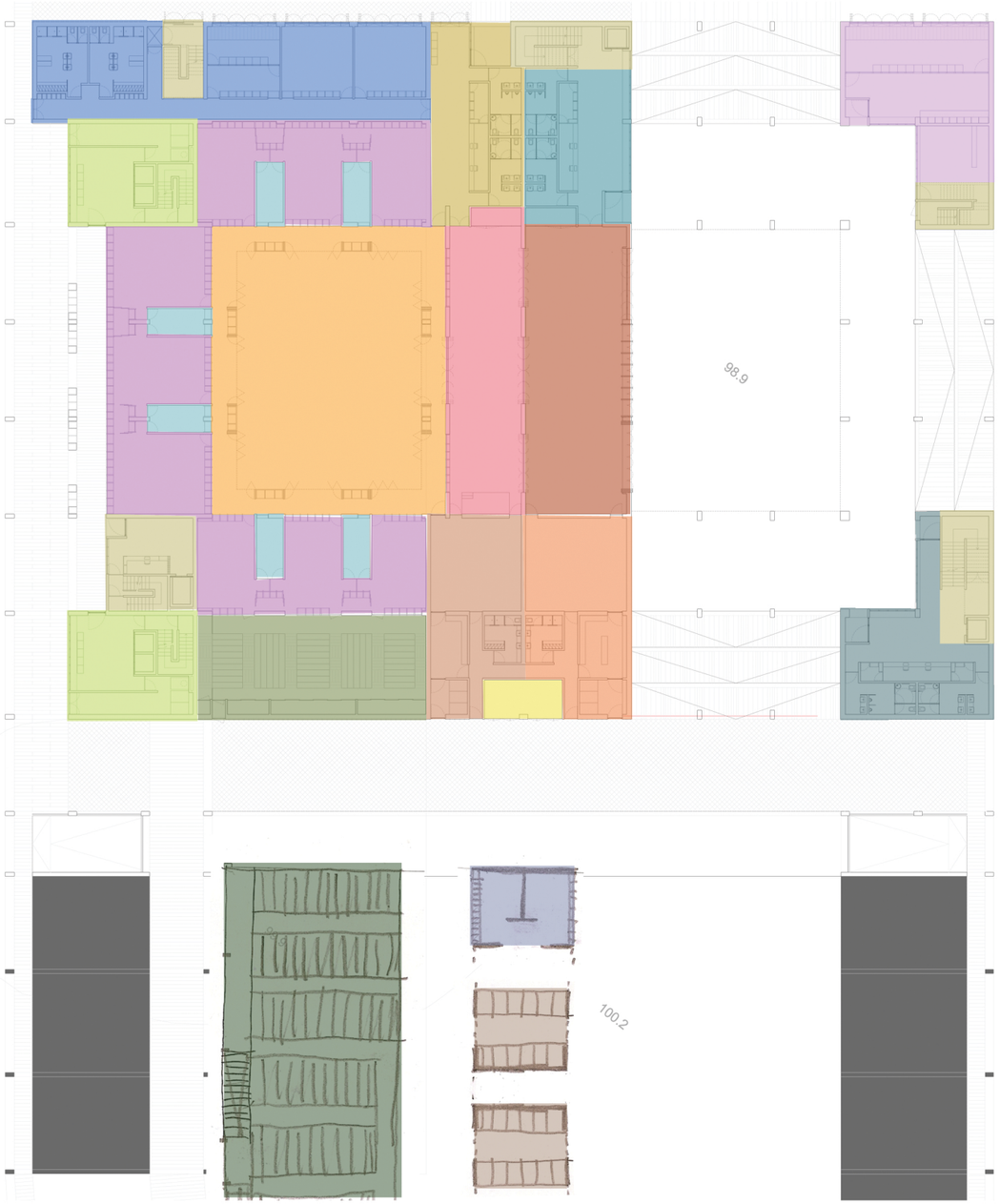
Planta nível 0 (cota 98.90)



0 5 20

Planta nível 1 (cota 103.40)

Planta nível 0



Planta nível 1



legenda:

- hortas urbanas
- armazenagem hortas urbanas
- I. S. hortas urbanas
- acessos verticais habitação
- hortas urbanas - jardim infantil
- cozinha, balneários funcionários, armazenagem alimentos - j. i.
- sala polivalente - jardim infantil
- cantina comunitária
- acessos verticais Centro Educacional/ emergência
- recepção/ i. s. Centro Educacional
- cozinha, balneários funcionários, armazenagem alimentos -cantina
- área técnica/ AVAC
- recreio/ claustro
- i. s. salas de aula
- salas de aula
- balneários funcionários, lavandaria, direcção
- recepção/ i. s. jardim infantil/ creche
- recepção/ i. s. cantina comunitária
- sala de convívio/ cozinha
- escritórios
- incubadora de empresas
- cafetaria/ salão exposições
- nichos/ salas de estudo
- lavandaria comunitária/ loja
- salas de formação/ workshops
- salas polivalente/ balneários/ arrumos
- espaços de leitura/ lazer exterior
- mediateca

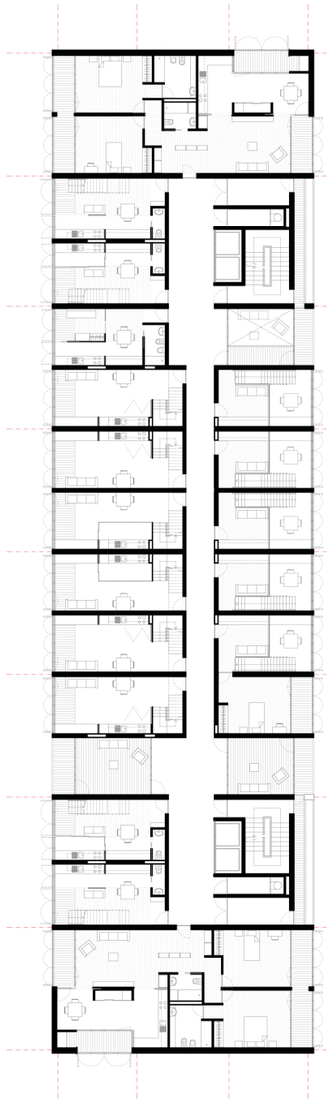
0 5 20

Esquema Programa

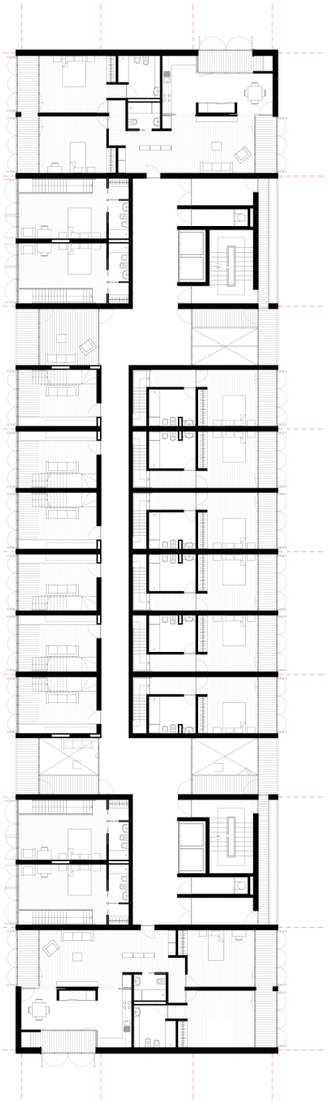


0 5 20

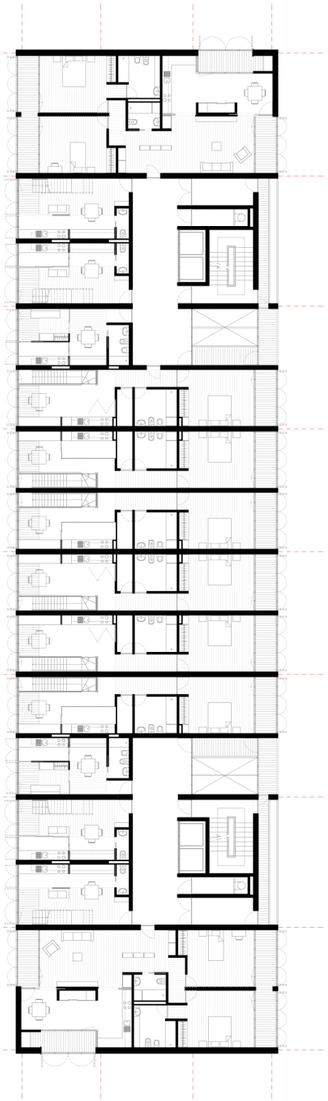
Planta nível 2 (cota 107.90)



Planta nível 3 (cota 111.10)



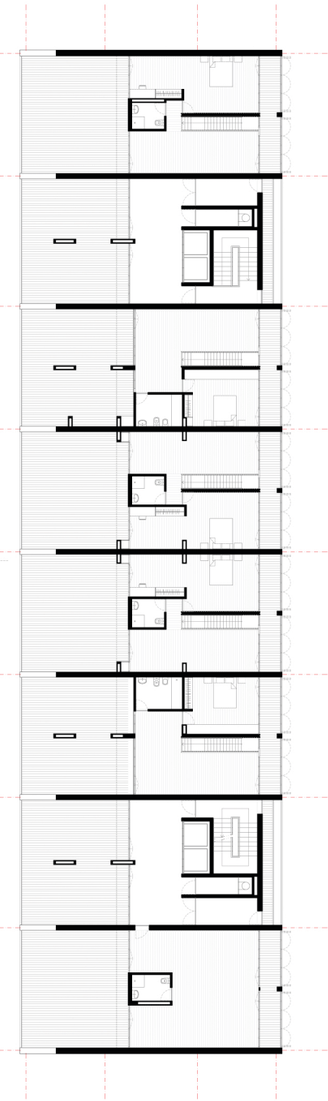
Planta nível 4 (cota 114.30)



Planta nível 5 (cota 117.50)



Planta nível 6 (cota 120.70)



Planta nível 7 (cota 123.90)

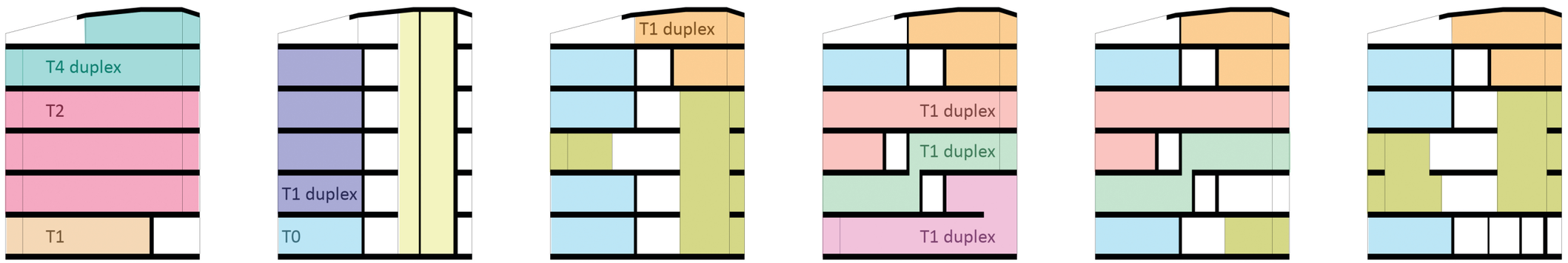


Planta cobertura (cota 127.10)





Planta nível 2 | Planta nível 3 | Planta nível 4 | Planta nível 5 | Planta nível 6 | Planta nível 7



1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6

0 5 20

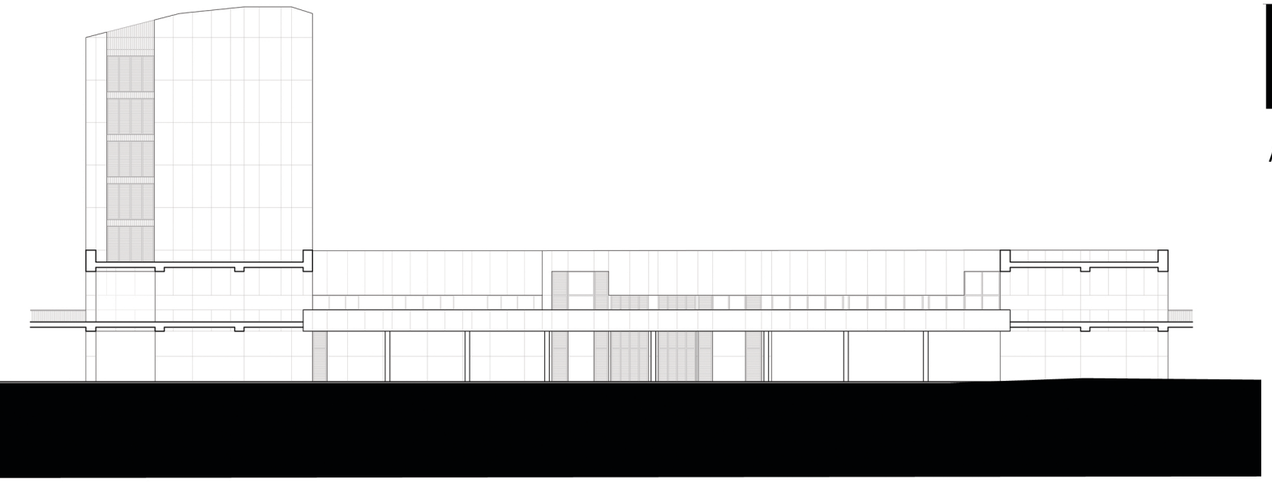
Esquema de Tipologias Habitacionais, acessos verticais e áreas comuns



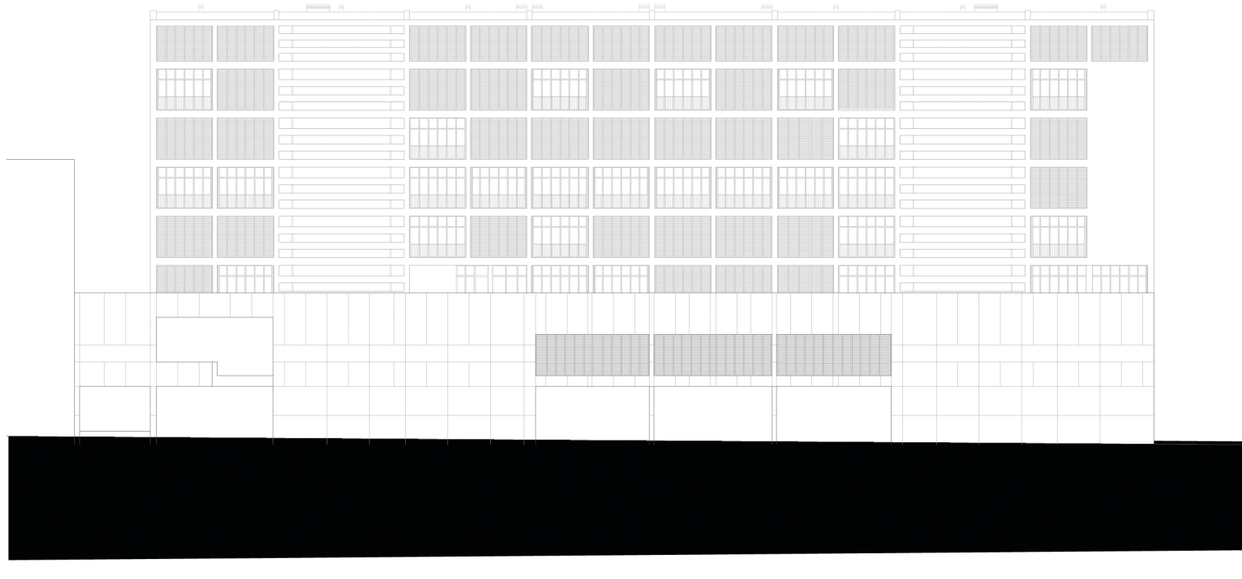
Alçado Noroeste



Alçado Sudoeste

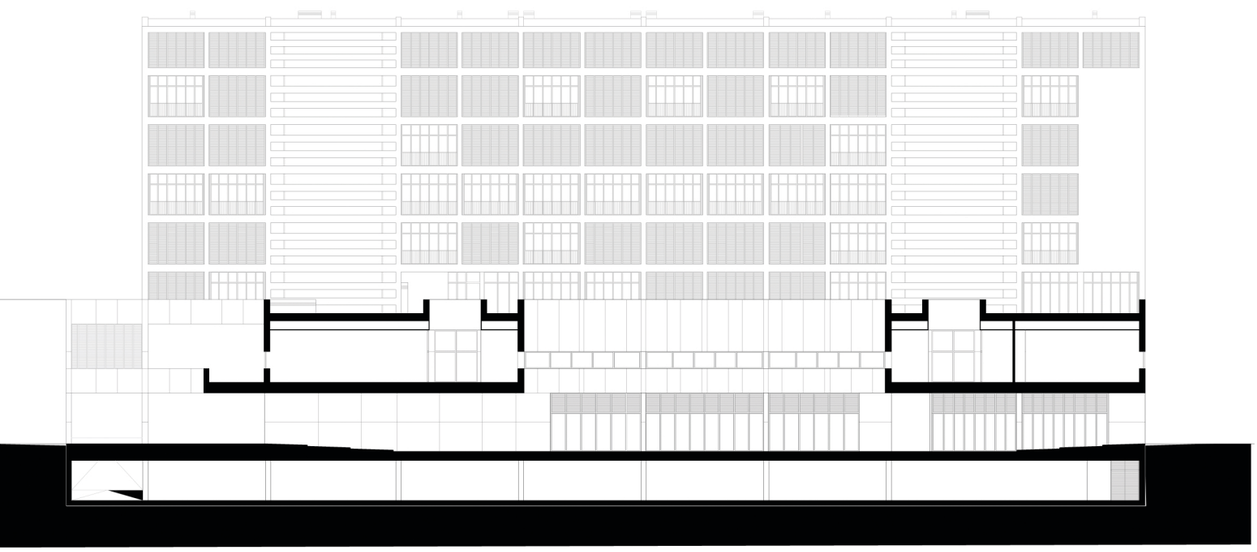


Alçado Sudeste



Alçado Nordeste

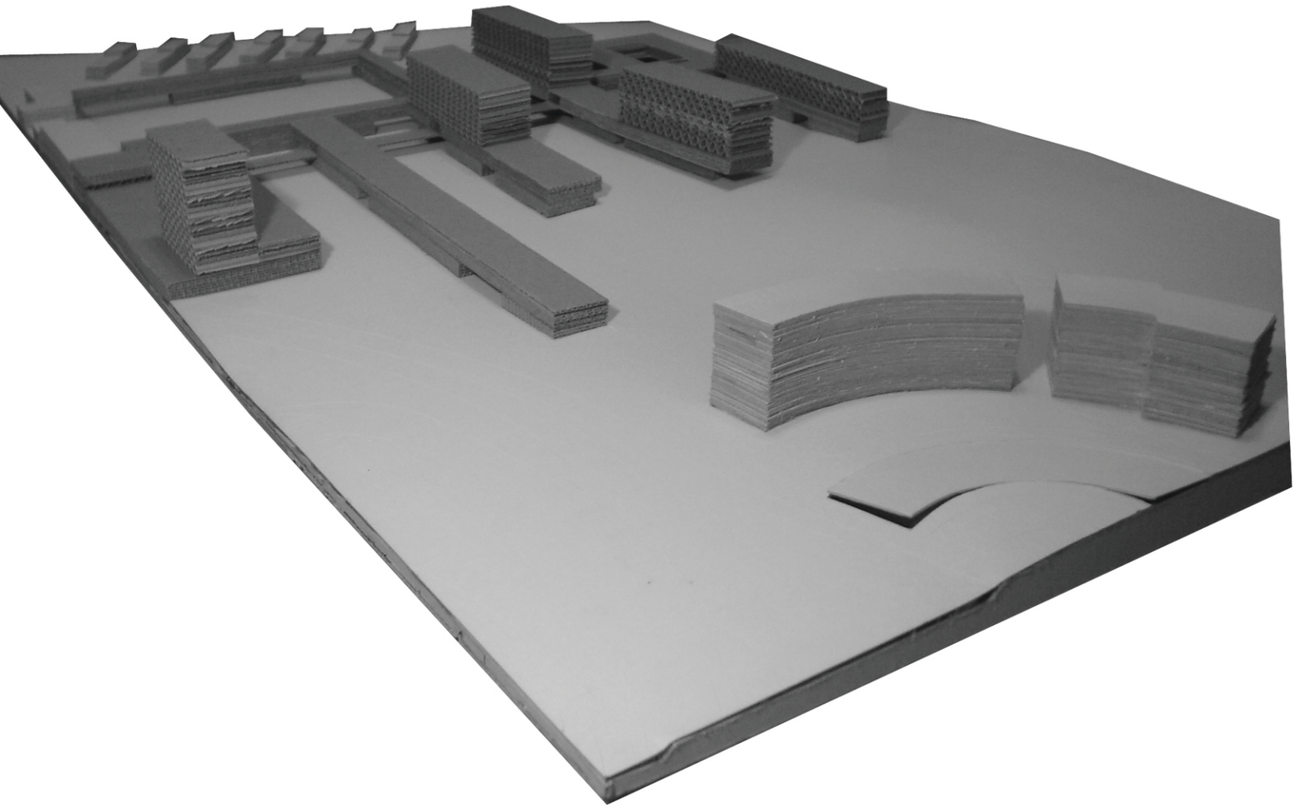
0 5 20

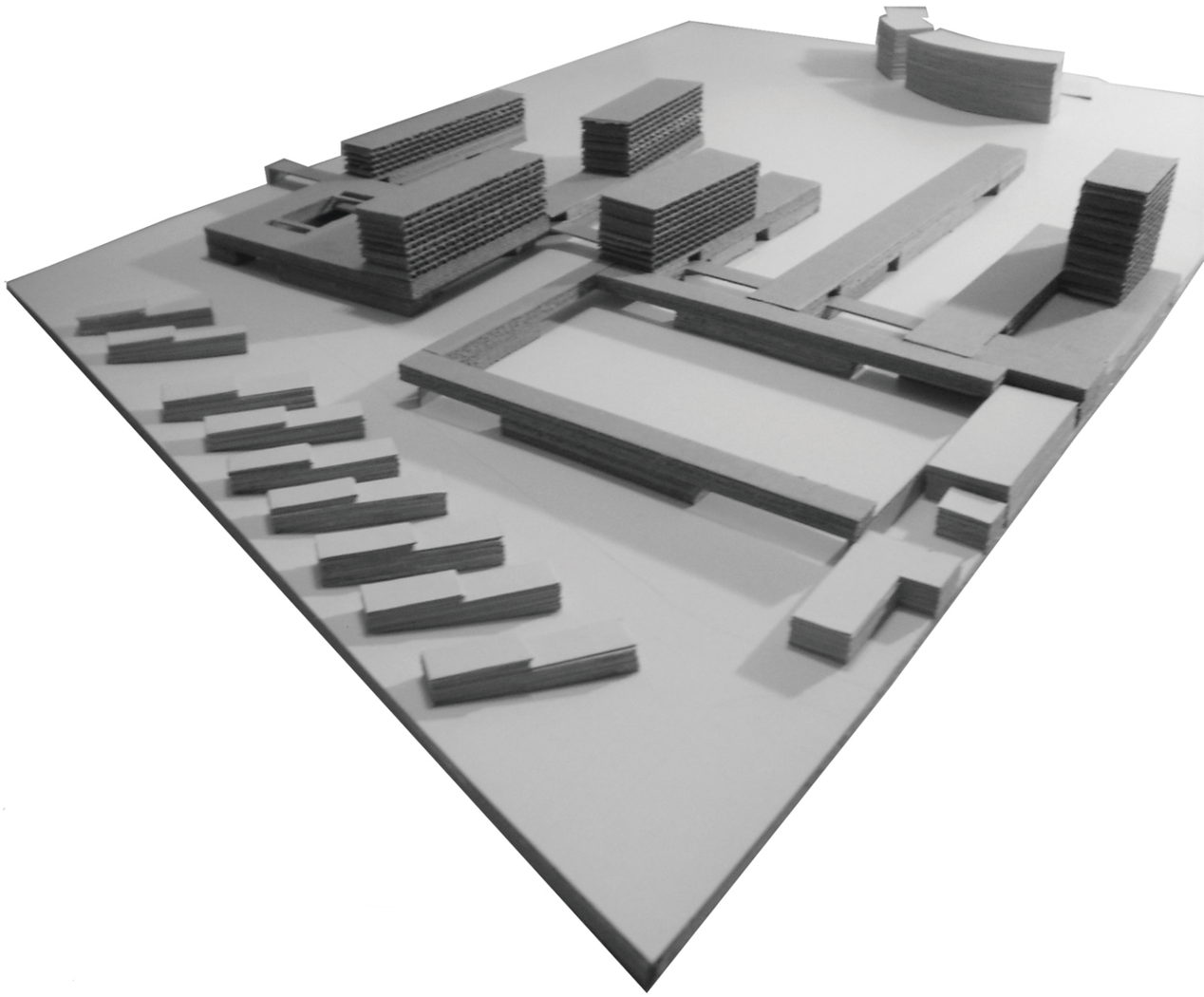


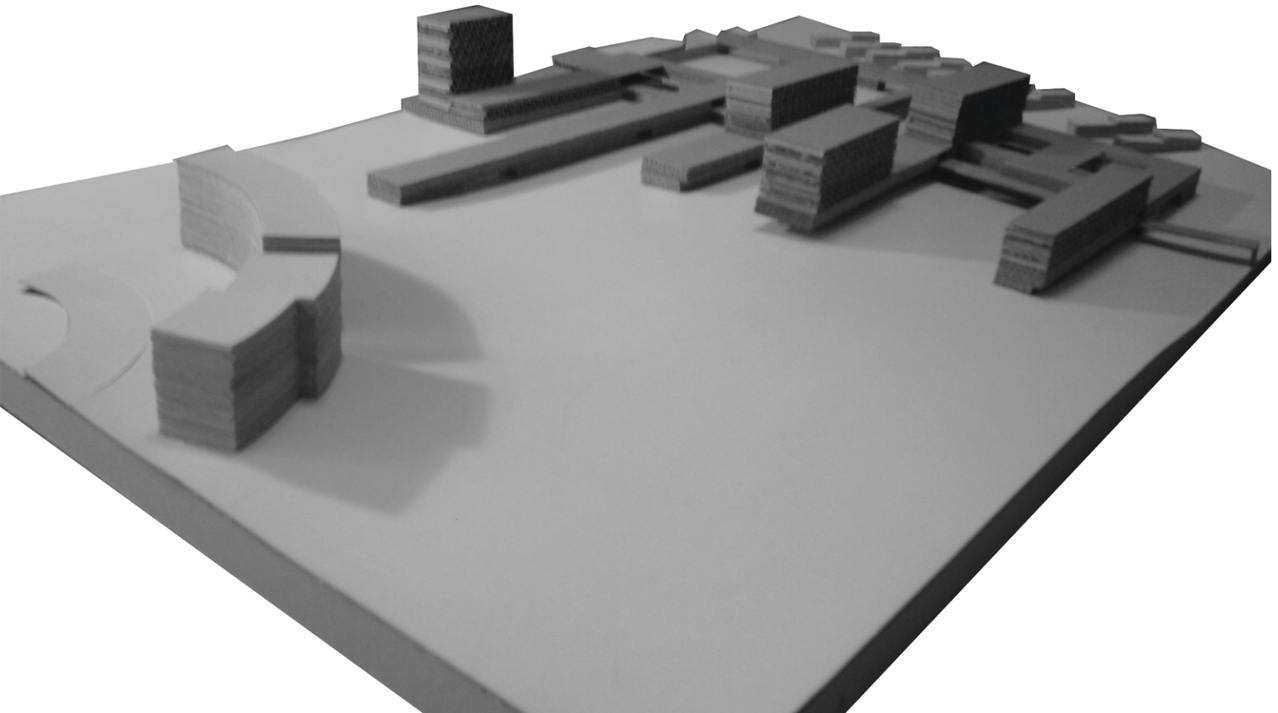
Corte AB

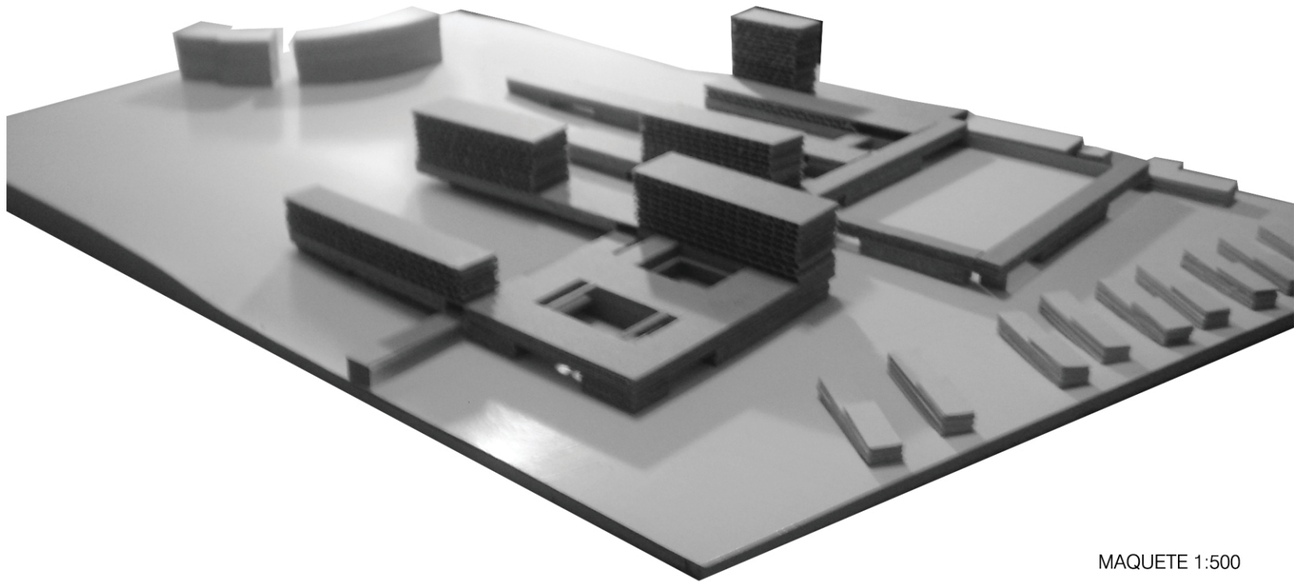
0 5 20

ANEXO 6 - Maquetes

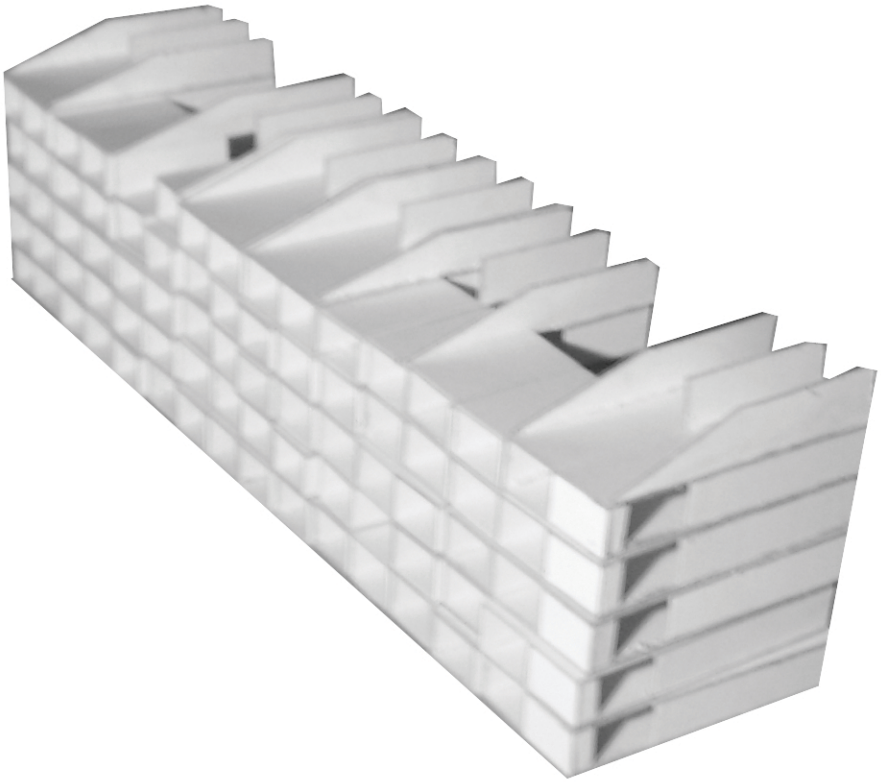






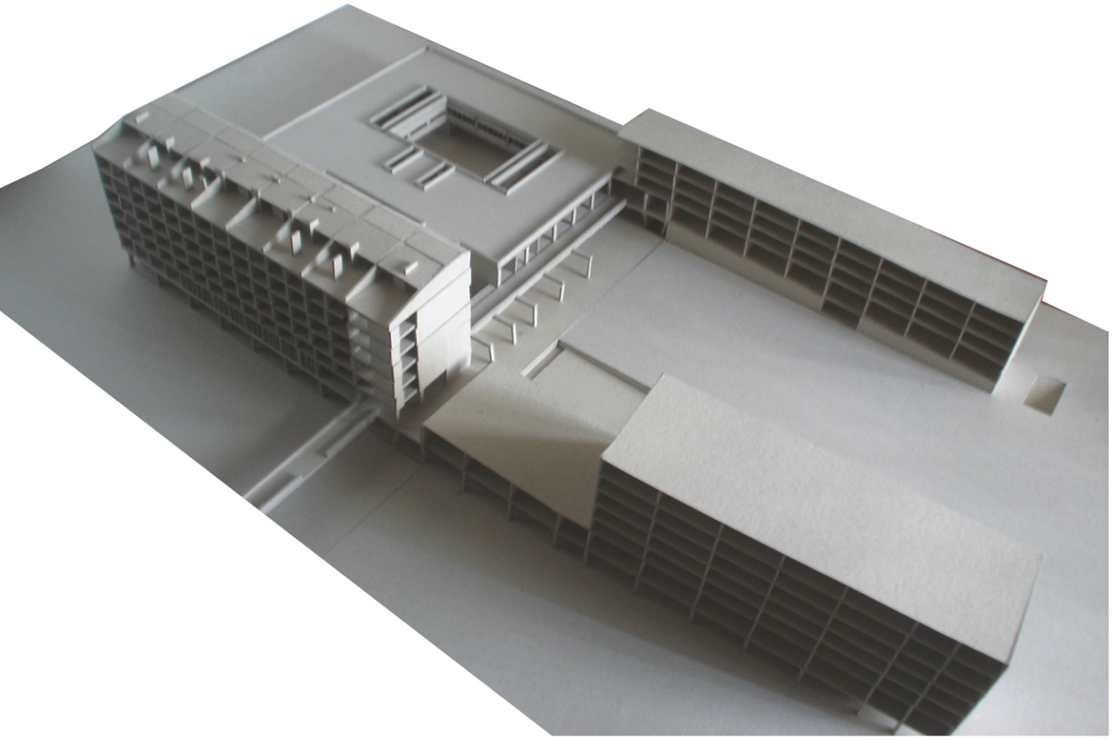


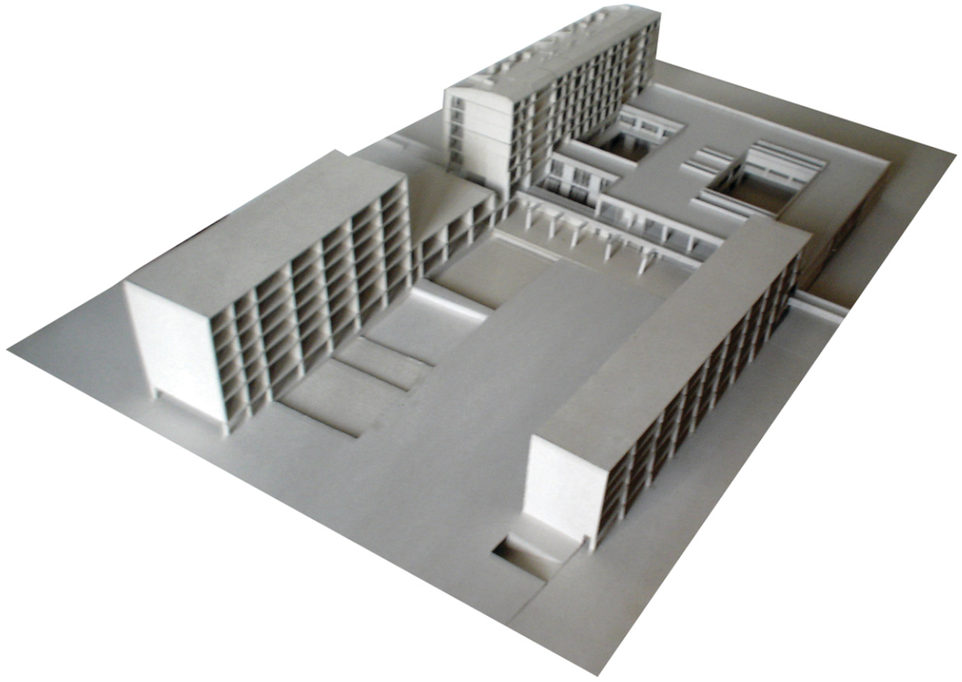
MAQUETE 1:500

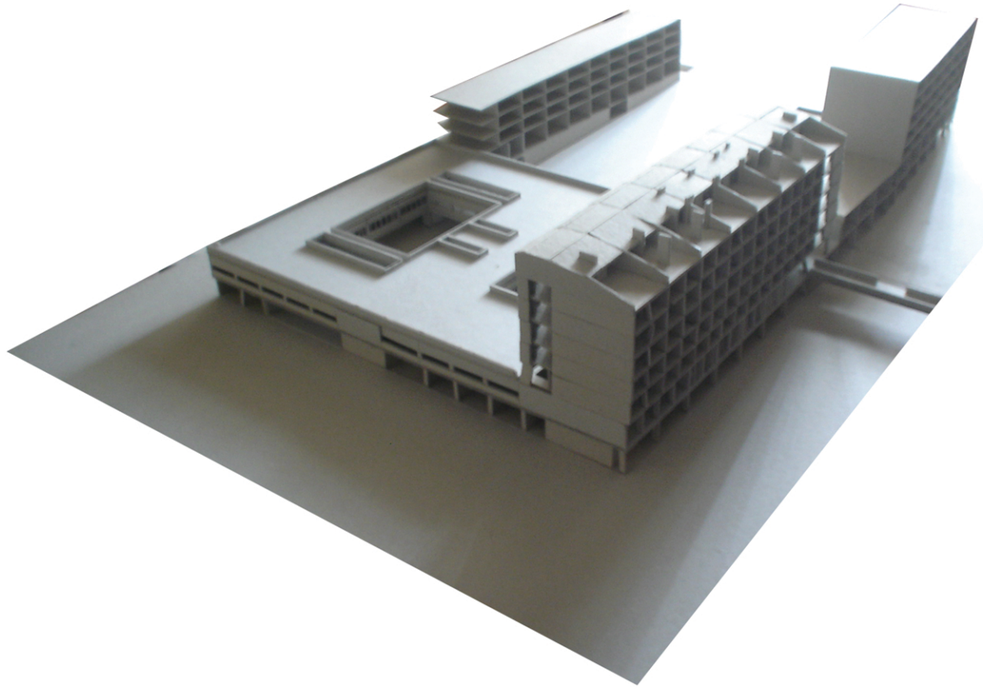


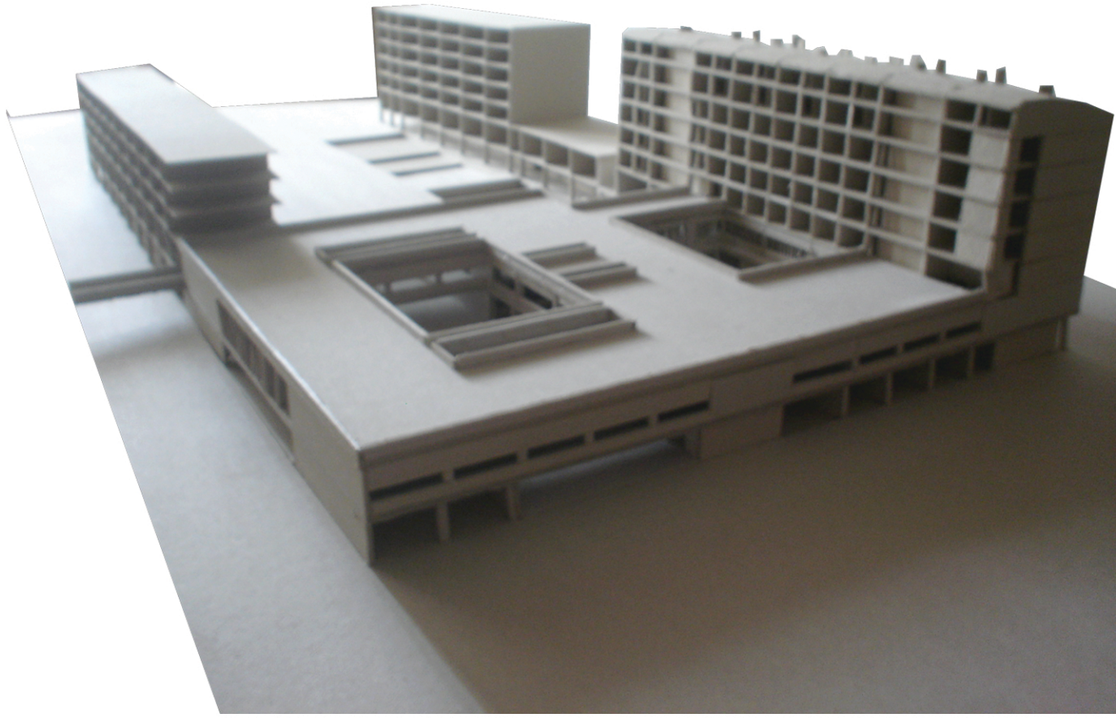


MAQUETE CONCEPTUAL 1:200









MAQUETE 1:200







MAQUETE 1:20













MAQUETE 1:20

